



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

ELIANE VITORINO DE MOURA OLIVEIRA

**SE MARIA VAI COM AS OUTRAS, MARIA FALA COMO AS
OUTRAS?**

REDES SOCIAIS E LETRAMENTO NA FALA ADOLESCENTE

ELIANE VITORINO DE MOURA OLIVEIRA

**SE MARIA VAI COM AS OUTRAS, MARIA FALA COMO AS
OUTRAS?**

REDES SOCIAIS E LETRAMENTO NA FALA ADOLESCENTE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina como requisito parcial à obtenção do título de Doutora.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Joyce Elaine de Almeida Baronas.

Londrina
2015

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

O801s Oliveira, Eliane Vitorino de Moura.
Se Maria vai com as outras, Maria fala com as outras? : redes sociais e
letramento na fala adolescente / Eliane Vitorino de Moura Oliveira. –
Londrina, 2015.
226 f. : il.

Orientador: Joyce Elaine de Almeida Baronas.
Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de
Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-
Graduação em Estudos da Linguagem, 2015.
Inclui bibliografia.

1. Redes sociais – Teses. 2. Letramento – Teses. 3. Sociolinguística –
Teses. 4. Social networks – Teses. I. Baronas, Joyce Elaine de Almeida. II.
Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências
Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. III.
Título.

CDU 801

ELIANE VITORINO DE MOURA OLIVEIRA

**SE MARIA VAI COM AS OUTRAS, MARIA FALA COMO AS
OUTRAS?**

REDES SOCIAIS E LETRAMENTO NA FALA ADOLESCENTE

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina como requisito parcial à obtenção do título de Doutora.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof^a Dr^a Joyce Elaine de Almeida
Baronas
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof^a Dr^a Stella Maris Bortoni-Ricardo
Universidade de Brasília - UNB

Prof^a. Dr^a. Juliano Desiderato Antonio
Universidade Estadual de Maringá - UEM

Prof^a Dr^a Vanderci Andrade Aguilera
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof^a Dr^a Ana Lucia Campos Almeida
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, 17 de Agosto de 2015.

OLIVEIRA, Eliane Vitorino de Moura. **Se Maria vai com as outras, Maria fala como as outras?:** redes sociais e letramento na fala adolescente. 2015. 226 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

RESUMO

Este estudo expõe questões relativas: (i) aos fatores relevantes para a manutenção ou mudança linguística; (ii) ao peso das redes de interação na mudança ou manutenção; (iii) à importância do letramento para mudança ou manutenção; (iv) à importância da comunidade de fala. Para tal, utiliza os pressupostos da Sociolinguística, com ênfase na análise de redes sociais (ARS), modelo dinâmico de abordagem da mudança linguística. Fundamenta-se, também, nas bases de Letramento e nas questões de identidade linguística. Assim, este trabalho analisa a configuração da fala de 24 estudantes moradores no Distrito de Paiquerê – Londrina/Pr., a fim de estabelecer o papel das redes de interação na mudança ou na manutenção de uma variedade linguística por parte desses falantes. Nesse sentido, mostra uma base já rurbana para todos os falantes, sendo cada um alocado em pontos do contínuo de urbanização (Bortoni-Ricardo, 2009), ora mais próximos de cada polo, de acordo com a incidência de três variáveis linguísticas nomeadamente estigmatizadas: a ausência de concordância verbal, tanto na primeira pessoa quanto na terceira pessoa do plural, o Rotacismo e a Iotização. Conhecida a configuração da fala desse adolescente, a discussão centra-se no papel da escola como fator preponderante para a ascensão social e a mobilidade cultural desses indivíduos, uma vez que cabe a essa instituição levar em conta fatores como as redes de interação social em que se inserem os falantes moradores de zonas rurais, além de questões identitárias e graus de letramento a que se submetem em seu cotidiano extraescolar para o ensino-aprendizagem concreto desses indivíduos, uma vez que sua interação diária sofre influências várias das entidades hegemônicas, contrapondo-se ao seu fator identitário e familiar.

Palavras-chave: Redes sociais. Letramento. Mudança linguística. Adolescentes. Rural e Urbano.

OLIVEIRA, Eliane Vitorino de Moura. **If Mary is a go-alonger, does Mary also go along in her talk?**: social networks and literacy in teenagers' speech. 2015. 226 p. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

ABSTRACT

This study raises issues related to i) relevant factors for linguistic maintenance or change; ii) the weight of interaction networks in such maintenance or change; iii) the importance of literacy for maintenance or change; and iv) the importance of the speech community. This work is based on some of the main Sociolinguistics assumptions, and it focuses on the Social network analysis (SNA), a dynamic model used to investigate language change. It is also based on some fundamentals of literacy and linguistic identity issues. This work analyzes the speech of twenty-four students of Paiquerê – Londrina/Pr., in order to examine the role of interaction networks in the maintaining or changing of a linguistic variety. It shows that speakers have a rural base, and that they have different locations on the urbanization continuum (Bortoni-Ricardo, 2009). This location depends on the incidence of three particularly stigmatized linguistic features: absence of verbal agreement for the first and third person plural, rhotacism, and yotization. Once the configuration of these teenagers' speech is known, we focus on the role of school as a predominant factor for social ascension and cultural mobility. It is the school's responsibility to take into consideration factors such as the social interaction networks in which speakers from rural areas are inserted, identity issues, and the level of literacy of the students' out-of-school lives, as those students' daily interactions are influenced by hegemonic entities, which are sometimes in opposition with their identity and family reality.

Key words: Social networks. Literacy. Linguistic change. Teenagers. Rural and Urban.

*Para meu sempre anjo, Luciano. Descido do céu
em forma de marido.*

AGRADECIMENTOS

Tenho tanto, e para tantos, a agradecer, dar graças, ser grata. Um trabalho dessa monta, apesar da solidão do momento da escrita, não se faz sozinho. As vozes que permeiam meu texto demonstram isso: vozes de autores que me dão base, vozes de pesquisadores que, como eu, empreenderam trabalhos nessa mesma área. A eles agradeço por terem aberto os caminhos.

Vozes sábias de meus professores de graduação, especialização, mestrado e doutorado, representados pela professora Martha Gonçalves, professor Vladimir Moreira e professora Viviane Furtoso, orientadores de estágio a me mostrarem as salas de aula como um lugar onde eu gostaria de estar e de ficar. O estar professora com desejo de ser professora.

Na Especialização, sintetizo todos os mestres na professora Maria Beatriz Pacca, Prof. Bia, a me inserir na loucura das pesquisas, das publicações, dos congressos. Sementinha da pesquisadora que hoje sou.

No Mestrado e Doutorado, professoras Vanderci Aguilera e Alba Perfeito, especialmente, pela paixão pelas salas de aula, por terem o pé no ensino básico e, com isso, apresentarem-me a possibilidade de liame entre pesquisa e ensino.

Agradeço a todos os professores da Universidade Estadual de Londrina pelo que fizeram de mim. Pelo que (trans)formaram. Por aquilo que hoje sou.

Ouçó, ao ler meu trabalho, também a voz de meu professor de Língua Portuguesa do Ensino Médio, no Instituto de Educação Estadual de Londrina, professor Sebastião, cuja paixão pela língua me influenciou deveras, tanto que me fez professora dessa arte. Agradeço ao professor Sebastião pela arte de professar.

Agradeço a Deus, leitor assíduo de minha obra antes mesmo de eu tê-la escrito.

Aos meus pais, meu grande exemplo — ídolos maiores, fãs incontestáveis —, por eles, sou a mulher que sou. Nem com mil páginas, seria capaz de enumerar os motivos pelos quais tenho a lhes agradecer. Homem e mulher que me moldaram, árvore generosa que nutriu o

fruto e o fez capaz de ser semente, flor e árvore nova, fíncada em novos solos, apta a novos ares.

Às minhas irmãs, mulheres guerreiras, fortes, cada uma construindo sua vida. Meus alicerces, minhas metades. Somos frutos da mesma generosa árvore. Unidas sempre, de mãos dadas pela vida, mesmo com um oceano a separar nossas mãos.

Ao meu sobrinho Rodrigo, o homem da casa, pelo simples fato de ter vindo ao mundo; à minha sobrinha Bruna, o sorriso mais encantador, calmante e acolhedor, a tornar meus dias mais vivos e brilhantes; à minha sobrinha Ana Luiza, esperta e culta desde o berço, a me encher de orgulho e paixão. Os três foram escape nos momentos necessários, quando a tese me pesava aos ombros.

À família Oliveira, na qual me inseri por meio do Luciano, por terem me acolhido como filha, como irmã, como tia. Agradeço pelos momentos de força; também os de descontração, pelo riso fácil e a acolhida sempre certa.

A todos os meus amigos, especialmente ao Junior – um irmão – e aos de São Tomé e Príncipe, por, em alguns momentos, disfarçarem-se de família e ajudarem-me a levar o peso da saudade.

Aos meus alunos da Universidade São Tomé e Príncipe, pela paixão nos olhos, pela vontade de aprender, conhecer e ir além. Pelo desejo de mudar uma realidade por meio dos estudos, da pesquisa, do ensino. Esses guerreiros fortaleceram em mim a condição de professora, a vontade de estar em sala de aula e seguir com meu destino de professor, ser professora.

A todos os funcionários e professores do Colégio Estadual de Paiquerê, por terem aberto as portas da escola, o que favoreceu e facilitou minha pesquisa e me fez ganhar amigos para sempre, representados todos nas pessoas da diretora Selma e da pedagoga Graziela.

Aos alunos do Ensino Médio do Colégio Estadual de Paiquerê, hoje merecidamente batizado de Colégio Estadual Prof. Altair Ribeiro, adolescentes que, ao responderem minhas perguntas, gentil e altruisticamente, tornaram físico o que era somente plausível. Nos minutos

em que interagimos, pude voltar ao passado, muitas vezes, vendo em muitos deles a adolescente que um dia fui.

Aos colegas do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina pela parceria, pela cumplicidade e pela igualdade de sonhos e projetos.

À Rosely Lopes, sempre pronta e eficiente na retaguarda, tornando mínima a preocupação com documentação e papeladas e, com isso, favorecendo o foco na tese e nos seus desdobramentos.

À banca de qualificação pela leitura atenta e sugestão de melhorias.

À Mariana Daré Vargas pela devida revisão geral. À Gladys Quevedo pela revisão na primeira versão do *Abstract* e à Bruna Moura da Silva pela revisão na segunda versão.

À Joyce, amiga e orientadora, por me conduzir sempre pelo melhor caminho acadêmico. Por orientar minha pesquisa por uma linha relevante. Por compartilhar seu conhecimento, suas experiências, seu tempo e seu otimismo. Sua tranquilidade, muitas vezes, valeu-me muito mais do que qualquer leitura teórica. Suas palavras de incentivo foram sempre sementes para o que hoje desabrochou.

Ao Luciano, o homem-menino que Deus enviou para me completar. Meu anjo, meu companheiro, meu parceiro. Sem ele, não haveria o início. Com ele, sempre há forças para percorrer quaisquer caminhos. Juntos, fizemos este trabalho. Juntos, conquistaremos muito mais.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Fórmula da densidade	56
Figura 2 –	Fórmula da multiplexidade	56
Figura 3 –	<i>Continuum</i> de urbanização	77
Figura 4 –	Alocação dos informantes no <i>continuum</i> de urbanização	147

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Representatividade de habitantes do Distrito de Paiquerê em relação ao Município de Londrina	80
Gráfico 2 –	Representatividade de habitantes do Distrito de Paiquerê em relação ao número de habitantes rurais do Município de Londrina	80
Gráfico 3 –	Habitantes do Distrito de Paiquerê dicotomizados em Rural/Urbano	81
Gráfico 4 –	Acesso ao falar urbano	92
Gráfico 5 –	Leitura e contação de histórias por pais ou cuidadores na primeira infância	93
Gráfico 6 –	Grau de letramento das redes sociais das informantes do sexo feminino	117
Gráfico 7 –	Grau de letramento das redes sociais dos informantes do sexo masculino	118
Gráfico 8 –	Resumo Incidência Iotização	125
Gráfico 9 –	Resumo incidência rotacismo em sílaba complexa	128
Gráfico 10 –	Resumo incidência rotacismo em coda interna	128
Gráfico 11 –	Porcentagem de difusão do falar urbano e rural	149

LISTA DE MAPAS

Mapa 1	– Rede Pessoal INF1.....	99
Mapa 2	– Rede Pessoal INF2.....	100
Mapa 3	– Rede Pessoal INF3.....	100
Mapa 4	– Rede Pessoal INF4.....	100
Mapa 5	– Rede Pessoal INF5.....	101
Mapa 6	– Rede Pessoal INF6.....	101
Mapa 7	– Rede Pessoal INF7.....	101
Mapa 8	– Rede Pessoal INF8.....	102
Mapa 9	– Rede Pessoal INF9.....	102
Mapa 10	– Rede Pessoal INF10.....	102
Mapa 11	– Rede Pessoal INF11.....	103
Mapa 12	– Rede Pessoal INF12.....	103
Mapa 13	– Rede Pessoal INF13.....	103
Mapa 14	– Rede Pessoal INF14.....	104
Mapa 15	– Rede Pessoal INF15.....	104
Mapa 16	– Rede Pessoal INF16.....	104
Mapa 17	– Rede Pessoal INF17.....	105
Mapa 18	– Rede Pessoal INF18.....	105
Mapa 19	– Rede Pessoal INF19.....	105
Mapa 20	– Rede Pessoal INF20.....	106
Mapa 21	– Rede Pessoal INF21.....	106
Mapa 22	– Rede Pessoal INF22.....	106
Mapa 23	– Rede Pessoal INF23.....	107
Mapa 24	– Rede Pessoal INF24.....	107

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Classificação das redes quanto à densidade e multiplexidade.....	108
Quadro 2 –	Importância das redes – atribuição das informantes do sexo feminino.....	111
Quadro 3 –	Importância das redes – atribuição dos informantes do sexo masculino.....	113
Quadro 4 –	Peso das redes – contato e referência	114
Quadro 5 –	Concordância verbal	124
Quadro 6 –	Incidência de iotização	125
Quadro 7 –	Rotacismo em sílabas complexas	126
Quadro 8 –	Rotacismo em coda interna.....	127

SIGLAS E ABREVIACOES UTILIZADAS

- ARS – Análise de Redes Sociais
- CV – Concordância verbal
- FILO – Festival Internacional de Londrina
- ZRD – Zona Rural do Distrito
- ZCD – Zona Central do Distrito

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	19
1 MÉTODOS	24
2 EMBASAMENTO TEÓRICO	26
2.1 CONJUNTURA DOS ESTUDOS SOB A ÓTICA DAS REDES SOCIAIS	26
2.2 FUNDAMENTAÇÃO	28
2.2.1 Dialetologia	30
2.2.2 Sociolinguística	33
2.2.2.1 Sociolinguística educacional	39
2.2.3 Letramento	42
2.2.4 Variação, Mudança e Manutenção Lingüística	48
2.2.5 Redes Sociais de Interação	52
2.2.5.1 O conceito de redes	54
2.2.5.2 A mobilidade territorial e o sentido de pertença (Localismo)	61
2.2.6 A Identidade Adolescente	64
2.2.6.1 Identidade linguística do adolescente	67
2.2.7 Rural e Urbano. Existe tal Dicotomia?	70
2.2.7.1 O rural e o urbano em relação à lingüística	76
3 CARACTERIZAÇÃO DO <i>CORPUS</i>	79
3.1 O DISTRITO DE PAIQUERÊ	79
3.2 O COLÉGIO ESTADUAL DE PAIQUERÊ	82
3.3 OS INFORMANTES: UMA CARACTERIZAÇÃO	83
4 A ANÁLISE	96
4.1 A ANÁLISE DE REDES SOCIAIS (ARS): UM MÉTODO ANALÍTICO	96
4.1.1 Egonet	98
4.1.1.1 Perfil dos informantes com o Egonet	98
4.1.2 Características das Redes com Base no Mapeamento do Egonet	107
4.2 IMPORTÂNCIA DAS REDES SOB O PONTO DE VISTA DOS INFORMANTES	111

4.3	CONFIGURAÇÃO DAS REDES DE INTERAÇÃO DOS ADOLESCENTES EM RELAÇÃO AO LETRAMENTO.....	115
4.4	A FALA EM FOCO: ANÁLISE	119
4.4.1	Concordância Verbal	120
4.4.2	Iotização	121
4.4.3	Rotacismo	122
4.4.4	Leitura e Interpretação dos Dados	122
4.4.4.1	Concordância verbal 1ª pessoa plural e 3ª pessoal do plural	123
4.4.4.2	Incidência da iotização	125
4.4.4.3	Incidência do rotacismo	126
4.4.4.4	Considerações sobre os dados dos quadros	128
4.4.4.5	Considerações sobre outros dados relevantes.....	132
4.5	COMO FALAM OS ADOLESCENTES DE PAIQUERÊ	147
4.5.1	Pontos caracterizadores da fala do adolescente do Distrito de Paiquerê	148
5	ESTABELECENDO UMA DISCUSSÃO	151
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	158
	REFERÊNCIAS	162
	APÊNDICES	169
	APÊNDICE A - Questionário 1 CEP Colégio Estadual de Paiquerê.....	170
	APÊNDICE B - Questionário 2 Questionário sociolinguístico para análise de redes	172
	APÊNDICE C - Transcrição das entrevistas.....	174
	ANEXOS	224
	ANEXO A - Figuras utilizadas para descrição na entrevista.....	225

Prólogo

E, de repente, estava eu no Doutorado. Na qualificação, alçada à condição de doutoranda. Estaria madura? Por um bom tempo, senti-me mestranda. Ouvia o Raul dizendo “Eu devia estar contente por ter conseguido tudo o que eu quis, mas confesso, abestalhado, que eu estou decepcionado... Porque foi tão fácil conseguir, e agora eu me pergunto e daí? Eu tenho uma porção de coisas grandes prá conquistar e eu não posso ficar aí parado...” e sentia um nó na garganta. E nesses embates entre mim e eu mesma, passou-se o primeiro ano.

E vieram novas disciplinas a serem cumpridas para os créditos, novos congressos, muitas leituras, e o segundo ano se foi. Brasília entrou, definitivamente, em minha rota e, com isso, um estreitamento de relações com o grupo do Projeto Pontes-UNB, tendo o letramento se entranhado em minhas elucubrações. Entrou na tese, junto com a análise das redes de interações. E amigos novos, velhos amigos, professores. E o terceiro ano chegou.

E eu comecei a perceber que não tinha sido fácil conseguir, ao contrário do que dizia Raul. Que a conquista de ter passado direto para o doutorado era fruto de minhas próprias lutas. E quando deixei de me ver como juvenil, a maturidade desabrochou e eu me tornei Doutoranda.

E agora estou eu, aqui, perpetrando a introdução de um trabalho que eu julgava não ser capaz de fazer. Confesso que gostei tanto de minha dissertação que pensava ter se encerrado ali a minha capacidade criativa. Mas a tese veio, do âmago, das entranhas de uma alma amante dos livros, dos estudos, da pesquisa. Mas também apaixonada pelas salas de aula, pela vivacidade da meninada que, no fundo, no fundo, apenas deseja viver e ser compreendida.

E está aí. Nela talvez não transpareçam os momentos de indecisão, pois um trabalho científico precisa ser objetivo (como se fosse possível não mostrar a nossa cara em algo com o qual nos envolvemos por anos...). As dúvidas, as conversas intermináveis com minha orientadora querida, não mais em busca de guias teóricos, mas de respostas que ela, muitas vezes, não poderia mesmo dar. Quem nasceu primeiro, o ovo ou a galinha? Eram mais ou menos nesse sentido os questionamentos. De uma sapiência, benevolência e paciência infundáveis, a professora Joyce se tornou muito mais que isso. Os limites acadêmicos foram deixados e a orientadora hoje é uma amiga, uma pessoa de suma importância para minha vida.

Nesta tese, as viagens solitárias de Londrina ao Distrito de Paiquerê, pela manhã sendo brindada com o nascer do sol entremeando os morros cobertos de milho e, à noite, muitas vezes com a lua linda coroando meu caminho, não estão explícitas. As conversas com os professores da Escola Estadual de Paiquerê, com a diretora Selma, com o vice-diretor Altair, que partiu para o plano superior e hoje lá no céu faz as festas que fazia com a gente na salinha apertada dos professores. Com a Dona Maria, a Eliane, a Cida. A Nalva, a Meire. Os alunos queridos do ensino médio que, gentilmente, sentaram-se à minha frente para a inquisição!

Muita coisa que eu aprendi, que eu vivi, que levarei para toda a minha vida, não consta nas próximas páginas. Porque são subjetivas demais para um trabalho que prima pela objetividade. Mas estão, sim, entranhadas em cada uma das palavras digitadas no papel. Do sumário aos anexos, são essas experiências as que mais me fazem sentir uma Doutora.

Doutora. É o que provavelmente me tornarei assim que a Banca me der seu parecer. Doutora.

E, olhando para trás, eu digo ao Raul que eu não me sinto mais abestalhada, nem decepcionada. Não foi fácil conseguir, não... mas eu continuo com um pensamento dos versos dessa canção: estou terminando o Doutorado. Daqui a algumas horas, serei Doutora, mas, ainda assim, “eu tenho um milhão de coisas para conquistar e eu não posso ficar aí parado”.

*Lá na São Tomé, lá na capital, lá no possom ê,
Você vai ver com seus próprios olhos,
agora está na moda, todo mundo é dotorê
Manuel é dotorê, Ana é doutora, Zézito é dotorê, Maria é doutora [...]
Sapato preto calça preta, camisa branca casaco pretoê,
ele é dotorê [...]
(Haylton Dias – Músico São-tomense)*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ah, quando eu estou em algum lugar, assim, mais importante é com minha patroa, qui ela fica pegano no meu pé, o trabalho dela, ela era professora lá, era professora da UEL, ela fica sempre mi corrigindo 'fala direito, fala direito', aí, pra mim não ficá sendo chamada a atenção, daí eu fico meio qui medino...
(Inf1)

Adolescentes falam! Eles não ficam somente imersos num mundo próprio, conectados a alguma força sobrenatural por meio de seus fones de ouvido. Sim. Eles falam.

Interagem com seus pares, comentam sobre seus dias, contam sobre suas bandas preferidas. Reclamam do corpo, das notas na escola, dos pais, dos professores, da comida do almoço. Relatam seus anseios, suas paqueras, suas vontades, seus vícios.

Hoje, teclam muito, mas, ainda assim, falam. E essa fala desperta atenção e curiosidade, porque é viva, pulsante.

Eu quis ver de perto como isso acontece, como se desenvolve, alarga-se, configura-se. E onde mais consegui-lo, senão tendo como base suas comunidades, suas redes de interação social? Labov (2008, p. 13) aponta esse como o melhor caminho ao considerar a fala como a base para o conhecimento intersubjetivo da língua, pois aí “este veículo de comunicação com que as pessoas discutem com seus cônjuges, brincam com seus amigos e ludibriam seus inimigos” é visto “tal como usada na vida diária por membros da ordem social.” Além disso, para o autor (2008), o que existem não são as línguas, mas, sim, os falantes reais que interagem entre si de forma complexa, obedecendo às regras das sociedades em que vivem.

Acatando tais normas, os jovens seguem uma ou outra variedade linguística, a depender do papel social representado em cada uma de suas diversas situações de interação no momento do intercâmbio cotidiano. Tais representações parecem ser determinantes na opção por qual variedade fazer uso nesses momentos, mas as redes sociais (*social networks*) imbricadas nessas relações podem, também, ser decisivas nesse sentido. Vale ressaltar o conceito de redes sociais como tramas que relacionam indivíduos em suas contexturas, nos encadeamentos pessoais cotidianos, consolidadas empiricamente nas redes de parentesco e amizade dentro da comunidade, de acordo com o que nos traz Bortoni-Ricardo (2009).

E foi na escola, local de convivência assídua e, por conseguinte, de intenso intercâmbio juvenil, que a fala desses indivíduos passou a despertar meu tino de pesquisadora. Nas salas de aula, convivendo o falar rural e o urbano, sem contar no denominado falar *rurbano*, ou seja, a maneira de se expressar de grupos oriundos da zona rural ou moradores de

distritos, zonas semirurais ou periféricas e que mantêm parte da cultura rural, principalmente linguística (BORTONI-RICARDO, 2011). Uma Torre de Babel localizada? Por quê?

Quais motivos levariam os alunos a manter sua expressão linguística próxima do falar rural? A influência dos pais? Dos vizinhos? A falta de interação com redes em que a fala se aproximaria mais do falar urbano? E por que outros, mesmo morando em áreas rurais, distanciam-se das suas raízes, do falar de seus familiares, em direção ao falar urbano?

Para responder a tais questões, alio-me a Camacho (2013, p. 21) ao questionar, em relação ao objeto dos estudos sociolinguísticos, “quanto do que ocorre com a língua, em termos de variação e mudança, é resultado do trabalho social de seus usuários a partir da identidade social específica de que são dotados ou o resultado de padrões formais, estruturais, que regem, por si sós, os processos de instabilidade e mudança”. Ou seja, entendo que não basta analisar a pessoa em si ou somente a estrutura linguística.

Labov (2008, p. 21) já refletia sobre a necessidade de considerar a vida social da comunidade para perceber o desenvolvimento de uma mudança linguística, pois “as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de um ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo”.

Dessa maneira, tendo as redes sociais de interação essa marca de relevo, utilizá-las como método de análise é crucial.

Consoante Bortoni-Ricardo (2005, p. 93), a linguística não tem-se preocupado com o “processo sociolinguístico de transformação dos dialetos rurais brasileiros em variedades urbanas”.

Ao tratar das classes menos favorecidas a que alude Labov (2008), a autora também lança uma questão sobre quais seriam “os principais fatores atuantes na manutenção das variedades rurais e/ou não padrão no Brasil” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 93).

A necessidade de descrever tais variedades, focando marcas identitárias e socialmente classificatórias, em especial determinadas pelas variantes linguísticas: (i) ausência de concordância verbal na primeira e na terceira pessoa, (ii) iotização e (iii) rotacismo, também de indivíduos moradores de zonas urbanas, justifica minha pesquisa.

Assim, ao atuar como professora regente em uma escola alocada em segmento denominado pelo Núcleo de Educação do Paraná de “educação do campo”, presenciar a variedade urbana de prestígio e a variedade rural convivendo em sala de aula, dimensionei a necessidade premente de investigar a preponderância de redes sociais de interação na manutenção ou mudança linguística.

Que papel as agências de letramento, como escola, igreja, local de trabalho, entre outros, desempenhariam para a manutenção da variedade rural, hipoteticamente comum à primeira rede de interação social dos meus sujeitos de pesquisa — a família —, ou para a mudança, em favor da norma de prestígio, apregoada pelas agências difusoras da cultura hegemônica anteriormente referenciadas?

Além disso, no desenvolvimento de minha pesquisa de Mestrado, foi possível entender que as variáveis linguísticas e extralinguísticas utilizadas em minhas pesquisas não eram suficientes para responder a questionamentos que foram aparecendo no decorrer das investigações, pelo fato de estas não abarcarem todas as situações em que houve manutenção ou mudança da variedade utilizada por alguns de meus informantes.

Como se dá o estreitamento entre os jovens dessa região circundante a um grande centro urbano? Há um foco central favorecedor da mudança ou da manutenção linguística atuando como um processo de contaminação a permear a variedade identitária, hipoteticamente o falar rural, em direção ao falar urbano?

São estes os questionamentos, portanto, que dirigem meu trabalho e me auxiliam a estabelecer os meios para atingir meus fins. Dentro disso, considerando o contato entre falantes como condição primordial por meio do qual a transmissão de conhecimento e informação em linguagem humana se processa, tenho como objetivo principal descrever a influência das redes sociais de relacionamento na configuração da fala adolescente. Nessa observação, insere-se o grau de letramento que permeia cada uma dessas tramas e a questão da localização de moradia, se mais urbana ou mais rural, e como isso influencia a manutenção do falar rural ou a mudança da variedade linguística característica e identitária dos adolescentes em favor da norma urbana de prestígio.

Responder a questões como essas importa a fim de poder, conhecendo a realidade linguística dos adolescentes de Paiquerê, empreender uma discussão acerca da maneira como trabalhar com essas idiossincrasias dentro das salas de aula não só do distrito em si, mas de todas as comunidades linguísticas com a mesma particularidade.

Tendo como hipótese que redes com menos incidência de letramento dominante, como o oportunizado pela escola, igreja, certos locais de trabalho etc., e residências localizadas na zona rural do distrito oportunizam a manutenção do falar rural ou um falar rurbano, ao passo que redes com letramento maior e morar na zona central do distrito favorecem a mudança em favor do falar urbano, desmembro esse objetivo amplo nas seguintes metas específicas:

i) investigar a forma da linguagem de um grupo delimitado de adolescentes residentes em um distrito da cidade de Londrina, distinguindo configuração da fala dos moradores na

zona rural deste mesmo distrito, em comparação à de adolescentes moradores na sua zona central;

ii) verificar o peso da localização, ou seja, se a moradia constituiu um fator relevante para a mudança ou manutenção da norma;

iii) quantificar e nominar as redes sociais a que pertencem os indivíduos de cada grupo, verificando os pesos de cada uma em favor da manutenção ou mudança linguística;

iv) dimensionar o letramento das redes sociais pelas quais esses sujeitos interagem, de modo a pesar o papel desse letramento na manutenção ou mudança de sua configuração identitária;

v) estabelecer uma discussão, com base nos subsídios concretos da análise das falas dos adolescentes, sobre o tratamento da variação em sala de aula e a sobre a elaboração de atividades condizentes com a realidade social desse alunado.

E os caminhos para responder a esses questionamentos, comprovar as hipóteses, atingir as metas foram desenvolvidos passo a passo. Primeiramente, foi constituído o *corpus*. Conversas, acertos. Entrevistas, imprevistos. Novos acertos, estreitamento de laços com a escola e os alunos. E mais entrevistas, transcrições, análises. Detalho todos os procedimentos no Capítulo 1.

No capítulo 2, após trazer à luz alguns estudos específicos, para dar um panorama do estado da arte, apresento meu alicerce, trazendo os pressupostos teóricos para o embasamento e a referenciação necessária para meu estudo, em autores como L. Milroy (1987), Labov (1974, 2006, 2008), Gumperz (1972), Le Page (1980), Bortoni-Ricardo (1985, 1986, 2004, 2005, 2006, 2009, 2011, 2014), para citar apenas alguns.

Além disso, nele discorro a respeito de outras questões concernentes ao trabalho, como a definição e a caracterização do adolescente, o detalhamento e a descrição da região foco de minha pesquisa, além da polêmica separação geográfica, social e cultural entre rural e urbano.

No capítulo 3, detalho pormenorizadamente o corpus para, a partir de todos esses fundamentos, partir para as análises. Ou seja, todos esses fundamentos servem para alicerçar o que apresento no capítulo 4, alma do trabalho, que é a análise dos dados, em que são discriminadas todas as variantes, os fatores, utilizando gráficos, mapas e quadros, a fim de apresentar resultados da forma mais clara possível.

Com base nesses resultados, no capítulo 5, implemento uma discussão no sentido de trabalhar essa realidade em sala de aula. A especificidade da fala dos jovens de Paiquerê serve

de fonte para outras localidades, por encerrar uma realidade linguística específica, mas também reconhecida em outras regiões.

Nas considerações finais, fechando a discussão, deixo abertas novas portas para a pesquisa com o mesmo mote, ciente da importância de ter bem definidas as especificidades de cada comunidade linguística, a fim de que a variação linguística seja trabalhada de maneira adequada e para que possa, com isso, plantar uma semente para a mudança da realidade escolar brasileira.

1 MÉTODOS

*Tu gravas em tuas fitas
Com a maior perfeição
O timbre da minha voz
E a minha fraca expressão
Mas não gravas a dor grave
Gravada em meu coração
(Patativa do Assaré)¹*

Para alcançar o objetivo proposto e responder aos questionamentos suscitados, investiguei as interações dos alunos com base em suas redes sociais de relacionamento, utilizando, como *corpus*, gravações de fala de dois grupos de adolescentes da mesma escola: um formado por alunos residentes na zona central do Distrito de Paiquerê - Londrina, considerada mais urbana², e outro grupo formado por alunos residentes na zona rural deste mesmo distrito, de acordo com a gravação de suas falas em resposta a um questionário (Apêndice 2).

São vinte e quatro alunos do Ensino Médio do Colégio Estadual de Paiquerê, sendo doze meninas e doze meninos. Desses, seis meninas e seis meninos moram na área central do distrito; seis meninas e seis meninos residem na zona rural desse mesmo distrito.

A opção pela adolescência deve-se ao fato de ela ser o período de transição entre a infância e a idade adulta, sendo, por isso, uma fase em que os falantes tendem a ser mais suscetíveis ao meio, uma vez que, consoante Netto (1968), costumam formar turmas e o grupo de companheiros passa a exercer grande influência sobre o comportamento do jovem, o que nos remete à importância das redes de interação social em que se inserem como determinantes na configuração de sua expressão linguística.

Em se tratando do método para a constituição do *corpus*, após a aplicação de questionários (Apêndice 1) a todas as turmas do Ensino Médio do Colégio Estadual de Paiquerê, contendo questões relativas à idade, ao local de moradia, à série escolar, às preferências musicais e televisivas, à leitura, às redes sociais de interação e à língua, foram selecionados trinta alunos, quinze meninos e quinze meninas, os quais foram novamente inquiridos, desta feita por meio de questionamentos visando obter o maior tempo possível de fala vernácula.

¹Verso da música “Gravador”, de Patativa do Assaré. Disponível em: <www.rolandoboldrin.com.br/poemas_gravador.asp>. Acesso em: 11 nov. 2013

²A noção de rural e urbano, linha tênue, será mais bem especificada no Capítulo 7.

Uma das ideias iniciais do trabalho mostrou-se inviável. Era meu intuito criar formas de me inserir nas redes sociais de interação desses alunos, visando à observação de conversas informais, uma vez que, como atesta Labov (2006, p. 487, tradução minha), “Há claras vantagens em estudar grupos ao invés de indivíduos isolados. Estudar as pessoas dentro de suas redes sociais nos permite gravá-las falando com as pessoas com quem falam normalmente — amigos, família e companheiros de trabalho —³”. Entretanto, todas as tentativas nesse sentido se mostraram irrealizáveis, demandando um tempo maior de contato e interação entre mim e os adolescentes, o que favoreceria maior intimidade e aplacaria o teor invasivo da pesquisa.

Dessa maneira, foi necessário mudar de estratégia, optando por entrevistas individuais, consideradas por Labov (2008) como o método básico para a obtenção de dados confiáveis da fala de uma pessoa. As perguntas foram pensadas para que as respostas apresentassem vários exemplos das variantes estudadas.

Para chegar ao vernáculo e à relevância das redes sociais na configuração da fala desses adolescentes, eles foram inquiridos novamente, por meio de um questionário de cinquenta questões. Esse questionário (Apêndice 2) seguiu a proposta de Labov (2008) de entrevista direcionada.

O número de questões e a menção à iminência de perigo de morte, dia mais feliz e mais triste, entre outras possibilidades de narrativas pessoais, visou à fuga do “paradoxo do entrevistador” a que alude Tarallo (1982).

De volta ao Colégio Estadual de Paiquerê, entrevistei os selecionados um a um, fazendo-lhes perguntas relativas ao dia a dia, seu cotidiano, gostos pessoais, opiniões sobre alguns assuntos, opinião de leitura de trechos e opinião referente a figuras (Anexo 1).

Dos selecionados, foi possível a entrevista e a gravação com apenas vinte e quatro alunos, uma vez que uma menina parou de estudar, um menino e uma menina não estiveram presentes na escola em nenhum dos dias em que houve entrevistas e três dos entrevistados não foram produtivos o suficiente para serem aproveitados, uma vez que responderam à grande maioria das perguntas de forma lacônica ou gestual.

Ao final, cada uma das vinte e quatro entrevistas durou, em média, quarenta minutos, cuja transcrição grafemática, na íntegra, consta no Apêndice 3.

Para quantificação dos dados, utilizo o Programa Léxico 3⁴.

A análise foi feita por etapas, as quais são descritas e pormenorizadas no Capítulo 4.

³ Hay claras ventajas en estudiar grupos en vez de individuos aislados. Estudiar a las personas dentro de sus redes sociales nos permite grabarlas hablando con las personas con quienes hablan normalmente — amigos, familia y compañeros de trabajo —.

⁴ O Lexico3 é um programa de computador que possibilita a realização de análises lexicométricas, da segmentação à edição dos resultados finais, possibilitando a quantificação e qualificação de dados.

2 EMBASAMENTO TEÓRICO

Para explicitar as bases em que me alicerço nesta pesquisa, recorro a duas fontes: primeiramente, trabalhos já realizados com a mesma perspectiva ou com caminhos semelhantes ao que sigo. Em segundo lugar, às teorias fundamentais.

2.1 CONJUNTURA DOS ESTUDOS SOB A ÓTICA DAS REDES SOCIAIS

Todos seguiam caminho de seus costumes; no novo não conseguiam de se nortear.
(Guimarães Rosa)

O trabalho com análise de redes de interação é relativamente recente nas ciências sociais e, ainda mais, nos estudos da linguagem. Sua gênese está em trabalhos de Milroy, (1987), Giles (1980), Trudgill (1986) e, no Brasil, no de Bortoni-Ricardo (2011[1985]).

Atualmente, pesquisas nesse âmbito têm tido destaque e várias áreas do conhecimento norteiam-se pelo popular ditado “Diga-me com quem andas e direi quem és”.

Busquei estudos no campo da Linguística, centrando-me na base de periódicos da CAPES e nos acervos digitais das Faculdades de Letras de Universidades Federais de Brasília, São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Rio de Janeiro, além das Universidades Estaduais de Londrina e Maringá.

A busca apresentou alguns trabalhos de relevo na área, como a dissertação de mestrado de Lara, que, em 2013, investigou a variação das consoantes plosivas bilabiais: o desvozeamento das plosivas vozeadas e o vozeamento das plosivas desvozeadas em português, na fala de 24 bilíngues português-alemão moradores de uma comunidade rural na localidade de Estrela, Rio Grande do Sul, Brasil. A pesquisa mostrou, entre outros resultados, redes densas e multiplexas, fechadas aos informantes centrais na rede, uma vez que os idosos não difundem a regra variável a seus contatos, os jovens trabalhadores e os estudantes nas áreas urbanas.

A tese de doutoramento efetivada por Carvalho (2012) perquiriu as práticas sociais de letramento em comunidades de catadores de materiais recicláveis em Brasília, sendo observado o contato dos sujeitos com o texto escrito, as suas rotinas, as redes sociais e os eventos de letramento. Dentre outros resultados, o trabalho descortinou redes fechadas, mas

em processo de abertura, e a importância dos eventos de letramento e das práticas de escrita para a mobilização social desses indivíduos.

Em 2012, Oliveira, a autora desta tese, pesquisou a configuração da fala de adolescentes em escolas públicas e particulares na cidade de Londrina, com a intenção de observar a motivação de não utilizarem a norma-padrão, mesmo tendo conhecimento das regras, em especial da concordância verbal. A conclusão desse trabalho de mestrado, além da questão identitária, deixou clara a influência das redes sociais de interação na expressão linguística desses indivíduos, determinando quão marcante é o envolvimento com o outro nessa configuração⁵.

Em 2009, Silva desenvolveu uma investigação para sua titulação a mestre que, além de se relacionar com a sintaxe funcionalista, orientando-se a partir de uma classificação sociolinguística dos informantes, vinculou-se a fatores de ordens sociais, em especial o fator rede social fraca e forte, para dimensionar as cláusulas adverbiais em quatro falantes da cidade de Mariana (MG), concluindo que, na rede fraca (Rede Universitária), a ocorrência de cláusulas adverbiais foi mais expressiva, já que do total de unidades informacionais dessa rede foram identificadas 431 cláusulas adverbiais, enquanto que na rede forte (Rede de Familiares) foram identificadas 390 cláusulas desse tipo.

Em um estudo sociolinguístico sobre a presença ou ausência de artigos diante de antropônimos, Alves (2008) perscrutou a fala de jovens da comunidade de Barra Longa/MG que residem em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, concluindo a importância dos fatores extralinguísticos, estando as redes sociais de interação entre os fatores de maior peso para essa configuração.

Almeida (2005) inseriu as redes sociais de interação em sua busca por identificar a influência da urbanização na fala de moradores em um distrito rural da cidade de Londrina-PR, identificando, por exemplo, multiplexidade ou densidade das redes dos seus informantes e como isso influenciou a difusão ou focalização do dialeto caipira.

Em trabalho realizado na década de 1990, Ferrari (1994) analisou a fala de moradores do Morro dos Caboclos, comunidade do Rio de Janeiro, utilizando as redes sociais de interação para auferir a multiplexidade dos laços dos seus informantes e a questão identitária em relação à permanência ou não no morro e, com isso, a focalização ou difusão linguística local, corroborando a característica estagnadora das redes fechadas.

⁵ Dissertação publicada pela Nova Edições Acadêmicas em 2014.

Panke (1993) pesquisou o porquê de falantes, mesmo com acesso ao ensino sistematizado, continuarem a sofrer influência marcante da língua alemã em uma comunidade do oeste do Paraná, na cidade de Toledo. Na conclusão, atestou serem as redes sociais de interação as grandes responsáveis por essa interferência, visto o insulamento e grande fechamento das redes por questões, principalmente, identitárias.

Pioneira no Brasil nos estudos de redes sociais, Bortoni-Ricardo (1985) utilizou-se desses pressupostos em sua tese de doutorado, na qual investigou a fala de moradores de Brazlândia, cidade satélite do Distrito Federal, concluindo, entre outros aspectos, na relevância dos laços entre indivíduos para a manutenção ou mudança de um falar identitário. Do desdobramento desse trabalho precursor, Bortoni-Ricardo tornou-se referência nos estudos sociolinguísticos brasileiros, sendo suas reflexões referência fundamental neste meu trabalho.

Acredito que os trabalhos mencionados podem estabelecer a importância do tema para os estudos linguísticos e sociolinguísticos de uma forma geral, estudos que, como já mencionado, ganharam força a partir da investigação promovida por Lesley Milroy em Belfast, na Irlanda, mas que também se fizeram presentes em trabalhos de Labov, em especial em seu estudo realizado em Martha's Vineyard e na Filadélfia, os quais detalho no próximo capítulo.

2.2 FUNDAMENTAÇÃO

É a teoria que determina o que pode ser observado.
(Albert Einstein)

Somos todos sabedores da existência do conceito de língua como algo estático, imutável, o qual vem sendo, pouco a pouco, posto em xeque. Dante Alighieri, durante a Renascença, já abordava a questão da variação em sua *De vulgari eloquentia* como algo concreto, sólido e histórico. É nesse mote que os estudos sociolinguísticos vêm, desde os idos 1960, desmitificando a uniformidade linguística, afinal “variedades linguísticas são, portanto, diferentes no que concerne aos mecanismos formais disponíveis para a formulação de atos de comunicação verbal, mas, ao mesmo tempo, absolutamente iguais no que diz respeito à função comunicativa” (CAMACHO, 2013, p. 25).

Um marco para a consolidação dos estudos sob essa orientação acontece no ano de 1964, quando William Bright organiza um congresso na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), com a participação de vários estudiosos. Desse encontro, resulta um

compêndio, intitulado *Sociolinguistics*, no qual é caracterizada a nova área de estudo, estabelecendo como seu objeto de estudo a diversidade linguística.

Alkmin (2001, p. 30) lembra que o estabelecimento desta nova área é precedido pela atuação de diversos pesquisadores, como Hymes que, em 1962, publicou um artigo propondo um novo domínio de pesquisa: a Etnografia da fala, que visa à descrição e interpretação do comportamento linguístico contextualizado culturalmente, além de buscar definir “as funções da linguagem a partir da observação da fala e das regras sociais próprias a cada comunidade”.

Aliado à Sociolinguística, outro ramo da Linguística se ocupa da vivacidade da língua. Trata-se da Dialetoлогия, cujos estudos também estabelecem as relações existentes entre certos traços linguísticos, falantes e sociedade.

Silva-Corvalán (1989) afiança ser indubitável a importância dos aportes deixados pela Dialetoлогия para a Sociolinguística e para a Linguística de uma forma geral, haja vista os atlas linguísticos, cujos dados são referência obrigatória para os estudos concernentes à variação e à mudança linguística.

Entre as duas disciplinas, há uma ligação intrínseca, de modo que uma pode ser considerada complementar a outra, ou, até certo ponto, sua sinônima, como mostra Silva-Corvalán (1989), por ambas estudarem a língua falada, os usos linguísticos e as relações que se dão entre traços e grupos linguísticos.

Conquanto reconheça as similaridades, a autora estabelece pontos em que as disciplinas se diferenciam, ao reconhecer que terminologias como Dialetoлогия Social e Dialetoлогия Urbana, na realidade, constituem-se como estudos sociolinguísticos. Afirma Silva-Corvalán (1989, p. 9)

Com essas terminologias, pretende-se captar a característica fundamental que diferencia as duas disciplinas. Por um lado, a preocupação básica da Dialetoлогия por estabelecer as fronteiras *geográficas* de certos usos linguísticos, concentrando a investigação essencialmente em setores rurais, pois neles esperam-se encontrar variedades “mais puras” da língua, ou seja, formas vernáculas mais antigas e tradicionais, não contaminadas pelo contato com outras variedades⁶ (grifos da autora, tradução minha).

Continuando, a autora alega que, por outro lado, está a preocupação da Sociolinguística com a identificação dos processos geradores de mudança e das fronteiras

⁶ Con estos términos se pretende captar la característica fundamental que diferencia a las dos disciplinas. Por un lado, la preocupación básica de la dialectología por establecer las fronteras *geográficas* de ciertos usos lingüísticos, concentrando la investigación esencialmente em sectores rurales, pues en ellos se ha esperado encontrar variedades “más puras” de lengua, es decir, formas vernáculas más antiguas y tradicionales, no contaminadas por el contacto con otras variedades.

sociais que subjazem a certos usos linguísticos, concentrando sua pesquisa em centros urbanos, os quais se caracterizam tanto pela heterogeneidade linguística quanto pela social.

Atualmente, a Dialetologia não se concentra apenas em zonas rurais, ao mesmo tempo em que a Sociolinguística ultrapassou as fronteiras dos centros urbanos, como é o caso deste trabalho.

A fim de mais bem entender o que as une e as separa, convém conhecer melhor as especificidades de cada uma das disciplinas.

2.2.1 Dialetologia

Então se atreveram a falar-lhe, e ele lhes respondeu em um dialeto incompreensível, mas com voz de marinheiro.
(Gabriel García Marquez)

Ainda que, cientificamente, seja atribuído ao Abbé Rousselot o início dos estudos dialetológicos, visto que, já em 1884, o estudioso alertava para a necessidade de estudar sons, construções e palavras novos para que não se perdessem (CARDOSO, 2001), a Dialetologia é, para alguns, tão antiga quanto o mundo. Há quem credite tal início à era antes de Cristo, pelo fato de ser relatada na Bíblia Sagrada, no livro Juízes, cap. 12, vers. 5-6, certa situação solucionada por meio do uso da língua. Um povo denominado efraimita, sendo dominador da terra em que se alocava, utilizava de uma artimanha para descobrir inimigos infiltrados em seu território: solicitava àqueles que pediam passagem que pronunciassem a palavra *xibolet*. Pronunciada com /j/, tinham passagem garantida. Pronunciada com /s/, era o calabouço ou a morte.

Cardoso (2001, p. 27) estabelece como marcos para a efetiva gênese desses estudos “o levantamento de dados da realidade alemã feito por Wenker e a recolha sistemática para o *Atlas Linguistique de la France* (ALF), obra de Gilliéron e Edmont” (grifos da autora). Já no Brasil, cabe ao Visconde de Pedra Branca o estatuto de implementador, o qual, ao escrever um capítulo para um livro do geógrafo Balbi, descreveu nossa língua como “um reflexo do clima e da doçura dos habitantes [...] enriquecida por palavras e expressões novas, tomadas de empréstimo às línguas indígenas e inexistentes no português continental” (FERREIRA; CARDOSO, 1994, p. 37).

Silva-Corvalán (1989) apresenta como objeto de estudo da Dialetologia os diversos dialetos⁷ de uma língua, esclarecendo que “A *distância*, social, temporal ou geográfica, favorece o desenvolvimento de *variedades dialetais* que são a manifestação linguística de um número de características mais ou menos estáveis associadas com diferentes grupos através do tempo e do espaço social e geográfico⁸” (tradução minha, grifos da autora).

Os estudos dialetológicos têm contribuído significativamente para o complemento de pesquisas linguísticas que visam à descrição do português brasileiro e, em nosso país, sua história pode ser dividida em três fases. Na primeira, os trabalhos são voltados para dicionários, glossários, vocabulários e léxicos regionais. A segunda fase traz a publicação de uma importante, e ainda essencial obra para os estudos da Geografia Linguística. Refiro-me a *O dialeto Caipira*, de Amadeu Amaral, trabalho que inicia a descrição da realidade linguística deste imenso país. A terceira fase é marcada pelo interesse na elaboração de atlas linguísticos.

O *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (APFB), o primeiro atlas linguístico brasileiro, foi elaborado entre os anos sessenta e sessenta e dois, do século XX, sob a coordenação do professor Nelson Rossi, e abriu o caminho para outros. O segundo atlas publicado foi o *EALMG – Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*, coordenado pelos professores Mário Roberto Lobuglio Zágari, José Ribeiro, José Passio e Antonio Gaio e publicado em 1977; o *ALPB – Atlas Linguístico da Paraíba*, coordenado pela professora Maria do Socorro Silva e realizado conjuntamente com a professora Cleuza Bezerra de Menezes, foi o terceiro, publicado em 1984; o *ALS I – Atlas Linguístico do Sergipe*, coordenado por Nelson Rossi, é uma espécie de sequência aos estudos de mapeamento linguístico dos falares baianos. Iniciado em 1963, concluído em 1973 e publicado apenas em 1987, o ALS é o quarto atlas publicado no Brasil. Em 1994, como tese de doutoramento da professora Vanderci Aguilera, foi publicado o quinto atlas, o *ALPR – Atlas Linguístico do Paraná*.

Trazendo uma inovação, o *ALERS – Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* foi publicado em 2002, coordenado pelo professor Walter Koch e caracterizado pela abrangência não só de um estado, mas de uma região inteira. O sexto atlas foi publicado em 2004, sob a coordenação do professor Abdelhak Razky, tratando dos falares do Pará, intitulado *Atlas Linguístico Sonoro do Pará – ALISPA. O Atlas Linguístico de Sergipe II –*

⁷ O termo *dialeto* é entendido aqui como “um termo que se refere simplesmente a uma variedade da língua compartilhada por uma comunidade linguística” (SILVA-CORVALÁN, 1989, p. 9, tradução minha) / “un término técnico que se refiere simplemente a una variedad de lengua compartida por una comunidad lingüística”.

⁸ “La *distancia*, social, temporal o geográfica, favorece a su vez el desarrollo de *variedades dialectales*, que son la manifestación linguística de un número de características más o menos estables asociadas con diferentes grupos a través del tiempo y del espacio social y geográfico”.

ALS II, utilizando o *corpus* não mapeado no primeiro ALS, também resultado de uma pesquisa em doutoramento, transformado em tese pela professora Suzana Alice Marcelino Cardoso, foi publicado no ano de 2005. Em 2007, foi publicado o *ALMS – Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul*, coordenado por Dercir Pedro de Oliveira e, finalmente, em 2010 foi publicado do *ALECE – Atlas Linguístico do Estado do Ceará*, iniciado em 1978, coordenado por Alexandre Kaskey, José Carlos Gonçalves, Mário Roberto Lobuglio e José Rogério Fontonele Bessa, sendo este coordenador da publicação.

A publicação destes Atlas, bem como de uma substancial parte do *Atlas Linguístico do Brasil – AliB*, é resultado não só da dedicação e do empenho destes pesquisadores, mas também dos trabalhos pioneiros de Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi.

A publicação do Atlas Linguístico do Brasil é um marco para o ensino da língua portuguesa, uma vez que, ao focar a identificação das diferenças diaatópicas, visa oferecer subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem aos estudiosos da língua portuguesa, aos pesquisadores de áreas afins e aos pedagogos, para melhor interpretação do caráter multidialetal do Brasil.

Coseriu (1982, p. 112) atesta que a variedade horizontal comprovada esquematicamente pela Dialetoлогия não abarca toda a variedade da linguagem. Segundo o autor “existe também uma variedade *vertical* entre estratos sociais e culturais, e, no falar do mesmo indivíduo, segundo as diferentes situações e os diferentes momentos expressivos” (grifo do autor).

Nesse âmbito, Ferreira e Cardoso (1994) citam o “Projeto Norma urbana culta no Brasil”, o NURC, que tem o intuito de descrever o verdadeiro uso culto em nosso país, por meio da recolha de dados precisos em cinco capitais, objetivando um ensino condizente com a real fala do brasileiro; além desse, citam a pesquisa realizada por Anthony Justus Naro, na UFRJ, o Projeto CENSO – “Subsídios sociolinguísticos do projeto Censo à educação”, visando oferecer suporte para o ensino/aprendizagem da Língua Portuguesa com base na realidade. Por meio desses projetos, faz-se possível perceber que aos estudos dialetais são agregadas preocupações com a variação social.

Vendo os dois ramos linguísticos assim tão entrecruzados, é possível estabelecer certa antecedência dos estudos da Dialetoлогия aos da Sociolinguística, sem deixar de estabelecer a complementaridade entre ambos por investigarem a língua falada, o uso linguístico e estabelecerem relações existentes entre determinados traços linguísticos e certos grupos de indivíduos, ou seja, por se envolverem com o aspecto social da língua.

Mas foi a Sociolinguística que solidificou a relação entre língua e sociedade, pois sistematiza o estudo da língua inserida em um contexto social.

2.2.2 Sociolinguística

*Falar é outra coisa, é essa ponte salgada em que ficamos pendentes,
suspensos sobre o abismo. Falar é outra coisa, vos digo.*
(Mia Couto)

Embora a questão social da língua tenha despertado a atenção no início do século XX, inclusive nos trabalhos de Saussure, foi na década de 1960 que, como mencionado, começou a ser investigada minuciosamente por estudiosos da língua.

Logo após a publicação feita por Bright (1964), uma comunicação proferida por Weinreich, Labov e Herzog, em um simpósio sobre Linguística Histórica na Universidade do Texas, em 1966, mexeu com a questão linguística, uma vez que, muito além de reconhecer a expressão das ideias individuais e coletivas por meio da língua, de acordo com a tradição e a cultura pertinente ao indivíduo e à comunidade em que se insere, o trabalho dos autores valeu como instaurador do entendimento do falante como usuário e agente modificador de sua língua, pois é por meio dele que se dão a constante alteração, a mudança e a transformação linguística.

A partir disso, em especial com os trabalhos de William Labov, pesquisador que, de acordo com Tarallo (1982, p. 7), “mais veementemente, voltou a insistir na relação entre língua e sociedade e na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada” o termo Sociolinguística se estabeleceu.

Os movimentos primordiais desse ramo da Linguística direcionaram sua vertente Quantitativa, também conhecida como Variacionista ou Laboviana, na busca da sistematização das transformações da língua falada, por intermédio de pesquisas que consideram fatores extralinguísticos, tais como classe social, idade, sexo, escolaridade, entre outros, como relevantes para a relação entre língua e sociedade, demonstrando a interdependência entre o conteúdo linguístico dos falantes e o meio social em que vivem. Ou seja, “propõem-se a explicar, basicamente, a variabilidade inerente nos sistemas linguísticos⁹” (SILVA-CORVALÁN, 1989, p. 59, tradução minha).

A descrição e a documentação dos usos norteiam os estudos nessa vertente. O foco vai para a sistematização da língua falada, uma vez que são estudadas sua estrutura e evolução no

⁹ Se proponen explicar, básicamente, la variabilidade inherente en los sistemas lingüísticos.

contexto social da comunidade em que é praticada. Ao modelo descritivo, incluem-se dois tipos de regras, as categóricas e as variáveis, cuja sistematização produz um volumoso número de dados, o que implica, necessariamente, um tratamento estatístico.

Para Silva-Corvalán (1989, p. 59), a importância desta vertente se encerra em mostrar que a unidade linguística “é uma ilusão e que é possível incorporar a descrição de fenômenos variáveis como parte da descrição de uma língua entendida como um sistema cuja heterogeneidade não é arbitrária ou errada, mas sim submetida a regras¹⁰” (tradução minha).

O adjetivo “laboviana” a caracterizar o nome deve-se à publicação, no ano de 1972, da obra *Sociolinguistic Patterns*, por William Labov, cujo conteúdo veio a propiciar maior reconhecimento científico a essa área dos estudos da linguagem.

Camacho (2013) mostra que essa vertente da Sociolinguística contribuiu não só para romper com a ideia de língua como algo homogêneo, mas, sobretudo, com o tratamento teórico formalista, por meio da introdução do conceito de variável linguística.

Ainda, pela visão de Camacho (2013, p. 19),

[...] a Sociolinguística, inspirada em grande escala pelo trabalho pioneiro de William Labov, incrementou, nas últimas três décadas, uma nova compreensão da natureza ao mesmo tempo variável e mutável da linguagem. Ativou também o reconhecimento do caráter regular e sistemático da heterogeneidade mediante um conjunto de estudos empíricos, de natureza quantitativa com foco na língua em uso no contexto social.

Em sua gênese, os trabalhos realizados eram de ordem diacrônica, entretanto, estudos pioneiros deixaram à mostra uma intrincada relação entre a diacronia expressa pela mudança linguística e a sincronia da variação linguística.

Atribuindo aos fatos sociais o mesmo grau de importância dado aos fatos da linguagem, e, com isso, alocando-os no mesmo patamar, Labov (2008) considera a existência não de línguas, mas sim de falantes reais que interagem entre si de forma complexa, obedecendo às regras das sociedades em que vivem. Assim sendo, é facultada a essa vertente da Sociolinguística a utilização de métodos sociológicos quantitativos para relacionar variáveis linguísticas com variáveis sociais, reconhecendo como imanentes à linguagem a regra gramatical categórica, compartilhada e passível de ser analisada tradicionalmente (as

¹⁰ Es una falacia y que es posible incorporar la descripción de fenómenos variables como parte de la descripción de una lengua que se concibe como un sistema cuya heterogeneidade no es arbitraria ni errática, sino sometida a reglas.

regras da gramática normativa, por exemplo), e a regra variável que utiliza a Linguística para determinar o grau de variabilidade (como as gramáticas do uso da língua).

Contrário às correntes linguísticas que deixaram de fora o fator social da linguagem, em especial o Gerativismo de Chomsky, Labov insiste na importância de se voltar para as comunidades de fala e não para a competência linguística dos falantes, uma vez que não compactua com a ideia de gramática como algo inato, localizado na mente do indivíduo, mas a vê como algo compartilhado por grupos humanos.

Para o autor (2008, p. 21),

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo.

Diante da impossibilidade de compreender o desenvolvimento da variação e da mudança fora do contexto em que se inserem, Labov (2008) empreende trabalhos pioneiros de suma importância para a vertente quantitativa.

Seu trabalho inicial trata da “observação direta de uma mudança sonora no contexto da vida da comunidade na qual ela ocorre” (LABOV, 2008, p. 19), em que analisa o inglês falado na Ilha de Martha’s Vineyard quanto à alteração na posição fonética dos elementos iniciais dos ditongos /ay/ e /aw/. Objetivando entender os mecanismos reveladores da variação linguística, focava observar até que ponto a alteração dos costumes sociais ocorridos na comunidade, por meio de influências extralinguísticas como idade, sexo, escolaridade, religião, cultura, entre outros, podiam favorecer a mudança linguística.

Para alcançar seu intento, o pesquisador realizou entrevistas nas quais previa respostas com palavras em que ocorriam os ditongos (ay) e (aw), de forma eventual, tanto na fala monitorada, quanto na leitura especial, como também observando a comunicação dos informantes em ambientes casuais.

Após a análise dos dados, observou a ocorrência da centralização moderada das vogais (ay) e nenhuma centralização em (aw), por meio do que pôde concluir, como bem sintetiza Calvet (2007), haver certa distribuição social dos ditongos, pois a pronúncia dos habitantes que desejavam ficar na ilha era insular, ao passo que os que queriam deixar a ilha se expressavam como os moradores do continente.

Buscando confirmar a hipótese de que “se dois subgrupos de falantes nova-iorquinos estão dispostos numa escala de estratificação social, logo estarão dispostos na mesma ordem

por seu uso diferenciado do /r/.” Labov (2008, p. 65) empreendeu um estudo sobre a estratificação /r/, em novembro de 1962, nas lojas de departamentos de Nova Iorque, utilizando um método simples: alocado em uma loja de departamentos que atendia a diferentes públicos, perguntava a funcionários onde ficava determinado produto, esperando obter a resposta *fourthfloor*, para avaliar se o /r/ de ambas as palavras era ou não pronunciado, uma vez que a pronúncia caracterizava a fala prestigiada, enquanto a ausência do fonema indicava a estigmatizada. Estes funcionários pertenciam a três lojas: uma situada no térreo, considerada popular, outra em andar intermediário e outra em um andar superior, mais elitizada. Também os funcionários foram escolhidos de acordo com suas funções, a fim de correlacionar a hierarquia de *status* da loja à hierarquia das funções desempenhadas e o comportamento das pessoas que ocupavam os postos selecionados.

Ao final das análises, “os resultados do estudo mostraram a nítida e coerente estratificação do /r/ nas três lojas” (LABOV, 2008, p. 71), já que 62% dos vendedores da loja considerada de alto padrão pronunciavam o /r/, 51% da loja de *status* intermediário apresentavam uso também intermediário e apenas 20% da loja mais popular pronunciavam o fonema, concluindo que o principal efeito estratificador sobre os funcionários é o prestígio da loja, uma vez que estudos¹¹ já haviam mostrado que, entre trabalhadores de grandes lojas, existe a tendência de estes se esforçarem para se apropriar do prestígio de seus clientes, além da influência do cargo ocupado. O pesquisador também inseriu outros fatores para explicar o padrão irregular do uso do /r/, utilizando, como variáveis independentes, etnia, ocupação e idade do informante.

Além disso, realizou novo estudo neste sentido, por meio do qual foi medida a avaliação social das variantes em análise. Conforme relata Calvet (2007, p. 95),

A pesquisa consistia em estudar as reações subjetivas à linguagem fazendo 200 testemunhas escutarem “falsos pares”, isto é, frases pronunciadas diferentemente (por exemplo, com ou sem os *r*) pelo mesmo falante sem que as testemunhas se dessem conta de que se tratava do mesmo falante [...]

Por intermédio desta nova pesquisa, foi possível observar que a totalidade dos pesquisados reagiu positivamente quando houve a pronúncia do /r/, considerada como marca de prestígio, o que veio não só ratificar a pesquisa anterior, mas também conduziu à sua mais importante conclusão, a de que uma comunidade linguística não se define como um grupo de

¹¹ De acordo com o que relata Labov (2008) sobre o trabalho: MILLS, C. W. **White Collar**. New York: Oxford University Press, 1956

falantes que utiliza formas idênticas, mas sim como um grupo que compartilha a mesma norma a respeito da língua.

De acordo com Calvet (2007), apesar de os estudos em Nova Iorque apresentarem uma evolução nas pesquisas de Labov quando comparadas ao trabalho na Ilha de Martha's Vineyard, o amadurecimento do pesquisador somente foi dimensionado a partir das pesquisas sobre o vernáculo negro americano, realizadas no Harlem, bairro nova-iorquino.

A pesquisa de Labov tinha como foco o fracasso escolar, no que tange à leitura, dos jovens negros pertencentes à cultura vernacular das ruas e com severas dificuldades de aprendizado, devido ao conflito entre o seu vernáculo e a fala padrão

O resultado mostrou as diferenças estruturais entre o falar afro-americano e o branco, mas, especialmente, o esquecimento desses jovens pelo sistema educacional e o racismo institucionalizado naquela sociedade, os quais impediam a ascensão social e o progresso cultural dos usuários desse falar.

Em um novo trabalho, buscando localizar as forças motivadoras da generalização de uso de certas formas linguísticas, Labov (2006) realizou uma pesquisa, em 2001, na Filadélfia, com o objetivo de identificar os sujeitos e suas redes de relações, a fim de rastrear as causas da mudança linguística por meio da busca da posição social dos indivíduos inquiridos, ou seja, Labov buscou identificar os líderes da mudança linguística em certa comunidade, focalizando a variação em amplos conglomerados populacionais, observando as variáveis gênero, idade, escolaridade, classe social e formalidade na fala.

Nesse trabalho, o linguista observa que as mulheres, quando se trata de mudanças vindas de cima¹², utilizam mais as formas de prestígio do que os homens; em se tratando de mudanças vindas de baixo, elas são líderes da mudança linguística, ou seja, quando se iniciam as mudanças, a agilidade do sexo feminino é maior que a do sexo masculino em aderir e utilizar o símbolo social recente.

Esses importantes trabalhos estão na gênese do modelo quantitativo de descrição e interpretação do fenômeno linguístico no contexto social de comunidades urbanas, sendo responsáveis por sublinhar o papel decisivo dos fatores sociais na explicação da variação linguística.

¹² Labov (2006) alega que as mudanças “de cima” têm a ver com a classe social dominante, de forma consciente, ao passo que as “de baixo” são formas sistemáticas, primeiramente surgidas no vernáculo, completamente abaixo do nível de consciência social. Um exemplo dessas mudanças vindas de baixo, no português, estaria na queda do /r/ final das formas verbais no infinitivo.

Em paralelo a isso tudo, os estudos sociolinguísticos vão ganhando novos contornos, voltando-se também para a análise dos comportamentos linguístico-sociais, em uma vertente denominada Sociolinguística Qualitativa, de maneira a focar a relação dos sujeitos com a linguagem e verificar como se dão as atitudes em relação às variedades de línguas utilizadas por eles e por seus pares, considerando como relevantes, e mesmo imprescindíveis, os aspectos culturais e sociais dos usuários da língua.

Calvet (2007, p. 65) relata que

Com efeito, existe todo um conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com as variedades de línguas e para com aqueles que a utilizam que torna superficial a análise da língua como simples instrumento.

Ou seja, o que importa é o comportamento sociolinguístico dos sujeitos, o que torna a Sociolinguística, nessa vertente, contrária à concepção de língua como instrumento de comunicação, comum em estudos anteriores, visto que sua ocupação será desvendar os preconceitos e estereótipos linguísticos, o comportamento social dos falantes em relação à própria língua e a de seus pares, os efeitos que a norma pode provocar nos indivíduos.

O que difere os dois ramos é, sobretudo, o foco. Enquanto a Sociolinguística Quantitativa busca desvendar as formas com que se dá a heterogeneidade e como se regula a variação, a Sociolinguística Qualitativa objetiva apreciar o caráter e a função social da linguagem e como isso pode repercutir no comportamento dos indivíduos, desvendando as motivações ideológicas para usos e não usos, expressos nos discursos reais.

Em relação ao conceito de identidade, ao nível macro — vertente quantitativa —, associa-se a noção laboviana de comunidade de fala, cuja explicação dos fatos linguísticos tem foco mais no geral, não no individual. Ao contrário, no nível micro — vertente qualitativa —, ligado às redes sociais e comunidades de prática, a identidade é determinante em todo o processo de variação.

A vertente quantitativa, de nível macro, tem uma abrangência geral, baseando-se em fatores estanques como a idade, etnia, sexo, classe social etc. A Sociolinguística Qualitativa, em sua versão micro, abrange o individual e como se dá a interação com o grupo.

Uma dicotomia bastante adequada desses conceitos é feita por Gumperz. O linguista, conforme se le em Bortoni-Ricardo (2005), separa os sociolinguistas em teóricos da ação ou conflito e teóricos da ordem. Para os primeiros, em que se insere a Sociolinguística Interacional e, com isso, uma visão micro, a interação é constitutiva da ordem social. Os

segundos, ao conceberem normas e categorias sociais como preexistentes e parâmetros dos usos linguísticos, aliam-se à visão macro, como na Sociolinguística Variacionista.

Em 2014, Bortoni-Ricardo apresenta a distinção feita por Fasold em 1972, com a publicação dos artigos “The Sociolinguistics of Society” (A Sociolinguística da Sociedade) e The Sociolinguistics of Language (A Sociolinguística da Linguagem). O pesquisador insere no primeiro volume temas como multilinguismo, bilinguismo, diglossia, atitudes linguísticas, manutenção e mudança linguística, standardização da língua vernácula, provando que, ao nível macro, podem estar associadas também questões qualitativas.

Ademais, os postulados de Fasold mostram que as vertentes não se obstam, antes se completam e se amalgamam, como bem reflete Severo (2007, p. 3):

Deve-se atentar, porém, que, apesar dessas instâncias de estudo da linguagem oscilarem de um nível macro para um nível micro de análise, é comum encontrar nas pesquisas sociolinguísticas variacionistas uma abordagem que reúne ambos os níveis, como mostram, por exemplo, os estudos de Labov (1972) na comunidade de Martha’s Vineyard, em que a identidade local dos falantes nativos da ilha mostrou-se fortemente atuante na manutenção do uso de certas variantes próprias daquele local.

E dentro de questões micro ou macro, os estudos vão sendo direcionados conforme as necessidades apontadas pela comunidade. Nesse sentido, as investigações sociolinguísticas voltaram-se para questões de ensino/aprendizagem, gerando uma nova ramificação em sua gama de possibilidades analíticas. É sobre isso que trata o tópico seguinte.

2.2.2.1 Sociolinguística educacional

Ânsia assim e anfa, e poder de entender demais, nunca achei quem outro. O que ele queria era botar na cabeça, duma vez, o que os livros dão e não.
(Guimarães Rosa)

Questionando o etnocentrismo existente nas explicações relativas à causa do fracasso escolar de alunos das classes menos favorecidas ou alunos trabalhadores — *déficit* genético e *déficit* cultural (SOARES, 2002) —, Labov (2008) contrasta a variedade praticada pelas minorias e a variedade prestigiada socialmente, e os resultados levam-no a comprovar a variabilidade da língua e a demonstrar a influência desse fator no aprendizado, corroborando investigações realizadas por antropólogos no âmbito da escola, as quais identificaram problemas externos ao indivíduo, por exemplo, a comunicação entre professores e alunos como possíveis causas do fracasso escolar.

Consoante Labov (2008), tais problemas seriam solucionados mediante um entendimento mútuo, por meio de um ensino bidialetal, cuja metodologia partiria da própria variedade dialetal dos discentes, sendo inserido, paulatinamente, o ensino da variedade padrão, já que os professores não dominavam a variedade praticada pelos alunos das classes minoritárias, da mesma forma que os alunos não entendiam o dialeto docente.

Não obstante tal proposta não lograr êxito, as críticas à Sociolinguística Educacional aumentaram consideravelmente.

Em meio a essa conturbação, Erickson (1987) insere nos estudos linguísticos o conceito de *culturally responsive pedagogy*¹³, propondo serem levadas em conta a variedade e a cultura dos alunos no ensino de língua materna, o que vai ao encontro dos pressupostos sociolinguísticos.

Dessa maneira, compreendendo a especificidade da Sociolinguística para o aperfeiçoamento dos processos de ensino, Bortoni-Ricardo (2005, p. 130) sintetiza:

É uma falácia acreditar que, com uma gramática de cunho variacionista, ensino e a aprendizagem de língua vão automaticamente melhorar. O que é preciso, de fato, é contribuir para o desenvolvimento de uma pedagogia sensível às diferenças sociolinguísticas e culturais dos alunos e isto requer uma mudança de postura da escola — de professores e alunos — e da sociedade em geral. Para tal mudança de postura, todavia, a descrição de regras variáveis é uma etapa preliminar e importante.

Diante disso e levando em consideração o objetivo de “construir novas metodologias que auxiliem professores a desenvolver em seus alunos as habilidades cognitivas necessárias a uma aprendizagem mais ampla, à expansão de sua competência comunicativa e à capacidade de desenvolver tarefas escolares cotidianas” (BORTONI-RICARDO; FREITAS, 2009, p. 278), Bortoni-Ricardo (2005) propõe seis princípios fundamentais para a implantação de uma efetiva Sociolinguística Educacional, de modo a determinar mudanças efetivas na cultura do ensino brasileiro.

Como primeiro princípio, orienta para a necessidade de a escola focar nos estilos formais do vernáculo dos alunos para promover o ensino da língua materna, uma vez que é no campo da linguagem monitorada que a influência das ações de planejamento linguístico surte efeito.

No segundo princípio, a autora refere-se ao caráter sociossimbólico das regras variáveis, cuja avaliação interfere no processo educativo, porquanto regras que não

¹³ Traduzido por Bortoni-Ricardo (2005) como “uma pedagogia culturalmente sensível”.

apresentam cunho negativo não são objeto de correção em sala de aula, ao passo que usos estigmatizados, como “eu vi ela”, sofrem maior pressão na escola e pela sociedade.

O terceiro princípio trata da inserção da variação linguística na matriz social, por meio da aplicação da pedagogia culturalmente sensível referida anteriormente, de modo que as ações do professor ratifiquem no aluno o estatuto de falante legítimo, favorecendo o uso alternado entre a variedade de origem e a norma-padrão, uma vez que tal estratégia facilita o ajuste do aluno à cultura escolar, além de favorecer a aquisição dos estilos monitorados da língua.

Instituir a dicotomia entre letramento e oralidade, abnegando a comumente realizada entre português culto e não culto, é o mote do quarto princípio. Por meio dessa instituição, o aluno poderá perceber e usar a língua como dois momentos distintos: um para o dia-a-dia social e familiar; outro para o trato com desconhecidos, em que formalidade é exigida.

No quinto princípio, aborda-se a importância da associação entre a descrição da variação e a investigação etnográfica e interpretativa de seu uso em sala de aula, consoante importar a análise meticulosa da interação, na qual se avalia o significado assumido pela variação.

Por fim, o sexto princípio orienta para a importância da conscientização crítica dos professores e alunos em relação à variação e à desigualdade social por ela refletida, por meio de um diálogo efetivo entre linguistas e professores, de modo a promover, no docente, a prática da reflexão e análise crítica de suas ações.

Necessário se faz que o professor repense seu método de ensino, de modo a colocar em prática tais princípios. Não obstante, urge uma mudança de cultura e comportamento do ensino de português como língua materna, de modo a proceder a prática escolar com base nesses princípios.

Não se trata de um novo método de ensino, de uma nova categoria, de um novo objeto de ensino. Toda essa discussão trata de mudança de concepções, de hábitos. Repensar o ensino, deixando de focar apenas naquilo que se vai ensinar, importando mais o como se vai ensinar e onde se quer chegar com tal processo de ensino/aprendizagem.

Esse viés dos estudos linguísticos concebe a escola como uma instituição que respeita o aluno e a variedade que lhe é identitária, instrumentando-o para ampliar o seu repertório linguístico por meio do conhecimento de outras variedades, mas nunca pela substituição de uma pela outra.

Há uma realidade da qual todos nós fazemos parte, que julga e condena de acordo com usos linguísticos e traz em seu bojo os “fiscais da língua” a ditarem o certo e errado, perpetuando o preconceito e impetrando a discriminação linguística.

Diante disso, a Sociolinguística Educacional tem encontrado nos estudos do Letramento um caminho para a efetivação de seu papel social, ou seja, conscientizar o aluno da necessidade de adequar sua expressão linguística em momentos cuja interação pede uma fala monitorada. Ao se apoderar da escrita e das normas regentes de seus processos, o aluno transfere esse conhecimento para a fala, já que tem consciência da existência de normas adequadas aos diferentes contextos de seus atos de interação.

O conceito de Letramento e sua relação com a abordagem da variação em sala de aula são apresentados e discutidos no próximo item.

2.2.3 Letramento

*Foi o primeiro desses que encontrei, de romance,
porque antes eu só tinha conhecido livros de estudo.
Nele achei outras verdades, muito extraordinárias.
(Guimarães Rosa)*

Na epígrafe, um dos tipos de letramento é destacado: o letramento adquirido por meio dos livros, o letramento literário. Entretanto, as perspectivas dos novos estudos de letramentos – no plural – compreendem-nos como múltiplos e historicamente situados.

Os estudos sobre o Letramento tomaram maior dimensão em minha trajetória a partir da inserção no Projeto Pontes, coordenado pela professora Stella Maris Bortoni-Ricardo, desenvolvido na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Tendo o propósito de construir “pontes” entre o produto da pesquisa sistemática da Sociolinguística Educacional e a formação de professores, o projeto investiga o processo de familiarização de professores em formação inicial ou continuada com os estudos de Sociolinguística de viés educacional, de modo a promover o empoderamento desses profissionais.

Transpor as barreiras que separam o saber acadêmico do trabalho pedagógico é a intenção do Projeto. Na busca por estabelecer ligações entre a pesquisa e a prática efetiva, pretende habilitar os professores a abordarem adequadamente a variação linguística em sala de aula, bem como a agirem no sentido de favorecer aos alunos a apropriação de requisitos

próprios da cultura letrada. Visa propiciar meios de os educadores estenderem esses meios aos seus alunos, tornando-os sujeitos letrados.

Como se vê em Bortoni-Ricardo e Machado (2013), os procedimentos pedagógicos para o ensino de língua materna, da maneira como vêm se efetivando, não favorecem o Letramento, pois enfatizam o ensino da gramática normativa *per se*. Com isso, a variação linguística é apagada, a dinamicidade da língua é camuflada e o acesso ao conhecimento é prejudicado, atos que, juntos ou separadamente, impedem a progressão dos alunos e o acesso à cultura letrada. O resultado do ensino atual é observado na mínima porcentagem de indivíduos capazes de transitar seguramente entre os domínios sociais.

Uma prova disso está nos resultados do PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), exame que avalia os alunos em sua capacidade de envolver-se de uma forma geral com textos escritos, compreendendo-os, utilizando-os e refletindo sobre eles.

Em relação ao anterior (2009), os resultados de 2012 apresentaram piora. Quase metade (49,2%) dos alunos brasileiros não é capaz de deduzir informações do texto, de estabelecer relações entre suas diferentes partes e de compreender nuances da linguagem.

O país somou 410 pontos em leitura, dois a menos que a pontuação de 2009 e 86 pontos abaixo da média dos países da OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico), o que nos coloca em 55ª lugar do ranking de leitura. Em relação ao letramento, encontramos-nos em posição inferior à de países como Chile, Uruguai, Romênia e Tailândia¹⁴.

O termo Letramento, originado do vocábulo inglês *literacy*, foi utilizado pela primeira vez no Brasil por Mary Kato, em 1986, como o domínio da escrita na variedade culta da língua.

Para Soares (2004, p. 18), trata-se do “o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”.

Kato (1986, p. 7), considerando letrado aquele que domina a variedade culta da língua, enfatiza:

¹⁴ Conforme “Relatório Nacional PISA 2012 Resultados Brasileiros”. Disponível no Portal do INEP, em http://download.inep.gov.br/acoes_internacionais/pisa/resultados/2014/relatorio_nacional_pisa_2012_resultados_brasileiros.pdf

A função da escola, na área da linguagem, é introduzir a criança no mundo da escrita, tornando-a um cidadão funcionalmente letrado, isto é, um sujeito capaz de fazer uso da linguagem escrita para sua necessidade individual de crescer cognitivamente e para atender às várias demandas de uma sociedade que prestigia esse tipo de linguagem como um dos instrumentos de comunicação. Acredito ainda que a chamada norma-padrão, ou língua falada culta, é consequência do letramento, motivo por que, indiretamente, é função da escola desenvolver no aluno o domínio da linguagem falada institucionalmente aceita.

Essa noção de Kato de cidadão funcionalmente letrado tem ligação estreita com os modelos mentalizados por esse cidadão da realidade que o cerca, uma vez que ser letrado funciona como um diferencial para interagir numa cultura em que o letramento dominante é prestigiado, já que ele deve obter competência para assim agir.

Tratando de competência, chegamos ao conceito proposto por Hymes (1966-1972), de competência comunicativa. Vemos, em Bortoni-Ricardo (2014), que tal conceito é derivado da noção de aceitabilidade proposta por Goodenough (1957, p. 36), para quem a cultura “is not a material phenomenon; it does not consist of things, people, behavior, or emotions¹⁵” mas, sim o conjunto de coisas que as pessoas precisam conhecer e acreditar para interagir em sociedade.

Ou seja, ser letrado relaciona-se àquilo que a sociedade julga aceitável, significa dominar a linguagem institucionalmente aceita, a variedade linguística eleita por grupos dominantes como a mais correta, cuja preferência não é eventual, mas, dependente de fatores sócio-históricos.

Bortoni-Ricardo e Oliveira (2013, p. 53), nesse sentido, concluem que “em cada situação, em cada evento ou ato de fala, os interagentes têm expectativas culturalmente definidas sobre o que falar e como falar, o que aprofunda a responsabilidade da escola ao trabalhar com a pedagogia linguística.”

Tfouni (1988), ao contrário de Kato, centraliza o letramento nas práticas sociais de leitura e escrita e nas mudanças que podem ser sentidas em uma sociedade cujo letramento é atingido por essas práticas.

Dessa maneira, a autora distingue letramento e alfabetização ao situar aquele na esfera do social, enquanto esta se aloca no âmbito individual. Para a autora (1988, p. 9), letrar “tem como objetivo investigar não só quem é alfabetizado, mas também quem não é alfabetizado e, neste sentido, desliga-se de verificar o individual e centraliza-se no social mais amplo”.

¹⁵ Não é um fenômeno material; não consiste de coisas, pessoas, comportamento ou emoções (tradução minha)

Kleiman (1995), após comentar a complexidade em definir o termo, esclarece que o conceito dependerá do pesquisador, já que, em estudos voltados para a comparação da capacidade reflexiva linguística de sujeitos alfabetizados e não alfabetizados, ser letrado pode tanto significar o domínio da metalinguagem da língua como ser capaz de agir em práticas sociais cotidianas.

Para fins metodológicos, em publicação de 1995, Kleiman define Letramento como “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistemas simbólicos e como tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos” (KLEIMAN, 1995, p.18-19).

Caracterizando essas práticas e correlacionando-as ao sucesso ou fracasso escolar, por exemplo, letramento “significa uma prática discursiva de determinado grupo social, que está correlacionada ao papel da escrita para tornar significativa essa interação oral, mas que não envolve, necessariamente, as atividades específicas de ler ou de escrever” (KLEIMAN, 1995, p. 18).

Ou seja, o letramento é um conjunto de práticas relacionadas ao uso, à função e ao impacto social da escrita, utilizando esta como sistema simbólico em contextos específicos, para determinados objetivos.

Mediante tal concepção, mesmo indivíduos sem contato com a educação formal e sem dominarem o código escrito podem ser considerados letrados, desde que usem a escrita em suas interações no contexto social. Em nova publicação, em 1998, apresenta o letramento “[...] como as práticas e eventos relacionados com uso, função e impacto social da escrita” (KLEIMAN, 1998, p.181).

Rojo (2009) apresenta três práticas sociais envolvendo sistemas de signos: a alfabetização, o alfabetismo e o letramento. Por alfabetização, entende a “ação de alfabetizar, de ensinar a ler e a escrever, que leva o aprendiz a conhecer o alfabeto, a mecânica da escrita/leitura, a se tornar alfabetizado” (ROJO, 2009, p. 10-11, grifos da autora). Em relação ao alfabetismo, a autora reflete:

Já *alfabetismo* é um conceito bastante complexo, sócio-historicamente determinado. Complexo, em primeiro lugar, porque envolve tanto as capacidades de leitura como as de escrita. Em segundo lugar, essas capacidades são múltiplas e variadas. Para ler não basta conhecer o alfabeto e decodificar letras em sons da fala. É preciso compreender o que se lê, isto é, acionar o conhecimento de mundo para relacioná-lo com os temas do texto [...], interpretar, criticar, dialogar com o texto [...] Além disso, o que se define como *alfabetismo* muda de uma época para outra, porque essas definições refletem as mudanças sociais

Esse conceito de alfabetismo proposto pela autora pode ser considerado similar ao que outros autores veem como letramento. Entretanto, ao aludir a situações em que há práticas de letramento, como uma aula, uso do caixa eletrônico, bilhete ou uma letra de *rap*, Rojo (2009, p. 11) diferencia ambos os conceitos, esclarecendo ser o letramento uma busca por “recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam elas valorizadas ou não valorizadas, locais ou globais, recobrando contextos sociais diversos [...], numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural”.

Explicando esse conceito, Rojo (2009) considera as práticas sociais de letramento exercidas em todos os contextos passíveis de serem alcançados pelos indivíduos, como responsáveis pela construção dos índices de alfabetismo e de desenvolvimento de leitura e escrita. Dessa maneira, não concede exclusividade às práticas escolares, uma vez que indivíduos analfabetos também participam de práticas de letramento.

Tal entendimento pode ter sido orientado por postulados que têm origem na década de 1980 e são consolidados nos anos 1990: *The New Literacy Studies* (Novos Estudos do Letramento), definidos por Street (2003, p.77) como um campo de pesquisa que

represents a new tradition in considering the nature of literacy, focusing not so much on acquisition of skills, as in dominant approaches, but rather on what it means to think of literacy as a social practice (Street, 1985). This entails the recognition of multiple literacies, varying according to time and space, but also contested in relations of power. NLS, then, takes nothing for granted with respect to literacy and the social practices with which it becomes associated, problematizing what counts as literacy at any time and place and asking "whose literacies" are dominant and whose are marginalized or resistant.¹⁶

Em Kleiman (1995), vemos que as práticas de letramento na escola escoram em um modelo parcial e equivocado, corroborando a concepção de Street (1984). Segundo o autor, essa concepção, que prevê apenas uma maneira de desenvolver o letramento e, por isso chamada de modelo autônomo, é a que prevalece em nossa sociedade.

Contraopondo-se a esse modelo, Kleiman (1995) apresenta o modelo ideológico, igualmente proposto por Street, proposta que concebe “letramentos”, no plural, como práticas

¹⁶ Representa uma nova visão da natureza do letramento que escolhe deslocar o foco dado à aquisição de habilidades, como é feito pelas abordagens tradicionais, para se concentrar no sentido de pensar o letramento como uma prática social. Isso implica o reconhecimento de múltiplos letramentos, variando no tempo e no espaço, e as relações de poder que configuram tais práticas. Os NLS, portanto, não tomam nada como definitivo no que diz respeito ao letramento e às práticas sociais a ele relacionadas, preferindo, ao contrário, problematizar o que conta como letramento em um espaço e tempo específicos e questionar quais letramentos são dominantes e quais são marginalizados ou resistentes (tradução minha).

social e culturalmente determinadas e, como tais, pressupõem uma interface entre práticas orais e letradas.

Kleiman (1995) alerta para as mudanças por que passam as práticas de letramento conforme o contexto. O letramento é construído por meio de práticas sociais diversas permeadas de eventos de letramento, “situações em que a escrita constitui parte essencial para fazer sentido da situação, tanto em relação à interação entre os participantes como em relação aos processos e estratégias interpretativas” (KLEIMAN, 1995, p. 40), eventos esses que se personificam nos relacionamentos diários de cada indivíduo, realizados em suas redes de interação social.

São diversas as práticas de letramento, coroadas de eventos letrados, dentro das redes de interação, nas quais os adolescentes se engajam no seu dia a dia, como mensagens no celular, *sites* da internet, redes sociais, cursos extracurriculares, blogues, lista de compras, currículos, entre uma lista imensa de outros.

Dessa maneira, redes que envolvem possibilidade maior de eventos de letramento podem influenciar a conformação da fala em favor da norma urbana, em especial de adolescentes, dada a abertura para o novo, ao passo que as redes cuja orientação se volte para eventos não letrados podem favorecer a manutenção do falar rural.

Todos os adolescentes investigados têm em comum a integração à rede escolar. Como já mencionado, a escola é tida como a agência de letramento por excelência, mesmo que, consoante Kleiman (1995), preocupe-se apenas com um tipo de prática de letramento, a alfabetização.

Dessa maneira, é possível supor que todos os informantes aqui analisados tenham relativa autonomia no uso da língua, no que se refere a ler, escrever e interpretar textos ou usar a oralidade letrada, uma vez que todos têm na escola o acesso a eventos e práticas de letramento que favorecem esse alcance.

Nesse sentido, importa analisar o grau de eventos de letramento de outras redes em que se inserem e qual o peso dessas redes para a mudança ou a manutenção linguística, mas, antes, convém especificar melhor qual o tipo de letramento analisado.

Algumas agências de letramento, como a escola, a universidade, a igreja, o local de trabalho, entre outros, podem favorecer ou não o acesso ao letramento dominante ou de prestígio, entretanto, fora desses espaços, há eventos com diferentes sentidos e distintas maneiras de engajar os sujeitos ou grupos sociais, por meio de formas alternativas de letramento.

Dentro dessa verificação, vale observar alguns conceitos-chave, como variação, mudança e manutenção linguística, sobre quais passo a discutir no item seguinte.

2.2.4 Variação, Mudança e Manutenção Linguística

Afinal, se uma língua tem de ser estruturada, a fim de funcionar eficientemente, como é que as pessoas continuam a falar enquanto a língua muda?
(William Labov)

Se a Dialetoлогия encontra respaldo divino, também a variação pode corroborar feitos celestiais. No livro bíblico *Ato dos Apóstolos*, narra-se uma festa cristã para celebração da colheita, na qual línguas de fogo desceram dos céus, representação simbólica do Espírito Santo, e pousaram sobre os apóstolos, tornando-os aptos, com isso, a falarem as diferentes línguas dos povos diversos reunidos em Jerusalém para aquela festividade. Dessa maneira, ao contrário do castigo simbolizado pela Torre de Babel, bem lembrado por Camacho (2010), a intervenção divina marca a capacidade de entendimento dentro da diferença, a possibilidade de interagir com o outro, mesmo havendo raças, condições sociais, idades e povos diferentes.

Ainda que constitutiva das línguas e respaldada pela santidade, a variação não é de todo aceita, em especial pelo senso comum, sendo execrada como um pecado ou um veneno letal.

Em relação a isso, Camacho (2010, p. 141) pondera:

A universalidade e a ubiquidade da variação deveriam sugerir que sua existência é motivada pela satisfação de algum tipo de necessidade humana. Paradoxalmente, entretanto, a espécie humana nega a existência da variação e onde quer que ela ocorra faz o maior esforço para reduzir seus efeitos, como se exorcizasse uma criatura indesejável, como se reconhecer sua existência equivalesse a reconhecer uma culpa que merece expiação.

Por sua vez, Castilho (2010, p. 197) certifica: “As línguas são constitutivamente heterogêneas [...]”, assim sendo, a variação é um fato.

De sua parte, Calvet (2007) afirma a característica evolutiva mutável das línguas, em que a mudança pode ser vista em progresso, num mesmo momento sincrônico, tendo a variação geracional a capacidade de ser indício de mudança. Isso vem completar o pensamento de Camacho (1988), o qual credita essa característica também aos graus de contato entre os indivíduos integrantes da comunidade universal.

Ou seja, é possível perfeitamente o uso de um vocábulo, uma expressão ou uma estrutura em lugar de outra, sem alteração semântica, sem que os sentidos sejam modificados. Destarte, a variação linguística é possível.

A palavra menino pode ser pronunciada, no português do Brasil, como [mɛninu], [mininu], [menino]. Posso tanto guardar minhas canetas em um estojo, como em um penal. É possível expressar-se formal ou informalmente, seguindo rigidamente as regras gramaticais ou utilizando uma variedade popular. “Nós andamos de bicicleta” ou “Nóis anda de bicireta” têm o mesmo conteúdo semântico e a mesma capacidade comunicativa.

Definindo variação linguística como a possibilidade de usos linguísticos permutáveis, importa, também, esclarecer que ela pode acontecer relacionada a alguns fatores externos, como o local em que se produz a fala, a classe social ou a escolaridade dos falantes, o momento ou o tempo em que os atos de interação acontecem.

Alguns autores preocuparam-se em classificar e nominar a Variação Linguística de acordo com os fatores mencionados. É o caso de Coseriu (1982), Camacho (1988), Ilari e Basso (2006) e Castilho (2010)¹⁷. Para este estudo, optei pela classificação de Camacho (1988), o qual organiza a Variação em Variação Histórica ou Diacrônica, Geográfica ou Espacial, Social e Estilística.

Variação Histórica ou Diacrônica refere-se às mudanças linguísticas resultantes da evolução histórica, desde que seja possível reconhecer, consoante Camacho (1988, p. 30), dois estados sucessivos na língua, em que “duas variantes diacrônicas, a substituta e a substituída” coexistam ao mesmo tempo, até que uma caia desuso e a outra passe a acontecer de maneira única.

A Variação Geográfica ou Espacial é a mais perceptível. Embora não dificulte a intercompreensão, como já dito, a simples apresentação a um desconhecido já nos oferece meios para identificar sua origem. Usou um “tu”, carregou no “erre”, nos “esses” ou alçou uma vogal e já podemos situá-lo em alguma região do Brasil ou identificá-lo como estrangeiro, pois se trata dos diferentes modos de falar relacionados à região. Camacho (1988, p. 29) assegura que “sem sair das fronteiras políticas brasileiras, é possível também identificar um nordestino e distingui-lo de um paulista pelo seu modo característico de falar”.

A Variação Social, “resultado da tendência para maior semelhança entre os atos verbais dos membros de um mesmo setor sociocultural da sociedade” (CAMACHO, 1988, p.

¹⁷Coseriu classifica a variação em diacrônica, diatópica, diastrática e diafásica; Ilari e Basso, em diacrônica, diatópica, diafásica e diamésica; por fim, Castilho classifica em geográfica, sociocultural, individual, temática e de canal.

32), relaciona-se às diferenças de ordem socioeconômica, sociocultural e sociobiológica, por conseguinte, traz em seu bojo o estigma e o preconceito.

A capacidade verbal de cada membro de uma comunidade linguística homogênea do ponto de vista geográfico é, com efeito, adquirida num meio — o ambiente familiar e, num sentido mais geral, a classe social — caracterizado por normas de conduta e padrões culturais e, portanto, linguísticos, diferentes aos de outros membros pertencentes a um setor distinto.

Já a Variação Estilística relaciona-se ao registro, ao papel social desempenhado no momento da interação linguística. Como bem apregoa Camacho (1988, p. 33),

Efetivamente, não há falante de região e meio social homogêneos que fale sempre da mesma forma. Numa comunidade linguística em que todos os membros tenham nascido e vivido no mesmo local e no mesmo âmbito social, a simples observação de sua atividade revela diferenças notáveis de estilo, de acordo com a variação das circunstâncias em que o ato se produz.

Sabendo que toda mudança implica necessariamente a variação, ao passo que nem toda variação acarreta em mudança, já que a mudança é gradual, imbricada em um período necessário de variação, algumas questões fazem-se pertinentes. Que fatos ocasionam a determinada variante “vencer a luta” com outra e se tornar estável, a ponto de estabelecer a mudança? Por que as línguas mudam? O que compreende a mudança?

Silva-Corvalán (1989) alerta para a variabilidade de escolas linguísticas que podem responder a tais perguntas: neogramática, estruturalista e sociolinguista, e Mattos e Silva (2006) acrescenta ser possível perceber a mudança em seu sentido estrito e lato. Estritamente analisados, orientam-se pela Linguística Histórica e Diacrônica; no sentido lato, a orientação se dará pelo viés da Dialetoлогия, da Sociolinguística Variacionista, da Etnolinguística e mesmo da teoria da conversação, quando utilizar *corpora*.

Interessa-me, nesta pesquisa, a visão sociolinguística, por meio da qual Weinreich, Labov e Harzog (2011) sugerem como início da mudança a generalização de determinada variante em um subgrupo de uma comunidade, de modo a conquistar certa direção até adquirir significação social. Para os autores, a mudança estará concretizada quando tal variante se converter em elemento linguístico categórico no cerne daquela comunidade de fala.

Em Silva-Corvalán (1989, p. 164), conhecemos a importância das reações subjetivas dos usuários da língua, uma vez que

En las etapas finales de un cambio, las reacciones subjetivas hacia el rasgo innovador tienden a ser altamente positivas, tanto en la evaluación del habla de otros hablantes como de la propia; es decir, la variante que está en vías de imponerse se considera un rasgo de prestigio o al menos no estigmatizado. La actitud opuesta podría conducir a un cambio desde arriba y a un proceso regresivo de supresión de la variante estigmatizada.¹⁸

Labov (2008) acredita que, na explicação da mudança linguística, três problemas estão envolvidos: a origem da variação, a difusão e propagação, e a regularidade da mudança linguística. Também esclarece haver um ponto de partida para tal tripartição: a variação em um ou mais termos na expressão oral de um ou mais falantes, cuja indução pode ocorrer por assimilação ou dissimilação, analogia, empréstimo, fusão, contaminação, variação aleatória ou outros processos em que haja interação entre o sistema linguístico e as características fisiológicas ou psicológicas dos usuários da língua. Dentre essas possíveis variantes, umas se extinguem rapidamente, ao passo que outras são recorrentes, até o ponto de serem imitadas, difundindo-se e contrastando com formas antigas, para, em outra etapa, sobrepujarem-se as antigas, alcançando a regularidade e o uso constante pelos falantes.

O pesquisador (2008) observa a precariedade de explicações relacionadas à propagação e à regularidade da mudança, contrastando com o grande número de fatos que tratam de sua origem, mas afiança a importância do tempo e do lugar para as alterações na língua, uma vez que “nenhuma mudança acontece num vácuo social” (LABOV, 2008, p. 20), já que a vida social de uma comunidade, para o autor, é primordial para o entendimento da mudança linguística.

Dessa maneira, estabelece a observação de duas gerações de falantes com características sociolinguísticas idênticas, como o meio mais fácil para detectar a mudança linguística.

Outro fator importante está na manutenção linguística. Silva Neto (1976) concede ao contato a responsabilidade pelo desenvolvimento e pela evolução das sociedades, por ele ser repleto de visões de mundo, ideias e atitudes díspares, sendo, assim, o responsável pela mudança cultural e linguística. Em contrapartida, assevera que “o isolamento condiciona um tipo arcaico da vida e, conseqüentemente, uma linguagem mais conservadora” (SILVA NETO, 1976, p.186).

¹⁸ Nos estágios finais de uma mudança, as reações subjetivas ao recurso inovador tendem a ser altamente positivas, tanto na avaliação da fala de outros oradores como de sua própria; isto é, a variante que está em vias de se impor é considerada de prestígio ou, pelo menos, não estigmatizada. A atitude oposta poderia conduzir a uma mudança a partir de cima e a um processo regressivo de supressão variante estigmatizada. (tradução minha)

Labov (1994) corrobora tal pensamento ao ressaltar a importância do contato, pois, quanto maior for a frequência relacional entre os falantes, maior será a expansão da mudança. Consoante tal assertiva, é possível entender o distanciamento entre falantes de repertórios linguísticos diferenciados como fator de inibição da variação, restringindo-a a determinada comunidade de fala, favorecendo a manutenção linguística.

Em se tratando da questão da difusão ou manutenção/focalização linguística, o papel das Redes Sociais de interação, tema da próxima seção, é crucial.

2.2.5 Redes Sociais de interação

Diga-me com quem andas e direi quem és.
(Ditado Popular)

A existência social de um indivíduo, geralmente, é dinâmica. De um adolescente padrão, é, mais que isso, vivaz e intensa.

Conquanto os relacionamentos locais sejam mais frequentes e o conhecimento entre membros de uma mesma comunidade de fala seja mútuo, as pessoas movem-se, aderem a diferentes movimentos, engajam-se a variados empreendimentos, inserem-se em outros grupos, adentram outras sociedades nas quais as relações identitárias têm lugar. Ou seja, há um sensível e tenaz vínculo entre as relações sociais e variação e mudança linguística.

Há três conceitos-chave em Sociolinguística, no âmbito questão interação-variação-mudança: comunidades de fala, redes sociais de interação e comunidades de prática, mas todos abarcam a interação.

Os trabalhos com base na Sociolinguística Variacionista estruturaram-se a partir do conceito de comunidade de fala proposto por Labov¹⁹. Por esse viés, o que torna diferente a expressão oral de uma classe ou de outra é a frequência de uso de determinada variante estigmatizada durante processos linguísticos não monitorados, o que concerne entender que os integrantes de uma mesma comunidade de fala, não importando sua classe social, utilizariam com a mesma frequência um uso estigmatizado. Cabe aqui ressaltar que tal conceito é bastante questionável.

Como tais normas seriam avaliadas valorativa e conscientemente pelos usuários da língua, a percepção de Labov leva-nos a conceber Nova Iorque como uma única comunidade de fala, como explica Milroy (1987, p. 13) “Todos os falantes de Nova Iorque, do mais alto ao

¹⁹ “a comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas” (LABOV, 2008, p. 150).

mais baixo *status*, são vistos como constituindo uma única comunidade de fala porque, por exemplo, eles concordam ao considerar como prestigiosa a presença do [r] pós-vocálico²⁰” (MILROY, 1987, p. 13, tradução minha).

Mediante isso, Severo (2007, p. 10) destaca que Labov “ao priorizar a noção uniforme e ampla de um grupo de indivíduos que compartilham normas sobre a língua, ignora as diferenças individuais”. Milroy (1987) igualmente critica a pressuposta unidade laboviana, pois entende que, em vez de compartilhar da mesma variante, a classe social menos favorecida sofre a imposição dos valores do grupo dominante, representante da classe privilegiada.

Gumperz (1972), relativizando a generalização feita por Labov, concebe comunidade de fala como qualquer conjunto humano que se caracteriza por interagir regular e frequentemente por intermédio de um corpo compartilhado de signos verbais, diferenciado de conjuntos parecidos por meio de diferenças significativas de uso linguístico.

Ou seja, divergindo de Labov, prioriza os usos linguísticos compartilhados por indivíduos que mantêm certa frequência de interações, já que, como afiança Severo (2007, p. 4), “aciona outros aspectos, como as interações face a face, as semelhanças linguísticas e a lealdade linguística para definir a comunidade de fala”.

Tendo essa perspectiva voltada para as interações sociais, os estudos posteriores de Gumperz levaram-no a definir comunidade de fala como uma coletividade de encadeamentos sociais. Dessa maneira, aproxima-se da concepção adotada em estudos cuja metodologia visa clarificar o vínculo existente entre padrões sociolinguísticos gerais e práticas locais, como os realizados por Milroy (1987).

As pesquisas de Milroy (1987) propõem uma nova conceituação para a comunidade de fala, alicerçada pelas interações sociais entre pessoas e as conexões estabelecidas nessas interações, visto que, vivendo em sociedade, os indivíduos comumente adotam condutas paritárias às dos integrantes de seus grupos de interação, incluindo aí o comportamento linguístico. A pesquisadora usa, portanto, o conceito de Redes Sociais.

A noção de comunidade de prática, proposto por Eckert (2000), alude às relações interindividuais dinâmicas e complexas, mas que são, concomitantemente, homogêneas e estáticas, de constituição de identidades.

Eckert (2000, p. 35) define comunidade de prática como um ajuntamento de pessoas cujo objetivo é o mesmo, interferindo na identidade pessoal, uma vez que “unidas por esse

²⁰ All New York speakers from the highest to lowest status are said to constitute a single speech community because, for example, they agree in viewing presence of postvocalic [r] as prestigious.

empreendimento comum, as pessoas passam a desenvolver formas de fazer as coisas, formas de falar, crenças, valores — resumindo, práticas —, como uma função do engajamento mútuo deles na atividade”.

Interessa-me, neste trabalho, a noção de Redes Sociais, conforme modelo proposto por Milroy (1987).

2.2.5.1 O conceito de redes

*João amava Teresa que amava Raimundo
que amava Maria que amava Joaquim que amava Lili
que não amava ninguém.
João foi para os Estados Unidos, Teresa para o convento,
Raimundo morreu de desastre, Maria ficou para tia,
Joaquim suicidou-se e Lili casou com J. Pinto Fernandes
que não tinha entrado na história.
 (“Quadrilha”, de Carlos Drummond de Andrade)*

As pessoas se frequentam cotidianamente, daí estabelecem contatos, interações concretas que se efetuam e se constituem por meio de redes de interação. Inicialmente base de estudos antropológicos, a sistematização desse conjunto de vínculos estabelecidos entre as pessoas chega à Sociolinguística pelas mãos e pelo estudo de Lesley Milroy.

Entretanto, ainda que mais focado em estudos quantitativos e tendo a visão de comunidade de fala mais fechada, como mencionei anteriormente, mesmo Labov operou com a noção de redes sociais. Um estudo realizado na Filadélfia, com o intuito de identificar os líderes da mudança linguística, levou o pesquisador a reconhecer a importância dos vínculos sociais, quando percebeu que a explicação de certos fenômenos de mudança dependia mais da história e das relações do indivíduo do que própria e unicamente do indivíduo.

Estudos das Redes Sociais de interação, termo traduzido do inglês *Social Networks*, apresentam uma abordagem complementar sobre as questões da variação e da mudança linguística, visto que as concebem como resultado da interação entre falantes inseridos em determinados contextos sociais e situacionais, fatores essenciais que não podem ser descartados na medição e mensuração da variação/mudança, bem como secundarizam a importância de variáveis linguísticas e sociais descontextualizadas, favorecendo a aproximação das análises à dimensão do cotidiano, fugindo, com isso, de generalizações universais.

Além disso, quando aplicadas ao estudo da linguagem, servem como auxiliares para o esclarecimento dos mecanismos sociais cotidianos favoráveis à manutenção ou mudança da

expressão linguística de indivíduos, pois visam explicar por que sujeitos com características tão próximas, como é o caso dos alunos pesquisados neste trabalho — ou seja, mesma idade, escolaridade, estrato social e história de vida aproximados, entre outros fatores — apresentam diferenças tão marcantes em sua expressão oral.

Severo (2007, p. 5) esclarece que

A noção de redes sociais foi desenvolvida por antropólogos sociais durante os anos 1960 e 1970, tendo sido importada para os estudos sobre a variação/mudança com a finalidade de explicar a relação entre os padrões da manutenção do vernáculo e os padrões de mudança linguística, no decorrer no tempo.

Dentro disso e como já mencionado, foram as investigações empreendidas por Milroy (1987), rastreando os grupos de interação aos quais os indivíduos em suas comunidades decidiram pertencer, em três comunidades proletárias da cidade de Belfast, na Irlanda, os marcos introdutórios dos estudos das Redes Sociais de interação, bem como os elementos conjuntivos dessa metodologia aos estudos da Sociolinguística.

Bortoni-Ricardo (2011, p. 15) define Redes Sociais de interação como “um conjunto de vínculos de todos os tipos entre os indivíduos em um grupo”. Na visão de Severo (2007), são meios de averiguação dos mecanismos presentes nas comunidades que facilitam ou dificultam a mudança, os quais também servem para analisar o modo como os indivíduos usam os recursos da variabilidade linguística que lhes são disponíveis.

Essas redes representam os graus de contato entre indivíduos que se relacionam cotidianamente de acordo com propriedades como *density* (densidade), relacionada à estrutura da rede, e *multiplexity* (multiplexidade), condizente com o conteúdo da rede.

Em Milroy (1987, p. 50), lemos que “uma rede é considerada relativamente densa se um grande número de pessoas se liga umas às outras de diferentes formas²¹” (tradução minha). Fator de suma importância para descrever adequadamente comportamentos sociais, a densidade pode ser calculada por uma fórmula simples (Figura 1), cujo resultado expressa as totais possibilidades de ligações, mediante as aderências atuais dos indivíduos dentro de suas redes, em que Na significa as ligações atuais e N , o valor de possibilidades:

²¹ A network is said to be relatively dense if a large number of the persons to whom ego is linked are also linked to each other.

Figura 1 – Fórmula densidade

$$D = \frac{100 N_a}{N} \%$$

Fonte: Milroy (1987)

Quanto maior for o número de pessoas que se conhecem entre si internamente em um grupo, maior a densidade da rede, informa ainda Milroy (1987), pois, ao se relacionarem avidamente em sua rede, o contato com o exterior é minimizado, uma vez que cada indivíduo tem poucas possibilidades de usar suas relações para contatar pessoas e ser contatado por pessoas de fora dos limites do grupo. Em contrapartida, uma rede em que poucas pessoas se conhecem mutuamente é uma rede de tessitura frouxa, com pouca densidade.

Em relação à multiplexidade, a autora considera as características dos laços dentro das redes tão importantes quanto as próprias redes, uma vez que, mesmo estando dentro da mesma ordem, alguns laços podem ser mais influenciáveis que outros. Tal noção também pode ser calculada por uma fórmula simples (Figura 2), em que Nm representa o número de laços multiplex e N , o número de elos atuais:

Figura 2 – Fórmula multiplexidade

$$M = \frac{Nm \times 100}{N} \%$$

Fonte: Milroy (1987)

Dentro desse conceito, Milroy (1987) faz uma bipartição entre multiplexidade e uniplexidade. Um vínculo será uniplex quando um integrante da rede representar um papel apenas em relação ao outro, por exemplo, apenas patrão e empregado. O grau de complexidade aqui é baixo, já que os papéis sociais exercidos pela mesma pessoa não são diversificados, devido aos restritos domínios de atividades sociais.

Será multiplex quando assumir uma gama de papéis, ou seja, sendo patrão, pode ser também vizinho, tio, pastor, entre outros. Milroy (1987, p. 51) comenta: “o mesmo homem

pode ligar-se a uma pessoa como colega de trabalho, vizinho, parente ou em outras formas²² (tradução minha). Entre os alunos pesquisados, há casos de redes das duas tessituras, como mostrarei adiante.

Dentro desse conceito, em uma de suas investigações, Labov (2006) observou que o *status* ocupado na rede é central para a mudança, uma vez que pessoas em alto *status* em suas comunidades são as responsáveis pelas mudanças linguísticas; todavia, são os contatos dentro e fora da rede que diferenciam os líderes da mudança quando se encontram no mesmo patamar de importância dentro da rede.

Bortoni-Ricardo (2011) frisa a importância dos papéis sociais para a distinção entre rural e urbano, uma vez que, em localidades rurais, é comum o indivíduo exercer diversos papéis numa mesma comunidade de fala, o que gera uma dependência linguística entre os membros dessa comunidade, ao passo que, em localidades urbanas, os conhecidos podem ser vários, cada um com um papel bem marcado. A autora (2011, p. 94) esclarece: “enquanto o meio urbano caracteriza-se por um alto nível de densidade de relações de papéis, o ambiente em vilarejos apresenta um baixo nível desse tipo de densidade”.

Milroy e Milroy (1985) afirmam a proeminência destes fatores e reiteram a relevância da força dos laços interindividuais e da configuração da própria rede. Para os autores, há laços fortes e fracos conectando indivíduos em rede. Laços fortes, caracterizados por ligações multiplex, tendem a se concentrar em grupos particulares, pois unem indivíduos em diferentes tipos de interação, como colegas de trabalho, vizinhos, aluno/professor, cunhado/patrão, etc., ao passo que laços fracos conectam indivíduos entre grupos, e, por essa razão, propiciam a propagação da inovação.

Já nos estudos em Belfast, Milroy (1987) atenta para a configuração das redes sociais mediante laços sociais fortes ou fracos. O estabelecimento de laços fortes acontece por intermédio de vínculos rotineiros e contínuos com parentes, vizinhos e amigos, de modo que o alto nível de intimidade assegure contatos cotidianos. Laços fracos, em outra mão, decorrem de atividades várias, não intensas e sem ligas extremadas.

A autora (1987, p. 50, tradução minha) também menciona que

Clusters são segmentos ou compartimentos de redes cuja densidade é relativamente alta, já que as relações inseridas nestes clusters são mais densas do que as existentes no exterior, por serem, geralmente, de conteúdo semelhante, já que as redes pessoais da maioria das pessoas consistem em uma série de clusters em que os laços são, por exemplo, as de parentesco, ocupação, participação em grupo específico e muitos outros.²³

²² The same man may be connected to ego as co-employee, neighbour, kin and in many other capacities.

²³ Clusters are segments or compartments of networks which have relatively high density: relationships within the cluster are denser than those existing externally and may also be considered as being relationships of like content. Most people's

Por meio da definição dos laços, a pesquisadora estabelece uma seriação distintiva entre as redes, ordenando-as em redes de primeira e de segunda ordem. Entre as de primeira ordem, aloca as redes formadas pela família e por amigos; de segunda, as constituídas por pessoas cujo convívio acontece uma boa parte do tempo, sem que haja intimidade para, por exemplo, pedir conselho ou segredar algo.

O produto da soma desses laços resulta na tessitura da rede, a qual, nos aspectos estruturais estabelecidos por Milroy (1987), envolve a densidade e a multiplexidade. Essa tessitura estabelece os elos entre as redes, pois, como mostra a autora, uma rede de alta densidade possui pontos interconexos, inclusive entre de primeira e segunda ordem, ao passo que as redes de baixa densidade apresentam pontos difusos, com grande espaçamento e sem elos de coesão. Essas ligações serão mais bem explicitadas, em minha análise, com a utilização do programa Egonet, que será detalhado no capítulo 4.

Discorrendo sobre a questão, Bortoni-Ricardo (2011) fala de isolamento e integração de redes. Em seus estudos, constatou que as redes em que há um limite territorial demarcado, restrito à família e aos vizinhos, podem se isolar, ao contrário daquelas em que não há limitação territorial e os integrantes se relacionam em variados contextos sociais, cuja tendência é para a heterogeneidade e, com isso, tornam-se integradas.

Importante destacar que “relatively dense networks are generally considered to function effectively as norm enforcement mechanisms” (MILROY, 1987, p. 50), ou seja, é característica inerente a certos tipos de rede funcionar como reforço normativo.

Nesse sentido, Bortoni-Ricardo (2005, p. 85) argumenta:

Quando as redes apresentam uma “tessitura densa”, isto é, quando há um alto grau de densidade, seus membros atingem grande consenso normativo e exercem consistente pressão informal uns sobre os outros, visando à conformação das normas consensuais. Por outro lado, quando a rede apresenta “tessitura frouxa”, há maior probabilidade de variação das normas (grifos da autora).

Com isso, observa-se que há um liame entre redes de interação, conservação de variedades e assimilação da língua padrão.

Esses espaços de interação entre os indivíduos são fundamentais para a apreensão da mudança e da manutenção, pois abarcam mecanismos que podem ser tendenciosos tanto para facilitar como para dificultar a mudança linguística. Serem densas ou frouxas implica

personal networks consist of series of clusters where ties are, for example, those of kinship, occupation, specific group membership and many others.

diretamente nos costumes linguísticos, sobretudo no que concerne à manutenção e à inovação linguística.

Os alunos analisados neste trabalho podem ser inseridos dentro da mesma classe social, notadamente entre os menos favorecidos, entretanto, como bem observa Bortoni-Ricardo (2011), essa classificação não é adequada, pois não considera as diferenças de renda, ocupação, entre outras, por isso o foco em suas redes de interação, que pode trazer luz a diferenças sutis e indicar redes referenciais dos indivíduos em relação ao grau de adesão à cultura hegemônica.

Se laços fortes, inseridos em redes densas, podem reforçar o falar local e laços fracos, traços de redes frouxas, propagar mudança, a fala dos alunos do Colégio Estadual de Paiquerê em direção à norma urbana ou fixada no falar rural encontra aqui uma explicação fundamental. Dentro dessa perspectiva, as noções de difusão e focalização têm papel importante.

Le Page (1980, p. 15-16) estabelece que

Envolvemo-nos em atividades que eu chamo de projeção e de focalização: por meio da fala, projetamos para o grupo social os conceitos que formamos, de modo a fornecer o nosso universo e tentar levar os outros a reconhecerem do que somos feitos. Depois, tentamos trazer os nossos conceitos para foco alheio, de modo a que haja um *feedback* a partir do tecido social por meio da linguagem.²⁴

Dessa maneira, o autor propõe o conceito de difusão como resultado da mobilidade física e social dos falantes que se encontram em área de contato dialetal. Contrariamente, em comunidades estabelecidas há longo tempo onde não há contato dialetal, ocorre a focalização.

Esses conceitos, intrinsecamente ligados às caracterizações das redes sociais, têm implicação direta nos usos linguísticos, especialmente em relação à manutenção e à mudança linguística. As pesquisas citadas (MILROY, 1987; BORTONI-RICARDO, 2011; OLIVEIRA, 2014) apontaram disposição para a manutenção e focalização do falar identitário em comunidades cujas redes são isoladas, devido à resistência pela mudança linguística. Em contrapartida, em redes integradas e abertas à mudança foi caracterizada maior difusão.

²⁴ We engage in activities I call projection and focussing: we project on to the social screen the concepts we have formed, by talking about them, so as to furnish our universe and try to get others to acknowledge the shape of the furniture; we in turn try to bring our concepts into focus with those of others, so that there is feedback from the social screen through language.

Podem ser definidas como redes isoladas aquelas restritas à família extensa e a vizinhos próximos e como redes integradas as que são constituídas em contextos sociais amplos.

Dessa maneira, redes isoladas podem ser potenciais favorecedoras do falar identitário; com alto grau de densidade, sua configuração passa a funcionar como mecanismo de resistência à mudança. Essa seria característica, de acordo com Milroy (1987) de redes em áreas rurais, caso do Distrito de Paiquerê, as quais tendem à alta densidade e multiplexidade, conceitos sobre os quais já discorri anteriormente.

Bortoni-Ricardo (2011) certifica a conexão entre o isolamento das redes e a manutenção linguística, tanto em pequenos lugarejos como em localidades metropolitanas territorialmente definidas, cuja coesão social, étnica ou religiosa é alta. E, ainda, a associação existente entre redes de tessitura miúda e a preservação da linguagem minoritária, tanto quanto a ligação entre redes abertas e a linguagem dominante.

Entre alguns adolescentes aqui analisados, em especial os que trabalham fora do distrito, foi possível notar a difusão do falar rural, como ocorrido em Brasília e observado por Bortoni-Ricardo (2011), no sentido de afastamento, como utilizado pela autora, já que não houve, necessariamente, aquisição da norma culta, mas de um falar menos estigmatizado, mais distante do falar rural.

Os informantes INF1, INF6, INF23, INF24 inserem-se em redes externas às comumente rurais, pois trabalham fora do distrito, indo para a cidade diariamente. Já a informante INF7 tem seu trabalho no distrito, mas pode apresentar alguma mobilidade de redes, visto que sua atividade profissional admite contato com pessoas de toda sorte. Informantes como INF15, INF18, INF20, INF21 e INF22, como trabalham apenas no sítio, quase todos tendo seus pais como patrões e sem carteira assinada, marca do trabalho urbano, apresentam contatos mais restritos. Dessa maneira, com os primeiros, a possibilidade de difusão é maior que para os últimos, os quais podem apresentar maior focalização, visto que, como bem observa Bortoni-Ricardo (2005, p. 123), “a fala em comunidades rurais isoladas pode ser considerada como uma forma altamente focalizada do vernáculo rural”.

A questão da focalização e da difusão tem muita relação com a identidade do indivíduo e ao papel social representado. Alguns falantes podem usar uma variedade linguística difusa em suas interações exteriores à sua comunidade de origem, mas manterem um falar focalizado ao interagirem com os seus. Bortoni-Ricardo, comentando estudo de Blom e Gumperz (1972 *apud* BORTONI-RICARDO, 2011), lembra que a variedade local

representa a língua do lar e é uma marca identitária e cultural local, ao passo que o padrão representa valores externos.

Mas não são só comunidades de fala rurais as propícias a promover a focalização de uma variedade linguística. Os estudos de Milroy (1987) mostram que a focalização cultural e a linguística estão associadas a uma estrutura de rede de malha estreita, podendo acontecer se as condições forem adequadas e em qualquer estrato da sociedade. Ou seja, é comum os integrantes das altas classes sociais participarem de grupos extremamente coesos, cujas redes de interação tornam-se de estrutura densa, estática e multiplexa, favorecendo a focalização da variedade urbana.

Não obstante esses fatos, a mobilização social, ainda que pequena, é possível. Mediante isso, Bortoni-Ricardo (2005) coloca a ascensão social como outro fator preponderante para a difusão de uma variedade não padrão, uma vez que, ao ascender socialmente, esse processo é intensificado, pois o falante tende a integrar-se simbolicamente a uma rede referencial da cultura dominante. Estancando socialmente, entretanto, suas redes serão de textura densa, o que favorece a focalização, destacando os efeitos da combinação da imobilidade geográfica e imobilidade social, geradores, ao longo de algumas décadas, de condições para focalização do falar rural.

A esse respeito, vemos em Battisti (2014, p. 79) que “a concentração das relações sociais nas redes, em um dado território, concorre para o desenvolvimento do sentimento de pertença da identidade local, construída através da relativa homogeneidade de comportamento [...]”.

Esse ponto é tratado no próximo tópico.

2.2.5.2 Mobilidade territorial e o sentido de pertença (localismo)

*Aqui findo esta verdade
Toda cheia de razão:
Fique na sua cidade
Que eu fico no meu sertão.
Já lhe mostrei um ispeio,
Já lhe dei grande conseio
Que você deve tomá.
Por favô, não mexa aqui,
Que eu também não mêxo aí,
Cante lá que eu canto cá.
(Patativa do Assaré)*

Labov (2008), ao investigar o comportamento linguístico dos moradores de Martha's Vineyard, constatou a relação de pertença dos falantes com a ilha. Moradores orgulhosos de suas origens tendiam a usar determinada variante para marcar seu espaço, firmar sua condição de morador local, demonstrando aquilo que o pesquisador denominou de “orientação para a identidade”. Em contrapartida, desejosos de sair desse espaço tendiam a usar a variante comum aos turistas, em uma tentativa de se misturar, mostrar-se do mundo, não relacionado àquele local, ou voltados para uma “orientação para o prestígio”, nas palavras de Labov.

Milroy (1987, p. 14), em Belfast, também observou a relação de pertença a uma comunidade, ou a identificação a determinado grupo como fator preponderante para determinados usos, o que é corroborado por Le Page (1980, p. 15, tradução minha) quando diz “Criamos nossas próprias regras, de modo a nos assemelharmos ao grupo ou aos grupos com os quais desejamos nos identificar²⁵”. A esse sentimento de pertença e o valor social positivo atribuído ao território de pertencimento Milroy denomina *localismo*.

Bortoni-Ricardo (2011), em sua pesquisa antológica sobre migração e redes sociais, constatou a relação de identidade ao grupo entre seus informantes, em especial entre as mulheres, as quais, por manterem-se em redes mais densas, sofriam menos influência das agências hegemônicas, ou instituições que, consoante Camacho (2010, p. 142), “têm como uma de suas funções primárias ou secundárias a redução da diversidade linguística em favor da norma-padrão”, mantendo-se, portanto, fiéis ao grupo original e à variante rural que lhes era identitária.

Em trabalho realizado em 2010, ao analisar o porquê de os adolescentes, mesmo conhecendo as regras de uso formal da concordância verbal, não a utilizarem, também constatei o peso da identidade e o sentimento de pertença, em especial entre os adolescentes integrantes das classes desfavorecidas e estudantes em escolas públicas, categoria cuja porcentagem de informantes com essa característica foi muito alta.

Nesta tese, há a possibilidade de os adolescentes moradores das áreas rurais do distrito serem mais propensos à manutenção do falar rural em favor do grupo em que se fixam, por estarem inseridos em redes de maior densidade e multiplexidade, diferenciando-se dos que moram na área mais central e que mantêm contato mais arraigado com a cidade e, com isso, unirem-se a redes frouxas.

O fato pode estar relacionado ao que Milroy (1987, p. 14) promulga “there are social units to which people feel they belong”, ou seja, há certas unidades sociais nas quais as

²⁵ That we create our rules so as there is emble as closely as possible those of the group or groups with wish to identify.

peças sentem-se pertencer, o que pode determinar o emprego do falar rural ou urbano, pois a identidade de grupo, nascida de uma coesão originada pelas próprias condições de sobrevivência grupal, de suas práticas sociais, dão-se basicamente em um único território.

Os protagonistas do trabalho de Milroy (1987) foram informantes moradores em bairros de classe trabalhadora, os quais, por suas condições socioeconômicas, não se moviam territorialmente, interagindo majoritariamente no próprio bairro, o que funciona como reforço para o sentimento de pertença, gerando o *localismo*. A autora conclui que “É provável que indivíduos que se movimentam social e geograficamente não apresentem essa lealdade local e padrões de interação caracteristicamente densos dentro de área limitada²⁶” (MILROY, 1987, p. 16, tradução minha).

O localismo é produto da necessidade de autoafirmação, em que a vida em comunidade, principalmente a relação com a vizinhança e as interações sociais ali realizadas diariamente, sustenta as normas sociais, entre elas as de uso linguístico. Citando Milroy (1987, p. 61, tradução minha),

A densidade extrema produz homogeneidade das normas e valores. Desde que essa homogeneidade possa se estender às normas de interação e especificamente linguísticas, a densidade dessas redes pode, em parte, ser responsável pela grande consistência com que os falantes apresentam como característica a lealdade às normas do discurso vernacular, ainda que haja estigma social ligado a esse vernáculo.²⁷

Tal entendimento pode explicar as motivações para a manutenção do vernáculo em certas localidades e grupos, principalmente das classes desfavorecidas, a despeito da pressão para adoção do falar urbano, pois o localismo agiria como um sinal da identidade grupal, indicando lealdade à comunidade.

Referindo-se às classes privilegiadas, Milroy (1987) atesta a ligação entre a densidade/multiplexidade das redes e a mobilidade. Interagindo em redes de laços frouxos e movendo-se de maneira constante para além das fronteiras de seu território, os membros de uma rede não conhecem uns aos outros, gerando um não pertencimento, ou uma consciência de grupo difusa, não orientada por um localismo.

²⁶ It seems that socially and geographically mobile individuals lack these local loyalties and characteristically dense patterns of interaction within a limited area.

²⁷ Extreme density produces a homogeneity of norms and values. Since this homogeneity of norms might be expected to extend to interactional and specifically linguistic norms, the density of these networks may partly account for the great consistency with which speakers characteristically show loyalty to vernacular speech norms, despite the social stigma attached to them.

Bortoni-Ricardo (2011) percebe as comunidades com base territorial, caso do Distrito de Paiquerê, como cisões sociais menos abstratas, fato que ocasionaria maior sentido de pertença nas pessoas.

Outro fator relevante para o localismo está na própria consciência do falante, como afirma Milroy (1987). A pesquisadora observou que a percepção do falante em relação à densidade do grupo em que se insere constrange consideravelmente seu comportamento, citando como exemplo a mudança na fala de um de seus informantes. Durante uma das gravações, um dos jovens integrantes de um grupo musical mudou sua fala em busca de aproximação do padrão, e foi, automaticamente, instigado pelos colegas a deixar de fazê-lo. Em outro momento de interação com esse falante, sua expressão já se mostrava completa no vernáculo do grupo.

Considerando o perfil de meus informantes — em transição identitária — e orientando-me por Le Page (1980), para quem o falante cria sua expressão linguística com vistas a assemelhar-se ao grupo que visa integrar, vejo a identidade inteiramente associada à variação e à mudança linguística. Portanto, tratar das idiossincrasias dos adolescentes se faz mister. Faço isso na próxima seção.

2.2.6 A identidade Adolescente

A perplexidade é um mal juvenil, como a anorexia.
(Aigualusa)

A adolescência foi a fase por mim escolhida para investigação desde que me senti pesquisadora. Gosto desse período de transição, de inquietação, tão bem traduzida por Aigualusa (2010, p. 103):

A adolescência talvez seja a mais cruel das idades. Anos terríveis, quando tudo em nós explode em mudanças. Sentimo-nos alheios àquele corpo no qual de súbito se começam a desenvolver arestas, florestas, misteriosas ocorrências, como Gregor Samsa despertando certa manhã na sua cama, de sonhos inquietos. Uma bela madrugada, também nós despertamos e sai-nos da garganta a voz do nosso pai. Andamos meses com aquela voz emprestada, aterrorizando o resto da família. Ao mesmo tempo, confrontamo-nos com as grandes questões da vida e com a ignorância dos adultos. Queremos respostas que ninguém consegue dar.

O artigo 2º da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, cujo teor dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, considera adolescente o indivíduo com idade entre 13 e

18 anos, um período, consoante o Comitê sobre a adolescência do grupo para o adiantamento da psiquiatria dos Estados Unidos (1976) (doravante Comitê), de alterações de características externas, tanto físicas, como emocionais e comportamentais, por que passam todos os seres humanos, cujo início se dá com a puberdade.

Para Waddel (1995)

Esse é um período de novos tipos de amizade, do desabrochar da sexualidade, de interesses mutáveis e consciência incipiente. É um tempo de transição de um espaço na família para um espaço no mundo exterior: um tempo de ansiedade, receio e expectativa, do medo e da excitação em face do desconhecido. É um tempo em que, fisicamente, o crescimento acontece mais rápido do que em qualquer outra fase, exceto no útero, ao passo que as mudanças no crescimento mental e emocional são mais comuns e mais prementes. Os limites estão sendo experimentados, os princípios são questionados, as perdas causam sofrimento.

Caracterizada por conflitos e confusões, a adolescência compreende duas fases principais. A primeira se inicia com o aumento do vigor instintivo e pode terminar próximo aos dezesseis anos, período em que se inicia a segunda fase, marcada pelo domínio do *ego* sobre o *id*.

Na primeira fase, a sociedade vê o ser humano ainda como uma criança em formação, criando, com isso, o que é denominado de *status de hiato*: adolescentes não são crianças, nem adultos (COMITÊ, 1976). Não têm as vantagens de uma criança e não lhes são cobradas as responsabilidades de adulto, como se vê nos PCN (1998),

Na cultura brasileira, a diferença entre criança e adulto tende a ser profundamente acentuada e reforçada por instituições legais e sociais. Em geral, parece existir descontinuidade entre os papéis do adulto e da criança, sobretudo no que se refere à conquista da independência e autonomia. A passagem do universo infantil para o adulto costuma gerar conflitos para o adolescente, que está, por assim dizer, a meio caminho (BRASIL, 1998, p. 46).

Além das ansiedades típicas, da relação conturbada com os pais, da questão da sexualidade descoberta, a adolescência é marcada pela busca da identidade, em especial na segunda fase. Mudanças físicas acentuadas, assim como importantes alterações psicológicas, auxiliam no processo de desconhecimento, gerando ainda mais confusão e perturbação, uma vez que o indivíduo já não sabe mais quem ele é, como já mencionei com a citação de Agualusa.

A fim de resolver essa questão do outro em sua identidade, o adolescente busca amparo e, de acordo com o Comitê (1976, p. 81),

Na caminhada da infância para o estado adulto, o adolescente encontra uma parada temporária com outros da sua espécie. O grupo de iguais lhe proporciona um sentido de relação íntima e um sentimento de força e poder muito importante para ele. A fim de ingressar no grupo, o jovem tenta, amiúde, conformar-se completamente com a indumentária, o corte de cabelo, o gosto musical e coisas semelhantes. O grupo de iguais [...] constitui um “cultura” adolescente, com sua linguagem, seus costumes, suas instituições sociais, seus modos e métodos de resolver problemas e suas filosofias (grifo do autor).

Este grupo passa a ser uma extensão do adolescente, que tende a transferir para ele os sentimentos até então dedicados à família, e a destinar-lhe uma importância vital nesse período de sua vida. Em Outeiral (2003, p. 24), vemos que “a fragilidade egóica determina a procura de outras identidades similares que, unidas, transmitem ao ego uma vivência de ‘poder’ pelo grupo” (grifo do autor), fazendo o adolescente ver esse grupo como uma instituição, atitude fundamental para a estruturação de sua identidade.

O Comitê (1976) expõe que a formação do caráter e o que compõe a natureza humana baseia-se não só nas heranças genéticas, na cultura ou no *habitat*, mas também na influência que a cultura do grupo ao qual pertencemos exerce sobre nós.

Em Labov (1974, p. 66), encontramos corroboração a essa assertiva, pois, para o autor, “neste estágio, as características do dialeto das vizinhanças tornam-se reações automaticamente estabelecidas no padrão da fala cotidiana, e a influência dos pais é submersa sob a influência do grupo de amizade”.

Nesse ponto, Camacho (2010) aponta a imposição da norma padrão como um processo ideológico que interfere no domínio da linguagem, o que me parece ser mais intensivo na fase de vida em que se encontram os meus informantes, pois estão construindo sua identidade linguística com base nos grupos, na família, mas têm a escola apresentando, ou ainda, impondo uma forma de falar como única.

De acordo com o autor (2010, p. 41) “[...] há uma demanda especial, em certos grupos, por forte coesão social, cuja consequência é a exclusão, via linguagem, dos que não fazem parte do grupo. Esse tipo de motivação para a criação de gíria caracteriza especialmente a linguagem do adolescente”. É sobre a relação linguagem e identidade adolescente que discorro no próximo tópico.

2.2.6.1 Identidade linguística do adolescente

*Eu sou é eu mesmo. Diverjo de todo o mundo... Eu
quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa.*
(Guimarães Rosa)

Como mecanismos de identidade (Scherre, 2008), as línguas humanas têm valor demasiado na construção do indivíduo, principalmente na fase formativa adolescente.

O adolescente, como já observado, é vulnerável a qualquer tipo de influência no decorrer das etapas de sua formação e, como a língua também se mostra como um instrumento para balizar sua identidade, cada fase ultrapassada será representada por formas diferenciadas de usar a língua, formas que, por vezes, poderão, inclusive, ser divergentes. Neste sentido, Mothes e Rosa (2009, p. 95) compreendem que

a linguagem dos adolescentes e sua variação linguística está diretamente relacionada aos espaços interacionais em que se constroem as identidades sociais destes sujeitos. Assim, essa categoria é construída a partir de práticas sociais e contribui para enriquecer essa diversidade, uma vez que se apresenta com certa relevância e significativo poder de interferência na comunidade de fala dos indivíduos.

De acordo com Pagotto (2004), há dois movimentos relacionados à identidade. O primeiro refere-se à identidade histórica ideológica, por meio da qual o sujeito se coloca como integrante de determinada época, modo de ver o mundo e suas relações. Por este ângulo, pode-se observar que a camada mais jovem da população usa uma variedade que contrasta consideravelmente com o usado pelos mais idosos. Os adolescentes, sejam eles da cidade ou do campo, absorvem novidades e adotam uma linguagem mais informal, ao passo que os mais velhos se utilizam de vocábulos e formações mais conservadoras. A adoção do moderno, característica dos mais novos, costuma promover mudanças na língua.

O segundo movimento é aquele em que o “sujeito da ideologia se encontra passando de posição a posição, de uma formação a outra” (PAGOTTO, 2004, p.89), ou seja, variando de acordo com o papel assumido na sociedade.

Goffman (1998), no que diz respeito a esta alternância de papéis, introduz o conceito de *footing*, desconstruindo as noções tradicionais de falante e ouvinte, por julgar que tais noções encobrem relevantes aspectos da identidade social na interação, e evidencia que “os participantes constantemente mudam seus *footings* ao longo de suas falas, sendo estas mudanças uma característica inerente à fala natural” (GOFFMAN, 1998, p. 75). Em outras

palavras, o autor frisa que os falantes mudam seu alinhamento, ou seu enquadre de eventos, a fim de incorporar características linguísticas que facilitarão a conversação com o outro, emoldurando sua fala à fala do outro, adaptando-se a ele na projeção da identidade social correspondente ao papel social assumido no momento.

Essa variação de papéis é implícita ao convívio. Viver em sociedade acarreta seguir as normas, mas também os valores e as crenças que perpassam as redes com as quais interagimos, de modo a definir, com base nos papéis sociais assumidos, nossa identidade individual.

Severo (2007, p. 12-13) bem exemplifica essa alternância:

Um mesmo indivíduo é atravessado por uma série de identidades, que não são estáticas, mas dinâmicas e interligadas: uma mesma pessoa se constitui como mulher, brasileira, profissional liberal, oriunda de uma determinada região do país, negra, etc. Ressalta-se que essas identidades são construídas em relação às diferentes pressões sociais (política, econômica, institucional e histórica) e interações sociais, o que significa que não são “categorias” fechadas em si mesmas, mas que permanecem em processo de transformação constante, assim como a língua.

Battisti (2014) também entende a socialização como a matriz de nosso comportamento, de nossas atitudes e pensamentos, e, com isso, de nossa identidade linguística, contudo não de maneira estanque ou limitadora, visto que essa socialização não é sempre a mesma, resultando, portanto, em uma identidade passível de ajustamentos e mutações que vão ao encontro das diversas redes que perpassam por nossas relações.

É nesse sentido que compreendo terem as redes sociais de interação peso relevante para a atuação dos adolescentes em seus diferentes papéis, haja vista as regras diferentes em cada domínio social, uma vez que “nossas identidades são fruto de nossa filiação social, das posições que ocupamos nos grupos de que fazemos parte, esses estruturados em relação aos campos ou classes sociais distintas (BATTISTI, 2014, p. 81).

Não obstante, independentemente de qualquer papel assumido, um sujeito é identificado por seu modo de falar, por meio do que é possível reconhecer diferentes agrupamentos, idade, os estratos sociais, grau de escolaridade, entre outros aspectos, já que, no ato da fala, são apresentadas aos ouvintes indicações sobre as origens do falante e o tipo de pessoa que ele é.

Pela escolha lexical, mostro minha idade e minha origem, sou do campo ou da cidade. Demonstro meu liberalismo ou conservadorismo, minha cultura, minha educação. Aguilera

(2008, p. 105) comprova tal afirmação ao mencionar que “a atitude linguística assumida pelo falante implica a noção de identidade”.

Oliveira e Almeida-Baronas (2011), analisando a fala de seis adolescentes inseridos em classe social desfavorecida socialmente, concluíram que o uso da gíria bem alocava esses adolescentes dentro de sua faixa etária, ao passo que o não uso da concordância verbal os identificava em um determinado estrato social, “mostrando o uso dos recursos variacionais para afirmação, num processo dinâmico, das diversas dimensões da identidade social” (OLIVEIRA; ALMEIDA-BARONAS, 2011, p. 205).

Dentro de tal perspectiva, a identidade reflete-se no uso da linguagem, já que, como foi apontado, o sujeito é constituído por seu intermédio. Não obstante, sendo a fala “o aspecto individual da linguagem humana” (TERRA, 1997a, p.16), é ela a expressão identitária por excelência, e, constitutivamente sujeita a variações, representa uma diversidade de identidades, sendo nesse sentido que Bortoni-Ricardo (2006. p. 273) concede à língua oral o estatuto de “província da variação inerente”, por meio da qual os falantes marcam suas identidades.

Le Page (1980, p. 13), ao proferir “my thesis is that in essence each and every speech act is like this: an act of identity towards an audience²⁸ [...]”, considera cada ato de fala como um ato de identidade, considerando a linguagem como o índice identitário por excelência, visto que as regras linguísticas utilizadas pelo falante na busca de aproximação com os membros do grupo com o qual deseja se identificar são criadas no momento da enunciação, por meio de escolhas linguísticas inconscientes que se associam às múltiplas dimensões formadoras da identidade social e aos papéis que assumem dentro da gama de redes sociais de interação em que se inserem.

Bortoni-Ricardo (2005. P. 176) afirma:

O comportamento linguístico está permanentemente submetido a múltiplas e co-ocorrentes fontes de influência relacionadas aos diferentes aspectos da identidade social, tais como sexo, idade, antecedente regional, inserção no sistema de produção e pertencimento a grupo étnico, ocupacional, religioso, de vizinhança etc. Quando falamos, movemo-nos num espaço sociolinguístico multidimensional e usamos os recursos da variação linguística para expressar esta ampla e complexa gama de identidades distintas.

²⁸ Minha tese é que, em essência, cada ato de fala é assim: um ato de identidade para uma audiência. (Tradução minha)

Para a autora (2005, p.178), os falantes selecionam as regras de seu repertório de modo a assemelharem-se ao grupo de referência a que desejam se associar, classificando a acomodação promovida pelo falante em sua fala como voltada “aos membros de uma rede virtual, com quem o falante deseja identificar-se e de quem ele ou ela espera receber ratificação ou aprovação”.

Sendo assim, considerando-se cada ato de fala uma marca identitária, faz-se necessário levar em conta também o contexto em que são geradas as regras linguísticas, uma vez que a construção do indivíduo está completamente relacionada ao ambiente no qual ele se desenvolve.

Como a opção por uma variedade em detrimento de outra abrange significados que nascem do conjunto de práticas integrantes do uso da língua, pensar o indivíduo como integrante de uma rede de contatos que influencia sobremaneira sua expressão linguística, como toda sua formação cultural, é essencial.

No caso desta pesquisa, os adolescentes sofrem, além das influências inerentes à sua condição fisiológica natural, a pressão da dicotomia campo/cidade, rural/urbano, caipira/citadino. Redes voltadas para uma das pontas dessas dicotomias poderão ditar a conformação linguística desses indivíduos, demonstrando sua identidade por meio de uma relação de pertença ou não a um determinado território.

Mas há limites entre o rural e o urbano? Isso, de fato, existe? Explano sobre a questão, visando obter respostas, na seção seguinte.

2.2.7 Rural e Urbano. Existe tal Dicotomia?

*Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos;
onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador;
e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade.*
(Guimarães Rosa)

Meu trabalho não busca o adolescente citadino, mas o do campo, poeticamente chamado de sertanejo, de caipira²⁹. Patativa do Assaré, poeta caipira, expressou o que é o sertão, a zona rural, em várias de suas canções:

²⁹ Como vemos em Bortoni-Ricardo (2011, p. 56), “a palavra ‘caipira’ está relacionada, em sentido estrito, à cultura rústica do estado de São Paulo. [...] *Amplio sensu*, caipira é presentemente um adjetivo que descreve o modo rústico e tradicional dos habitantes do campo, independentemente de região geográfica” (grifo da autora).

Só canta o sertão direito,
 Com tudo quanto ele tem,
 Quem sempre correu estreito,
 Sem proteção de ninguém,
 Coberto de precisão
 Suportando a privação
 Com paciência de Jó,
 Puxando o cabo da inxada,
 Na quebrada e na chapada,
 Moiadinho de suó.³⁰

E o que é a zona rural? Existe uma dicotomia entre o rural e o urbano?

Para tratar desse tema e buscar respostas às questões propostas, necessário se faz iniciar abordando certos elementos históricos, considerando a ligação estreita que há entre a configuração linguística de nosso país e sua constituição demográfica, social e histórica, devido à sua intrínseca relação com a distribuição populacional.

Uma das abordagens iniciais do Brasil rural, *Raizes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda (1995), analisa a importância da vida rural na formação social brasileira, já destacando a relação rural-urbano como marca, em vários níveis, da fisionomia do Brasil.

Antonio Candido, com sua obra “Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida”, escrita em 1954 e publicada anos mais tarde, traça um retrato do homem do campo e, com isso, da realidade rural e urbana do Brasil em meados do século passado.

A obra (1971) sofreu uma espécie de redescoberta para os estudos sociais devido à ampla interpretação da formação social do país, dando aos caipiras, em especial aos pobres homens do campo, que viviam à margem dos latifúndios, uma importância vital na construção nacional.

Exprime uma concepção de cultura rústica, no sentido de tradição do homem do campo, contrastante com a modernização e urbanização, processos que estariam desestruturando os modos de vida dos caipiras, rompendo o equilíbrio que, mesmo precário, seria essencial para a sociabilidade e as interações em um bairro rural.

Bairro rural é, para Candido (1971), uma unidade social entre a família e outras formas mais complexas de interação social. Caracteriza-se, basicamente, pela reunião de um grupo de vizinhos para a ajuda mútua e comemorações. Em relação à sua dimensão, um bairro rural seria maior que uma família e menor que uma vila.

³⁰ Estrofe do poema “Cante lá que eu canto cá”. ASSARÉ, Patativa do. **Antologia Poética**. 2 ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2008. Organizado por Gilmar de Carvalho. p. 66.

No caso de Paiquerê, para além de sua dimensão, o Distrito pode ainda ser caracterizado como um Bairro rural, uma vez que apresenta traços característicos dessa conceituação, como a Festa do Milho, ajudas em colheitas, organização basicamente familiar, entre outros.

O sociólogo ainda alega não ser possível estudar o universo rural – ou caipira, como ele designa –, sem levar em conta a sua posição no conjunto da vida do estado e do país. Diante disso, Cândido (1971), ao longo da obra, apresenta uma dicotomia, mais que isso, uma oposição entre persistências e alterações como marcadoras do campo e da cidade. Ou seja, para o autor, o que delimita um espaço ou outro é muito mais social que local, dado que as dicotomias campo e cidade, economia de subsistência e comercial, tradição e modernidade, autonomia na terra e trabalho assalariado, e, até mesmo, passado e presente, marcam historicamente as transformações da sociedade caipira brasileira.

Entretanto, para o pesquisador (1971, p. 259), “a oposição entre campo e cidade só pode existir no quadro da propriedade privada”, uma vez que essa é uma das principais instâncias de ancoragem do sistema da sociedade, com relações muito tênues com a dimensão do mercado, temas não abarcados em meu estudo.

Entende-se, portanto, como rural o espaço que agrega tanto os moradores permanentes, sitiantes e fazendeiros, como os transitórios, cultivadores nômades, agregados e posseiros, que compõem, que se situam nessa unidade básica de socialidade que é o bairro rural.

No que concerne à alocação das pessoas nos espaços geográficos e sociais, Teyssier (1982) aponta o período colonial como predominantemente marcado pela ocupação rural, cenário que começa a sofrer alterações a partir da estada da Corte Portuguesa em terras fluminenses, o que ganha mais força a partir da Independência e tem seu ápice na primeira metade do século XX.

A cidade do Rio de Janeiro compreende um marco para os processos urbanizatórios ao ser alçada à condição de capital do Reino, em 1808, pois tal acontecimento deu vazão a um desenvolvimento relâmpago, propiciando crescimento cultural sem precedentes. Até mesmo a língua é afetada, conforme ilustra Bortoni-Ricardo (2011), uma vez que, à urbanização aliou-se um processo ferrenho de difusão da variedade padrão da língua, notadamente de sotaque lisboeta, desencadeado pela difusão dos meios de comunicação de massa.

Outro processo marcante no século XX está na migração dos moradores das pequenas cidades e zonas rurais para os centros urbanos. Com a urbe representando possibilidades de

ascensão social, cultural e econômica, o homem do sertão, o caipira, passou a deixar sua terra, dando início a um grande êxodo rural.

Bortoni-Ricardo (2011, p. 33) assegura ser esse um dos processos mais influenciáveis na questão linguística, visto originar-se dele “o declínio dos vernáculos que se transformam em dialetos urbanos de classe baixa, acentuando-se provavelmente a estratificação vertical da língua”.

Não obstante toda essa ação migratória, no Brasil há ainda expressiva parcela da população vivendo em áreas rurais, com o Censo de 2010 apontando para algo em torno de 29.830.007 caipiras, ou 15,60% da população³¹. No estado do Paraná, são 1.551.834 homens vivendo na zona rural, ou 14,67% de todo o povo paranaense. Na cidade de Londrina, a segunda maior do estado, 3% da população vivem em distritos rurais, como Paiquerê, palco de minha pesquisa.

Tal assertiva encontra respaldo em López-Monné (2000), o qual assevera o significado simbólico que zonas rurais vêm conquistando, especialmente a partir do final do século passado, como espaço de reencontro, com o homem evocando suas origens e o contato com o tradicional e a natureza.

Hespanhol (2013, s/p.) esclarece:

[...] a deterioração das condições de vida nas cidades brasileiras, sobretudo nas metrópoles — mas, não exclusivamente nelas —, [...] tem levado a uma revalorização do campo, não apenas como lugar de desenvolvimento das atividades agropecuárias, mas também como espaço para se viver e desenvolver outras atividades, emergindo novas ruralidades derivadas da presença de atividades não agrícolas, como o turismo, a prestação de serviços, etc.

As considerações da dicotomia rural/urbano remetem-me a Bourdieu (1987), para quem a delimitação regional é fluida, sem parâmetros únicos, já que é pautada e direcionada pelo foco do interessado na divisão, ou seja, cada estudioso divide consoante sua perspectiva.

Buscando uma definição mais didática, Hespanhol (2013) apresenta três abordagens nas quais se alicerçam os estudos sobre o tema: dicotomia, noção de *continuum* e de permanência das ruralidades.

Em se tratando de dicotomia, visão marcadamente setorial, Le Goff (1988) não vê oposição rígida, atualmente, entre rural e urbano, a não ser no imaginário popular, por meio do “endeusamento” do campo e “deteriorização” da cidade. É nesse sentido que Locatel

³¹A população, segundo o Censo 2010, totaliza 190.755.799 habitantes na data de referência.

(2013) expõe as contradições dessa dicotomização. Para o autor, rural e urbano, conceitos que encontram alicerce em Marx, devem ser entendidos como partes orgânicas complementares, perfazendo a mesma totalidade, e assevera não ser possível pensá-los em separado, pois essa forma não explica a realidade territorial de um município, de uma região ou de um país.

Tendo isso claro, o geógrafo também menciona a noção de *continuum* para a discussão, nos moldes de Bertrand (1973), noção que aproxima o espaço rural e a realidade urbana, dado que, segundo a concepção de Reis (2006, p.7)

as relações dicotômicas existentes entre as áreas urbanas e rurais tornam-se cada vez mais distantes de representar de forma adequada a realidade. Sendo assim, a ideia de *continuum* rural-urbano se apresenta como a formulação teórica mais coerente para o caso brasileiro, indicando a crescente necessidade de se abolir de vez qualquer perspectiva dicotômica.

Hespanhol (2013) considera problemática a noção de *continuum*, dada sua radicalidade, por advogar o fim do rural com base em argumentos como a homogeneização dos espaços ocasionada pela industrialização e pela globalização. Para a autora, houve intensificação das articulações entre os espaços urbanos e rurais, sem, no entanto, comprometer as particularidades específicas de cada um, conquanto as diferenças nos valores e nos níveis de informação dos habitantes das zonas rurais e urbanas sejam cada vez menos sentidas.

Dessa maneira, Hespanhol (2013, s/ p.) vê como mais procedente “a permanência de diferentes ruralidades derivadas de particularidades de cada lugar e da maneira como cada fração de espaço participa dos processos econômicos e sociais”. Essa concepção considera, como Carneiro (1997), a existência de grande aproximação entre o mundo urbano e o rural, tornando ainda mais tênue a delimitação fronteira, sem que, no entanto, gere homogeneização.

A discussão vai crescendo sem que se chegue a um recorte espacial adequado, o que faz compreender a dificuldade em delimitar o que é rural e o que é urbano, ainda mais diante da complexa realidade composta por distintos coeficientes de integração e distanciamento entre os espaços.

Ademais, a tenacidade separatória entre rural e urbano assevera-se com os questionamentos tangíveis aos critérios utilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, órgão de pesquisa que, consoante Hespanhol (2013, s/p.), “ainda se utiliza da delimitação criada em 1937 durante o Estado Novo e, que, por consequência, não leva em consideração as recentes mudanças que ocorreram nesses espaços e que redefiniram suas

formas e conteúdos neste início de século”. O IBGE, em sua publicação de 2011, relativa ao Censo Demográfico de 2010, assim interpreta a dicotomia:

Em situação urbana, consideraram-se as áreas, urbanizadas ou não, internas ao perímetro urbano das cidades (sedes municipais) ou vilas (sedes distritais) ou as áreas urbanas isoladas, conforme definido por lei municipal vigente em 31 de julho de 2010. [...] A situação rural abrangeu todas as áreas situadas fora desses limites. Este critério também foi utilizado na classificação da população urbana e da rural.

O que se lê nesse excerto possibilita compreender como urbano um perímetro delimitado em legislação municipal, consoante Art. 30 da Constituição Federal, pois essa lei delega aos municípios “promover, no que couber, adequado ordenamento territorial, mediante planejamento e controle do uso, do parcelamento e da ocupação do solo urbano”. Rural seria, por essa leitura, toda a porção encontrável para além desses limites.

A caracterização de rural para a taxaço do ITR³² – Imposto Territorial Rural tem a mesma fonte: porção de terras fora dos limites urbanos.

O Município de Londrina tem, na lei 7484/1998, as especificações acerca do assunto, delimitando categoricamente e instituindo a Zona Urbana e a Zona de Expansão Urbana do Distrito Sede do Município de Londrina³³.

O artigo 2º da referida Lei assim especifica: “A Zona Urbana compreende as áreas urbanizadas ou em vias de ocupação e as glebas com potencial de urbanização que ainda não sofreram processo regular de parcelamento.” Ao mesmo tempo, caracteriza a Zona de Expansão Urbana como “aquela externa à Zona Urbana onde se prevê ocupação ou implantação de equipamentos e empreendimentos considerados especiais e necessários à estrutura urbana” (Art. 3º Lei 7484/98).

Além disso, a Lei nº 10637/2008, sobrepondo uma subdivisão à divisão macrossazonal, em seu Art. 87, estabelece seis compartimentos territoriais, dentre os quais inclui núcleos de desenvolvimento rural/urbano, alocando, de forma clara, o Distrito de Paiquerê dentro de um espaço rural, mas que traz em si um também espaço urbano. Ou seja, a parte central do distrito pode ser denominada urbana, dentro do entendimento de urbano como “Área rural de extensão urbana – Setor rural situado em assentamentos situados em área externa ao perímetro urbano legal, mas desenvolvidos a partir de uma cidade ou vila, ou por

³² Conforme Luiz Fernando Pereira Advocacia. **Imposto territorial rural:** estudos direcionados. Disponível em: <<http://drluizfernandopereira.jusbrasil.com.br/artigos/111971320/imposto-territorial-rural-estudos-direcionados>>. Acesso em: 05 out. 2014.

³³ A delimitação completa está contida no Artigo 6º e no anexo da Lei 7484/98, disponível em <<http://camara-municipal-da-londrina.jusbrasil.com.br/legislacao/372253/lei-7484-98>> e no anexo da Lei.

elas englobados em sua extensão” (IBGE, 2010), ao passo que os arredores caracterizam-se por “área externa ao perímetro urbano” (IBGE, 2010).

Além da caracterização de Bairro Rural dada por Candido (1971), na qual vejo muito do Distrito de Paiquerê, já que preserva a ajuda mútua entre vizinhos, é na classificação do IBGE e na lei Lei nº 10637/2008 do município de Londrina que me baseio para conferir a Paiquerê um caráter rural, e, dentro dessa ruralidade, atribuir às moradias dos alunos pesquisados o traço rural ou urbano, dependendo da alocação de suas residências. Portanto, para fins analíticos, concebo aqui a ideia de rural como aquela apresentada nos dados do IBGE.

2.2.7.1 O rural e o urbano em relação à linguística

Sertanejos, mire veja: o sertão é uma espera enorme.
(Guimarães Rosa)

Em termos linguísticos, parece-me que a linha que separa o rural e o urbano é também bastante tênue. Bortoni-Ricardo (2005) informa haver regiões metropolitanas cujo contato entre o vernáculo e o falar das classes desprivilegiadas gerou uma diglossia, ao mesmo tempo em que há aquelas cujo isolamento se equipara ao século dezoito, inclusive em sua expressão oral.

Isquerdo (1998, p. 105), a esse respeito, radicaliza: “percorrendo diuturnamente os mesmos caminhos, realizando uma atividade que não exige inovação tecnológica, o homem da mata, assim como não inova seu ritmo de vida, não necessita também inovar sua linguagem”.

A importância dessa delimitação se baseia em Bortoni-Ricardo (2005, p. 86), pois

No Brasil, como de resto em toda a América Latina, a variação linguística relaciona-se não só à estratificação social, mas também à dicotomia rural (*folk*) versus urbano. Na verdade, os dois critérios — estratificação social e oposição rural/urbano — se interpenetram, uma vez que grande parte da população rural ou egressa do campo constitui também o estrato mais pobre na pirâmide social [...].

Como linguista, eger como linha demarcatória da diferença entre o falar rural e o urbano, consoante marcas estabelecidas por Amaral (1982) em relação ao dialeto caipira, poderia ser um passo. Contudo, considerando a diglossia citada há pouco, o falar do “homem da mata” aludido por Isquerdo é encontrado, hoje, “rurbanizado”, com os termos de Bortoni-

Ricardo (2005, p.85), visto que podemos encontrá-lo “também em comunidades urbanas estabelecidas há muito tempo, principalmente as de classe baixa”.

Amaral (1982) estabelece também como marcas do dialeto caipira, que eu chamo, embasada por Bortoni-Ricardo (2005), de falar rural, as variantes analisadas por mim nesta pesquisa, a saber: a falta de concordância verbal da 1ª e 3ª pessoa do plural, iotização e rotacismo. Bortoni-Ricardo (2011), analisando a fala de migrantes radicados em Brazlândia, também constatou essas marcas entre seus informantes.

Mas essas marcas são particularidades tão somente de um falar rural?

Para obter essa resposta, Bortoni-Ricardo (2005), depois de conceituar o falar rural, ou vernáculo, como variedade regional-rural cujas características diferem na fonética, morfossintaxe e no léxico do falar urbano, ou as variedades estratificadas usadas nas zonas urbanas que tanto se aproximam do falar culto como do rural, sugere uma nova proposta analítica: um *continuum* de urbanização.

Para a autora, ao longo desse *continuum* dialetal podem ser alocados todos os falantes, mediante sua aproximação ou seu afastamento dos polos, estando em um extremo os falares rurais isolados e, em outro, o falar urbano padrão das classes mais prestigiadas, encontrando-se no meio dessa linha os falares *rurbanos*, variedades “usadas por falantes de classes mais baixas, não alfabetizadas ou semialfabetizadas, que vivem na cidade, mas que, na maioria dos casos, têm antecedentes rurais, e pela população que vive em áreas rurais, onde já se vê introdução de tecnologia” (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 21). A Figura 3 traz a representação desse *continuum*:

Figura 3 – *Continuum* de urbanização



Fonte: Bortoni-Ricardo (2009)

Apresentado o *continuum*, Bortoni-Ricardo (2009) alerta para as fronteiras fluidas a separar os três marcos e para a sobreposição dos falares, postulando existirem dois tipos de regras variáveis ao longo desse contínuo: graduais e descontínuas.

Regras descontínuas são marcas que apontam os falares regionais e sociais mais estigmatizados, passíveis de preconceito e discriminação. Já graduais são regras presentes no

repertório linguístico de praticamente todos os brasileiros, dependendo do grau de monitoramento conferido à fala.

A expressão linguística do londrinense, além de ter como marca identitária o -R retroflexo, marca de um falar caipira e, por isso, muitas vezes estigmatizado, também apresenta, obviamente, marcas graduais e descontínuas vistas abundantemente na expressão dos adolescentes pesquisados.

Entre as variáveis linguísticas a serem analisadas neste trabalho, a não realização da concordância verbal na 1ª pessoa do plural (Nós vai na festa), na 3ª pessoa do plural (Eles vai na festa), a iotização (muié, trabaio, paiaço) e o rotacismo (bicicreta, prano) são traços descontínuos, pois discriminam os usuários dessas variáveis. Já a não concordância nominal e a assimilação do /d/, essa última muito produtiva na fala do Londrinense, podem ser consideradas um traço gradual, marca de uma fala mais relaxada de qualquer cidadão em momentos de descontração.

Entretanto, como a situação da entrevista deste trabalho foi um momento não muito descontraído, analiso como se dá esse traço gradual no início e no final das entrevistas, principalmente em relação à assimilação, hipotetizando que, no início, havia maior monitoramento da fala, pois, além do cuidado, sempre há uma escolha estilística em função do interlocutor (BELL, 1984), o que foi diminuindo com o decorrer da conversa, para, no final, obtermos o vernáculo real do entrevistado.

Essa proposta de alocação dos falantes no *continuum* vem ao encontro daquilo que foi possível conhecer por meio de minhas análises, uma vez que, como atesta Bortoni-Ricardo (2005, p. 51), “a localização do falante ao longo do *continuum* depende mais de sua rede de relações sociais que de sua própria história social”.

Importa, nesse sentido, conhecer um pouco das particularidades da região em que vivem os adolescentes-alvo de minhas análises.

3 CARACTERIZAÇÃO DO *CORPUS*

3.1 O DISTRITO DE PAIQUERÊ

Longe, longe, até ao fim, como o sertão é grande...
(Guimarães Rosa)

Um distrito pode ser caracterizado como a divisão administrativa de um município ou cidade, compreendendo um ou mais bairros, como também um território pertencente a um município ou cidade.

Ferreira (1990, p. 56;59) assim define distrito:

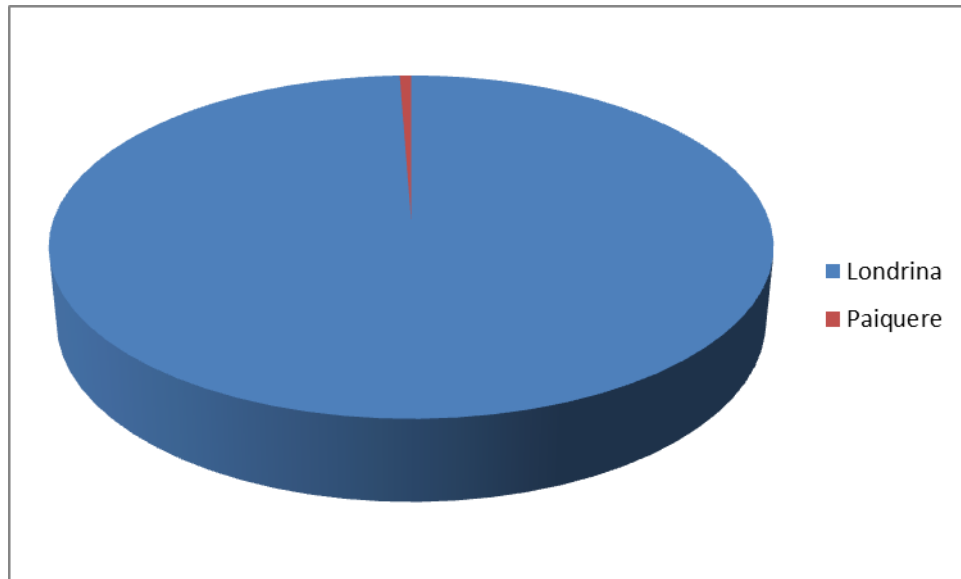
[...] pequenos centros de mercado, pontos de coleta dos produtos exportados e pontos de suprimentos de bens e serviços para a população que nele reside, os interesses externos da classe mais poderosa são representados pelo dono da pequena loja, que geralmente exerce ambas as funções de coleta e de distribuição. [...] os Distritos, não tendo uma autonomia administrativa, funcionam como um local de organização da pequena produção e atendimento das primeiras necessidades da população residente no seu entorno, comandadas pelas respectivas sedes dos municípios.

Assim, o distrito ao qual me refiro entroniza-se na definição apresentada, em especial, na segunda parte do conceito do autor, visto ser uma extensão territorial sem autonomia, comandada, regida e fomentada por um município, nesse caso, a cidade de Londrina.

O Distrito de Paiquerê, distante trinta e cinco quilômetros, e um entre os oito ligados a Londrina, foi criado em 1964, a partir do ajuntamento de pessoas motivadas pela fertilidade do solo, iniciado nos anos de 1950, tendo seu ápice populacional e produtivo nos anos de 1970. Predominantemente rural, como há cinquenta anos, o distrito mantém suas características, mas vem, aos poucos, integrando marcas urbanas, notadamente entre a população jovem.

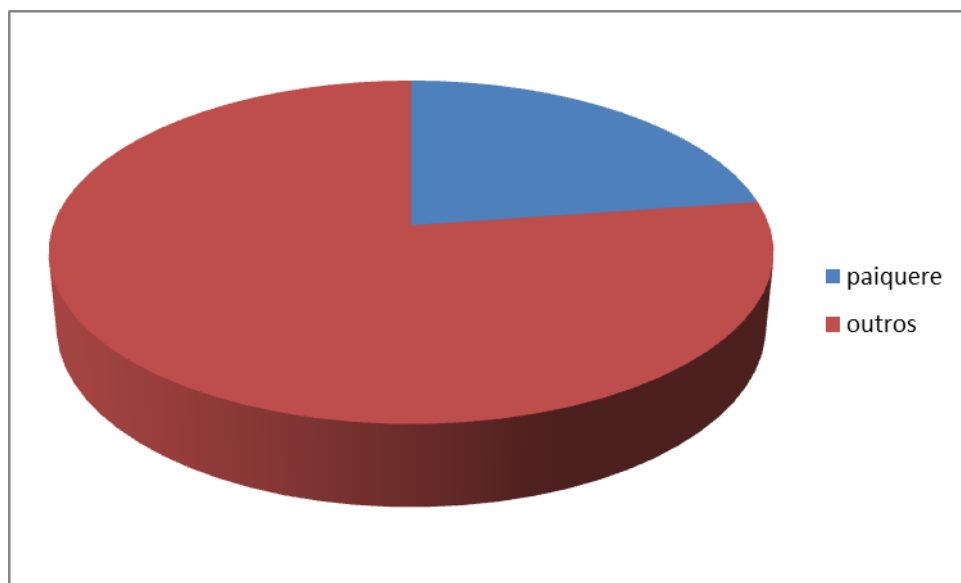
O Censo Demográfico de 2010 computou um total de 2.995 habitantes, sendo 14 habitantes por quilômetro quadrado de seus 211,96 km², o que representa 0,60% da população do município (Gráfico 1) e 23% da população rural da cidade (Gráfico 2).

Gráfico 1 – Representatividade de habitantes do Distrito de Paiquerê em relação ao Município



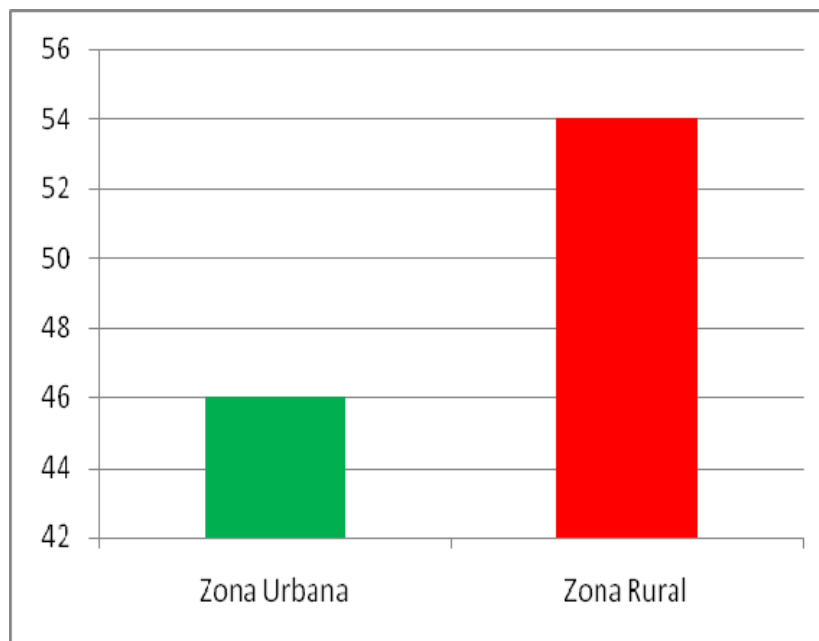
Fonte: a própria autora

Gráfico 2 – Representatividade de habitantes do Distrito de Paiquerê em relação ao número de habitantes rurais do Município



Fonte: a própria autora

Essa população concentra-se, em sua maioria, na área rural do distrito. A distribuição populacional pela dicotomia rural/urbano é bem expressada pelo Gráfico 3:

Gráfico 3 – Habitantes de Paiquerê dicotomizados Rural/Urano

Fonte: a própria autora

Como já abordado, essencialmente rural, Paiquerê se destaca com vários cultivos, tendo o milho como carro-chefe, o que veio promover certa peculiaridade à região. Todos os anos, nos primeiros dias do mês de fevereiro, o distrito promove uma festa típica com todos os produtos derivados do milho, aquecendo a economia e integrando culturalmente sua comunidade aos visitantes do centro urbano de Londrina, como também de outras regiões.

A população local se faz forte quando se refere à busca de mais benefícios dos órgãos governamentais. Prova disso está na mobilização para a implantação do Ensino Médio, concretizada no ano de 1994.

Como a região era atendida apenas com o Ensino Fundamental, mantido pela prefeitura municipal, os alunos concludentes da 8ª série não prosseguiram os estudos devido à grande dificuldade de deslocamento do distrito até a mais próxima instituição de ensino que atendesse essa necessidade. Diante disso, a comunidade mobilizou-se, unida como bairro rural (Cândido, 1971), e conseguiu a implantação do Colégio Estadual de Paiquerê.

3.2 O COLÉGIO ESTADUAL DE PAIQUERÊ

O sertão está em toda parte.
(Guimarães Rosa)

A população jovem, em que se inserem os adolescentes-alvo deste estudo, moradores da zona central do distrito (ZCD) e dos sítios e fazendas da região ou, zona rural do distrito (ZRD), divide-se entre o Distrito de Paiquerê e a cidade para trabalhar, entretanto, com a conquista da implantação do Ensino Médio, desde 1994, seu período escolar é todo, majoritariamente, empreendido no local.

A grande maioria dos alunos provém da zona rural, oriunda de famílias de baixo poder aquisitivo, com alguns exercendo atividades durante o dia para ajudar no orçamento familiar.

Todavia, vê-se uma disposição em adotar essa dupla jornada, seja para o seu próprio sustento pessoal e familiar ou para granjear enriquecimento cultural que propicie, no futuro, melhores condições de vida social e econômica.

De acordo com a atual diretora da entidade, tanto o aluno como os seus familiares concebem a escola como uma chance de melhorar as condições em que se encontram no momento, pois uma generosa porcentagem desses alunos, precipuamente os do período noturno, são trabalhadores formais ou informais no mercado de trabalho.

Uma marca vista nas entrevistas e confirmada pela diretora é o não acesso, por grande parte dos quinhentos e noventa e cinco alunos do colégio, a jornais, livros ou revistas, ou outros bens culturais promotores do desenvolvimento do letramento de prestígio ou apropriação de repertórios de cultura letrada. Tal cenário tem respaldo no ambiente familiar que abarca pais analfabetos ou semialfabetizados, portanto, com baixos graus de letramento escolar.

E foi esse colégio que abriu as portas, altruisticamente, para que eu realizasse meu trabalho. Os trinta e oito professores do corpo docente foram solidários e, sempre que solicitado, colaboraram sobremaneira com a pesquisa. O mesmo posso dizer de todos os funcionários.

Em relação aos alunos selecionados para a entrevista, todos participaram satisfatoriamente, tornando os momentos de inquirição se não prazerosos, dado o ranço do formato, ao menos agradáveis.

E são eles que apresento a seguir.

3.3 OS INFORMANTES: UMA CARACTERIZAÇÃO

*Eduardo e Mônica eram nada parecidos
 Ela era de Leão e ele tinha dezesseis
 Ela fazia Medicina e falava alemão
 E ele ainda nas aulinhas de inglês
 Ela gostava do Bandeira e do Bauhaus
 Van Gogh e dos Mutantes, de Caetano e de Rimbaud
 E o Eduardo gostava de novela
 E jogava futebol de botão com seu avô
 Ela falava coisas sobre o Planalto Central
 Também magia e meditação
 E o Eduardo ainda tava no esquema
 Escola, cinema, clube, televisão
 (Legião Urbana)*

Como já mencionei em outras partes deste trabalho, são 24 os informantes aqui analisados. Doze adolescentes do sexo feminino, denominadas INF1 a INF12, e doze adolescentes do sexo masculino, nomeados de INF13 a INF24, todos selecionados por meio de um questionário socioeconômico cultural inicial.

A INF1 tem 18 anos, estudante do 1º ano do Ensino Médio, período noturno. Mora na ZCD de Paiquerê, com o marido. É casada há dois anos. Tem três irmãos e morava, antes do casamento, com a avó. Trabalha como diarista, de segunda a sexta, em Londrina. Nunca fez cursos, tem celular, possui computador em sua casa, cujo uso é frequente para pesquisas e digitação de trabalhos escolares. Não participa de redes sociais virtuais como *Facebook* ou *Twitter*. Nas férias, suas viagens se limitam a idas a sítios próximos. Não vai à igreja. Nos finais de semana, costuma ficar em casa e, invariavelmente, vai a bares e festas em Londrina. Gosta de ler e lê, com certa frequência, romances, jornais e revistas. O avô contava histórias em sua infância. Nunca foi a teatro, mas costuma ir ao cinema. Assiste à televisão paga diariamente, menos de três horas, a filmes, entrevistas, documentários, desenhos e noticiários. Às novelas não assiste por estudar à noite, mas gosta. Não tem muitos amigos, gosta de rock nacional e MPB. Pretende cursar uma faculdade na área de Humanas, mas ainda não sabe qual. Estudou parte do Ensino Fundamental e um ano do Ensino Médio em colégios de Londrina. Parou por dois anos com o estudo regular. O marido iniciou faculdade de Administração, mas parou. Avó é semianalfabeta. A mãe, também semianalfabeta, julga o estudo perda de tempo. Sua relação com a cultura e com a variedade urbana é alta³⁴.

³⁴ Faço, aqui, uma classificação do contato, acesso e convívio de cada informante ao falar urbano em alto, mediano e baixo. Considero alto quando percebo influências como empregadores falantes dessa variedade, leitura e acesso a programas da cultura urbana, contato diário com a cidade pelo trabalho, desde que seja uma

A INF2 tem 15 anos, está no primeiro ano do Ensino Médio, matutino, mora com os pais e dois irmãos na ZCD. Na data da entrevista, estava para começar a trabalhar em uma loja de departamentos do maior *shopping* da cidade. Tem celular, usa o computador de casa para pesquisas e acessar o *Facebook*, costuma viajar nas férias para a praia. É católica não muito praticante, nos finais de semana passeia em Londrina, gosta de ler livros e revistas, já assistiu a peças de teatro durante o Festival Internacional de Teatro de Londrina – FILO, diz que não viveria sem televisão, assistindo frequentemente a filmes, novelas, programas de humor, programas de auditório e desenhos. Fez o Ensino Fundamental no distrito vizinho, passando para a escola atual neste ano. Com os seus bastantes amigos, gosta de ouvir música sertaneja, pagode e *funk*. Pretende fazer faculdade de Administração. Os pais têm uma mercearia, além de o pai transportar alunos de áreas rurais para o distrito. Os pais leem e liam para ela na infância. Seu contato com a variedade e a cultura urbana é alto.

A INF3 tem 18 anos, está no terceiro ano do Ensino Médio, noturno, mora na ZCD com os pais. Tem irmãos casados, não trabalha, não tem celular, nem computador, por isso não o usa com frequência, apesar de ter *Facebook*. Sempre estudou no mesmo colégio. Não viaja, não vai muito à igreja. Aos finais de semana, fica mais em casa, pois curtir a família é seu passatempo preferido. Diz ler, mas não menciona um livro lido por inteiro. Nunca foi a teatro e à cinema. Assiste à televisão todos os dias por mais de três horas, vendo novelas e noticiários, basicamente. Tem muitos amigos, gosta de música sertaneja e *funk*. Pretende fazer faculdade na área biológica, mas não sabe o que. A mãe, analfabeta, não trabalha e o pai, pedreiro, a que ela chama de construtor, tem escolaridade baixa. Sem contato com a leitura na infância, não lê e foi a adolescente que apresentou maior dificuldade com a leitura em voz alta. O contato com a variedade urbana é baixo.

A INF4 está no primeiro ano do Ensino Médio, tem quinze anos, estuda pela manhã e trabalha à tarde no mercadinho dos pais. Mora na ZCD com os pais e dois irmãos. Tem celular, computador em casa e o usa com frequência para os trabalhos da escola e acesso ao *Facebook*. Nas férias costuma ir à praia, é evangélica praticante, aos finais de semana vai à igreja, gosta de ler gibi. Já foi ao FILO e ao cinema. Assiste à televisão diariamente, mas por curto período de tempo: vê desenhos, novelas, programas de humor e filmes. Gosta de música sertaneja, faz aulas de órgão, tem namorado. Coursou o Ensino Fundamental no distrito vizinho, não pretende fazer faculdade, mas sim um curso de costura. A mãe não estudou e vende roupas. O pai graduou-se, já adulto, em Pedagogia e, além de cuidar da mercearia da

posição permeada por eventos de letramento. Mediano é quando há um contato aleatório a qualquer um dos eventos citados, ao passo que baixo é o contato apenas em sala de aula.

família, é diretor na escola municipal. A leitura foi entronizada na primeira infância, por meio de leitura de historinhas pelo pai. O contato com a variedade urbana é alto.

A INF5 tem 16 anos, estudante do 2º ano do Ensino Médio, no período matutino. Mora na ZRD de Paiquerê, com a mãe, avós, tio e um irmão. Não trabalha, nunca fez nenhum curso, não usa computadores com frequência, mas, aleatoriamente, vai a *lan house* para fazer pesquisas, trabalhos escolares e acessar o *Facebook*. Vai pouco à cidade. Nas férias, costuma viajar para a casa de familiares em cidades próximas. Costuma ir à igreja evangélica, mas não com frequência, pois não há igreja na localidade em que mora e sua família não possui meio de transporte próprio. Gosta de ler revistas, principalmente, e, esporadicamente, a Bíblia. Nunca foi a teatro e raramente vai a cinema. Assiste à televisão aberta todos os dias por mais de três horas, preferencialmente filmes, novelas, entrevistas, humorísticos, programas de auditório e desenhos. Não tem muitos amigos, gosta de música sertaneja, *pop* internacional e pagode. Não tem e nunca teve namorado. Pretende cursar uma faculdade, mas está em dúvida entre Medicina e Engenharia civil. A mãe é empregada doméstica na casa de Médicos em Londrina. Não tem contato com o pai. Intensa admiração pela mãe, que fez até o 3º ano do Ensino Médio e lê muito. Relação de contato com a cultura urbana é mediano.

A INF6 tem 18 anos, está no terceiro ano do Ensino Médio, mora na ZCD com o marido e a filha. Trabalha como atendente de *call center*, tem computador em casa, cujo acesso é, principalmente, para as redes sociais. Não costuma viajar, é evangélica praticante, não gosta de ler, não costuma frequentar cinema, teatro. Assiste à televisão, quando pode, privilegiando filmes, novelas, entrevistas e desenhos, por causa da filha. Gosta de música sertaneja e gospel. Morou em Londrina por um tempo, estudando como bolsista no Colégio SESI. A mãe é diarista, mas já trabalhou para a Prefeitura em alguma área referente à assistente social. O pai é mestre de obras. Teve contato com a leitura na infância, pois a mãe lia historinhas para ela. A mãe é frustrada por incentivar tanto a leitura, sem êxito. Tem um leve sotaque mineiro, adquirido pelo contato com falantes do estado de Minas Gerais por meio do trabalho. O contato com a variedade urbana é alto.

INF7 também é casada e mora com o marido e a filha na ZCD. Tem dezoito anos, está no primeiro ano do Ensino Médio, trabalha no maior mercado do distrito, tem computador em casa, utilizando-o para pesquisas, trabalhos e conexão ao *Facebook*. É católica, não muito praticante, fica mais em casa nos finais de semana, acha que lê pouco e culpa a falta de tempo. Ganhou um livro de autoajuda que a faz procurar mais esse gênero quando pensa em leitura. Assiste à televisão de vez em quando, nomeadamente filmes e noticiários, gosta de música sertaneja e *pop* nacional. Não pretende cursar faculdade, mas desde já incentiva a filha de dois

anos e meio a fazê-lo. Parou dois anos de estudar. Fez o Ensino Fundamental em várias escolas. Os pais são analfabetos e o marido não terminou o Ensino Médio. Morou a maior parte da vida no sítio. Seu contato com a variedade urbana é mediano.

A INF8 mora com a mãe e os irmãos na ZRD, tem 16 anos, está no segundo ano do Ensino Médio matutino. Morou e estudou em Londrina até o sexto ano do Ensino Fundamental. Não trabalha, nem ajuda no comércio que a mãe tem no sítio em que moram. Tem computador em casa e utiliza com frequência para acesso ao *Facebook* e também para pesquisas e trabalhos escolares. Viaja nas férias para a casa de familiares na região, não frequenta a igreja, lê com frequência, nunca foi ao teatro, mas vai ao cinema uma vez ou outra. Assiste à televisão acima de três horas diariamente, escolhendo filmes, novelas, entrevistas, programas de humor, programas de auditório e desenhos. Não tem muitos amigos, gosta de música sertaneja, *pop* internacional e pagode. A mãe, apesar de ter feito só até a quarta série, lê bastante, e a introduziu o mundo letrado, por meio da literatura, na primeira infância. O acesso à variedade urbana é mediano.

A INF9 tem dezoito anos, mora com os pais e uma irmã na ZRD. Cursa o segundo ano do Ensino Médio, trabalhou por um período em uma loja de roupas na ZCD, utiliza o computador de casa para trabalhos e acesso ao *Facebook*. Há dois anos foi para Paiquerê, oriunda de uma cidade pequena do interior do Paraná, Manoel Ribas, também de caráter maximamente rural. Suas viagens limitam-se a casa de familiares, é católica praticante desde a infância, costuma ler. Os pais, apesar do pouco estudo, têm uma relação boa com a leitura e liam para a informante durante a sua primeira infância. Nunca foi ao cinema ou ao teatro, diz que não viveria sem a televisão e assiste sempre a filmes, novelas, programas esportivos, de entrevistas, de humor e de auditório. Gosta de música sertaneja, pretende cursar faculdade de Biologia. A variedade urbana é alcançada por meio da leitura.

A INF10 tem dezesseis anos, está no segundo ano do Ensino Médio, mora com a mãe, o padrasto e os irmãos na ZRD. Não trabalha, não acessa o computador com frequência. Nas férias, costuma viajar para a casa do pai, na capital do estado, não vai muito à igreja, adora ler, foi ao cinema apenas uma vez. Assiste à televisão todos os dias: filmes, novelas, programas de humor, programas de auditório e desenhos. Gosta de música sertaneja e pagode junto de seus bastantes amigos e do namorado. Pretende fazer Direito. Mora somente há oito meses no distrito, oriunda de uma cidade do norte do Paraná, também de característica rural, onde também estudou. Mudou com a mãe, dona de casa e semianalfabeta, e o padrasto, semianalfabeto e administrador de fazenda, a contragosto, no início. O contato com o pai,

montador de carros na capital, é regular, mas recente. Não teve acesso à leitura na primeira infância e seu contato com a norma urbana é mediano.

A INF11 tem quinze anos, está no primeiro ano do Ensino Médio, matutino, mora no ZRD com os pais e os irmãos. Trabalhou em uma lojinha na ZCD e, no momento da entrevista, estava se preparando para iniciar o trabalho em uma empresa grande de revenda de caminhões na cidade de Londrina. É católica fervorosa, acessa a internet para as redes sociais, nomeadamente o *Facebook*. Nas férias, costuma visitar parentes em cidades próximas. Nos finais de semana, vai à igreja, nunca foi ao teatro, assiste muito a filmes, novelas, programas de auditório e desenhos. Gosta de música sertaneja, *pop* internacional e *funk*. Não costuma ler, mas já leu com certa frequência com menos idade. Não teve contato com a leitura durante a primeira infância. A mãe, diarista, terminou o Ensino Fundamental. O pai, operador de empilhadeira, terminou os primeiros anos do Ensino Fundamental, nosso antigo primário, mas fez muitos cursos relativos à sua profissão, o que o fez galgar novos postos na empresa em que trabalha. Essa mudança de situação devida aos estudos foi apresentada à informante, que não tinha conseguido fazer essa relação. Sua reação foi de surpresa, como se descobrisse algo realmente novo! O contato com a norma urbana é mediano.

A INF12 tem quinze anos, mora na ZRD com os pais e uma irmã, de onde nunca saiu. Os dois irmãos mais velhos não moram com ela. O irmão é casado e a irmã mora com uma tia na cidade. Está no primeiro ano do Ensino Médio, período matutino. O Ensino Fundamental foi concluído no distrito vizinho. Nunca trabalhou, não tem computador em casa, mas acessa as redes sociais como o *Facebook*. Suas viagens de férias limitam-se à casa de parentes em cidadezinhas próximas. É católica praticante, gosta de ler coisas sobre moda, assistir a filmes, novelas, entrevistas e ouvir pagode e *funk*. Pretende fazer faculdade de Moda. Os pais estudaram apenas até a quarta série, sendo o pai agricultor e a mãe dona de casa. O acesso à variedade padrão é restrito.

De agora em diante, os informantes são todos do sexo masculino.

O INF13 tem dezessete anos, mora na ZCD, está no primeiro ano do Ensino Médio matutino, tem um irmão e mora com os pais adotivos. Não trabalha por falta de documentação, já que há uma briga judicial pelo direito ao seu registro, impetrada pela família biológica contra a adotiva. Há um computador em sua casa e usa com frequência para pesquisas, trabalhos da escola, e redes sociais virtuais como *Orkut*, *Facebook* e *MSN*. Não costuma viajar nas férias, é católico praticante, costuma ler a Bíblia e gibis. Não teve contato com histórias na infância, lidas ou contadas. Nunca foi ao teatro e raramente vai ao cinema. Assiste à televisão aberta por mais de três horas ao dia, vendo filmes, novelas, programas

esportivos, humorísticos e desenhos. Tem bastantes amigos, gosta de música sertaneja, rock nacional, pagode, *funk*, *rap* e *batidão*. Não tem namorada, mas já teve. Pretende cursar faculdade de Administração de Empresas. Já morou no sítio, tem uma relação de intenso respeito e admiração pelos pais adotivos. O pai é pedreiro, analfabeto. A mãe é dona de casa, cursou até a 5ª série (atual 6º ano Ensino Fundamental). A relação de contato com a cultura urbana é extremamente baixa.

O INF14 tem quatorze anos e está no primeiro ano do Ensino Médio matutino. Mora com os pais e uma irmã na ZCD, não trabalha, não tem celular, não tem computador, não acessa as redes sociais virtuais, só vai à igreja de vez em quando e viajou apenas duas vezes, em uma delas, para a praia. Sempre estudou no mesmo colégio, sai pouco de casa nos finais de semana. No momento da entrevista, acabara de ganhar uma enciclopédia. Assiste à televisão por mais de três horas diárias: filmes, novelas, programas de esportes, de humor e de auditório. Tem bastantes amigos, com os quais gosta de jogar futebol e ouvir música sertaneja, pagode e *funk*. O pai, operário, e a mãe, faxineira, leem e escrevem o básico. Ninguém lia ou contava-lhe histórias na infância. O acesso à variedade urbana é baixo.

O INF15 tem 15 anos, está no segundo ano do Ensino Médio, período matutino. Mora na ZRD com os pais, uma irmã e um irmão gêmeo. Trabalha com o tio na roça diariamente, nunca fez cursos, não tem computador e não costuma usar, por isso, não participa de redes virtuais. Não costuma viajar nas férias, a não ser idas à casa de familiares em sítios vizinhos. É católico e frequenta a igreja, sendo esse o seu único compromisso aos finais de semana. Não gosta de ler. Nunca foi ao teatro, nem ao cinema. Assiste à televisão aberta todos os dias por menos de três horas, preferencialmente filmes, humorísticos e desenhos. Tem muitos amigos, gosta de *rap*. Não tem e nunca teve namorada. Não pretende cursar faculdade. Raramente vai à cidade. O nível de escolaridade dos pais é mediano. O pai é motorista do ônibus do transporte escolar municipal. Seu contato com o falar urbano é baixo.

O INF16 tem 15 anos, está no primeiro ano do Ensino Médio, mora na ZCD com os pais. A única irmã é mais velha e casada. Não trabalha, mas faz curso na Guarda Mirim na cidade. Já fez curso básico de Espanhol em Londrina, não tem computador em casa e, raramente, utiliza o equipamento na casa de amigos para acessar o *Facebook* e fazer trabalhos escolares. Fez o Ensino Fundamental no distrito vizinho. Em suas férias, não costuma viajar, não vai a igreja, nos finais de semana costuma ficar em casa, não gosta de ler, nunca foi ao teatro e apenas poucas vezes ao cinema. Gosta de assistir à televisão, em especial a programas de humor, de esportes, filmes e documentários em canais pagos. Gosta de *funk* e *rap*, pretende fazer faculdade de Engenharia, sem especificar. Filho de pai pedreiro e mãe faxineira, teve

contato com a leitura na primeira infância proporcionado pela mãe. O contato com a variedade urbana é alto.

O INF17 tem 16 anos, está no primeiro ano do Ensino Médio matutino, mora na ZCD com os pais, não trabalha, nunca fez cursos, não tem computadores em casa, mas tem *Facebook*. As férias são passadas, geralmente, na casa de familiares. Não vai à igreja, nos finais de semana costuma ir a barzinhos e reuniões com amigos no Distrito de Paiquerê. Costuma ler gibis, gosta de ir ao cinema e não viveria sem televisão, pois assiste sempre a filmes, novelas, programas esportivos, de humor, de auditório, desenhos e noticiários. Gosta de *funk* e música eletrônica. Morou e estudou no Japão por dois períodos. O pai é mecânico e a mãe é faxineira. Quando criança, a mãe lia para ele. O contato com o falar urbano é mediano.

O INF18, com dezesseis anos e no segundo ano do Ensino Médio matutino, mora na ZRD com os pais e um irmão, e trabalha ajudando o pai nos afazeres do sítio. Não tem celular, não tem computador, não acessa as redes virtuais, não costuma viajar, mas ama jogar *videogame*. É católico e vai às atividades de sua religião frequentemente. Aos finais de semana, fica mais em casa e, invariavelmente, encontra os amigos para uma conversa na praça central de onde mora. Não gosta de ler, nunca foi ao cinema ou ao teatro, assiste na televisão a filmes, desenhos e programas de humor por mais de três horas diárias. Gosta de música sertaneja e *funk*, não se decidiu ainda em relação a fazer ou não uma faculdade. O pai, trabalhador rural, e a mãe, dona de casa, estudaram até a quarta série do antigo primário³⁵. Os pais não costumam ler, mas, na primeira infância, o menino teve contato com as histórias de assombração contadas pelos mais velhos em reuniões à noite. Tem baixo contato com o falar urbano.

O INF19 reside com os pais na ZRD, está no segundo ano do Ensino Médio, no período matutino, e tem dezesseis anos. Tem computador em casa, mas não é acessado frequentemente, a não ser para trabalhos escolares. Não costuma viajar nas férias, aos finais de semana vai a festas e encontro com amigos residentes na região. Não gosta de ler, não vai ao cinema ou teatro. Diz não viver sem televisão, pois passa quase todo o tempo livre vendo filmes, novelas, programas de humor, de auditório e desenhos. Gosta de música sertaneja, pop nacional e internacional, pagode, *funk*, *rap* e samba. Não pretende fazer faculdade. Trabalha ajudando o pai na lavoura, que estudou até a quarta série, como sua mãe. Não teve contato com a leitura na primeira infância. O falar urbano é bem distante de sua realidade.

³⁵ Na atual nomenclatura, essa etapa corresponde ao II ciclo do ensino fundamental.

O INF20 tem 15 anos, está o primeiro ano do Ensino Médio, mora na ZRD com os pais. Não tem irmãos. É oriundo de uma cidadezinha do interior, em que a agricultura e a pecuária são as bases econômicas, morando no distrito há cerca de três anos. Trabalha com o pai em todos os afazeres da fazenda em que moram. Não tem computador em casa, mas tem conta no *Facebook*. Nas férias, costuma visitar sua cidade de origem, não vai à igreja, gosta de jogar futebol nos finais de semana, não gosta de ler, não vai a cinema e nunca foi a teatro. Assiste sempre a filmes, novelas, programas de esporte, de humor e desenhos em canais abertos da televisão brasileira. Gosta de música sertaneja, sonha em ser Engenheiro Agrônomo, para continuar trabalhando com a terra, algo de que gosta muito. O pai, trabalhador rural, e a mãe, trabalhadora doméstica na sede da fazenda, têm baixo grau de escolaridade. O pai sabe decodificar, mas a mãe é analfabeta. Na infância, lembra-se apenas de que o pai o ajudava nas tarefas escolares que tratavam de números. Seu contato com a variedade urbana da língua é baixo.

O INF21 tem dezessete anos, está no terceiro ano do Ensino Médio período noturno, mora na ZRD, trabalhou um período na fábrica de lonas em Londrina, mas, no momento da entrevista, estava desempregado e, por isso, ajudando o avô nas tarefas do sítio. Fez curso de computação, tem computador em casa, cujo uso varia entre trabalhos escolares e acesso à internet, especialmente ao *Facebook*. Suas férias são passadas em casas de parentes em locais próximos, não costuma sair de casa nos finais de semana para festas, mas gosta de dirigir e pilotar moto, passeando sozinho pelo sítio. Os pais são servidores gerais, têm pouco estudo, não costumam ler e não liam para o informante em sua tenra idade. Não gosta de ler, não pretende fazer faculdade, pois acredita não ser capaz de arcar com essa despesa financeira. Assiste à televisão de vez em quando, privilegiando programas de humor e jornais. Gosta de música sertaneja, *rap*, *funk* e *hip hop*. A variedade urbana é um pouco distante de seu cotidiano, por isso, o contato é baixo.

O INF22 é irmão gêmeo do INF15. Tem 15 anos, está no segundo ano do Ensino Médio, período matutino. Mora na ZRD com os pais, uma irmã e um irmão gêmeo. Trabalha com o tio na roça diariamente, nunca fez cursos, não tem computadores e não participa de redes virtuais. Trabalha ora ajudando o tio no sítio em que moram, ora ajudando o pai em obras. Não costuma viajar nas férias, apenas visitando familiares em sítios vizinhos. É católico e frequenta a igreja. Jogar futebol e andar de moto são os seus compromissos aos finais de semana. Não gosta de ler. Estava odiando ler “Dom Casmurro”, a pedido da professora. Nunca foi a teatro, nem a cinema. Assiste à televisão aberta todos os dias por menos de três horas, preferencialmente filmes, humorísticos e desenhos. Gosta de ouvir

música sertaneja e funk. Não pretende cursar faculdade. Raramente vai à cidade. Os pais têm maior nível de escolaridade. O pai é pedreiro, mas também transporta alunos no transporte escolar municipal. Seu contato com o falar urbano é baixo.

O INF23 tem dezesseis anos, está no terceiro ano do Ensino Médio noturno, mora com os pais e um irmão na ZCD, trabalha no Departamento de auditoria da administradora do maior centro de compras de Londrina, fez diversos cursos, inclusive de Espanhol, utiliza o computador com frequência, tendo conta no *Facebook* e no *Twitter*. Suas férias são passadas na praia, é católico assíduo, inclusive acólito³⁶. Gosta muito de ler e de sair com os amigos, já assistiu às peças de teatro encenadas no FILO, algo de que gosta muito. Gosta de televisão, mas não assiste muito, privilegiando filmes, novelas, programas esportivos, documentários e noticiários. Gosta de *rock* e *pop* nacional e internacional. Terminando o Ensino Médio, irá para a capital para se preparar para cursar Engenharia Civil na Universidade Federal e pretende, tão logo seja possível, obter um intercâmbio para estudar nos Estados Unidos. O pai é mecânico, estudou até a quarta série, e a mãe é uma espécie de governanta em casa de uma família de Londrina. Seu contato com a leitura vem da mãe, que não só lia para ele na infância, como até hoje costuma ler a Bíblia em voz alta para que ele e os irmãos acompanhem. O contato com o falar urbano é alto.

O INF24 tem dezessete anos, está no terceiro ano do Ensino Médio noturno, trabalha no Departamento Jurídico da maior universidade particular da cidade, e mora na ZCD com os pais. Filho único do casal, gosta de tocar guitarra, ir aos cultos e encontros de sua igreja, com a qual tem uma relação intensa. O pai é mecânico e a mãe é empregada doméstica em Londrina. Entrou na escola já sabendo ler e escrever. Sua mãe lia e contava muitas histórias, segundo ele. Gosta de ler, mas prefere textos na internet, sobre variados temas, em especial sobre Psicologia. Assiste pouco à televisão, preferencialmente ao Chaves. Gosta de “*blues, jazz, um pouco de country e folk. Rock com influência de música clássica também me agrada*”, conforme ele mesmo anotou no questionário socioeconômico a que respondeu. É um informante com ideias bastante críticas e, por vezes, originais. Expressou-se, a maior parte do tempo, utilizando um falar muito urbano e culto. Contato alto com a variedade urbana.

E são esses os meus informantes, os adolescentes que me ajudaram a compreender melhor a expressão linguística desse grupo tão heterogêneo e, assim, tão representativo da linguagem. Para especificar melhor esses meninos, no que concerne a alguns dados pontuais,

36 “Acólito é aquele ou aquela que, na celebração da liturgia católica, precede, vai ao lado ou segue outras pessoas, para as servir e ajudar.” Disponível em: <<http://acolitos.liturgia.pt/curso/curso04.php>>. Acesso em: 12 ago. 2014.

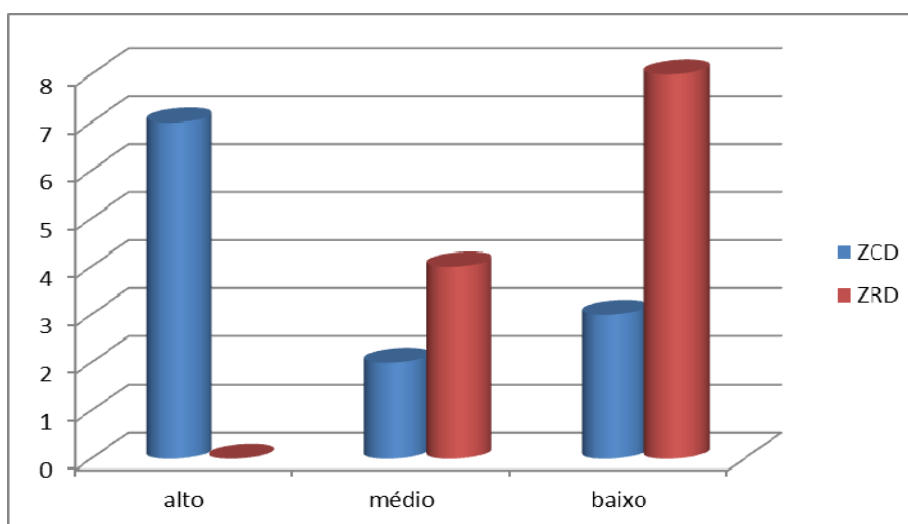
apresento alguns gráficos e quadros, os quais me ajudam a detalhar com mais exatidão os informantes.

Entre os 24 adolescentes, há três casadas (INF1, INF6 e INF7), e duas delas têm filhos (INF6 e INF7), cujo papel é interessante na configuração de sua fala. As duas relataram se preocupar mais com a forma de articular a linguagem a partir do momento em que as filhas passaram a copiar suas falas. A INF6, respondendo se havia alguém que a levasse a se preocupar em falar de uma maneira mais padrão, disse “coa minha filha, pra ela aprendê a falá certo”(L.574;75). A INF7 também: “quando eu tive minha filha também, porque falava errado, eu percebi qui ela tava começano a falá errado, eu falei ‘não podi’, começá a falá certo” (L.733).

Quase todos os adolescentes, 71% , encontram-se no ano escolar adequado, e apenas 21% não pretendem cursar faculdade. O INF24 iniciaria, no ano seguinte ao da entrevista, o curso de Psicologia na universidade particular em que trabalha.

Começando pelo gráfico 4, trago a visualização do acesso à variedade das agências hegemônicas representativas do falar urbano:

Gráfico 4 – Acesso ao falar urbano

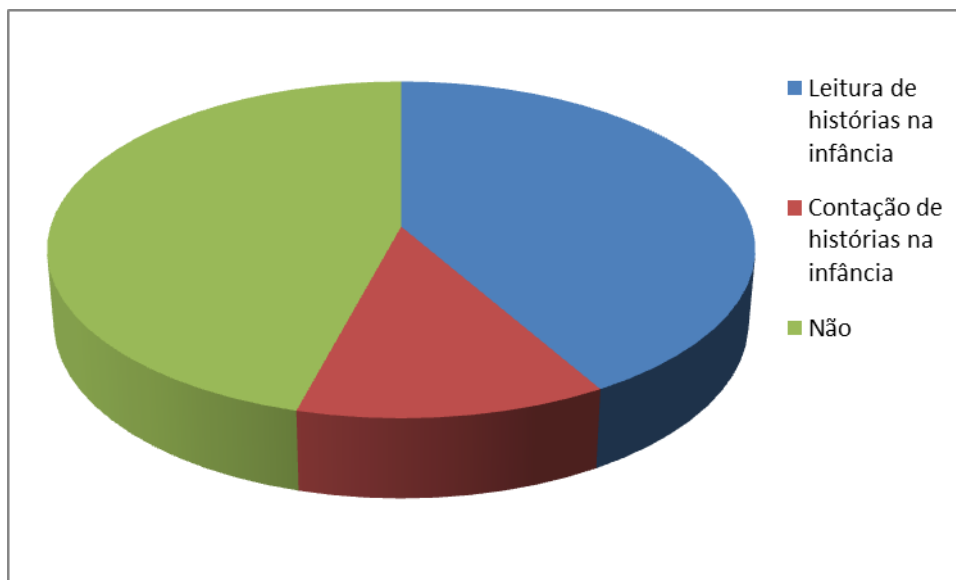


Fonte: a própria autora (2014)

Fica clara, nessa sistematização, a predominância do baixo contato dos informantes do ZRD com o falar urbano, gerado, muitas vezes, pelo trabalho localizado, por pais semianalfabetos ou analfabetos, pela pouca leitura ou por questões identitárias. Falarei mais sobre isso na análise das redes individuais desses adolescentes. O INF20, por exemplo, esclarece seu pouco contato com a urbanização ao alegar ir muito pouco para a cidade, o que justifica “num curto muito Londrina, mais uma vez por meis só, mais im casa.” (L.2292)

O gráfico 5 representa o contato dos informantes com a leitura na primeira infância, atitude que, como veremos adiante, é fundamental para a construção de um leitor no futuro.

Gráfico 5 – Leitura ou contação de histórias por pais ou cuidadores na primeira infância



Fonte: a própria autora (2014)

O acesso às histórias infantis ou contos populares por meio da leitura, ou mesmo da contação não sistematizada, durante a primeira infância, é refletido no gosto pela leitura agora na adolescência e também é um diferencial que aproxima a fala desse adolescente do padrão culto, urbano.

A INF1 não teve quem lesse para ela em sua idade tenra, mas o avó contava histórias populares, como as de terror, por exemplo, o que pode ter despertado nela o gosto pela leitura, que lhe é um hábito atualmente, como ela me conta “Ah eu leio di tudo um pouco, mais eu gosto mais di livros meio qui di suspensi, essas coisa assim” (L.58,59). A INF11 também teve contato com esse tipo de literatura oral e manteve o hábito pela leitura até um período, o que já não faz com frequência atualmente, pois, segundo ela, “agora qui eu fiquei mais um pouco mais sonera, é muita coisa pra fazê, aí deixei di lado, [...] quando eu era criança eu lia mais.” (L.1340,41). O INF18, entretanto, apesar de ter contato com a contação de histórias e ter com a mãe uma leitura assídua da Bíblia, não gosta de ler, como ele mesmo diz “Ah, importanti, mai num gosto di lê não. (L.2171,72)”

As INF3, INF7, INF10, INF12 e os INF13, INF14, INF15, INF19, INF20, INF21, INF22 e INF24 não tiveram qualquer tipo de contato com a literatura, quer oral, quer escrita, durante a sua tenra idade.

Desses, a INF3 diz, na entrevista, que costuma ler. Entretanto, no decorrer das perguntas, percebo que ela não tem esse hábito, que representava um papel de leitora, talvez por achar que aquilo seria importante. Vi, aqui, uma salvaguarda de sua imagem, naquilo que Brown e Levinson (1987) chamam de preservação da face, visto que ela tenta me apresentar uma face de leitora assídua, que talvez achasse ser mais bem aceita por mim, no papel social que assumi ao entrevistá-la.

Ela foi, entre todos os entrevistados, a pessoa que mais mostrou dificuldades na leitura em voz alta, extremamente precária, e na compreensão das perguntas, revelando-se totalmente despreparada em relação ao letramento crítico e à postura de cidadã capaz de agir socialmente em todas as circunstâncias, como se esperava, já que estava na metade do 3º ano do Ensino Médio na ocasião da entrevista. Além de tudo isso, os traços descontínuos são marcantes em sua expressão linguística.

A INF10 adora ler, apesar de não ter tido contato com a leitura na infância, e a INF12 lê matérias sobre moda na internet. O INF14, mesmo na era da informática, no dia de nossa conversa, acabara de ganhar um presente que o faria ler. Ele mesmo afirmou “agora eu ganhei uma enciclopédia do Decamerão, agora eu vô lê por causa qui principalmenti cai im vestibular” (L.1760, 61)

O INF24 afirma ter tido muito contato com a leitura na infância, o que, inclusive, favoreceu sua alfabetização precoce, pois, segundo ele, “até porque quando eu, quando eu comecei na iscola, eu mesmo lia minhas histórias” (L.2884), e hoje “Gosto, leio tudo, di tudo um poco” (L.2877). Interessante esse informante. Ele usa a língua muito próxima do falar urbano, não apresentando marcas descontínuas. No início, achei que estava apenas se adequando ao entrevistador, atitude comum, entretanto, permaneceu fiel ao estilo até em momentos de maior descontração ou emoção.

Por fim, a INF2, INF4, INF5, INF6, INF8, INF9 e os INF16, INF17 e INF23 tiveram contato com a leitura por meio de seus pais ou cuidadores na primeira infância. Interessante aqui é a diferença entre os meninos e as meninas, pois, entre aqueles para quem os pais liam na infância, a maioria é de mulheres. Além disso, apenas a INF9 não está na idade condizente ao ano na escola, ou seja, tem 18 anos e está no segundo ano.

A INF5 hoje em dia lê frequentemente uma revista juvenil (“Capricho”), estimulada pela mãe que não só lia na infância para a informante, como hoje se mantém uma leitora assídua. A INF6, apesar de ter contato com a leitura na infância e sua mãe ainda incentivá-la ao hábito, odeia ler. Acha a prática tediosa e algo que “só servi pa dá sono” (L.618). O INF23 também tem contato com mãe leitora, a qual, inclusive, promove momentos de leitura em voz

alta da Bíblia para os filhos ouvirem. Acólito na igreja católica, o informante tem contato com muitos textos religiosos.

Os demais informantes têm particularidades, entretanto, nada relevantes que merecessem um comentário especial.

O que resulta disso é a constatação do desinteresse por leitura pela maior parte dos informantes. Dos vinte e quatro, dez não leem nunca e nada. Quando o fazem é por obrigação, livros impostos pela escola, dos quais não tiram nenhum proveito. 33% leem com certa frequência, mas apenas três disseram ler por prazer, entretenimento, para busca de cultura geral e aprendizagem, que são a INF1, INF5 e o INF24. Os demais, 25%, leem esporadicamente, incluindo aí páginas da internet.

Em se tratando da imposição de livros pela escola, foi possível constatar, pelas falas dos informantes, um procedimento metodológico da professora de Língua Portuguesa.

Não é o foco deste trabalho analisar o trabalho da professora, entretanto, necessário se faz uma breve consideração. Todos os alunos do Ensino Médio têm a mesma professora de Língua Portuguesa. Como avaliação do Bloco, ela solicitou aos alunos que lessem o livro de Machado de Assis “Dom Casmurro”. Trabalho válido, pois tenciona incutir o gosto pela leitura por meio do que há de melhor em nossa literatura. Entretanto, de acordo com os alunos entrevistados, em conversas fora da entrevista para a tese, não houve um trabalho de pré-leitura, uma discussão preliminar sobre a obra, ou qualquer coisa do gênero.

Considerando, ainda mais, a densidade da obra lida, em vez de proporcionar o gosto, a professora poderá estar perpetuando maior desinteresse, já que o único trabalho a ser feito, ao final, seria uma ficha de leitura, com os personagens, e um breve resumo da obra, sem que houvesse qualquer discussão crítica, posicionamento social, psicológico. Alguns alunos já estavam terminando a leitura e sequer tinham percebido o cerne do romance, que é a dúvida em relação a uma traição de Capitu, obra de tanta discussão nos círculos literários. A professora não cumpriu o papel de agente de letramento, uma vez que não proporcionou a seus alunos a mediação leitora necessária para que percebessem o livro.

Ler e apreciar uma obra, atribuir sentido a ela, reler, comentar, comparar com outras leituras, cotejar com sua realidade, seus atos cotidianos, ouvir o que dizem outras pessoas sobre o livro e ampliar seu olhar são ações que a escola pode desenvolver com os alunos em diferentes faixas etárias, mas, como já mencionado, essa discussão, apesar de relevante, não é o foco deste trabalho.

Por fim, por meio desses meninos e meninas, de sua fala jovial, de sua expressão descompromissada, obtive dados para buscar respostas às questões propostas, as quais passo, então, a apresentar no capítulo seguinte.

4 A ANÁLISE

Nos capítulos anteriores, estabeleci as considerações teóricas e metodológicas que direcionam e orientam o que se encerra como o coração de toda a pesquisa: a análise.

Colhidos os dados, estabelecidos os caminhos a trilhar, as fontes a embasar, testo minhas hipóteses, cruzo teorias e a realidade, dentro dos objetivos propostos, buscando uma análise eficiente no sentido de descrever, de fato, a expressão linguística do público a com que me propus trabalhar.

De acordo com Bortoni-Ricardo (2009, p. 34)

Entre os indivíduos de origem rural, encontramos aqueles que, por meio do ensino sistemático da língua na escola ou pelo convívio da cultura de letramento, já estarão adiantados no processo de conformação de sua linguagem aos padrões citadinos de prestígio, enquanto outros conservarão, ainda quase inalterados, seus hábitos linguísticos originais.

Assim sendo, levando em consideração terem em comum a rede social escola, e, portanto, o conhecimento sistemático da língua, o que leva meus informantes a expressarem-se utilizando o falar urbano ou o falar rural?

Focar no que isso representa na configuração linguística dos informantes é o que concerne. Para tanto, desenhar as redes de interação dos adolescentes pesquisados se faz mister. É o que faço por meio do método da ARS, que detalho no subitem que seguinte.

4.1 ANÁLISE DE REDES SOCIAIS (ARS): UM MÉTODO ANALÍTICO

A ARS, devido à “tipologia dessas redes (em sua relativa multiplexidade e densidade) guarda uma estreita relação com a mobilidade social do indivíduo e, portanto, desempenha um papel decisivo nos processos de extensão da mudança.³⁷” (CARAVEDO, 2003, p. 45, grifos do autor, tradução minha), assume sua importância como método de análise nesta tese.

Além disso, segundo Hegel, o que a verdadeira ciência sempre buscou foi exatamente entender as relações, como se dá a interação, os processos sociais em que se envolvem os seres humanos.

Originalmente utilizada nos sistemas de telecomunicações e computação, procura estabelecer um meio objetivo de identificar conexões (laços ou relações) e pontos (nós ou

³⁷ La tipología de tales redes (en su relativa multiplicidad y densidad) guarda una estrecha relación con la movilidad social del individuo y, por lo tanto, desempeña un papel decisivo en los procesos de extensión del cambio.

atores) dentro de um sistema determinado e, com isso, representar padrões estruturais de relações, os quais tanto podem se apresentar como constantes, ou totalmente imprevisíveis e não lineares

É uma metodologia aplicada ao estudo das relações entre entidades e objetos de qualquer natureza, em especial no que tange aos problemas complexos, como a manutenção e mudança linguística, por exemplo, e por isso viável para os estudos sociais.

De acordo com Hanneman e Ridle (2005), a ARS caracteriza-se fundamentalmente por sua ocupação com dados que expressam relações (conexões ou laços) entre objetos (nós, indivíduos, grupos) diversos, ocasionando um deslocamento de foco analítico. Ou seja, a abordagem tradicional nas ciências humanas centra-se nos atributos individuais, ao passo que a ARS vislumbra as relações estabelecidas por esses indivíduos com demais participantes em determinado contexto social.

Barry Wellman (1999, p. 11) afirma que “a essência da análise de redes sociais está no foco sobre as relações e estruturas sociais — onde quer que possam ser localizadas e quaisquer que sejam os atores envolvidos”.

Existem padrões de interação, os quais podem ser compreendidos como unidades, estruturas de certa forma duráveis que seguem, teoricamente, determinações lógicas intrínsecas do sistema do qual fazem parte.

A ARS considera as relações como blocos de construção da estrutura social e entende que o ambiente social se expressa pelos padrões ou regularidades presentes em tais relações. É um conjunto de métodos voltado para o estudo sistemático das estruturas sociais e visa à descrição e à análise dos padrões relacionais presentes nas redes.

Para a ARS, não há a dicotomia sincronia/diacronia, dada a dinamicidade das redes e o foco se volta, justamente, para esse dinamismo, visto ser a realidade social resultado de decisões individuais, autônomas, por isso a relação entre macro e micro é inerente.

Utilizar a ARS como método de análise é mais propício ao tratar da fala, ato individual, pois os indivíduos não são tratados como equi-iguais, já que são, faticamente, extremamente diferentes.

Em redes, tudo isso está relacionado, imbricado, sendo os dados dependentes uns dos outros e a mensuração dessa imbricação pode se dar por meio de dois tipos de análise: as sociocêntricas e as egocêntricas.

As redes sociocêntricas configuram-se por dados coletados dos membros de um grupo sobre o contato com outros membros do grupo, de maneira a estabelecer as interações de todo mundo com todo mundo.

Redes egocêntricas ou pessoais focalizam os efeitos da rede sobre as atitudes individuais e comportamentos condicionantes, ou seja, preocupa-se com os efeitos de uma rede sobre atitudes individuais, por exemplo, como o contexto e a estrutura social afetam as liberdades individuais e, nesse caso em especial, como as redes afetam a configuração da fala do adolescente que reside em Paiquerê.

A título apenas de ilustração, uma vez que não é foco desta tese quantificar todas as redes dos informantes de maneira sistemática, desenhei, por meio do programa Egonet, a teia interacional dos vinte e quatro informantes, as quais apresento a seguir.

4.1.1 Egonet³⁸

Criado por Christopher McCarty, da Universidade da Flórida – EUA, é um *software* livre, disponível para ser baixado na internet, que, além de outras funções não relevantes para este trabalho, quantifica os contatos de pessoa determinada, por meio da identificação de conexões (laços ou relações) e pontos (nós ou atores) dentro de sua rede egocêntrica ou pessoal, estabelecendo os padrões estruturais de sua interação e, com isso, definindo a constância e a aleatoriedade de suas relações.

4.1.1.1 Perfil dos informantes com o Egonet

Das respostas dadas a três perguntas³⁹ adicionais ao questionário socioeconômico aplicado aos informantes na primeira fase da coleta de dados para esta tese, obtive, com a ajuda do programa Egonet, um mapeamento das redes de interação de meus informantes.

Obtidos os nomes, esses foram lançados no programa, em uma terceira fase da entrevista, que se caracterizou pela definição de quem se relaciona com quem na rede. Cada informante foi convidado a responder a afinidade que cada membro de sua rede pessoal tem com o outro. Exemplificando pela INF1: ela citou marido, avó, patroa, mãe e irmão, nessa ordem, como os membros de sua rede pessoal de interação. Questionei se o marido, primeiro membro citado, interagiu com avó, patroa, mãe e irmão; na sequência, se a avó se relacionava

³⁸ Todas as informações aqui trazidas a respeito do programa Egonet e alguns dados sobre a ARS foram obtidos por meio da participação em um curso promovido pelo Departamento de Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais, em Outubro de 2013. Partem, portanto, de anotações das falas dos instrutores, por isso não trazem referências sistematizadas.

³⁹ Quais são as cinco pessoas mais importantes na sua vida? Quais foram as cinco pessoas com quem mais conversou desde o início da semana? Se ganhasse um prêmio hoje, com quem o dividiria?

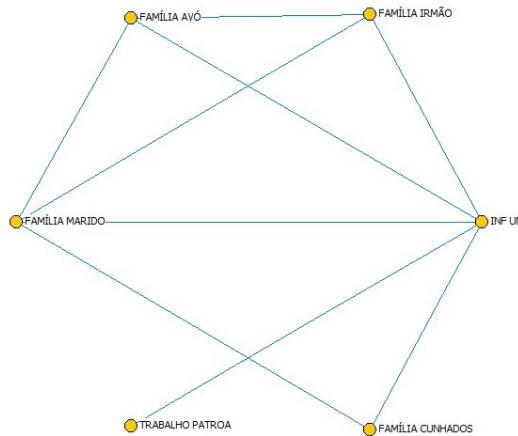
com o marido, patroa, mãe e irmão; assim sucessivamente e com todos os vinte e quatro adolescentes.

O resultado, apresentado na sequência, permite caracterizar as redes desses informantes, no que concerne à densidade e à complexidade, bem como a qualidade dos laços, se densos ou frouxos, o que é de fundamental importância para a manutenção ou a mudança do falar identitário em favor de um outro que se deseje alcançar, como a mudança do falar rural para o falar urbano.

Ademais, conhecer os laços permite entender como as redes agem em relação ao desejo, consciente ou não, que o falante tem pela manutenção ou mudança. Em relação a isso, alicerço-me em Bortoni-Ricardo (2014, p. 130), quando assegura que “em comunidades de tessitura miúda, onde praticamente todas as pessoas interagem entre si, a pressão normativa é maior. Em comunidades de redes mais esparsas, de tessitura larga, a pressão normativa é menor”.

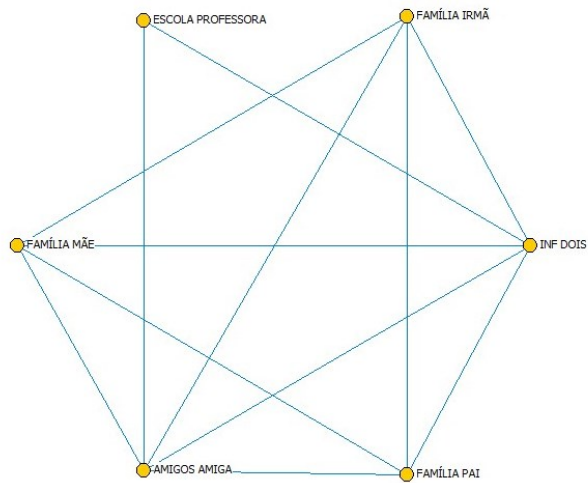
Vejamos como ficaram esses mapas:

Mapa 1 – Rede Pessoal INF1



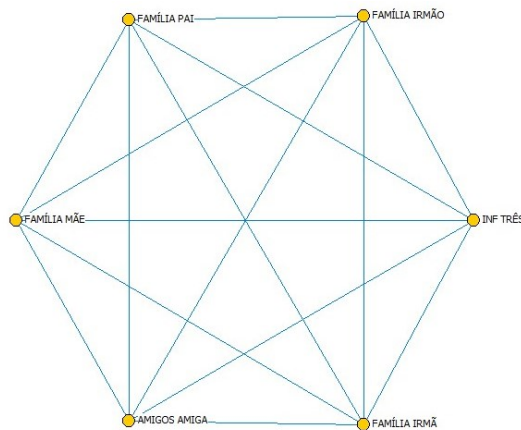
Fonte: a própria autora

Mapa 2 – Rede Pessoal INF2



Fonte: a própria autora

Mapa 3 – Rede Pessoal INF3



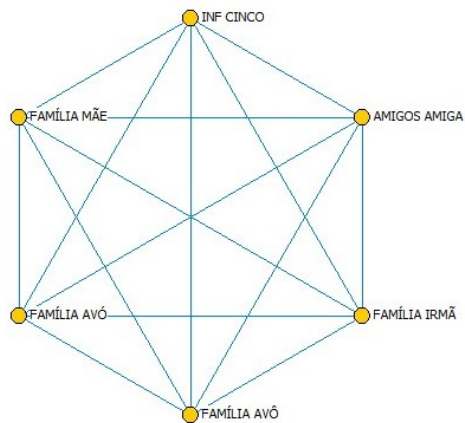
Fonte: a própria autora

Mapa 4 – Rede Pessoal INF4



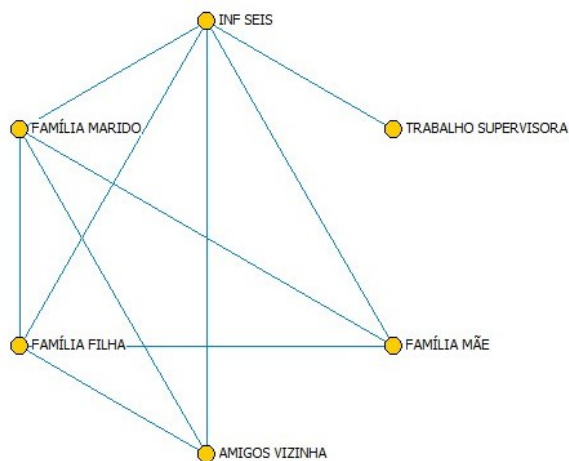
Fonte: a própria autora

Mapa 5 – Rede Pessoal INF5



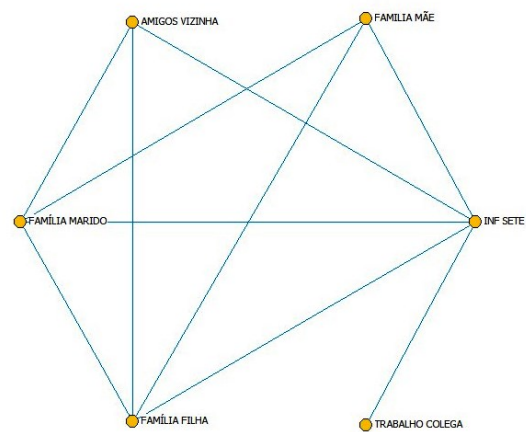
Fonte: a própria autora

Mapa 6 – Rede Pessoal INF6



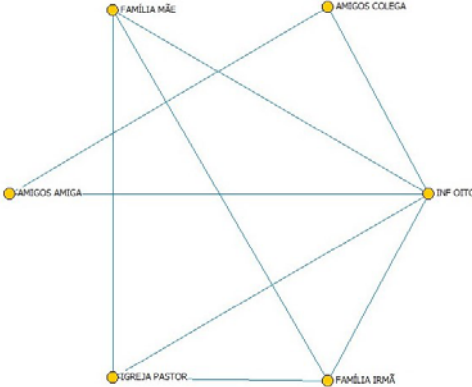
Fonte: a própria autora

Mapa 7 – Rede Pessoal INF7



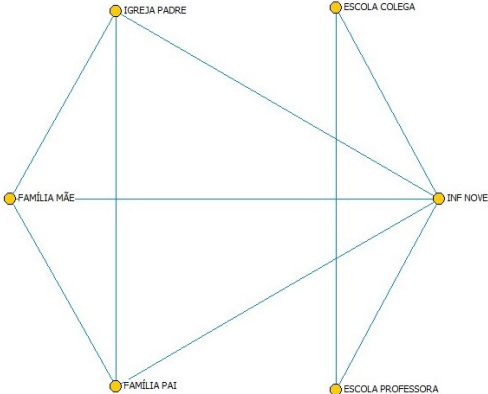
Fonte: a própria autora

Mapa 8 – Rede Pessoal INF8



Fonte: a própria autora

Mapa 9 – Rede Pessoal INF9



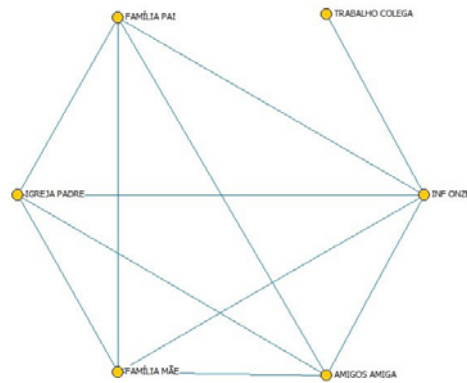
Fonte: a própria autora

Mapa 10 – Rede Pessoal INF10



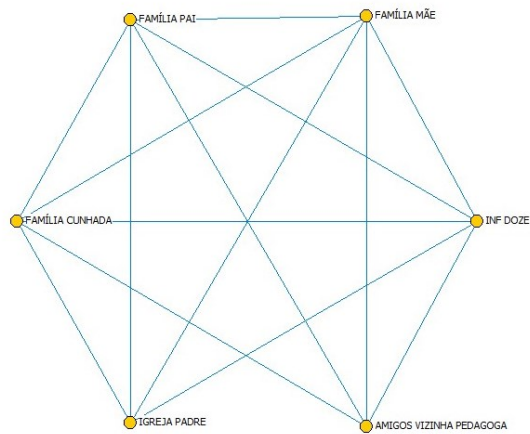
Fonte: a própria autora

Mapa 11 – Rede Pessoal INF11



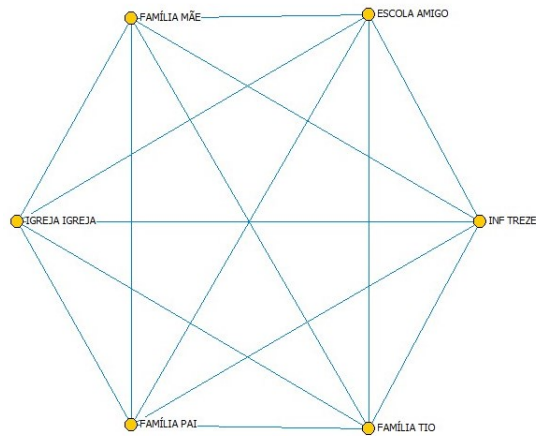
Fonte: a própria autora

Mapa 12 – Rede Pessoal INF12

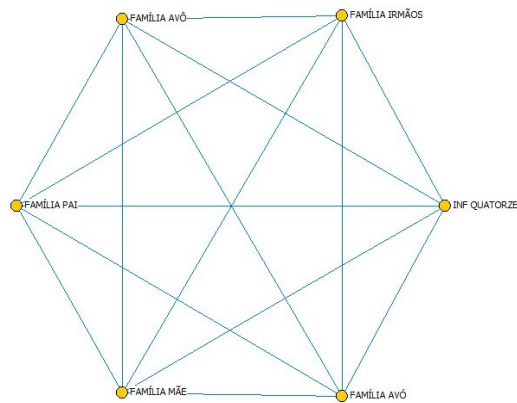


Fonte: a própria autora

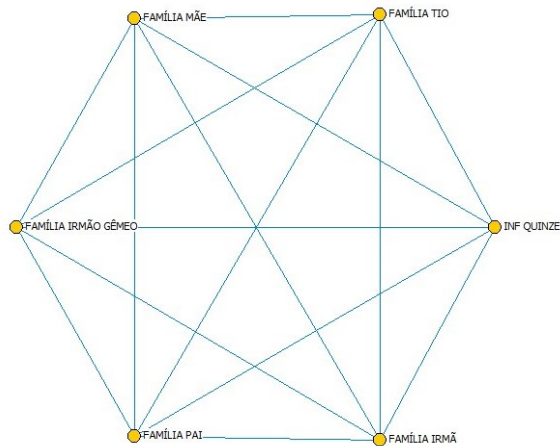
Mapa 13 – Rede Pessoal INF13



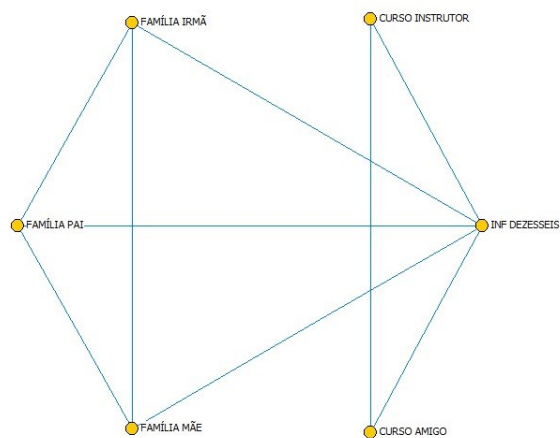
Fonte: a própria autora

Mapa 14 – Rede Pessoal INF14

Fonte: a própria autora

Mapa 15 – Rede Pessoal INF15

Fonte: a própria autora

Mapa 16 – Rede Pessoal INF16

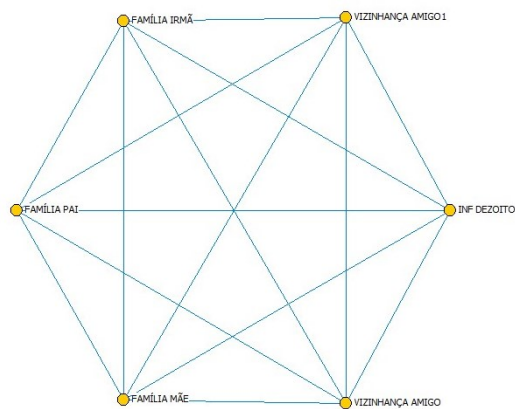
Fonte: a própria autora

Mapa 17 – Rede Pessoal INF17



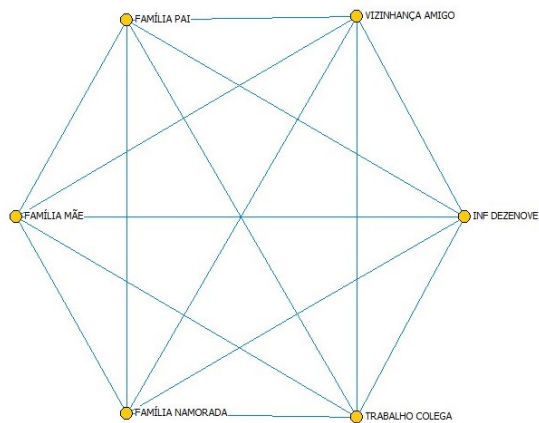
Fonte: a própria autora

Mapa 18 – Rede Pessoal INF18



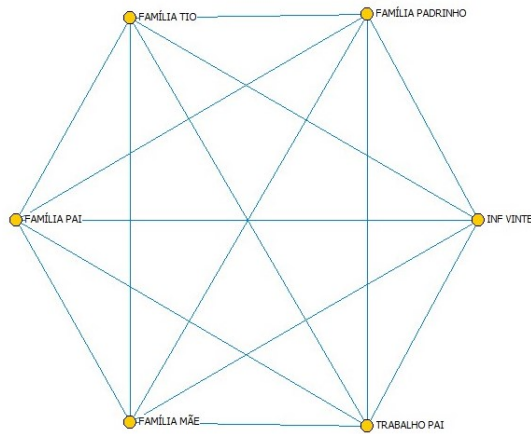
Fonte: a própria autora

Mapa 19 – Rede Pessoal INF19



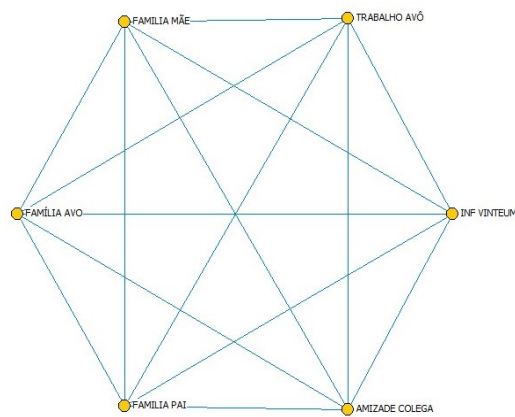
Fonte: a própria autora

Mapa 20 – Rede Pessoal INF20



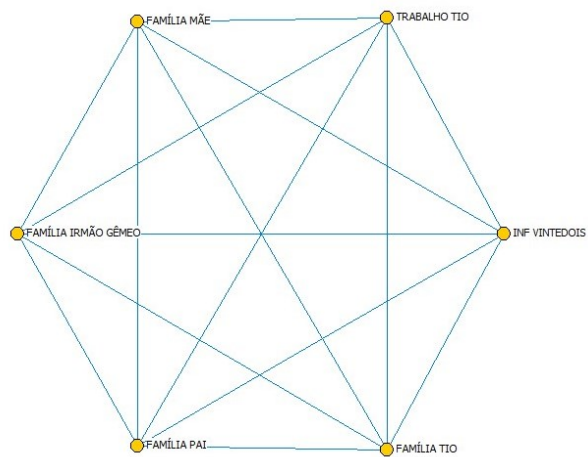
Fonte: a própria autora

Mapa 21 – Rede Pessoal INF21

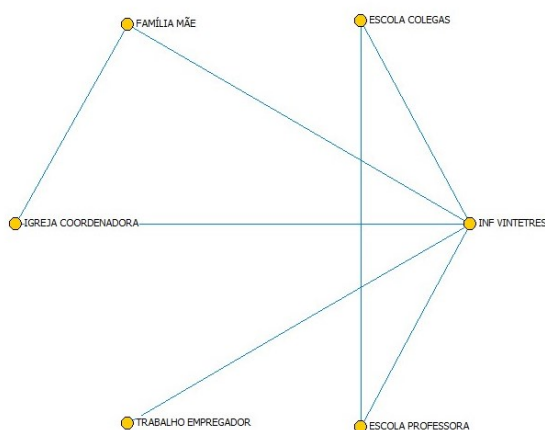


Fonte: a própria autora

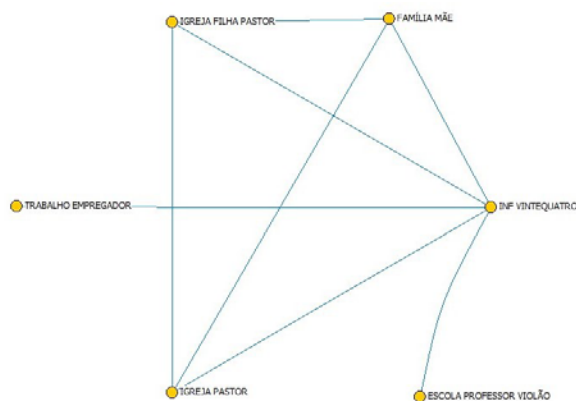
Mapa 22 – Rede Pessoal INF22



Fonte: a própria autora

Mapa 23 – Rede Pessoal INF23

Fonte: a própria autora

Mapa 24 – Rede Pessoal INF24

Fonte: a própria autora

4.1.2 Característica das Redes com Base no Mapeamento do Egonet

Classificadas as redes em relação à importância, relevante se faz especificá-las quanto à densidade das redes e da multiplexidade dos laços, como apresento no Quadro 1, pois, consoante Bortoni-Ricardo (2014, p. 130), “as características desses vínculos podem ser muito reveladoras das identidades dos membros do grupo”.

Quadro 1 – Classificação das redes quanto à densidade e multiplexidade

	REDE DENSA	REDE FROUXA	LAÇOS MULTIPLEX FORTES	LAÇOS UNIPLEX FRACOS
INF1		XX		XX
INF2	XX		XX	
INF3	XX		XX	
INF4	XX		XX	
INF5	XX		XX	
INF6		XX		XX
INF7		XX		XX
INF8		XX		XX
INF9		XX		XX
INF10		XX		XX
INF11		XX		XX
INF12	XX		XX	
INF13	XX		XX	
INF14	XX		XX	
INF15	XX		XX	
INF16		XX		XX
INF17		XX		XX
INF18	XX		XX	
INF19	XX		XX	
INF20	XX		XX	
INF21	XX		XX	
INF22	XX		XX	
INF23		XX		XX
INF24		XX		XX

Fonte: a própria autora (2014)

O mapa do INF24 é o único a apresentar dois laços que não se cruzam. Dessa maneira, sua rede pessoal pode ser caracterizada como frouxa, uma vez que não apresenta redundância de vínculos e há mais de um laço fraco, multiplex, que se abre para o contato exterior. Essa pode ser a causa da aproximação total com o falar urbano, que usa, entre outros exemplos, “Nossa eu num faço ideia, até porque eu num participava muito” (L.2814,15), pois tais redes favorecem a adesão à cultura de prestígio e, com isso, a aproximação ao falar urbano.

Bortoni-Ricardo (2005, p. 88) justifica tal postura ao relatar que

Quando o indivíduo consegue ascender socialmente, sua rede de interação torna-se mais heterogênea, e, conseqüentemente, de tessitura mais frouxa. O processo de difusão dialetal se intensifica, e o falante vai se aproximando da norma culta, adquirindo uma gama mais ampla de registros [...].

As redes de INF1, INF6, INF7, INF9, INF10, INF11 e do INF23 trazem pelo menos um laço fraco, aberto para o exterior, além de não haver ligação entre todos os membros de sua rede pessoal. Podem, portanto, também se caracterizar como redes frouxas, uma vez que há grandes possibilidades de interferência externa. Associo esse tipo de rede a uma prática linguística rurbana, ou seja, é possível que, em uma alocação final desses informantes no contínuo de urbanização, posicionem-se em pontos rurbanos, mais próximos de um extremo ou de outro, mas não especificamente nas pontas da linha.

A rede trabalho, ainda que relevante, pode ter características distintas, o que afeta a configuração linguística dos informantes. Como exemplo, cito a INF7 e INF23. A INF7, cujo local de trabalho é o próprio distrito, apresenta traços do falar rural, como “Tem qui sê *compreto*?” (L.699), ao passo que o INF23, que trabalha no maior centro comercial de Londrina, expressa-se bem próximo do falar urbano, mesmo nos últimos momentos da entrevista, em que, relaxado, já apresentava o seu vernáculo, como em: “aí ela dexô um pidido qui era pra *cuidarmos* do filho mais novo dela qui é o qui mora im Santa Catarina” (L.2792,93).

Tal discrepância na fala de informantes que têm a rede trabalho em suas interações pode ser respondida por fatores conjugados. Ainda utilizando os INF7 e INF23, o local de trabalho e o grau de letramento dessas redes influenciam uma mudança ou manutenção do falar rural. A INF7 trabalha em um mercado localizado na área urbana do distrito, tendo a função de remarcar preços e repor mercadorias. Ainda que seus patrões tenham um *status* social superior, também moram no distrito, e as colegas de trabalho são todas de lá. O grau de letramento dominante é mínimo. Já o INF23 trabalha na administração de um *shopping center*. Todos os seus colegas de trabalho utilizam o falar urbano, quando não, um rurbano situado bem próximo da ponta do contínuo de urbanização. Esses fatores são, de fato, preponderantes na diferença marcante entre as falas desses dois informantes.

A INF1 tem no trabalho uma motivação para a alternância de norma. Ela mesma, em sua entrevista, conta-me que uma de suas patroas, professora aposentada da UEL, cobra-lhe um falar mais próximo do padrão. Em Bortoni-Ricardo (2011), vemos que é possível associar este fato ao que Labov chama de “incongruência de *status*”, uma vez que a informante, na busca pelo uso do falar urbano, está adotando os valores de um grupo externo ao seu, um

grupo que tem como referência, e, nessa busca, alterna entre o rural e o urbano, ficando no rurbano, como se vê em “Intão, o qui eu assisto mais *é os canais pagos*, né, eu gosto do History, eu gosto do di filmes, *todos os canal di filmi*.” (L.36,7). Devido a esse contato com patroas diferentes, suas redes são frouxas e com laços uniplex.

A INF6 tem uma ligação com o trabalho, personificada na pessoa de sua supervisora, bastante forte. Sua rede é frouxa, com laços uniplex na maioria das interações. A INF7 insere-se em uma rede relativamente frouxa, já que existem laços frouxos, com pontos difusão.

Em relação às INF2, INF8, INF12 e aos INF16 e INF17, ainda que estejam alocadas nos espaços do quadro, e que a maioria dos laços seja interligada, há pontos desconectados, sem elos de coesão, como vimos em Milroy (1987), o que possibilita a intervenção externa não categórica. Essa abertura caracteriza suas redes como relativamente densas e os laços como relativamente fortes, o que pode ser responsável pelo falar rurbano, pois as expressões ora estão mais próximas do falar urbano, ora aproximadas do rural. A INF2, por exemplo, apresenta essa alternância, a exemplo de: “Ué, *por causo qui* eu acho bem bunito aquelas praia, eu sempre tive vontadi di *conhecê-las*.” (L.182,83). A expressão “por causa qui” não é bem aceita socialmente, por isso, um traço descontínuo, contrastando com o uso de acordo com a prescrição da norma padrão do pronome oblíquo (*conhecê-las*). Ainda há a falta de concordância nominal — de gênero e de número — em: “bem bonito aquelas praia”, traços graduais, pois aparecem na fala não monitorada da grande maioria dos falantes.

Na fala de INF8, temos “*é ligaro* né pu um zero nove da pulicia e *falo* que tinha qui é um bicho perigoso dentro da casa qui ia pegá ele” (L.956,57). No primeiro uso do verbo na terceira pessoa do plural, há concordância, entretanto, ocorre a desnasalização, o que, de acordo com Bortoni-Ricardo (2011), é uma das marcas do falar rural. Além disso, não ocorre, no segundo verbo, a concordância com a terceira pessoa do plural subentendida. Essa característica rurbana também é específica de zonas periféricas das grandes cidades, local em que a informante residiu por um período antes de morar na ZRD.

Já as redes de INF3, INF4, INF5 e de INF13, INF14, INF15, INF18, INF19, INF20, INF21 e INF22 são densas, já que todos os membros interagem entre si. A influência de fatores exteriores é dificultada pelos laços fortes, multiplex. Todos os pontos são conectados. Suas redes são, portanto, de tessitura miúda.

A INF4, por exemplo, tem um laço característico das redes densas, que é a multiplexidade dos papéis: seu pai é também seu patrão. Mesmo fazendo cursos e tendo namorado, essas redes são ligadas às outras, o que fixa a densidade total de sua rede de interações. A mãe é seu modelo, sua referência profissional. Única mulher com essa

característica de vínculo, junta-se aos meninos, pois INF15, INF18, INF19, INF20, INF21 e INF22 têm em comum os pais ou algum familiar representando mais de um papel em suas interações, marca de redes de tessitura miúda.

A família tem um peso grande para a maioria desses informantes, como a INF3 que tem na mãe seu grande modelo de vida, sendo a rede dominante não só nas interações, bem como em relação ao referencial a ser seguido.

O INF19 tem a namorada como uma referência para um falar mais apurado e alega “quando tô cum ela eu cuido mais do jeito di falá.” (L.2226)

Cada um dos informantes tem uma referência, um modelo a ser seguido, representado pelo ponto central de suas redes de interação.

4.2 IMPORTÂNCIA DAS REDES, SOB O PONTO DE VISTA DOS INFORMANTES

Bortoni-Ricardo (2014, p. 73) assegura haver, além da escola, diversas intuições que “podem ser referidas como promotoras da padronização linguística”, citando os cartórios, sede dos bispados, lojas maçônicas, etc. Além dessas instituições, a própria autora (2011) preconiza a facilitação ao acesso da cultura urbana por outros veículos institucionais, mais uma vez frisando a relevância da educação formal nesse processo. Classifico esses veículos institucionais em, além da escola, a família, o trabalho, a igreja e o grupo de amigos.

Classificadas as instituições, pedi a cada informante que quantificasse a importância dessas entidades em sua vida, de uma forma geral. O resultado apresento no Quadro 2, a classificação pelas mulheres, e no Quadro 3, como classificaram os homens.

Quadro 2 - Importância das redes – atribuição das informantes do sexo feminino

	IGREJA	FAMÍLIA	TRABALHO	ESCOLA	AMIZADE
INF1 ZCD	Sem Importância	Importante	Muito Importante	Muito Importante	Importante
INF2 ZCD	Muito Importante	Muito Importante	Importante	Muito Importante	Importante
INF3 ZCD	Importante	Muito Importante	Importante	Muito Importante	Importante

Continuação Quadro 2 - Importância das redes – atribuição das informantes do sexo feminino

	IGREJA	FAMÍLIA	TRABALHO	ESCOLA	AMIZADE
INF4	Muito	Muito	Muito	Muito	
ZCD	Importante	Importante	Importante	Importante	Importante
INF5	Muito	Muito		Muito	Muito
ZRD	Importante	Importante	Importante	Importante	Importante
INF6	Muito	Muito			
ZCD	Importante	Importante	Importante	Importante	Importante
INF7	Muito	Muito		Muito	
ZCD	Importante	Importante	Importante	Importante	Importante
INF8	Muito	Muito		Muito	
ZRD	Importante	Importante	Importante	Importante	Importante
INF9	Muito	Muito		Muito	Muito
ZRD	Importante	Importante	Importante	Importante	Importante
INF10		Muito	Muito	Muito	
ZRD	Importante	Importante	Importante	Importante	Importante
INF11	Muito	Muito	Muito	Muito	Muito
ZRD	Importante	Importante	Importante	Importante	Importante
INF12		Muito			
ZRD	Importante	Importante	Importante	Importante	Importante

Fonte: a própria autora (2014)

O que o quadro traz de relevante é a quase unanimidade em relação à importância da escola e da família, redes comuns a todos os informantes. Unicamente as INF1 e INF3 consideram a família apenas importante, ao mesmo tempo em que somente as INF6 e INF12 consideram dessa maneira a escola. A INF1 é a única a não dar importância à rede social igreja, uma vez que não tem qualquer relação com ela. A INF11 dá importância igual a todas as suas redes de interação.

Estratificando entre as moradoras da ZCD e a ZRD, não há traços marcantes em relação à importância atribuídas às redes que possam diferir quanto ao local de moradia.

O quadro 3 traz essa visão, agora do ponto de vista dos meninos.

Quadro 3- Importância das Redes – Atribuição das Informantes do Sexo Masculino

	IGREJA	FAMÍLIA	TRABALHO	ESCOLA	AMIZADE
INF13	Muito	Muito	Muito	Muito	Muito
ZCD	importante	importante	Importante	Importante	Importante
INF14		Muito			
ZCD	Importante	Importante	Importante	Importante	Importante
INF15		Muito			
ZRD	Importante	Importante	Importante	Importante	Importante
INF16		Muito			
ZCD	Importante	Importante	Importante	Importante	Importante
INF17		Muito			
ZCD	Importante	Importante	Importante	Importante	Importante
INF18	Muito	Muito	Muito	Muito	
ZRD	Importante	Importante	Importante	Importante	Importante
INF19		Muito			
ZRD	Importante	Importante	Importante	Importante	Importante
INF20	Muito	Muito		Muito	Muito
ZRD	Importante	Importante	Importante	Importante	Importante
INF21			Muito	Muito	
ZRD	Importante	Importante	Importante	Importante	Importante
INF22					
ZRD	Importante	Importante	Importante	Importante	Importante
INF23		Muito		Muito	
ZCD	Importante	Importante	Importante	Importante	Importante
INF24	Muito	Muito			
ZCD	Importante	Importante	Importante	Importante	Importante

Fonte: a própria autora (2014)

Apenas aos INF13 e INF22 todas as suas redes de interação têm o mesmo peso, a mesma importância. A rede família é também significativa para os homens, ao passo que a rede amizade não tem a expressividade que eu esperava encontrar. O INF17 dá muita importância apenas à família, talvez influência de sua descendência japonesa, povo que, em geral, preza muito os valores familiares.

Estratificando entre as moradoras da ZCD e a ZRD, não há traços marcantes em relação à importância atribuídas às redes que possam diferir quanto ao local de moradia.

Muito além da importância atribuída pelo próprio informante, cabe estipular sua aproximação com cada rede, com qual delas o informante interage mais, cujo contato não só

determina sua identidade como lhe serve também de referência. Por meio da entrevista, cheguei à seguinte categorização (Quadro 4):

Quadro 4 – Peso das redes – contato e referência

	Rede de maior contato	Rede de identificação
INF1	Família	Trabalho (Patroa)
INF2	Família	Escola (Professora)
INF3	Família	Família (Mãe)
INF4	Família	Família (Mãe)
INF5	Família	Família (Mãe)
INF6	Família	Amizade (Vizinha)
INF7	Família	Amizade
INF8	Família	Amizade
INF9	Família	Escola (Professora)
INF10	Família	Família (pai separado)
INF11	Família	Amizade
INF12	Família	Família (Cunhada)
INF13	Família	Família (Pai)
INF14	Família	Família
INF15	Família	Família (Pai)
INF16	Família	Escola (Instrutor curso)
INF17	Família	Amizade (colegas escola)
INF18	Família	Amizade
INF19	Família	Família (Namorada)
INF20	Família	Família (Pai)
INF21	Família	Família (irmão)
INF22	Família	Família (Tio)
INF23	Família	Trabalho
INF24	Família	Trabalho

Fonte: a própria autora

Sabendo a importância que cada rede representa para o informante, é possível identificar sua referência externa. Estimando o peso que cada uma encerra nas interações, é presumível sua preponderância. Sendo relevante e preponderante, será alicerce para o informante e sua expressão linguística cotidiana. Redes tecidas por mais ou menos eventos de letramento são significativas para a difusão ou a manutenção do falar identitário.

Lembrando que conjecturo, neste trabalho, que redes em cuja tessitura não incide grande letramento favoreceriam a manutenção do falar rural, ao mesmo tempo em que o contrário favoreceria a mudança em favor do falar urbano.

O próximo subitem traz essas respostas.

4.3 CONFIGURAÇÃO DAS REDES DOS ADOLESCENTES EM RELAÇÃO AO LETRAMENTO

Bortoni-Ricardo (2005) afirma existirem indivíduos em nível mais avançado na ação de transformação de seu falar original em favor dos padrões urbanos mais prestigiosos, o que obtiveram por intermédio do saber sistematizado promovido pela escola, ou pelo contato mais estreito com a cultura de letramento. Ao mesmo tempo, há aqueles que conservam seus hábitos linguísticos praticamente inalterados.

Os adolescentes pesquisados, como já mencionei neste trabalho, têm vários pontos em comum: idade, escola, moradia em uma região de caráter rural. A maioria nasceu na região, e, quando não, migrou de cidades do interior do estado, todas com mais ou menos as mesmas características sociodemográficas.

O que os difere e individualiza, portanto, são suas redes sociais de interação. A maneira como usam a fala é marca de identidade, como já sabemos, e o uso de determinada marca descontínua, como o rotacismo, por exemplo, pode assinalar uma necessidade de afirmação em um grupo, ou mesmo a vontade de se parecer com algum membro referencial na rede de maior peso em suas interações.

Na gênese da Sociolinguística, conforme alerta Bortoni-Ricardo (2014), o impacto de qualquer espécie de letramento sobre as comunidades de fala não era discutido. Hoje, segundo a pesquisadora, as diferenças em relação ao fraco desempenho escolar de crianças oriundas das classes desfavorecidas socialmente pode ser explicado tendo como base o grau de letramento escolar que perpassa o convívio familiar.

Diante disso, se faz primordial uma análise do acesso a eventos e práticas de letramento propiciadas por agências hegemônicas e, portanto, de prestígio a que são submetidos os informantes aqui analisados, visto que, nas palavras de Street (1984), tal acesso relaciona-se estreitamente às estruturas de poder na sociedade.

A INF1, apesar de ter uma profissão em que os eventos de letramento prestigiosos não são propícios, tem em uma das patroas uma referência. A própria informante admite se espelhar nessa professora aposentada que lhe cobra um falar mais “certo”, de acordo com ela. A ideia de aceitabilidade de Goudenough (1957) pode ser notada aqui, uma vez que a

informante baseia-se em um modelo estético de configuração linguística que lhe parece mais adequado. Além disso, lê com frequência e tem, no seio familiar, dois cunhados, alvos de sua admiração pelo fato de terem curso superior. Posso, com isso, entender sua rede de maior contato, a família, como positiva nesse sentido, bem como sua rede de referência, que é o trabalho.

A INF2 tem a família como rede de maior peso e a escola, na pessoa de uma de suas professoras. Na família, os pais liam para ela na infância e há a perspectiva do trabalho, uma nova rede social de interação que poderá abrir as portas para uma difusão dialetal. Tem redes em que o letramento é mediano.

A INF3 tem a família como rede de contato assíduo e como rede de referência. Admiradora incondicional da mãe analfabeta, que não trabalha e não lê, tem apenas a escola como rede de letramento forte, mas, pelas condições em que atuou durante a entrevista, tal condição não tem influenciado sua configuração linguística, nem mesmo outras áreas de sua interação social. Redes com letramento quase nulo.

A INF4 trabalha com o pai, que é diretor na escola municipal do distrito vizinho a Paiquerê. Faz curso de música fora do patrimônio e frequenta a igreja, todas as redes cujo letramento é forte. Sua referência maior é a mãe, sacoleira, cujo trabalho informal deseja seguir.

A INF5 tem a família como rede de contato constante e de referência. Contato diário com redes de letramento é proporcionado pela leitura de uma revista juvenil, bem como pela leitura de Bíblia e o contato frequente com a igreja. As agências de letramento atuam de maneira forte na configuração linguística dessa informante.

A INF6 trabalha em uma central de atendimentos de uma empresa de telefonia. Atende diariamente clientes de diversas origens linguísticas, mas tem um preparo técnico para isso. Suas redes de contato diário e de referência, a família e o trabalho, mantêm eventos de letramento constantes. Portanto, seu contato é forte com práticas de letramento variadas.

A INF7 trabalha em um mercado no próprio distrito, repondo mercadorias e remarcando preços. Suas redes de interação diárias não são propícias às práticas de letramento, inclusive, seu contato com a cidade, por meio de uma grande amiga, é mediado pelo falar rurbano.

A INF8 tem em suas redes mais contundentes — a igreja e a família, em especial na mãe leitora, além da amizade — a possibilidade de contatos mais estreitos com as práticas de letramento, que podem ser considerados medianos.

Com a INF9 também há relação contundente entre as redes sociais — igreja e família e escola, na pessoa de uma professora — e o letramento, acrescido de cursos de Secretariado e a possibilidade iminente de adentrar no mercado de trabalho. Portanto, posso denominar de alto o contato com o letramento em sua interação diária.

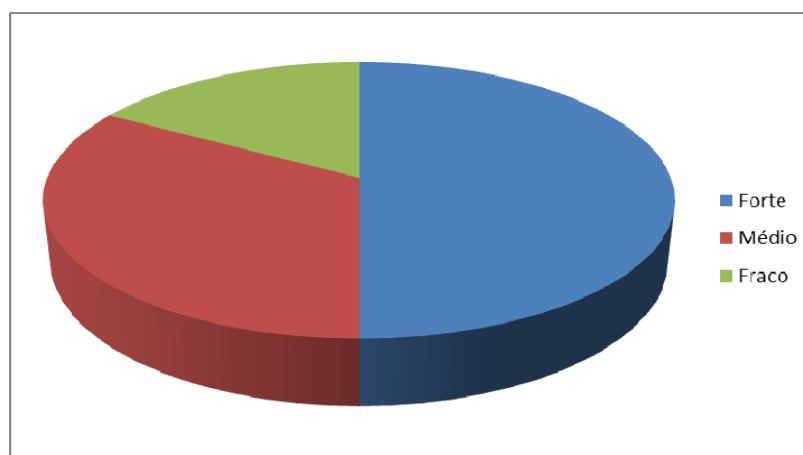
A INF10 tem a família como rede de contato diário e de referência, entretanto, com um diferencial: o pai, separado da mãe, mora na capital do estado, para onde a informante costuma viajar, de um período de sua vida para cá. Além disso, seu contato com a leitura é diário. Eventos de letramento dominante permeiam suas práticas diárias.

As redes de interação da INF11 são de letramento médio. Não gosta de ler, mas lia na infância. Trabalhou em uma loja de roupas no distrito e, quando da entrevista, suas redes estavam se ampliando, pois se preparava para a entrada no mercado de trabalho.

A INF12 lê revistas de moda com frequência e pretende seguir carreira na área. Também acessa *sites* do assunto esporadicamente. Suas redes de interação não proporcionam eventos de letramento dominante cotidianos, portanto, seu acesso é mediano.

No gráfico 6, um resumo do grau de letramento dominante das redes das informantes do sexo feminino:

Gráfico 6 - Grau de Letramento Dominante das Redes Sociais de Interação Sexo Feminino



Fonte: a própria autora

Descrevendo o grau de letramento dos informantes do sexo masculino, temos o INF13, cujas redes sociais de interação não proporcionam eventos de letramento dominante. Não trabalha, integrante de uma rede densa, cuja referência maior é o pai analfabeto. Posso concluir como fraco seu acesso aos eventos letrados, o que pode estar em mutação, visto que

se inseriu recentemente à rede igreja, tendo com ela uma identificação significativa. Esse informante, possivelmente, será diferente se estudado daqui a alguns anos.

O INF14 tem a família como rede de contato diário e de referência, em cujas práticas o letramento dominante é escasso. Também tem acesso baixo às práticas letradas, assim como o INF15, o INF18, INF19, INF20, INF21 e INF22. Todos esses informantes têm em comum redes densas, cujos vínculos são comumente estabelecidos com indivíduos não alfabetizados ou semialfabetizados e falantes do dialeto caipira ou um rurano muito próximo do rural. Bortoni-Ricardo (2011, p. 25) vê essas situações como menos propensas a visualizarem a variedade urbana como quadro referencial, vindo a favorecer a “preservação de profundas diferenças dialetais”.

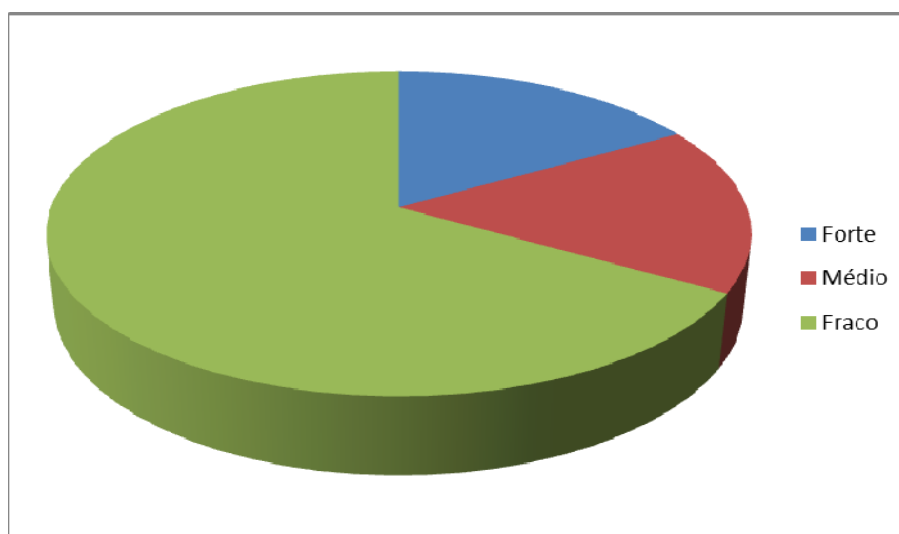
O INF16 faz curso na cidade e assiste a documentários diariamente. Sua rede de contato, família, não é propícia ao letramento dominante, mas a rede de referência, escola — na pessoa de seu instrutor — é. Portanto, posso considerar como mediana.

Práticas de letramento de grau mediano também são encontradas nas redes pelas quais interage o INF17, em cujos passatempos se inserem a leitura de gibi e assistir a filmes.

O INF23 e INF24 têm redes de interação de práticas letradas cotidianas, ou seja, alto grau de letramento dominante. O trabalho e a igreja, em especial para esses dois informantes, exercem um papel primordial na configuração linguística. As práticas letradas permeiam todas as interações, inclusive em casa, já que as mães costumam ler e incentivam essa prática em família.

O gráfico 7 apresenta o resumo disso:

Gráfico 7 - Grau de Letramento Dominante das Redes Sociais de Interação
Sexo Masculino



Fonte: a própria autora (2014)

Há uma diferença considerável no grau de letramento forte entre meninos e meninas. Tal fato pode ser acidental, como pode também expressar uma característica dos jovens do interior do Brasil. Cabem, aqui, estudos posteriores.

Com esses detalhes especificados, analiso, por fim, a configuração linguística desses informantes, com vistas às variáveis independentes elegidas para este trabalho: concordância verbal, iotização e rotacismo.

4.4 A FALA EM FOCO – ANÁLISE

Antes de entrar nas variantes-alvo deste trabalho, quais sejam: a concordância verbal (doravante CV) 1ª e 3ª pessoa do plural, a Iotização e o Rotacismo, cabe relatar a ocorrência de vários traços graduais na fala de meus informantes, como a não concordância nominal, a desnasalização em palavras como viagem – viage; a ditogação da vogal final seguida de /s/ em palavras como mês; o apagamento do /r/ em final de palavra, como em: trabalhar – trabalhá; ausência do /s/ em final de palavra, a exemplo de: vamos – vamo; a monotongação em palavras como caixa – caxa, deixa – dexa, otro – outro.

Essas marcas, comuns à fala de todos os meus informantes, em especial nos momentos finais das entrevistas, são chamadas de traços graduais por serem marcas que “ocorrem na fala de todos os grupos sociais variados, independentemente de seus antecedentes rurais ou urbanos” (BORTONI-RICARDO, 2011, p. 23).

Ainda que a autora considere ser essa tendência mais produtiva no falar rural, ela é encontrável, nesta tese, tanto em falantes cujo contato se faz com redes de interação mais letradas, como também em informantes com pouco acesso a eventos de letramento, como se vê em “pra você consegui experiência, tê seu próprio dinheiro, depois cê consegui passá pra outras coisa, coa sua experiência, né (INF2 – L. 157,58)”; “Ela fala pa mim o qui deve fazê, é, na maneira di gastá o qui cê devi fazê” (INF3 – L. 276,77); “Pareci qui o pai terminô, daí ele feiz cartera, ele tem cartera di motorista, a mãe eu num sei si ela foi até o sexto ano ou sétima série” (INF22 – L. 2600,01); “Vários motivos, qui eu sô uma pessoa naturalmenti casera” (INF24 – L. 2815,16); entre outros vários exemplos.

Outro traço gradual bastante produtivo no português brasileiro e no português europeu não padrão, consoante Naro e Scherre (2007), e uma das marcas dialetais de Londrina — a assimilação do /d/ e /b/ em gerúndios e na palavra *também* — ocorre de forma muito fecunda com todos os informantes, sendo ainda mais recorrente no final das entrevistas.

A INF1 foi a que menos apresentou essa marca, mas ainda assim há momentos, como em: “daí eu fico meio qui *medino* [...] qui ela fica *pegano* no meu pé” (L.28,26). A INF2 traz uma forma ainda mais marcada “Ah, ultimamenti eu num tô *ino* muito não” (L.154); a INF7 “aqui mesmo eu só tô *istudano* quando eu voltei a istudá né” (L.716,17); INF12: “a hora qui eu tô si *arrumano* ainda ele já tá *ligano*” (L.1489,90); INF15: “Coa minha irmã, ela tá *fazeno* a casa dela aí tá *precisano* di dinheiro” (L.1844,45); INF19: “Quando tô *namorano*” (L.2242). E o INF24, apesar do uso linguístico mais próximo do urbano, apresenta essa assimilação em sua fala, do início ao fim da entrevista: “tô *veno* si eu consigo pegá alguma coisa” (L.2808,09), “eu saí di lá *mancano*” (L.2962). Isso para citar apenas alguns poucos exemplos de todo o *corpus*.

Farei, entretanto, um estudo mais aprofundado, informante por informante, dos traços descontínuos caracterizadores de uma estratificação abrupta ou descontínua, ainda usando as palavras de Bortoni-Ricardo (2011) e, para tanto, convém recapitular, sucintamente, do que tratam esses fenômenos linguísticos que podem ser marcadores de estigmatização.

4.4.1 Concordância Verbal

A ocorrência da CV define sujeito e o núcleo do predicado, representado pelo verbo, concebendo uma relação de identidade entre o termo determinante e o determinado, ocorrendo, assim, uma perfeita conexão entre os elementos da oração.

Para Cunha (1985, p. 48), “a concordância evita a repetição do sujeito que pode ser indicado pela flexão verbal a ele ajustada”.

Assim como o fez Bueno (1968), Perini (1995) também recorre à sintaxe de regência para conceituar a CV. Para ele, o fato abarca fundamentalmente alguns métodos que qualificam determinados sintagmas, conferindo-lhes função sintática. Ou seja, a oração estruturada hierarquicamente contém constituintes que, por sua vez, contêm outros constituintes, tendo, cada um deles, uma função ímpar, que tornam a CV um fenômeno hierarquizado, dependente do posicionamento de determinados constituintes na oração.

Para Terra (1997b, p. 244), “a CV é o processo pelo qual o verbo altera suas desinências para ajustar-se em pessoa e número com o sujeito”. Bechara (2007) não se afasta muito do que dizem os autores já citados, mas acresce algo novo: uma subdivisão entre CV de palavra para palavra — colocando nessa vertente as regras usuais, e a CV de palavra para sentido — a qual englobaria principalmente o estilo na escrita. E, por fim, para Castilho (2010), trata-se de uma conformidade morfológica entre uma classe, representada aqui pelo

verbo, e seu escopo, representado pelo sujeito. Segundo o autor (2010, p. 411), “essa conformidade implica, portanto, na redundância de formas, ou seja, se houver marcação de plural no sujeito, haverá marcação de plural no verbo [...]”.

4.4.2 Iotização

Também chamada de iodização, esse fenômeno linguístico é, de acordo com Jota (1981), a transformação de um fonema em iode. Câmara Junior (2000, p. 149) define iotização como a “mudança de uma vogal ou consoante para a vogal anterior alta / i / ou para a semivogal correspondente ou iode”.

Amaral (1982) informa que o falante caipira vocaliza o “lh” em “i” em palavras como “espaiado, maio, muié, fio”, também constatado por Bortoni-Ricardo (2011), quando relata ser a lateral palatal /ɺ/ vocalizada. Entretanto, essa visão não é corroborada por Aguilera (1999), pois, para a pesquisadora, ocorre uma semivocalização, já que o yode é semivogal.

Ainda nesse sentido, Aguilera (1999) constata a falta de consenso em relação à nomeação do fenômeno, visto alguns autores o considerarem uma despalatização e outros iotização. Ela denomina de iotização, nomenclatura que optei por seguir.

Ainda que não concordando em relação à nomenclatura, as ideias de Bortoni-Ricardo e Aguilera vão ao encontro uma da outra quando associam tal fenômeno ao falar rural. Aguilera (1999, p. 158) afirma ser o processo “um traço predominante na fala rural ou inculta que se expande por todas as regiões brasileiras como se pode documentar pelos Atlas já publicados”.

Já para Bortoni-Ricardo (2011), a regra é produtiva “no caipira e em variedades *rurbanas*, funcionando como um típico traço descontínuo.” A autora lembra que, por ser um dos traços mais estigmatizados socialmente, entra no conceito de estereótipo incutido por Labov (2008).

Regra produtiva nas línguas românicas, a origem da iotização no falar rural, consoante Bortoni-Ricardo (2011), é controversa. Diante das possibilidades aventadas por estudos nesse sentido, a pesquisadora julga mais conveniente considerá-la como uma influência indígena ou africana, justificando sua conclusão pelo fato de esse traço não ter afetado a variedade padrão do Português Brasileiro.

4.4.3 Rotacismo

Este fato da língua tem sido tradicionalmente descrito como a troca de um som lateral por um som rótico, troca-se o /l/ pelo /r/.

Amaral (1982) alega que o /l/, quando subjuntivo de um grupo, muda para /r/, como em “craro, cumpreto, cramo(r), frô(r)”, troca que ele denomina de vício de pronúncia e classifica como um dos vícios mais produtivos no falar dos paulistas, inclusive dos que não tinham contato direto com o caipira.

Como assevera Câmara Junior (1972, p. 40-41), “nos grupos de líquida como segundo elemento consonântico, há nos dialetos sociais populares o rotacismo do ‘l’ que o muda em ‘r’”.

Silva (2011) conceitua o rotacismo como um acontecimento da fonologia ligado à realização fonética de um som rótico que substitui um som lateral e vice-versa, acontecendo, com isso, a substituição do /l/ pelo /r/.

Ainda que não utilizando a nomenclatura que optei por usar neste tese, Bortoni-Ricardo (2011, p. 76) trata do caso quando assinala “a neutralização de /r/ e /l/ às custas da última”, a exemplo de: “incrusive – inclusive”, ou quando há uma total supressão da líquida, como em “oto – outro”.

Agora, tendo explicitado melhor os fenômenos, vejamos como isso se dá efetivamente na fala dos vinte e quatro adolescentes-alvo deste estudo.

4.4.4 Leitura e Interpretação dos Dados

Os vinte e quatro adolescentes, como já mencionado em vários pontos desta pesquisa, moram na mesma região, considerada rural pelos conceitos do IBGE, com a diferença de metade residir na zona central e metade em sítios e fazendas da região. Todos estão na mesma faixa etária e têm a escola como rede social de interação e agência de letramento comum. Dessa maneira, é possível considerar que se inserem em uma mesma comunidade de fala.

Entretanto, se compararmos a INF3 e o INF24, por exemplo, que têm a mesma idade, estão no mesmo ano escolar e moram na ZCD, a diferença na expressão linguística é, por vezes, gritante. Mesmo os INF15 e INF22, irmãos e gêmeos, têm diferenças em sua forma de usar a linguagem, o que vem ao encontro do pensamento de Bailey, expressado por Camacho (2013, p. 145), ao defender que “nem todos os membros da comunidade operam com o mesmo conjunto de regras que, mesmo assim, ainda são categóricas”.

Essas questões podem ser claramente respondidas pelas redes sociais de interação, tanto as reais como as de referência, bem como pela questão identitária, no que se refere tanto ao sentido de pertença à localidade, como de integração em um determinado grupo.

O que já se pode adiantar é o fato de nenhum deles poder ser inserido como falante urbano. Alguns estão em processo de difusão dialetal, alguns configuram uma leve focalização, mas posso já concluir que são, essencialmente, falantes rurbanos.

Consoante Bortoni-Ricardo (2009, p 52), o falar rurbano é característico, além de entre os migrantes de origem rural, de “comunidades interioranas residentes em distritos ou núcleos semirurais, que estão submetidas à influência urbana[...]”, ou seja, em comunidades como Paiquerê.

Vejamos, prontamente, como isso se estabelece. Para tanto, utilizo o Programa Léxico 3 na quantificação dos fenômenos.

4.4.4.1 Concordância verbal 1ª pessoa plural e 3ª pessoal do plural

A ausência de Concordância Verbal é um dos marcadores da fala de indivíduos de classes sociais menos favorecidas e, também, de moradores de zonas rurais. Na fala dos adolescentes aqui analisados, esse variante foi produtiva em alguns deles, como na INF3, INF7, INF13, INF18, entre outros.

O quadro a seguir detalha melhor esses resultados:

Quadro 5 – Incidência de concordância verbal⁴⁰

INFORMANTE	CONTEXTO	REALIZAÇÃO DA CV	AUSÊNCIA DA CV	
INF1	1ª PP	6	5 (*4)	1
	3ª PP	6	4	2
INF2	1ª PP	1	0	1
	3ª PP	9	1	8
INF3	1ª PP	1	*1	0
	3ª PP	12	2	10
INF4	1ª PP	3	3 (*1)	0
	3ª PP	10	6	4
INF5	1ª PP	3	*3	0
	3ª PP	7	6	1
INF6	1ª PP	5	*5	0
	3ª PP	5	2	3
INF7	1ª PP	4	4 (*1)	0
	3ª PP	16	4	12
INF8	1ª PP	1	*1	0
	3ª PP	7	5	2
INF9	1ª PP	11	11 (*6)	0
	3ª PP	42	25	17
INF10	1ª PP	1	1	0
	3ª PP	8	6	2
INF11	1ª PP	2	2 (*1)	0
	3ª PP	14	7	7
INF12	1ª PP	1	1	0
	3ª PP	17	7	10
INF13	1ª PP	6	4 (*2)	2
	3ª PP	17	5	12
INF14	1ª PP	1	*1	0
	3ª PP	13	9	4
INF15	1ª PP	1	*1	0
	3ª PP	8	3	5
INF16	1ª PP	1	1	0
	3ª PP	10	9	1
INF17	1ª PP	1	1	0
	3ª PP	7	3	4
INF18	1ª PP	2	*2	0
	3ª PP	16	2	14
INF19	1ª PP	4	3 (*1)	1
	3ª PP	6	1	5
INF20	1ª PP	7	2	5
	3ª PP	9	2	7
INF21	1ª PP	1	*1	0
	3ª PP	11	6	5
INF22	1ª PP	1	1	0
	3ª PP	7	1	6
INF23	1ª PP	7	7 (*1)	0
	3ª PP	22	20	2
INF24	1ª PP	2	2	0
	3ª PP	22	22	0

⁴⁰ * Das 63 ocorrências de CV, 33 são feitas com a forma pronominalizada “A Gente”

4.4.4.2 Incidência da iotização

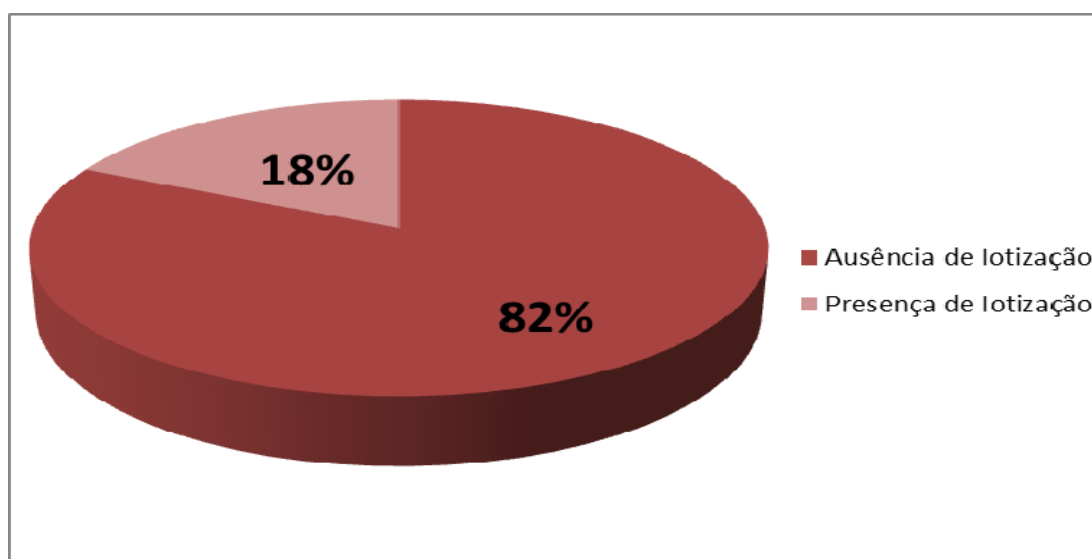
O quadro e o gráfico a seguir ilustram a realidade da iotização entre os informantes deste trabalho:

Quadro 6 – Incidência de iotização

CONTEXTOS	OCORRÊNCIAS	ORTOGRAFICAMENTE CORRETO	IOTIZAÇÃO
Trabalho e formas do verbo trabalhar	137	109	28
Espelho e formas do verbo espelhar	8	4	4
Velho, Velhas e formas verbo envelhecer	6	5	1
Filho, filha, afilhado e outras derivadas	35	25	10
Melhor, derivadas e formas do verbo melhorar	39	38	1
Formas do verbo atrapalhar	4	4	0
Formas do verbo espalhar	2	0	2
Olho e formas do verbo olhar	33	17	16
Conselho e formas do verbo aconselhar	2	2	0
Família e derivados	103	101	2
Maravilha e derivados	3	3	0
Detalhe e derivados	2	2	0
Orelha	4	3	1
Barulheira	1	0	1
Vermelha	1	0	1
Brincalhão	1	1	0
Joelhada	1	1	0
TOTAL	382	315	67

Fonte: própria autora (2015)

Gráfico 8 – Resumo da incidência de iotização



Fonte: própria autora (2015)

Pelo quadro, é possível tomar conhecimento de todos os contextos propícios para a iotização presentes no corpus. O gráfico traz o resumo, em percentagem, da realidade ligística, no que concerne à iotização. Por estes instrumentos, mais uma vez ratifica-se a condição *rurbana* dos informantes desta tese.

4.4.4.3 Incidência do rotacismo

O fenômeno do rotacismo se encontra analisado em dois contextos: i) em sílabas complexas, como pl-, cl-, bl-; ii) em palavras em coda interna, como alguma, cultura, folga, etc. Os quadros e os gráficos mostram os resultados.

Quadro 7 – Incidência de rotacismo em sílabas complexas

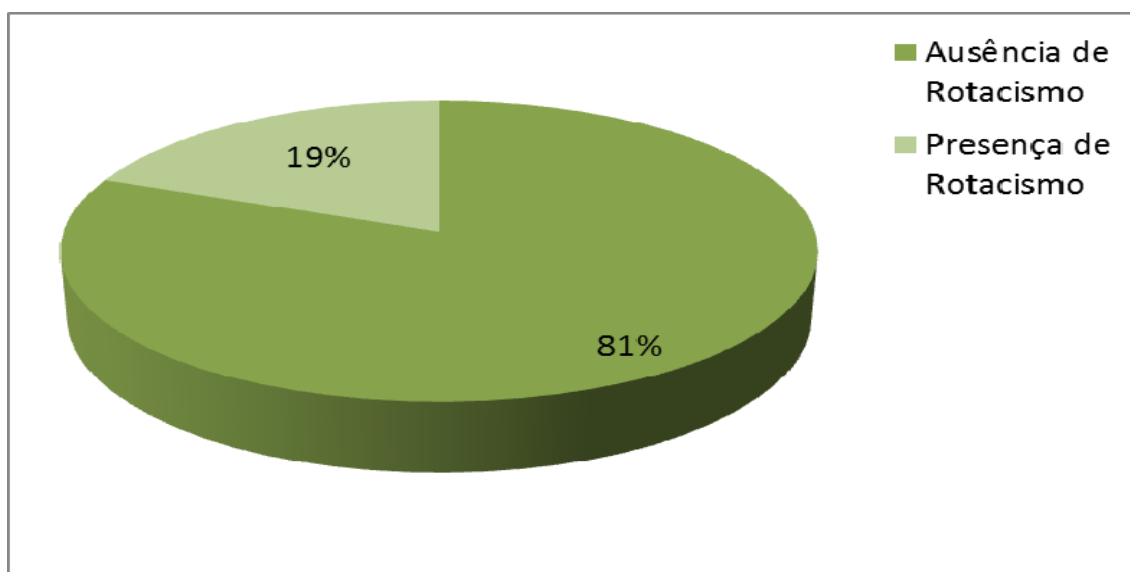
CONTEXTO	ORTOGRAFICAMENTE CORRETA	ROTACISMO
blocos	2	0
clara, claro	30	4
completo	5	0
dupla	1	0
exemplo	4	3
explicano, explicô, explicá	2	1
explosão	1	0
flor	1	0
implícito	1	0
implosão	1	0
influência, influênciá	2	0
inglês	1	0
plantá, plantação, plantano	4	3
plural	1	0
poblema, problema, probleminha	11	3
publico	2	0
reclama	0	2
simples , simplesmenti	2	1
supletivo	1	0
tecla, teclado	2	0
TOTAL	74	17

Fonte: Própria autora (2015)

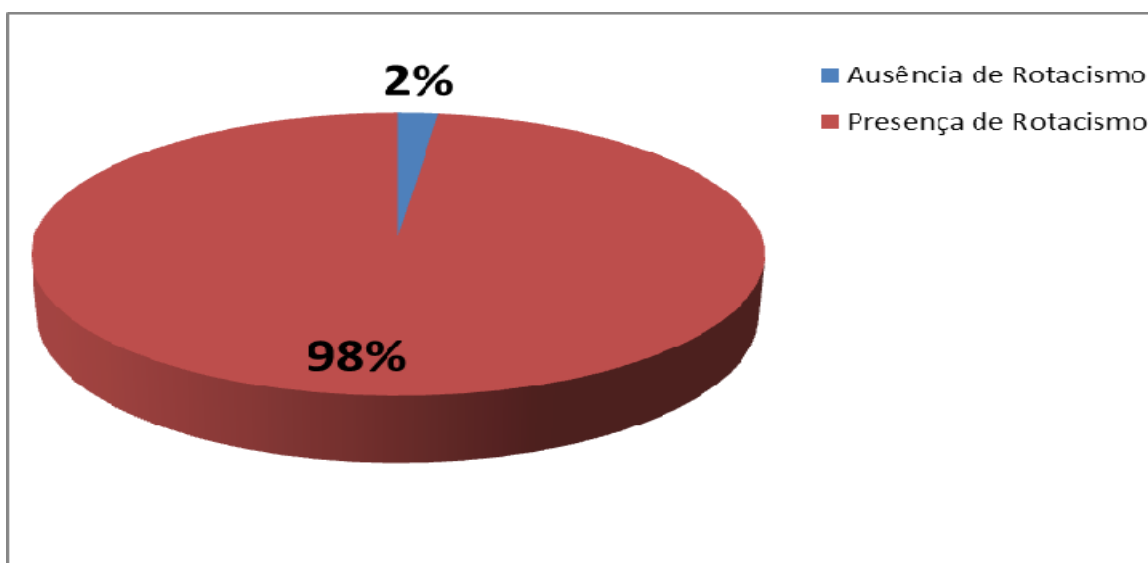
Quadro 8 – Incidência de rotacismo em coda interna

CONTEXTO	ORTOGRAFICAMENTE CORRETA	ROTACISMO
alcoolizada	1	0
algo, alguém, algum, alguma (s)	196	7
almoça, almoço	4	0
alta	2	0
analfabeta	1	0
asfaltano, asfalto	4	0
bolsa, bolsista	3	0
cacilda	2	0
cálculo	1	0
calma, calmo	3	0
culpa, culpado	2	0
culta	1	0
cultiva	1	0
cultura	1	0
desculpa	1	0
dificuldadi	1	0
faculdadi	1	0
falta	10	0
filme	7	0
finalzinho	1	0
folga	2	0
humildadi	1	0
igualzinho	1	0
julga, julgá, julgo	3	0
multa	1	0
multinacional	1	0
qualquer	11	0
resolve, resolveno, resolveu	3	0
salgado	1	0
salto	1	0
salva	1	0
selvagi	1	0
soltera	1	0
última, último	5	1
volta, voltá, voltando, voltei, volto, voltô	19	0
TOTAL	295	5

Fonte: própria autora (2015)

Gráfico 9 – Resumo incidência rotacismo em sílaba complexa

Fonte: Própria autora (2015)

Gráfico 10 – Resumo incidência rotacismo em coda interna

Fonte: Própria autora (2015)

4.4.4.4 Considerações sobre os dados dos quadros

Dos fatores aqui analisados, a INF1 apenas não faz a concordância verbal padrão. Tratando da primeira pessoa do plural, são dois os momentos: quando diz “eu e minha mãe num dá muito não, nós num tem tanta ligação assim” (L.53); em relação à terceira pessoa, uma única vez em “eu assisto mais é os canais pagos” (L.36), um tipo de construção bastante propícia para a ausência da marca de plural, uma vez que os verbos de ligação, por

funcionarem apenas como elo sintático entre o sujeito e o predicativo, desfavorecem a concordância.

Para a INF2, a concordância não acontece na maioria das vezes em que é obrigatória, tanto na primeira quanto na terceira pessoa, como se vê em “Nóis *tem* uma mercearia lá ondi qui eu moro mesmo, aí *fica* os dois lá.” (L.185,86). A segunda dessas inadequações pode ser explicada pela anteposição do verbo, pois, nessas construções, a CV é menos produtiva, mas, na primeira e em “Lia, meus pais *lia*” (L.188), a inadequação é bem marcada mesmo.

O rotacismo aparece em sua expressão. Na primeira aparição, mesmo lendo o texto, pronunciou como *crara* (por clara – L.213) e, na segunda, quando solicitei que resumisse o que havia lido, o rotacismo ocorreu novamente (L.217). Nesse formato, não houve outras palavras pronunciadas pela informante. Entretanto, com outros termos que favoreceriam o rotacismo, como a palavra *alguma*, por exemplo, o fato não ocorreu.

A fala da INF3 é marcada por traços descontínuos, como a ausência de CV “Tenho três, mais *é* tudo casado” (L.241), “elas qui *faiz* você vivê mais” (L.265), “minha irmã i meu cunhado *mora* pra lá” (L.289), “Eles *fala*, eles *troca* palavra” (L.313), etc. A iotização aparece todas as vezes em que ocorrem o substantivo *trabalho* ou as formas do verbo *trabalhar*, como em: “não, minha mãe *trabaia* im casa só” (L.291,92), “porque ele *trabaia*, né” (L.269). O rotacismo também surge em sua fala, “as pessoa num *recrema*, ah, às vezes *recrema* do lugar” (L.246,47), “por *exempro*” L.299,307).

A fala da INF4 não traz marcas descontínuas de rotacismo, iotização e tem pouca incidência de não CV, como em: “só no começo tinha umas meninas assim que num *gostava* da genti, *quiria* batê na genti” (L.361,62) ou “as mulheres qui eram muito amiga, *tinha* amizadi i qui *fazia* a felicidade da família.” (L.423,424)

Entre as marcas aqui analisadas, as INF5 e INF6 limitaram-se à ausência da concordância verbal com a 3ª pessoa do plural em “eles *fala* mais corretamenti” (L.479,480) e “qui eles *leia*” (L.542), para a INF5, e “elas *era*, duas amigas qui *era* carni i unha” (L.667) ou em “eles *pergunta*” (L.636), para a INF6.

Já na primeira pergunta, aparece o rotacismo na expressão linguística da INF7, quando ela pergunta se o nome “tem qui sê *compreto*” (L.699). Depois disso, a iotização e a falta de concordância verbal permeiam toda a conversa, como em: “falava coitada das pessoa qui *chama* Cacilda né?” (L.742,43); “por causo da minha *fia* né, eu tenho qui dá o *exempro*, né?” L.747); “eu também *trabaiava* lá” (L.758,59); “Eles sempre *trabaiô* muito né e num *lê*” (L.792,93).

A INF8 apresenta apenas duas passagens com o traço descontínuo referente à ausência de concordância verbal. No primeiro, após fazer a leitura de um pequeno texto, ela resume dizendo que leu o texto de “duas amigas qui *era* como carni i unha” (L.944). A baixa saliência fônica do verbo *ser* na terceira pessoa do plural favorece a não realização da CV.

Na outra, “mais agora, as otras qui não, qui sabem falá certo i *fala* assim, num sei, deveria falá do jeitu qui sabi né?” (L.897,98). Percebe-se que o último elemento do sujeito no plural favoreceu a concordância verbal em *sabem*, de acordo com o conceito de paralelismo formal, mas o mesmo não acontece com o verbo falar. Acredito que, aqui, a influência do verbo *falar* na primeira ocorrência, com a perda do /r/ final, tenha influenciado a outra ocorrência para a mesma sonoridade, camuflando a concordância, uma vez que com o verbo saber é feita a concordância

A INF9 não faz as concordâncias necessárias em momentos como: “i daí os otros também *mora* im Pitanga” L.964,65), “Deisdi piquena, assim, meus pais mi *levava*” (L.994), “meus pais *faiz* serviços gerais, eles *mexi* cum gado assim” (L.1085,86); e, quando faz a concordância, ocorre a desnasalização: “eles *falaro* qui *dero* um probreminha na organização i daí eles num fizero” (L.988,89), “eles mi mostra, mi falam coisa que *acontezero* cum eles” (L.1108), “i si *reuniro* tudo junto” (L.1168).

O rotacismo é expresso em “probreminha (L.989)” e a iotização em “na verdadi, eli num ia *trabaiá* (L.1170,71)” ou “tem tanta coisa pra puxá a *oreia* dessi povo” (L.1185,86).

A INF10 apresenta poucas marcas descontínuas, somente em relação à concordância verbal. Em dois momentos de sua fala, não faz a concordância: “eles *trabalha*” e “essa aqui *é* treis criança jogano bola na praia” (L.1287,88), e em um momento ocorre a desnasalização: “porque minha mãe, nós, meu pa, meu padrasto *acharo* serviço pra cá melhor i veio” (L.1199).

Na fala da INF11, não há concordância verbal e ocorre a desnasalização, como em: “porque todos *mora* longi daqui” (L.1361); “São pessoas inteligenti i qui *aprendero* i tá usando o qui *aprendeu*” (L.1383,84), etc.

O mais marcante na fala da INF12 é a falta de concordância verbal, como em: “mas meu pai i minha mãe já *mora* antis” (L.1417), “os pai *carrega* pra lá i pra cá” (L.1437), “mais sei qui nós *ia* olhá tudo” (L.1474), “ele é impregado, mais elis si *dá* bem” (L.1485), etc.

A expressão verbal das duas últimas informantes mulheres não apresenta iotização ou rotacismo.

O primeiro dos meninos, o INF13, tem uma expressão bem marcada. Em quase todos os inícios das suas respostas há um marcador discursivo, o “óia” (L.1555,65,68, etc.),

iotização de “olha”. Além disso, a iotização aparece em outros trechos de sua fala como: “Vai lá e asséste tevezinha com a *veinha*” (L.1599,600), “*trabaia* como pedrero” (L.1627), “tirei nenhuma *vermeia* nas matéria *deis*” (L.1643), etc.

A ausência de concordância verbal também permeia sua fala, como em: “eles *aprendi*, lá no passado, por isso qui eles até *parô* di istudá” (L.1668); “aí nós *ganhô* um passeio lá po Odiparqui” (L.1703); “Nóis *tevi* qui juntá dinheiro” (L.1705), etc.

Em relação ao rotacismo, dois momentos: “é pra mim era, é primera i *úrtima* veiz” (L.1704) e com os indefinidos: “é muito raro vê *argum* jovem sertanejo por ai né” (L.1712), “essas crianças di *arguma* forma” (L.1715).

O INF14 e o INF15 não apresentam iotização ou rotacismo. Além disso, como mostra o quadro, é mínima a ausência de CV em suas falas. Um exemplo da fala do INF14 está na falta de concordância com o numeral, como em: “os dois *é* mais velho” (L.1739), e do INF15 “ahã, *foi* dozi dias”, “As duas *era* melhores amigas e *tinha* aparência tipo igual” L.1904,05).

O INF16 apresentou apenas uma marca descontínua ao não fazer a concordância verbal em “das coisas qui *tá* acontecendo no mundo, no Brasil” (L.1938,39).

Também o INF17 não faz a concordância verbal em unicamente duas ocasiões: “as pessoas mais chegadas, entre amigos assim, não *fala* certo, *fala* mais na gíria né qui *fala*” (L.2070,71) e em “as pessoas *tê* um pouco mais di humildadi” (L.2107) No primeiro caso, a clássica perda do sujeito por distar muito do verbo. Scherre (2008) aponta a posição do sujeito em relação ao verbo como importante fator correlacionado à variação da regra de CV. Quanto mais distantes estiverem um do outro, mais difícil se torna a realização da CV.

Na segunda construção, o verbo *ter* está no infinitivo pessoal, o que por si só já se apresenta problemático. Na fala em questão, o verbo *ter* deveria ser flexionado, uma vez que, pela regra, o infinitivo deve ser flexionado quando o sujeito é expressado claramente.

A falta de concordância verbal é comum aos informantes INF18, INF19, INF20 e INF21 como ocorre nesses excertos: INF 18 “Eles *começa* a contá” (L.2182), “eles *tava* prestano atenção” (L.2197), etc; INF19 “Nói *joga*” (L.2213), “as família *gostava* muito da amizadi delas” (L.2273), etc; INF20 “Nói *tem* campo” (L.2300), “Sempre eles *tá* perto di mim” (L.2323), etc.; INF21 “Meu pai i minha mãe sabi iscrevê i lê tamém” (L.2482,83), “por causo do método deles *insiná*” (2491,92), etc.

Quando ocorre, a concordância feita com a desnasalização aparece na expressão de dois deles, o INF18, com “tem, agora tem di primera a quinta, *fizero* o ano passado” (L.2121), e o INF21, com “isso aí foi, tipo, uma sacanagi qui *fizero*” (L.2521).

Em relação à iotização, somente o INF19 não apresenta. Na fala do INF 18, aparece essa marca descontínua como em: “*Eis* tiraro” (L.2123). A expressão do INF20 também é marcada por esse traço, como se vê no excerto: “É, às veiz *trabaio* num lugar, às veiz no otro” (L.2295,96). Da mesma maneira o INF21 se expressa, a exemplo de: “qui eu *trabaiava* lá, eu sempre ia” (L.2419).

O rotacismo marca a fala de dois informantes, o INF19, como se vê em: “O aluno tá resolveno um *pobrema*, um *pobrema* no quadro” (L.2275,76), e o INF20 em: “ajudo no negócio di *prantação*, mais *trabaio* fixo eu num tenho.” (L.2294), tendo o INF20 apresentado muitas dessas marcas.

A ausência de CV na fala do INF22 é bastante produtiva. Exemplos como “tem ali no pasto lá, nói *joga* tamém” (L.2537,38); também a iotização em “aham, sempre fala pa *trabaiá* assim” (L.2557), mas o rotacismo não apareceu em sua fala.

O INF23, em toda sua longa fala, só apresenta a ausência de CV em dois momentos. Um exemplo está em “i pegô treis dos carros qui *tava* na frenti” (L.2267,68). Apresenta, também, algumas desnasalizações, como em: “por que os qui tavam administrando *dero* desviada no dinheiro” (L.2662), “daí eles num *entraro* num consenso” (L.2688), “posso falá qui muitas dessas não *tivero* acesso à iscola” (L.2752), mas são apenas essas as marcas descontínuas em toda a transcrição de sua longa entrevista.

Por fim, o INF24 é o único dos informantes a não apresentar nenhuma das variantes estigmatizadas aqui analisadas.

Para além do foco deste trabalho, algumas marcas foram se apresentando na leitura atenta da transcrição da fala dos adolescentes. A título de complemento e com a intenção de enriquecer esta tese, apresento, no próximo subitem, uma discussão acerca de algumas dessas marcas.

4.4.4.5 Considerações sobre outros dados relevantes

A INF1 é um exemplo interessante dentro desse grupo de informantes. Adulta precocemente por conta de um casamento e a perda de um filho, parou de estudar por um período e hoje volta à escola para tentar mudar sua realidade social. Diarista, tem no trabalho a sua rede de maior referência.

A profissão não é favorável ao letramento, como se sabe, já que é um serviço notadamente braçal, portanto, com incidência mínima de eventos letrados. Entretanto, a INF1,

filha de mãe semianalfabeta e que nunca incentivou a leitura, apresenta pouquíssimos traços descontínuos em sua fala.

Em contrapartida, o uso do pronome oblíquo é constante em toda sua longa fala, em detrimento do pronome reto, em construções em que exerce a função de sujeito, como ocorre nos excertos “pra *mim* istudá é mais perto di casa” (L.2,3); “Pra mim, pra *mim* mudá” (L.32); “mais num dá pra *mim* assisti” (L.38), entre outros. O subjuntivo é, também, um uso difícil na fala popular. A informante também faz esse conflito ao comentar “daí meu marido qui ficava co carro por qui, si *vinha* multa *ficava* ruim” (L.119,120). Essas são marcas características do falar rural e rurbano.

Pela análise da fala da INF1, percebo a influência da leitura e de práticas permeadas pelos letramentos dominantes. Ela comumente assiste a documentários, em que a variedade utilizada é a urbana, tem na família, sua rede de maior contato, relação com membros letrados, os quais admira. Além disso, sua rede de identificação e referência, o trabalho, atua como um regulador, visto que a patroa incita-a a usar a variedade urbana, e, mais ainda, a variedade padrão.

Portanto, o letramento é incisivo na configuração da fala da INF1, visto que interage por redes cujos eventos de letramento propiciam: i) uso do futuro do pretérito simples, como em: “si fossi pra mim tentá, mi isforçá, eu acho que eu *conseguiria*” (L.80,81); ii) não realizar a hipercorreção comum ao verbo fazer, a exemplo de: “faz dois anos” (L.24); iii) realizar a concordância verbal padrão em mais de 90% das ocorrências. Em sua fala, também, não aparecem a iotização e o rotacismo.

Posso afirmar, diante disso, que a INF1 sofreu as influências da urbanização e houve a difusão do seu dialeto. Portanto, seu falar hoje se aproxima mais do falar urbano do que do falar rural.

A INF2 tem a professora de Arte como rede de referência e a mãe como adulto espelho, e estava ampliando suas redes de interação, pois começaria a trabalhar em breve. Teve contato com a leitura durante a primeira infância e gosta de ler, apesar de não ler muito atualmente.

Sua fala traz algumas marcas, como o uso inadequado do modo verbal, como em: “Ué, qui eu gostava di *vim* na festa assim” (L.152,153), do pronome reto “eu amo muito *eles*” (L.160,61), cujo uso não é aceito como culto, mas que é bastante produtivo na fala dos brasileiros.

Taralo e Duarte (1988) apontam haver, quando se trata de representação do objeto direto co-referencial com um sintagma nominal já mencionado, clara preferência “pelo uso

de sintagmas nominais lexicais, do pronome lexical **ele** e de uma categoria vazia objeto em detrimento do uso do clítico acusativo” (TARALO; DUARTE, 1999, p. 49-50 – grifo dos autores).

Exemplificando, os autores apresentam algumas possibilidades de respostas para uma pergunta como “Há quanto tempo você conhece Maria?”: i) Eu conheço Maria há muitos anos; ii) Eu conheço há muitos anos; iii) Eu conheço ela há muitos anos; iv) Eu a conheço há muitos anos. Esta última é pouco recorrente na fala do brasileiro.

Também observei outros marcadores incomuns ao falar urbano, como “por *causo qui*”, bastante utilizado pela informante, como em: “Ah, minhas amigas mesmo, *por causo qui* com ela eu falo di coisa nossa” (L.165) ou “Minha mãe, *por causo qui* ela sabi fazê conta” (L.172).

Há, não obstante, algumas construções próximas do padrão, proferidas por essa informante, como em: “eu sempre tive vontade di conhecê-las” (L.183), apresentando um uso incomum a um falar relaxado, podendo, portanto, ser classificado como uma possível busca de aproximação a mim, sua ouvinte direta, cujo papel social representava uma usuária da norma urbana, de acordo com a teoria da acomodação, que se refere aos ajustes feitos pelo falante em vistas a se assemelhar ao seu interlocutor (BORTONI-RICARDO, 2014). Entretanto, já quase no final da entrevista, ela responde: “Ah, essa é algo relacionado à igreja” (L.230), mostrando uma aproximação com o falar urbano já nos momentos de maior descontração.

Os indícios de sua origem rural não foram apagados pela rede de interação, mesmo com a informante tendo como rede de referência a escola, representada pela professora de Artes, mas os eventos de letramentos dessa rede propiciam uma proximidade maior ao falar urbano. Sua rede de contato maior, família, também traz a mãe como um ponto de letramento, já que lê com frequência.

Posso afirmar, diante disso, que a INF2 vem sofrendo as influências da urbanização, mas o seu dialeto sofre uma difusão lenta, provavelmente devido à relatividade de densidade e multiplexidade de suas redes, como já mostrei pelo Mapa 2. Logo, sua fala está indo ao encontro do falar urbano. É possível que, com a inserção efetiva no mercado de trabalho, a difusão seja mais acelerada.

Camacho (2013, p. 257) discorre sobre isso ao mencionar um amplo conjunto de identidades que constituem o mesmo indivíduo, as quais são “constituídas com base nas pressões sociais [...] e interações sociais”.

A INF3 é totalmente vinculada à família. Quando sai de casa, vai visitar a família. Quando viaja, *idem*. Não trabalha, tem a mãe, analfabeta, como grande referência. Não lê e

tem pouco contato com outros tipos de cultura letrada, como programas televisivos que favoreçam o letramento dominante, teatro, cinema. Apresenta dificuldades reais de compreensão e interpretação textual, além de, como já mencionei, ler precariamente.

Além dos traços descontínuos apresentados no subitem anterior, a INF3 apresenta outros bem marcados, como “Ah, mó dizê, às veiz *anssim*” (L.255), “si eu *isse* viajá *levava* minha mãe” (L.287), “pera aí, dexa eu *coisá* aqui primero” (L.322), “mó dizê o *oto*” (L.294).

Essa expressão “mo dizê” é recorrente em sua fala, o que mostra sua insegurança, pois nunca afirma, não é ela quem fala, sente necessidade de se apoiar em outro, ou no “oto”.

Há, momentos, ainda que raros, nos quais aparecem as marcas dessa cultura letrada proporcionada pela escola, como em uma descrição de figura em que ela diz “Ah, praia, diversão, os amigos alegres” (L.321), ou seja, a concordância nominal bem marcada em todos os constituintes da sentença, e em “vamos dizer”, logo no início da entrevista.

Diante disso, é fácil estabelecer suas redes de contato maior e de referência como influenciadoras se não da manutenção do falar rural, da pouca mobilidade em favor do falar urbano. O letramento não é atrativo em suas redes de interação, a não ser na escola, cujo espaço não é representativo para a informante, haja vista a frágil formação que demonstra em uma conversa de pouco mais de trinta minutos. Com Bortoni-Ricardo (2005, p. 181), pergunto “seriam as escolas veículos eficientes na transmissão da variedade padrão da língua?”.

Ademais, analisando a INF3, não posso deixar de me lembrar de uma fala de Camacho (2013, p. 80), em que questiona:

É no mínimo curioso que, decorridos oito anos de exposição ao processo escolar sistemático, com a ênfase especial que o sistema de ensino deposita sobre o princípio de correção, jovens do grupo socioeconomicamente marginalizados deixem de associar prestígio e correção. Não poderiam ter recusado inconscientemente qualquer contaminação de um sistema de valores que destoasse de seu próprio?

Entretanto, acredito que associar simplesmente a um sentimento de pertença ao grupo, ou aproximação à rede de referência, nesse caso, a família, mais especificamente a mãe, pode eclipsar um problema muito mais sério retratado pela fala da INF2. Por estar não só fora do tema deste estudo, como também de minha área de conhecimento, não posso fazer afirmações, mas é notável que essa informante apresenta sérias deficiências de aprendizagem e não poderia estar concluindo o Ensino Médio.

A INF4 trabalha no mercado que os pais mantêm na ZCD, viaja nas férias, gosta de teatro, é evangélica praticante e faz curso de teclado numa filial de sua igreja na cidade. O pai

é pedagogo e dirige a escola municipal do distrito vizinho. Deseja fazer curso de costura, pois vê a mãe, sacoleira de roupas, e se inspira em produzir roupas para vender. Não obstante essas características, sua rede de interação é densa, com laços multiplex, como o pai-patrão e o pastor-professor de música.

Sua expressão linguística é próxima do urbano, com construções como “A cidadi ondi eles *moram* costuma falá assim, *provavelmenti*” (L.417), “eu gostava de *vir*” (L.364,365), “pra casa dos *meus familiares* lá im Santa Catarina” (L.392), “eles *moram próximo* da praia Barra do Sul” (L.394,395).

A frase “qui um papagaio ligô pro policial pedindo pa *vir* ajudá *ele*, qui um gato quiria pegá *ele*” (L.430,31) mostra bem uma mescla entre o uso perto do padrão, como no adequado modo verbal e a marca estigmatizada, o uso do pronome em desacordo com as regras gramaticais. Bortoni-Ricardo (2005) vê nesse alternar entre uma variedade e outra a influência da escolarização.

A rede familiar é letrada, o pai também patrão e é a pessoa com a qual a informante mais conversa. Esse contato com o pai pedagogo, leitor assíduo, aliado ao contato com outras agências de letramento como a igreja e atividades de meios letrados como a leitura, o teatro e a música proporcionam a aproximação com o falar urbano, a despeito do seu contato diário com os fregueses da mercearia em que trabalha, cuja variedade é a rural ou a rurbana. Mesmo integrando uma rede social de interação densa, de tessitura miúda e laços fortes, favorecedoras da focalização dialetal, há forças de baixo, ou seja, abaixo do nível de percepção consciente, como orienta Labov (2008), que favorecem a difusão do dialeto original.

O que se pode concluir, assim, é uma crescente aproximação entre a variedade utilizada pelos membros dessa rede e o falar urbano, isso é, o contato com o falar rural nunca foi estreito para a INF4.

A INF5 é leitora assídua de uma revista juvenil, sua mãe lia para ela na infância e ainda lê muito, o que favorece a cultura do letramento em família. Isso resulta em sua configuração linguística, com poucas marcas descontínuas, como a ausência de CV já mencionada ou o uso indevido do tempo verbal em “depois ela vai *vim* aqui” (L.458), “mais o dia qui era pra mim *vim* não deu pra mim *vim*” (L.451).

Em um determinado momento da entrevista, a informante se autocorrige em relação ao uso da concordância, pois expressa “porque a igreja é longi i *nóis num*, a *genti num tem* carro” (L.483). Não alcançando, naquele ponto da entrevista, a variedade padrão, opta por um uso popular. Esse tipo de alternância só é possível para falantes cujo contanto com a norma

urbana é de alguma forma acessível, o que é, no caso dessa informante, promovido pelos eventos de letramento altos em suas redes de interação social.

A INF5 é usuária de um padrão linguístico próximo do falar urbano, a despeito de, como a INF4, suas redes serem de densidade alta, como mostram as expressões “além da minha mãe assim, tem minha irmã e os amigos todos” (L.456,57), “são médico, eu acho que eles são ocologistas” (L.511,12), em que relativamente todas as concordâncias, quer verbais, quer nominais, seguem a norma padrão da língua portuguesa.

A INF6 mostra algum uso mais elaborado da linguagem, como em “é mais provável” (L.565,625), possivelmente devido ao seu tipo de trabalho, já que atua como atendente de *call center*.

Ademais, essa informante tem um pormenor singular: nascida em Londrina, com familiares todos de origem paranaense, sem nunca ter saído da cidade, apresenta uma sonoridade na fala que se aproxima muito do sotaque mineiro, às vezes nordestino, principalmente nos momentos de fala relaxada. Segundo a própria informante, tal fato “É por causa do serviço, porque eu só atendo é Minas Gerais, Bahia aí é meio espontâneo, pareci que num sei, peguei” (L.588,89), uma vez que, seu ofício, durante seis horas seguidas, coloca-a em interação somente com mineiros e baianos. Isso é possível, conforme vemos em Bortoni-Ricardo (2011, p. 107): “uma pessoa ajusta sua fala à forma que acredita será mais bem recebida por seus interlocutores”.

Mesmo inserindo-se em uma rede aberta e de laços frouxos e não apresentando grandes marcas descontínuas em sua expressão, pois não faz a concordância verbal em apenas três momentos, as marcas graduais são fortes, aparecendo do início ao fim da entrevista, como em: “Ah, não, ia demorar bem hein, só cumas lavagi cerebral” (L.651,52) ou “num gosto de mexê cos odo, intão lá eu vô tá quétinha cos meus papel” (L.628,29), sempre em um tom a mais, com muitos gestos, permeados de gargalhadas altas.

Essas características podem estar relacionadas a uma de suas redes de interação, a amizade, bastante forte em seus contatos, já que uma vizinha dona de casa e semiletrada é a pessoa com a qual mais conversa fora das relações trabalhistas e familiares. Ou seja, pode ser uma forma de se manter ligada e essa vizinha, por quem tem grande apreço, uma vez que “o desembaraço no manejo da linguagem pode levar até a certa leviandade quando está associado à confiança excessiva decorrente da categoria privilegiada em que se enquadram determinados falantes” como mostra Camacho (2013, p. 53), trazendo as falas de Bordieu e Passeron.

Coloco a INF6 nesse patamar de categoria privilegiada de falantes devido à maioria de suas redes de interação ser permeada de eventos letrados, em que o contato com o falar urbano e com a norma padrão está em evidência, como no contato diário com o marido universitário, na igreja e com a supervisora, secretária executiva cujo conhecimento é admirado pela informante, uma vez que para qualquer pergunta a superior encontra a resposta, pois já “tem na ponta da língua” (L. 272).

Além disso, consciente de sua posição de modelo para a filha, como já citei anteriormente, cuida em usar uma fala mais próxima do padrão a fim de que ela nisso se espelhe e possa “aprendê a falá certo” (L.575), como ela mesma justifica.

Portanto, a INF6 apresenta uma mescla interessante de falares, sendo a informante que mais apresentou a capacidade de adequação entre todos os entrevistados. Em sua interação diária, busca se parecer com o seu interlocutor, em um verdadeiro ajustamento já mencionado por Labov (2008), pois atende pessoas que se expressam em todas as variedades por meio de seu trabalho, local em que, também, aproxima-se do falar urbano. No seio familiar, isso também já vem acontecendo, com o marido terminando um curso superior.

É possível que, conforme oriente Bortoni-Ricardo (2011, p. 120), “consequentemente, também deve estar submetido à pressão igual de duas forças opostas, a saber, as pressões de padronização por um lado e a tendência à manutenção das formas não padrão como marcas de identidade de grupo por outro”. Não obstante, posso considerar o seu falar mais próximo do urbano do que do rural.

A INF7, ao contrário, apesar de inserida no mercado de trabalho e ter uma filha com a qual se preocupa em relação ao uso da linguagem, as demais redes, e a própria configuração das redes em comum com a INF6, levam-na para outra forma de expressão.

Essa informante morou grande parte de sua vida no sítio. Seu marido, pessoa com a qual mais conversa, é agricultor e tem baixa escolaridade. Seu contato fora do distrito é com uma colega de trabalho, moradora em Londrina, e que trabalha na limpeza de um dos grandes hospitais da cidade, local em que a própria informante já trabalhou. Portanto, mesmo o contato com o falar urbano é mediado por um falar rurano.

Como já mencionei, a rede de trabalho favorece a focalização do dialeto caipira, uma vez que o contato é frequente com falantes dessa variedade, além de a função exercida não favorecer a difusão.

Entretanto, marcas da leitura, prática recente em sua rotina, e da escolaridade, além do cuidado que tem buscado para que a filha não utilize a variedade estigmatizada da linguagem, aparecem em alguns trechos de sua entrevista, como em: “porque eu falo a maioria das

palavras erradas, né” (L.797,98); “di eu terminá” (L.745); “tô, ah, na maioria das vezes quando sai o meu pagamento” (L.709,10), “pessoas mais como patrões, né” (L.730), entre outras marcas, por exemplo, “como assim *deis* da minha adolescência, assim *pa mim* num falá palavrão falava ‘cacilda’” (L.741,42)

Posso estabelecer uma fraca focalização em relação a essa informante, mas como ela não expressa nenhum sentido de pertença com o distrito, os anos de escolaridade no ensino médio que lhe faltam, a prática da leitura e seu cuidado para falar dentro das normas perto da filha poderão mudar seu perfil linguístico.

A INF8 apresenta alguns traços graduais citados, mesclando com construções bem elaboradas como: “pra onde eu iria? Acho que *iria pros* Estados Unidos” (L.925,26). É nesse sentido que Camacho (2013, p. 257) expressa a multiplicidade de identidades não estáticas e inter-relacionadas de que os indivíduos são constituídos, cuja menção já foi feita neste trabalho, uma vez que isso “envolve não a constituição de categorias fechadas em si mesmas, mas de categorias dinâmicas, em processo contínuo de transformação”.

Suas redes relativamente abertas têm proporcionando maior difusão do falar rural, proporcionando à informante um falar mais próximo do urbano.

O que primeiramente me chamou a atenção em relação a INF9 foi o uso da palavra *estrito*. Quando questionada sobre o que seria “falar certo”, responde: “falá certo não é falá certo assim, no *estrito* assim” (L.1128). Saí da entrevista curiosíssima para analisar sua fala e descobrir o porquê de uma palavra tão fora do comum ao seu grupo de iguais adentrar o seu repertório linguístico. Além dessa, outros termos, como “necessário, embriagado, caracterizar, alcoolizadas”, e o plural de *bastante* em “intão fica meio difícil você citá nomes porque são *bastantis* pessoas” (L.1063,64), contrastam abertamente com as marcas descontínuas expressadas pela informante.

Outro dado interessante é em relação ao seu /r/ marcadamente retroflexo, o “erre caipira”, cujo estigma ela tem noção, pois alega “Sim, porque tipo assim a genti é, como é? é *porta, portão* (ênfaticamente o /r/ retroflexo) né tudo assim, intão tipo pra mim eu já ouvi muito disso, assim é origem simples falá assim sabi” (L.1138,39), ou seja, ela relaciona esse uso a uma origem simples. Sobre tal fenômeno, Bortoni-Ricardo (2014, p. 28) caracteriza como uma marca regional, pois alega que em Londrina, mesmo sendo fundada há pouco tempo, “já é possível identificar traços no português local que funcionam como marcas identitárias para seus falantes”.

Essa informante já trabalhou, veio de outra cidade com características rurais, fez curso de Secretariado e lê com frequência. Além disso, a igreja está em suas redes de maneira

importante. Todas essas peculiaridades agrupadas servem para mostrar o processo de mudança por que está passando a expressão linguística dessa falante, expressado pelo contraste há pouco citado.

Ao mesmo tempo em que se expressa de maneira próxima do urbano, como em: “Ah, sairíamos qui a genti tem amigos lá, a genti ia sai lá por perto tamém, iríamos, intão, eu acho” (L.1074,75), “meu pai quando necessário também assim” (L.1093), “duas amigas i caracterizando as duas” (L.1153,54), marcas típicas do falar rural permeiam sua expressão. Exemplos disso estão em: “Daí eu tipo eu *sube* i fui” (L.972), em que há a redução do ditongo em uma das conjugações do verbo saber, além do uso incorreto do termo irmão: “ermão” (L.1038).

Mais uma vez, há um franco processo de difusão do falar rural. A informante está em um processo de aquisição de outra variedade linguística e, se formos entrevistá-la daqui a alguns anos, é muito provável que ela possa ser alocada em um ponto do contínuo de urbanização muito mais próximo do urbano.

O que concluí em relação ao uso da palavra *estrito*? Provavelmente, ela deve ter ouvido, ou lido, entendido o seu significado e as possibilidades de uso e, havendo a oportunidade, não hesitou em usar, a fim de me impressionar, interlocutora representando ali um papel social de entrevistadora e, portanto, juíza do seu falar.

A INF10 apresenta poucas marcas descontínuas, somente em relação à concordância verbal. Além de ter vindo recentemente para o distrito, ainda que vinda de uma cidade com características também rurais, sua relação com a cidade estreitou-se a partir de um contato mais assíduo com o pai, montador de veículos, de nível universitário e morador na capital do estado, dessa maneira, sua expressão linguística está mais próxima do falar urbano.

A INF11 apresenta um fala bem mesclada. Há traços graduais e traços descontínuos, como também expressões próximas do falar mais urbanizado.

Em relação aos traços descontínuos, além dos já apresentados, utiliza dois termos bem marcados, como “ota” (L.1132) por “outra” e “memo” (L.1314) por “mesmo”, que estão nas raízes do falar rural.

Como está a um passo de entrar no mercado de trabalho, suas redes de interação serão ampliadas e a possibilidade de difusão dialetal será bem mais abrangente. Por enquanto, expressa-se com um falar em um ponto entre o rural e o urbano, podendo estar no centro e, portanto, um falar absolutamente rurbano.

A análise da fala das últimas informantes do sexo feminino mostra que a INF12 traz as mesmas marcas que a INF11 em relação ao termo “oto” (L.1444, 95,15190 e

“memo”(L.1420,37,39,15370, além de uma expressão que vem permeando a fala da maioria dos informantes, que é o “co a” por “com a”, “co” por “com o”, “ca” por “com a” e “cum” por “com” (diversas linhas).

Aparece também em sua fala o uso indevido do pronome oblíquo em: “a hora qui eu tô *si* arrumando ainda”, um traço estigmatizado e marcador do falar rural, mas bastante presente hoje também em falares rurbanos, comprovando que sua fala está próxima do urbano, mas não muito distante do falar rural.

Suas redes são relativamente densas, pois há um vínculo, com uma vizinha pedagoga, a proporcionar, talvez, uma entrada de outras realidades em sua comunidade de fala. Não afirmo, pois não foi possível estabelecer a variedade utilizada por essa vizinha. Atualmente, os cursos superiores não são mais garantias de falares mais próximos do padrão, haja vista a grande oferta de cursos em faculdades as mais variadas possíveis.

Partindo para os meninos, o INF13 tem características interessantes. Morador da ZCD, expressa-se como um típico morador do sítio. Todos os traços descontínuos são apresentados em sua fala.

Sua identificação com o pai analfabeto é muito grande, e suas redes densas, com laços multiplex, favorecem a focalização do falar rural, bem representada pela iotização, como já vimos no subitem anterior.

Vejo aqui um caso especial de identificação com o grupo, reforçado por sua situação familiar. O informante é filho adotivo e a família biológica entrou na justiça em busca de sua guarda. Apesar de ter optado por ficar com seus pais adotivos, a disputa se estende, e, portanto, toda forma de assimilação maior com esses entes que o adotaram será uma arma do informante para lutar pelo destino que deseja, uma vez que não pretende viver com seus parentes de sangue.

Tal afirmação encontra respaldo em Bortoni-Ricardo (2014, p. 58) em que assegura

A implementação de uma variável sociolinguística funcionando como um indicador de pertinência de um local, ou de identidade com um grupo social, como é o caso da centralização de ditongos em Martha's Vineyard, pode ocorrer em qualquer comunidade de fala.

Como bem assevera Camacho (2013), essa recusa em usar a norma-padrão, ou, no seu caso, algo mais próximo do falar urbano, pode representar uma recusa em aceitar os valores culturais representados pela classe privilegiada, aqui talvez representada pela família biológica e, com isso, preservar sua identidade social.

Não é possível classificar o INF13 como falante do rural, devido a algumas construções que se distanciam do dialeto caipira. Portanto, na fala desse informante, a focalização é intensa, o que me permite concluir que sua expressão linguística é rurbana, muito próxima do rural.

O INF14, durante o primeiro contato, ainda em sala de aula, foi o que mais me chamou a atenção, pois queria justamente isso. Falando sempre muito alto, respondendo às questões com brincadeiras, não me pareceu, naquele momento, interessante. Minha surpresa foi grande quando, depois de analisar os primeiros questionários, selecionei-o. Com isso, na segunda fase, quando ele chegou à sala da entrevista, pensei que não iria ser produtivo. Grata surpresa. Só entre mim e ele, a conversa fluiu e ele se mostrou um menino atencioso e educado. Bem diferente da identidade que apresenta quando está com o grupo de colegas. Isso, por si só, já calharia um bom trabalho de pesquisa.

Sem muito contato com eventos de letramento fora da escola, tem nos tios, moradores na cidade, modelos de vida. Deles, ganhou uma enciclopédia, cuja leitura seria iniciada por aqueles dias da entrevista, com vistas ao vestibular.

Sua expressão linguística, ao largo de suas redes densas e de laços multiplex, cujo núcleo é a família, traz poucos traços descontínuos, além da CV já referenciada, nomeadamente a desnazalização. Além disso, expressões como “oto” (diversas linhas) por “outro” e “por causa qui” (L.1716,43,53,610), bastante produtivas em sua fala, mostram sua proximidade com o falar rural, o que classifica seu falar como um rurbano, bem mediano.

O INF15 tem a peculiaridade de ser irmão gêmeo do INF22. E as expressões linguísticas, os gostos, as redes, as atividades são todas muito próximas, o que permite, inclusive, serem analisados juntamente.

Ambos trazem poucas marcas descontínuas, a despeito de seu lugar de moradia e da rede densa, que tem, inclusive, laços multiplex bem marcados, já que o tio é também patrão, e o pai, por vezes, também atua nessa função, quando ambos o auxiliam nas obras de construção civil.

Entretanto, as marcas apresentadas pelos dois não são as mesmas. O INF15 apresenta inadequação do modo e tempo verbal (“vai *vim* aí” L.1824); e concordância nominal estigmatizada (“i minha vó já é *meia* analfabeta” L.1897); ao passo que o INF22 faz uso inadequado da forma verbal em “essa iscola já foi *pegado* fogo” (L.2540), o uso de “poblema” (L.2555) por “problema”, a falta do /s/ em palavras como “mai” por “mais”, “traí” por “trás” e “depoi” por “depois”, além de “oto” por “outro” (diversas linhas)

As mesmas redes, densas e de laços multiplex, resultam uma expressão linguística muito parecida. Apesar de esses dois meninos terem um contato muito maior com a cultura rural, sua fala é menos ruralizada do que a da INF3, ou do INF13, por exemplo. Uma explicação possível está no acesso à cultura letrada na escola, na igreja e também vinda do pai, ponto central em suas redes, já que o pai é alfabetizado, trabalha fora dos limites do sítio, transportando alunos para a escola e também fazendo pequenas excursões de compras para a cidade nos finais de semana.

O INF15 e o INF22 estão em um processo mediano de urbanização, podendo ser considerados falantes rurbanos, estando o INF15 mais próximo do polo urbano do que o INF22.

O INF16, integrante de redes frouxas, tem no instrutor do curso que faz na cidade uma referência. Apesar de não gostar de ler e do contato com a leitura na infância, assiste a programas televisivos de cultura letrada, como documentários e entrevistas, o que pode ter favorecido seu falar bem mais próximo do falar urbano.

O INF17 tem um falar, como o INF16, com poucas marcas descontínuas. Este informante também tem um falar rurbarno, bem próximo do urbano.

Os INF18, INF19, INF20 e INF21 apresentam fortes marcas dialetais. Os quatro moram no sítio e integram redes fechadas, tendo pais ou parentes como padrões. Suas interações são, comumente, com pessoas do próprio sítio em que moram ou adjacências, tendo somente a escola como rede com eventos de letramento, ou, quando muito, a igreja, como é o caso do INF18.

Algumas marcas são apresentadas pelos informantes.

O INF18 apresenta a queda do /s/ final em “mai” (mais), além da ditogação do “a”, como em: “mai o resto tem qui sê aqui” (L.2121). Assim como o INF20, em “nói” (nós, com ditogação do “o”): “Nói, os amigo, sábado e domingo, nói tem campo, tem no serrinha, perto do Irerê, ali perto da Cocamar, nói joga ali (L.2300,01).”

INF20 usa o pronome oblíquo diante de verbos no infinitivo “é uma coisa pra *mim* fazê” ou o uso inadequado, trocando a pessoa como em: “*Si* preocupo quando tô perto di alguém qui fala certinho[...] daí eu *si* preocupo im falá né” (L.22377,78). Também o rotacismo em coda aparece somente na fala desse informante, da seguinte maneira: “eu preciso fazê *arguma* coisa lá” (L.2291).

O uso de “ota/oto” é comum aos quatro. Na expressão do INF18, em “i o *oto* tem tamém” (L.2115); na fala do INF19, em “i a *ota* mora no sítio lá” (L.2210); na fala do INF20, “*ota* coisa na minha vida né, i trabaiá mais im *oto* setor” (L.2359.60); na expressão do INF21

em “a cor di cabelo differenti da *ota*, um era claro o *oto* mais moreno” (L.2508.09). Comum também a todos é o uso de “ca” para “com a”, “co” para “com o”, “cum”, “cus” para “com” e “com os”, respectivamente (diversas linhas).

O INF21 traz duas marcas bastante estigmatizadas: a expressão “di menor” (Eu sô *di menor* – L.2425) e a conjugação verbal, pretérito imperfeito, na primeira pessoa do singular do verbo *estar*, como em: “mais eu *tavo* trabalhano im otras coisa” (L.2460).

Diante desses detalhes de suas falas, podemos colocar os informantes como falantes do falar rurbarno, mas cada um em uma aproximação maior ou menor em relação ao falar urbano. O INF18 e INF19 estão um pouco mais próximos do falar urbano, mas ainda no lado do rural, ao passo que os INF20 e INF21 mais próximos do rural, com o INF20 mais característico de todos.

Os dois próximos, e últimos, informantes, têm em comum as redes abertas, de laços frouxos. Mas cada um tem sua peculiaridade.

O INF23 foi um dos informantes que mais falou (38m20s), perdendo apenas para a INF9 (43m1s), e sua expressão aproxima-se muito do falar urbano em vários momentos, a exemplo de: “faiz uns dois anos, por aí, foram cortados os pés de café, pra tê plantação, pra substituição da plantação.” (L.2657,58), “só pros Estados Unidos que ainda num fui por tê receio di avião” (L.2638,39), “Im parti devido a isso, sim, im parti im razão do pessoal daqui mesmo” (L.2660,61), entre outras passagens. O informante utiliza termos ou expressões não utilizadas por falantes rurbarnos ou rurais, como em: “*cortados os pés de café*”, uma construção cuja concordância dificilmente seria realizada; “*Im parti devido a isso*”, expressão que mostra maior abrangência de seu conhecimento linguístico, além do vocábulo *receio*.

Ele traz uma marca esperada na fala da INF6, devido à sua profissão de atendente de *call center*: gerundismo, hipótese que não se confirmou. Em um dos tópicos da conversa, sobre assistir à televisão, ele me diz “eu assisto pra *tá sabendo* di notícias di otros lugares tamém né” (L.2690,91).

Outra marca na fala do INF23, que remete ao falar rural, é a ocorrência do pronome cópia, ou seja, reprodução de uma informação já expressa por outra em que o pronome pessoal com função de sujeito retoma um sintagma nominal à esquerda, como em: “Minha mãe *ela* é auxiliar di serviços gerais” (L.2709) e “o português ninguém fala *ele* corretamenti como devi falá” (L.2729).

No início da entrevista, em que havia maior monitoramento, o adolescente não apresentou qualquer traço descontínuo, mesmo tendo sempre respostas longas e explicadas.

Do meio para o final, em que ele já estava relaxado, apareceu o seu vernáculo, que pode ser classificado como um rurbano muito próximo do urbano.

Trabalhando em uma função cujo letramento é constante, leitor assíduo e praticamente engajado em uma religião, suas redes são abertas e os laços uniplex, mas há uma questão identitária permeando tudo isso. O adolescente identifica-se integralmente com a mãe leitora e com grau de ensino secundário, cuja profissão ele nomeia como auxiliar de serviços gerais num primeiro momento para, em seguida, retificar como governanta em uma residência na cidade. Nesse informante, é possível observar a alternância da fala em relação ao papel social representado, como visto, pois é possível notar que ele se expressa com um variedade linguística difusa em suas interações exteriores, mas há um falar focalizado quando interage no seio familiar.

É possível identificar, portanto, o contato com o mundo letrado como determinante na configuração linguística desse informante e para sua alocação em um ponto quase no extremo urbano no contínuo de urbanização.

Há, neste informante, extrema sensibilidade aos valores indicadores de prestígio, como assevera Camacho (2013), pois o INF23 é um claro aspirante à mobilidade social, e faz uso da linguagem para expressar essa busca pela aproximação aos grupos prestigiosos.

O INF24 tem um falar rurbano muito próximo do urbano, o mais entre todos os analisados nesta tese. Verborrágico, no início da entrevista pensei que estava tentando me impressionar, seguindo aquilo que Gumperz (1972) denomina de relações posicionais, mas seguiu assim até o final, inclusive em um momento cuja emoção o tomou completamente, bem no termo da nossa conversa, e o padrão manteve-se o mesmo.

Não há um traço descontínuo, em compensação, a assimilação do /d/ em gerúndios permeia sua fala, como em: “é, mais *tirano* isso, num tevi muita coisa não” (L.2818), “ninguém iria ficá *sabeno* do mesmo jeito” (L.2849), “apesar di istilisticamente *falano*, *inventano* palavra agora” (L.2866,67), etc. Usa de ironia: “Todo mundo odeia o Chris, tamém Eu a patroa e as crianças, só qui tudo inédito né”(L.2840,41); faz uso de advérbios de modo com frequência, com em: “os parenti mais distanti *praticamenti* não né” (L.2802), “*geralmenti* rock” (L.2809), “qui eu sô uma pessoa *naturalmenti* casera” (L.2816), entre outras passagens com essa conformação.

Há construções bem próximas do urbano, a exemplo de: “intão, eu comecei a frequentá a igreja faiz relativamenti poco tempo [...] lá há interação social” (L.2828,29,30); “Ah, sinceramenti, a iscola perdeu certa importância pra mim há bastanti tempo, depois qui eu

percebi qui muito dessi conhecimento não vou utilizá cotidianamenti, entendeu?” (L.2831,32,33).

Inteligente, tem um humor ácido e respostas bem elaboradas, com opinião própria sobre assuntos diversos. Um exemplo disso é a citação anterior, sobre a escola. Acerca da televisão, retruca “nem tenho tempo, nem muito interesse tamém [...] tem uns programas qui têm muito, é, qui são pejorativos, entendeu?” (L.2837,41,42).

Apesar de trabalhar na área jurídica, passou no vestibular para o curso de Psicologia. Ao final da entrevista, ao responder a pergunta sobre o dia mais triste de sua vida, esse informante é tomado de uma emoção muito forte. Ele conta um episódio, cujo transcorrer não é agradável e me faz cortar sua fala, como se vê na passagem: “aí eu fiquei tão nervoso e mordê o braço num estava adiantano mais, aí, di repenti, meus membros começaram a formigá e deu meio qui paralisia parcial dos membros, num conseguia mexê as mãos, nem os pés direito, inclusive eu saí di lá mancano qui, ai, ai — Isso não está te fazendo muito bem né? — Não — Então vamos deixar para lá, não precisa falar mais, tá?” (L.2859 a 62); Essa minha estratégia em encerrar o tópico vai em função da etnossensibilidade (BAUGH, 1979), que trata da consciência etnográfica respeitosa na condução das entrevistas.

É o informante, sem sombra de dúvida, que tem a fala mais próxima do falar urbano. Sem qualquer sentimento de pertença ou identificação com seu local de origem, a difusão do falar rural se consolidou para esse informante.

Para encerrar esse subitem, lembro que Bortoni-Ricardo (2005 p. 161) fala na existência de dois tipos de redes: as insuladas e as integradas, de forma que a transposição da segunda para a primeira é obrigatória no processo da adaptação ao falar urbano.

A primeira [rede insulada] restringe-se aos vínculos familiares e de vizinhança e é territorialmente confinada. Seus membros convivem com um número limitado de pessoas e é baixa a densidade das relações de papéis, pois a comunicação processa-se num número reduzido de contextos sociais. Esse estado de coisas favorece desenvolvimento do consenso moral e de resistência a pressões modificadoras exógenas.

Isso é perceptível na fala de INF3, INF15, INF18, INF19, INF20, INF21 e INF22.

A autora também, ao comentar o trabalho de Hogan e Berlinck sobre migrantes em SP, relata a abertura de oportunidades de inserção em redes cuja comunicação se faz de maneira elaborada ao passo que esses migrantes passavam a viver em ambientes urbanos complexos, finalizando que “seu acesso a diferentes canais de informação foi crucial para o acesso aos recursos urbanos e, em última instância, para seu ajustamento” (BORTONI-RICARDO, 2011,

p. 133). É possível visualizar essa inserção e esse ajustamento na fala de INF23 e INF24, pois o ajustamento desses informantes ao falar urbano é marcante.

Estabelecidas as redes de interação, observado o grau de letramento dessas redes e pontuadas as variantes-base para minha análise, é possível estabelecer a configuração da fala dos adolescentes do Distrito de Paiquerê. É o que apresento na sequência.

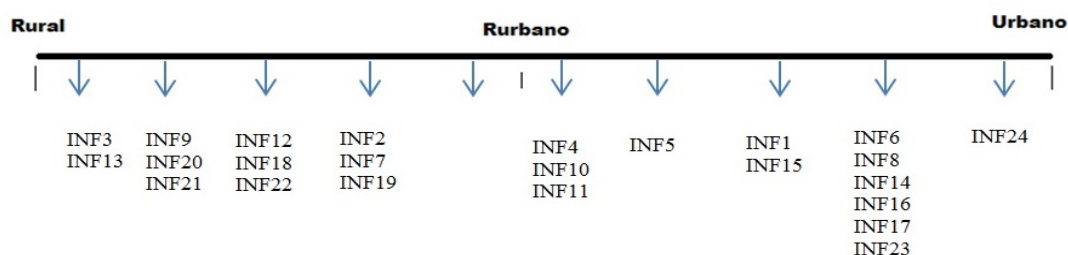
4.5 COMO FALAM OS ADOLESCENTES DE PAIQUERÊ

Já de início é possível afirmar não haver grandes diferenças entre os falantes da ZRD e ZCD, além de uma mescla entre os falares, o que vem, na Linguística, corroborar a tenuidade da linha divisória entre o rural e urbano, como falado a respeito no capítulo 5.

Recapitulando, os informantes INF1, INF2, INF3, INF4, INF6, INF7, INF13, INF14, INF16, INF17, INF23 E INF24 são da ZCD. Os informantes INF5, INF8, INF9, INF10, INF11, INF12, INF15, INF18, INF19, INF20 e INF21 moram na ZRD.

Para melhor descrever como falam os adolescentes estratificados por região, aloco-os no *continuum* de urbanização proposto por Bortoni-Ricardo (2009) e detalhado no capítulo 6, pois acredito ser essa a melhor maneira de visualizar tal configuração linguística.

Figura 4 – Alocação dos informantes no *continuum* de urbanização



Fonte: a própria autora

A figura corrobora o que citei há pouco, ou seja, não há falantes alocados em nenhum dos extremos do *continuum*, estando todos em posição rurbana, ora mais próximos de um, ora mais próximos de outro polo.

Diante de tudo o que foi exposto neste capítulo, e com vistas à figura 4, posso mensurar certa irrelevância do local de moradia para a focalização ou difusão da variedade identitária dos adolescentes, uma vez que há esse amálgama entre eles.

Há onze informantes alocados no lado mais próximo do rural, INF2, INF3, INF7, INF9, INF12, INF13, INF18, INF19, INF20, INF21 e INF22, e quatro moram na ZCD, as INF2, INF3, INF7 e o INF13, e sete moram na ZRD, as INF9 e INF12 e os INF18, INF19, INF20, INF21 e INF22

As INF4, INF10 e INF11 estão em um ponto do urbano muito próximo do rurano. Dentre elas, somente a INF4 mora na ZCD.

E os informantes alocados do rurano para o urbano são dez. Em meio a eles, três têm residência na ZRD e sete na ZCD.

Nesse sentido, meu resultado alia-se ao que compreende Bortoni-Ricardo (2005, p. 51), ou seja, que “a localização do falante ao longo do *continuum* [de urbanização] depende mais de sua rede de relações sociais que de sua própria história social”.

Morar ou não na ZCD não fez o INF13 perder suas marcas linguísticas que o aproximam do falante rural. Morar na ZRD não faz o INF15 expressar-se utilizando iotização e rotacismo constantemente. O que os define são questões de identidade, em ambos os casos, com os pais: o INF13, um pai analfabeto; o INF15, um pai alfabetizado, que se sobressai entre os demais integrantes de sua rede de interações.

Debruçar-se sobre o falar da INF1 é perceber as redes de interação atuando em sua configuração linguística, a despeito de seu local de moradia. Calhou de morar na ZCD, mas poderia estar situada em qualquer região, inclusive na periferia de qualquer cidade grande.

A INF3 reside na ZCD, mas seu falar é um dos que mais se aproxima do falar rural.

Concluo, portanto, como irrelevante a questão da moradia e, em relação à hipótese de que os informantes da ZRD teriam maior incidência do falar rural, e vice-versa, ela é negada por todas as evidências apresentadas.

4.5.1 Pontos caracterizadores da fala do adolescente do Distrito de Paiquerê

É possível caracterizar um adolescente como específico dessa zona? Não. Os adolescentes residentes em Paiquerê se expressam como qualquer outro das regiões periféricas da cidade.

Assim como não há uma linha bem marcada a separar o rural e o urbano, é tênue a divisão do falar. O ideal, como prevê Bortoni-Ricardo (2005), e como já mencionado, é alocar os falantes no contínuo de urbanização. Além disso, a própria autora prevê a pertinência de outro contínuo, o de oralidade e letramento, a circundar a configuração de fala de qualquer indivíduo, que eu não mencionei nesta tese.

Os pontos comuns a todos, ou seja, a caracterizarem a fala do adolescente de Paiquerê são:

i) a assimilação do /d/ e do /b/, nos casos já mostrados, nomeadamente os gerúndios e o vocábulo “também”, como em “qui foi *cresceno*, o povo foi *fazeno* as casinha, aí depois di muito tempo qui foi *asfaltano*”, “i gosto di saí *tamém*” (INF1 – L.16 e 9).

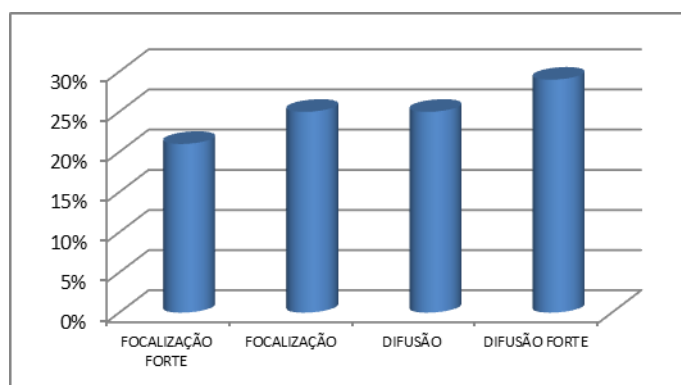
ii) a elevação das vogais médias /e/ e /o/, especialmente em “cum” por “com”, a exemplo do que faz o INF17 em “Fui *cum* treis e voltei *cum* seis, depois eu fui *cum* nove e voltei *cum* onze” (L.2006,07).

iii) novas contrações e justaposições, como “coa” ou “ca” por “com a”, “co” por “com o”. Os INF2 e INF5 bem mostram isso: “Ah, *co a* minha, acho qui é *co a* minha mãe ou *cas* minhas amiga (INF2 – L.164); “Dexo vê, *co a* minha mãe, *ca* minha irmã, *cas* minhas amiga, *co* meu vô, *ca* minha vó, acho qui só.” (INF5 – L.462,63);

iv) a “abreviação da abreviação”, uma vez que são todos a usarem o “pa”, redução de “pra” que já reduz “para a”, como nos mostra o INF20 em “Ah, a importância qui eu daria é *pa* rezá co a minha família né. (L.2314,15)”

Em relação à manutenção e à mudança, mostro, pelo gráfico 11, quantos informantes, do total, mantêm-se próximos do falar rural, hipoteticamente o seu falar de origem, dada a região em que vivem, caracterizando maior focalização, e quantos partem para uma difusão desse falar, aproximando-se do falar urbano.

Gráfico 11 – Percentagem de focalização e difusão do falar rural



Fonte: a própria autora

O gráfico 11 revela uma pequena percentagem maior de difusão do falar rural, corroborando todas as demais discussões apresentadas nessa análise.

Respondendo a algumas questões propostas nesta tese, posso concluir, mais uma vez, a influência das redes de interação como determinantes para o falante adolescente de

Paiquerê, já que informantes como a INF3, por exemplo, moradora da ZCD, cuja identificação com a mãe é extrema, está entre as falantes que mais se expressam utilizando um falar rurano muito próximo do falar rural.

No outro lado, o INF15, ainda que vivendo na ZRD, expressa-se de uma maneira mediana, mais próxima do urbano que do falar de sua gente, das suas interações mais estreitas, diferindo, inclusive, do falar de seu irmão gêmeo.

Essas caracterizações fundam-se em redes de interação de letramento diferenciado. Para a INF7, citando apenas uma das informantes da ZCD, as redes são de letramento quase nulo, ao contrário da INF8, cujas práticas letradas permeiam suas interações cotidianas.

Dessa maneira, o letramento das redes de interação atua como o foco central favorecedor da mudança ou da manutenção linguística, pois direciona o falar em favor ou não das agências hegemônicas.

Em virtude do que foi aqui apresentado, fica fácil observar que o adolescente de Paiquerê vive o seu tempo, é contemporâneo do homem da cidade e segue as tendências atuais. Apesar de um ou outro uso estigmatizado e característico do falar rural, sua expressão linguística assemelha-se, como já mencionei, a de outros jovens moradores das zonas periféricas da cidade, nessa mesma faixa etária, com essa escolaridade e idêntica realidade social.

Isso vem, mais uma vez, comprovar o quão tênues são as linhas que se esperam estanques. Não é possível estabelecer uma diferença territorial entre o rural e o urbano, a não ser didaticamente para fins analíticos, como foi feito nesta tese, tanto quanto não é possível configurar um adolescente como típico de um distrito rural, uma vez que a ruralidade invadiu as cidades e aloca-se, hoje, em suas adjacências.

Toda essa discussão, os dados apresentados, a configuração da fala desses indivíduos entre 14 e 18 anos, moradores do campo, teve um propósito: mostrar a realidade linguística para que seja melhorada a realidade escolar.

Não é possível que as aulas de língua materna mantenham-se da forma como vêm sendo trabalhadas atualmente. Levar em consideração tudo o que foi aqui apresentado é mister para atingir os objetivos educacionais: a criação de indivíduos preparados para o mundo e, na questão linguística, aptos a se adequarem ao contexto de comunicação.

Trato um pouco disso no capítulo seguinte.

5 ESTABELECENDO UMA DISCUSSÃO

A gente só sabe bem aquilo que não entende.

(Guimarães Rosa)

A análise que fiz mostrou, como já destaquei em diversas passagens, o quanto as redes de interação social determinam a configuração linguística de meus informantes, de origem rural, e, não obstante isso, o grau de letramento a entremear as interações como principal organizador de uma aproximação ou afastamento do falar rural.

Vi, também, a importância da leitura para uma configuração linguística sem marcas descontínuas, mas não apenas o hábito de ler atualmente, mas a relevância do contato com a literatura durante a primeira infância. Nesse quesito, a contação oral de histórias também tem sua parcela de influência no leitor futuro.

Além da confirmação de uma característica inerente à faixa etária que me propus investigar, que é o sentido de pertencimento a um grupo, as relações de identidade demarcando todas as formações do indivíduo, quer linguísticas, sociais, de caráter ou de orientação geral.

Concluído o óbvio?

Provavelmente, já que muitos estudos podem ter vindo antes deste e mostrado os mesmos resultados.

Entretanto, a obviedade aqui não é obsoleta ou dispensável, haja vista casos como o da INF3, cuja interação na entrevista mostrou um nível de criticidade e até mesmo de letramento inesperado para sua condição de concluinte do ensino médio.

Diante de tal situação, são pertinentes as considerações de Bortoni-Ricardo (2005, p. 181) sobre o descaso da escola no acesso do aluno à norma-padrão, uma vez que não favorece meios de exposição a exemplos dessa variedade em sala de aula, a despeito “da grande ênfase que a pesquisa sociolinguística tem dedicado às consequências educacionais da variação linguística”.

A questão é muito mais abrangente. Oferecer o acesso à sistematização da língua materna a alunos tão heterogêneos da maneira homogênea como vem sendo praticado pode ser uma causa do insucesso apresentado por informantes como INF3, INF7, INF20, entre outros.

Em um exemplo claro disso, Bortoni-Ricardo (2009), ao documentar a marcação de plural nos sintagmas nominais somente uma vez e denominá-la de regra gradual, já orienta

para a necessidade de isso ser muito bem trabalhado em sala aula, de modo a levar os alunos que têm como identidade a variante não redundante em sua linguagem oral, na espontaneidade de suas redes de interação, a capacitarem-se ao monitoramento e, com isso, habilitarem-se a usar a variante com plurais redundantes na escrita e na fala formal.

Mas há algo ainda mais patente e que convém ser citado. Convivi com os professores do Colégio Estadual de Paiquerê como pesquisadora e como colega de trabalho, já que atuei como docente em duas oportunidades durante a fase da pesquisa. Nas conversas em sala de aula, vi e conversei com professores que se situam em pontos muito próximos do rural se alocados no contínuo de urbanização. Entre eles, uma das professoras de Língua Portuguesa.

Em vários momentos, alguns alunos mais ousados chegaram a questionar para mim “a fala errada” da professora tal. Questionavam e duvidavam de sua capacidade, portanto, não a respeitavam.

Camacho (2010, p. 42) assevera ser uma necessidade a todo e qualquer indivíduo ter “interiorizadas em sua competência linguística, as formas alternativas da variedade-padrão, ou de prestígio, e da variedade não padrão, que pode também ser estigmatizada, sobre as quais ele pode operar seleção conforme variam as circunstâncias de interação.”, e completa colocando como papel da escola o cuidado para que as crianças tenham, desde a tenra idade, o acesso ao ensino das formas da variedade padrão, de maneira que possam, quando adultas, incorporar formas padrão ao seu repertório linguístico e serem, dessa maneira, capazes de adequar sua fala aos contextos exigidos pelo momento interacional.

Como poderia a professora citada mencionar a necessidade de adequação aos contextos linguísticos exigidos, não conseguindo fazê-la?

Castilho (2010, p. 209), a esse respeito, discorre

Tendo a escola a obrigação de ensinar o português culto, e levando em conta o ingresso nela de muitos alunos que praticam a variedade popular, *é evidente que os professores têm de conhecer bem ambas as variedades para desenvolver estratégias de, respeitando a popular, expor os alunos à variedade culta.* Ou seja, é preciso que professores e alunos conheçam bem ambas as variedades para escolher com adequação aquela que melhor corresponda à situação de fala: em casa, adota-se a norma familiar, qualquer que seja ela; falando com estranhos, adota-se o português padrão. É nessa espécie de ‘bilinguismo interno’, manejado com naturalidade em sociedades desenvolvidas, que se assenta uma percepção democrática de uso da língua materna (grifos meus).

No meu modo de olhar, estaria aqui um problema sério dos cursos de formação de professores, instaurado pela proliferação de cursos de Pedagogia e de Letras, virtuais e

presenciais, sem que haja critérios didático-pedagógicos consistentes. Além disso, o sistema de seleção de professores para as vagas abertas pelo processo de PSS (processo seletivo simplificado) no Paraná, por meio do qual são selecionados professores sem avaliação de sua condição linguística e didática, não ajuda no desenvolvimento da escola que se deseja construir e das aulas propícias ao desenvolvimento de um indivíduo proficiente em sua língua materna.

A formação de professores mais bem treinados também deve abarcar a abordagem da variação linguística em sala de aula da maneira adequada. Nem tanto ao céu, nem tanto à terra. Não é o caso de lançarem as gramáticas ao fogo, em uma inquisição linguística, nem de privilegiar tão somente a gramática normativa.

Adequação é a palavra.

O ensino de Língua Portuguesa deve levar em consideração a variedade trazida pelo aluno para a sala de aula, pois é sua identidade e traz enraizada suas redes de interação. O efeito drástico que há hoje ao tentar impor uma variedade sobre a outra acaba por afastar o aluno do interesse em buscar novas formas, a fim de se adequar, uma vez que isso implica um afastamento de suas origens, na maior parte dos casos.

Mostrar ao aluno o leque de possibilidades linguísticas à sua disposição, exemplificando situações e usos, ao contrário, possibilitará a ele o reconhecimento da riqueza da língua e favorecerá o desejo de conhecer, de se aprimorar e ser proficiente em sua língua mãe.

Respeitar a variedade trazida pelo aluno não significa, portanto, negar-lhe o acesso às formas prestigiadas da língua. Como bem advoga Gagné (2002, p. 230):

Trata-se, para a escola, sem lançar juízo de valor sobre os diferentes usos e sem querer eliminar os usos espontâneos e legítimos, de oferecer ocasiões de utilização dos elementos ouvidos e compreendidos, que fazem parte da competência passiva das crianças. O objetivo não é substituir um uso por outro, mas, antes, familiarizar a criança com o emprego de formas prestigiosas.

Levar o aluno de um circuito rural ou urbano, como de Paiquerê, a ter maior acesso às normas mais bem aceitas socialmente é favorecer sua mobilidade social. É assim que as coisas funcionam, já que “[...] uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais” (GNERRE, 1985, p. 4, grifos do autor).

A escola deverá proporcionar meios para que esse alunado atinja tal patamar de adequação, e não será impondo a leitura de um clássico da literatura sem um trabalho prévio

de contextualização e uma atividade real, como o proposto pela docente no colégio em que fiz a pesquisa, que obterá isso. Bortoni-Ricardo (2014) apresenta algumas tarefas⁴¹, do início da escolarização ao final do Ensino Médio, que podem, e eu acredito que devem, ser subsidiadas pela Sociolinguística.

Dentre elas, destaco:

- i) em relação às tarefas para o início da escolarização, o item 1.1 “desenvolver recursos para facilitar a integração entre os conhecimentos de língua oral que os alunos trazem consigo para a escola e as competências de leitura, escrita e oralidade que vão adquirir ou aprender” (p. 163), pois é na base que o ensino deve atuar no sentido de promover uma consciência de adequação linguística e a confiança, pois, ao buscar a integração entre os conhecimentos internalizados e os a adquirir, respeita-se a história e a identidade do aluno.
- ii) Ainda dentre as tarefas do início da escolarização, enfatizo o item 1.10 “distinguir entre regras variáveis no repertório dos alunos as que têm caráter regional das que têm caráter idiossincrático e elaborar estratégias pedagógicas com a variação linguística regional; social e funcional” (p. 164), pois ele vem emparelhar com o 1.1 na busca pela valorização da variedade do aluno e a apresentação de outras variedades.
- iii) No que tange ao desenvolvimento de estratégias de produção escrita, o ponto 4.2 “incentivar os alunos a produzir textos orais anteriores aos escritos”, uma vez que, com isso, é possível clarear as diferenças substanciais entre a fala e a escrita e a importância de adequação tanto em um quanto no outro formato de expressão linguística.

Algumas coisas estão sendo feitas para isso e os próprios documentos oficiais orientam as ações nesse sentido, como se vê nesse excerto dos PCN (BRASIL, 1998, p. 29)

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em “Língua Portuguesa”, está se falando de uma unidade que os constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala.

⁴¹ Para conhecimento de todas as tarefas, ler Bortoni-Ricardo (2014). Os dados completos encontram-se nas referências finais desta tese.

Refletindo o mesmo juízo, o documento também assevera que

a aula deve ser o espaço privilegiado de desenvolvimento de capacidade intelectual e linguística dos alunos, oferecendo-lhes condições de desenvolvimento de sua competência discursiva. Isso significa aprender a manipular textos escritos variados e adequar o registro oral às situações interlocutivas, o que, em certas circunstâncias, implica usar padrões mais próximos da escrita (BRASIL, 1998, p. 30).

Faz-se necessário estabelecer uma proposta que favoreça o estudo da língua de acordo com a realidade do aluno, de modo a incentivá-lo a conhecer uma variedade diferente da sua, sem que haja preconceito, respeitando sua identidade respeitada, e de modo a desconstruir o modelo de aula como apontado por Soares (2002), cujo método trabalha a linguagem tão só de forma prescritiva.

Para que tal questão seja solucionada, a escola deve passar a encarar a realidade linguística atual. Deve atuar no sentido de proporcionar a inclusão, uma vez que hoje, como vemos em Scherre (2008, p. 42), “banem-se da escola não as formas linguísticas consideradas indesejáveis, mas, sim, as pessoas que as produzem”.

Antunes (2009) esclarece que, ainda que as instituições governamentais venham trabalhando no sentido de empreender uma escola mais formadora e eficiente, ao atuar na formação e capacitação dos professores e nas avaliações, em sala de aula a atividade pedagógica, na maioria das vezes, permanece inalterada. Segundo a autora, o trabalho com a oralidade, a escrita, a leitura e com a gramática é superficial. A gramática, além de ser trabalhada de maneira descontextualizada, é tida como inflexível, petrificada, pertencente a uma língua supostamente uniforme e estável, “irremediavelmente ‘fixada’ num conjunto de regras que, conforme constam nos manuais, devem manter-se a todo custo imutáveis [...], como se o processo de mudança das línguas fosse apenas um fato do passado, algo que já aconteceu e não acontece mais.” (ANTUNES, 2009, p. 32).

Gagné (2002, p. 197), em relação ao ensino do Francês, conclui algo nesse sentido quando alega

Em geral, a pedagogia centrada no código linguístico repousa numa perspectiva da qualidade da língua que é normativa e frequentemente purista. Esta perspectiva, centrada na escrita, concebe a língua como um código homogêneo, único e intrinsecamente superior: aquele que é descrito nos dicionários e nas gramáticas. O objetivo prioritário, senão único, que ela visa consiste em adquirir tal código. Em geral a pedagogia tradicional com a qual muitas gerações de francófonos têm aprendido sua língua.

O espaço em sala de aula, além de alfabetizar e letrar, deve servir como arena em que seja abordada a variação linguística de forma arraigada e clara, contribuindo para a erradicação do preconceito linguístico e para a derrocada do mito que classifica a língua portuguesa como uniforme e homogênea.

Com essa orientação no bojo, os projetos de pesquisa dos quais participo servem de exemplo de trabalhos cuja metodologia vem promovendo um melhor direcionamento das aulas de língua portuguesa.

Cito, primeiramente, o projeto VALE – Variação linguística na escola, desenvolvido pelos docentes e discentes do curso de Letras do Centro de Letras e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Londrina, coordenado pela professora Joyce Baronas.

O projeto objetiva, principalmente, elaborar materiais didáticos que contemplem conteúdos sobre as diferentes formas linguísticas orais e escritas do português do Brasil, abordando as diferentes variedades existentes no país, com vistas a, além de colaborar para a eliminação do preconceito linguístico, fornecer subsídios ao professor de língua materna para tratar adequadamente a variação da língua em suas aulas, favorecendo o aluno a ser proficiente em sua língua, ou seja, adequar-se ao contexto comunicativo e ser capaz de utilizar as diferentes variedades esperadas para as diferentes situações sociais.

O projeto está em sua fase final, pois o material didático organizado pelos participantes está em vias de ser publicado. Primeiramente, as reuniões serviram para o embasamento teórico, depois foram analisados os documentos oficiais estaduais e nacionais, no que tange às orientações em relação ao tratamento da variação linguística, sendo, sequencialmente, analisadas as coleções de livros didáticos aprovadas pelo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) para o triênio 2011-2013.

Nas análises dos livros didáticos, a equipe do VALE observou a pouca alusão à variação social e à variação histórica, pois as coleções, quando tratavam do assunto, faziam-no falando da variação regional e estilística.

O passo seguinte foi elaborar atividades didáticas abordando os tipos de variação. Essas foram discutidas em equipe, aprimoradas e levadas às salas de aulas para testagem. As aprovadas estão agora em um capítulo no prelo, na expectativa de irem para as salas de aula e mudarem um pouco a realidade educacional no país.

O outro projeto é o PONTES, coordenado pela professora Stella Maris Bortoni-Ricardo e alocado na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, cujo objetivo é investigar o processo de familiarização de professores em formação inicial ou continuada com os estudos de Sociolinguística de viés educacional, de modo a promover o empoderamento

desses profissionais. As reuniões promovem a discussão e a apresentação de trabalhos práticos em sala de aula, promovidos pelos integrantes do heterogêneo grupo do projeto, que está, também, em fase de conclusão.

Outras correntes de estudo prestam-se também a essa busca, como é o caso das pesquisas em linguística aplicada, cujos objetivos visam igualmente à construção de um cidadão capaz de usar a língua de maneira eficiente e proficiente. Nesse sentido, o trabalho com os gêneros textuais vem se mostrando profícuo para a materialização do letramento e como instrumentos positivos também para a abordagem da variação linguística.

Há outros trabalhos, projetos, programas, certamente, desenvolvendo-se nesse sentido pela imensidão que é nosso Brasil. Anseio pela mudança que virá ao germinarem as sementes daquilo que vimos plantando agora.

Mas o que importa é que começamos, e como já disse Rosa (2001, p. 440), “Todo caminho da gente é resvaloso. Mas; também, cair não prejudica demais — a gente levanta, a gente sobe, a gente volta! Deus resvala? Mire e veja. Tenho medo? Não. Estou dando batalha”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para tirar o final, para conhecer o resto que falta, o que lhe basta, que menos mais, é pôr atenção no que contei, remexer vivo o que vim dizendo. Porque não narrei nada à-toa: só apontação principal, ao que crer posso. Não desperdiço palavras.
(Guimarães Rosa)

Concluir um trabalho é, por vezes, o ato mais trabalhoso de todo o processo, ainda mais quando o tema é a língua, que por si só já abarca uma vivacidade única.

Como sugere Rosa (20011), pela voz de Riobaldo Tatarana na epígrafe, a fim de se conhecer o final, há de atentar para o que contei, e, neste trabalho, contei, talvez, alguns pontos já contados anteriormente, mas com o meu olhar, minha interpretação e minha voz, que traz consigo a carga de todas as leituras feitas, das aulas assistidas, das conferências, dos congressos, dos anos de estudo e, particularmente, das salas de aula e dos meninos entrevistados.

Assim, no primeiro capítulo, contei como foi realizada a pesquisa, seu passo a passo, resumindo em algumas linhas o trabalho de pouco mais de três anos. Como fiz, o que deu certo, o que teve de ser mudado. As entrevistas, muitas vezes entremeadas de ruídos, interferências de toda a ordem. Nelas, as marcas da vivacidade da escola e a dinamicidade das salas de aulas estão gravadas, como a me lembrar da minha condição de professora, base para a pesquisadora que hoje sou.

No segundo capítulo, primeiramente juntei a este trabalho outros já realizados, representativos da linha e expoentes do assunto pesquisado, a fim de mostrar não só a relevância do tema, como também para expressar sua polifonia. Uni à minha voz as vozes de alguns pesquisadores precursores, que vêm trabalhando com redes, com a fala dos adolescentes, com o conceito de identidade e letramento. Por meio desses trabalhos, desses pesquisadores, observei e estruturei os resultados que aqui apresento.

Toda estrutura tem sua fundação. Assim também é uma tese. Com isso em mente, ainda no segundo capítulo, trouxe à tona autores e obras basilares para o desenvolvimento deste trabalho, fundamentais para a análise e para as conclusões apresentadas. A Dialetologia como alma gêmea da Sociolinguística, Labov e os trabalhos pioneiros na vertente Quantitativa, por sua visão macro guiar todos os demais ramos da ciência, mesmo nos trabalhos voltados mais para a micro Sociolinguística.

Milroy e a introdução das investigações acerca das tramas por que se enveredam as interações, Bortoni-Ricardo e a inserção, mais que isso, a adaptação desses estudos à realidade brasileira.

Nesse meio, nomenclaturas foram apresentadas, com vistas a clarificar os estudos e pontuar as análises. Variação, variante, variedade; tipos de variação; tudo detalhado e especificado.

As características linguísticas do período mais conturbado da vida humana, a adolescência, foram trazidas à discussão, além de uma das questões fundamentais para tudo o que envolve a sala de aula, o Letramento.

E, fechando a estrutura basilar, a discussão concernente à materialidade do rural e do urbano foi apresentada, de modo a situar os meus informantes em uma esfera sertaneja ou citadina.

No terceiro capítulo apresento uma caracterização do *corpus*, primeiramente apresentando aos leitores o Distrito de Paiquerê, comunidade rural pertencente à cidade de Londrina, no norte do Estado do Paraná. As ruas de paralelepípedo ou terra batida, os senhores sentados na praça da Igreja Matriz, representados por números e expressados por meio de algumas categorizações.

Também o Colégio Estadual de Paiquerê, seus alunos e funcionários, sua história e seus números foram apresentados, e, com detalhamento e pormenorização, as características dos vinte e quatro informantes, tudo para chegar à análise, apresentada no capítulo quatro.

O apanhado teórico apresentado serviu para fundamentar tais análises, bem como para reiterar ou refutar algumas conclusões a que cheguei pelo processo de pesquisa, ao apresentar o alfa dos estudos com esse teor.

A base proporcionada pelos trabalhos de Labov, substancialmente os realizados em Martha's Vineyard e Filadélfia, de Milroy em Belfast, de Bortoni-Ricardo, em Brasília, serviram para compreender a configuração da fala do adolescente de Paiquerê como ligada estreitamente às suas redes de interação e aproximada muito do falar de qualquer outro adolescente morador das regiões periféricas de Londrina.

A partir disso, o trabalho fluiu no sentido de responder às perguntas de pesquisa, ou seja, de conhecer o favorecedor da mudança ou o favorecedor da manutenção linguística.

Respondendo à pergunta central deste trabalho, foi possível, por meio do apresentado aqui, concluir que as redes de interação têm peso preponderante na configuração da fala dos adolescentes aqui analisados. Meninos e meninas inseridos em redes abertas tendem a

aproximar sua fala do falar urbano. Em contrapartida, aqueles inseridos em redes fechadas apresentam um falar mais próximo do urbano.

Em se tratando das previsões: i) redes com menor incidência de letramento dominante e moradia na ZRD oportunizariam a manutenção do falar rural; ii) redes com maior incidência de letramento e moradia na ZCD favoreceriam um falar urbano, as análises não detectaram, por meio das variantes eleitas como determinantes neste trabalho – maior ou menor ocorrência de rotacismo ou iotização e não realização da concordância verbal na 1ª e 3ª pessoas do plural – falares urbanos ou rurais, mas, sim, o falar *rurbano* a que alude Bortoni-Ricardo (2009).

Atendendo ao primeiro dos objetivos específicos, a comparação entre a fala dos informantes estratificados por local de moradia foi feita, concluindo não haver pontos que possam caracterizar uns ou outros, já que todos apresentam a mesma configuração linguística.

Além disso, morar em uma ou em outra região, ou até o sentido de pertença, não é determinante, pois mesmo os informantes moradores nos sítios ao redor do distrito apresentaram aproximação com o falar urbano, e vice-versa. E, com isso, atingi o segundo objetivo específico.

Quantificar e nominar as redes de cada um dos informantes, objetivo terceiro, mais uma vez comprovou o peso das redes como o fator principal para a manutenção do falar rural ou para sua difusão.

Outro ponto importante, respondendo ao quarto objetivo específico, foi constatar que o grau de letramento é determinante para maior aproximação ao falar urbano. As análises comprovaram que, quanto maior o acesso à cultura letrada, oportunizada não só pela escola, mas por agências hegemônicas, como o trabalho, a igreja, a família e o grupo de amigos, maior será a difusão do falar rural. Não obstante, foi possível constatar que a menor instância de eventos de letramento nessas redes favorece a focalização.

Outros fatores preponderantes vieram à luz, como a importância do contato da leitura, e mesmo da contação de histórias, durante a primeira infância, período em que o indivíduo constrói sua imagem de mundo. A maioria dos informantes a ter pais leitores hoje lê. Disso, conclui-se o inquestionável: quem lê fala com maior incidência de expressões pertinentes ao universo urbano.

Também foi possível constatar a ineficiência das aulas de língua portuguesa nos moldes que se apresentam hoje, principalmente por meio da informante INF3 e dos informantes INF13 e INF20.

Por fim, diante de tudo o que concluí, no capítulo cinco, trouxe uma breve discussão sobre, especificamente, o ensino de língua portuguesa para indivíduos cuja personificação é representada pelos adolescentes de Paiquerê, proposta no quinto objetivo específico.

Como trabalhar em sala de aula as peculiaridades apresentadas, como a escola deve proceder para conduzir os indivíduos com esses pormenores a uma adequada capacidade linguística que lhes assegure competir e ascender socialmente.

Nessa discussão, apresentei dois projetos de pesquisa que vêm trabalhando eficientemente nesse sentido: o Projeto VALE – Variação Lingüística na Escola, e o Projeto Pontes. O primeiro, da Universidade Estadual de Londrina, vem criando atividades para a melhor abordagem da variação linguística em sala de aula, e o segundo, da Universidade de Brasília, incluindo nessa questão o Letramento. Ambos têm sido muito ditosos em seus procedimentos metodológicos, mostrando apropriadas alternativas para a mudança necessária e premente nos moldes das aulas hoje praticadas.

Assim encerro, em pouco mais de duas centenas de páginas, um labor de pouco mais de mil dias. Fui sucinta, visando à objetividade. Apresentei as bases mais influentes, os dados necessários e as conclusões relevantes. Nada extenso, nem exaustivo. Apenas o proeminente. Somente o que julguei fosse necessário.

“E me cerro, aqui, mire e veja. [...]. Conto o que fui e vi, no levantar do dia. Auroras. Cerro. O senhor vê. Conteí tudo” (ROSA, 2001, p. 874).

REFERÊNCIAS

- AGUALUSA, José Eduardo. *Milagrário Pessoa*. Alfragide: Dom Quixote, 2010.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. Um estudo geolinguístico da iotização no português brasileiro. In: _____. (Org.). *Português no Brasil: estudos fonéticos e fonológicos*. Londrina: Eduel, 1999.
- _____. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 37 (2): 105-112, maio-ago. 2008 Disponível em: <www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N2_11.pdf> Acesso em: 21.Nov.2010.
- ALKMIN, Tânia Maria. Sociolinguística: parte I. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- ALMEIDA, Joyce Elaine de. *Www.fogãoalenha.com.br: a influência da urbanização na fala de informantes rurais*. 2004. 272p. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa e Linguística) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2005.
- ALVES, Ana Paula Mendes. *Um estudo sociolinguístico da variação sintática ausência/presença de artigo definido diante de antropônimos na fala dos jovens de Barra Longa/MG que residem em Belo Horizonte*. Dissertação. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira: gramática, vocabulário*. 4. ed. São Paulo: HUCITEC, 1982 (1951).
- ANTUNES, Irlandé. *Aula de português: encontro e interação*. 7. ed. São Paulo: Párola Editorial, 2009.
- BATTISTI, Elisa. Redes sociais, identidade e variação linguística. In: FREITAG, R. M. K. (Org). *Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística*. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014.
- BAUGH, John Gordon. *Linguistic style-shifting in black English*. Tese. Filadélfia. University of Pennsylvania, 1979.
- BELL. Roger T. *Sociolinguistics*. Londres: B.T. Batsford, 1976.
- BERTRAND, Alvin L. *et al. Sociologia Rural: uma análise da vida rural contemporânea*. São Paulo: Atlas, 1973.
- BLAKE, Renée; JOSEY, Meredith. The /ay/ diphthong in Martha's Vineyard community: what can we say 40 years after Labov?. *Language in Society*, v.4, n. 32, p.451-485, 2003.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. Problemas de comunicação interdialeto. In: Sociolinguística e o ensino do vernáculo. *Revista Tempo Brasileiro*, n. 53/54, jul./dez. 1986.
- _____. Um modelo pra a análise sociolinguística do português no Brasil. In: BAGNO, Marcos. *Linguística da Norma*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. *Nós cheguei na escola, e agora?* Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

_____. O estatuto do erro na língua oral e na língua escrita. In: GORSKI, E. M.; COELHO, I. L. *Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006.

_____. *Educação em língua materna: Sociolinguística em sala de aula*. 6. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2009

_____. *Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011 (1985).

_____. *Manual de Sociolinguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; FREITAS, Vera Ap. de Lucas. Sociolinguística educacional. In: HORA, D.; ALVES, E. F; ESPÍNDOLA, L. (Orgs.). *ABRALIN: 40 anos em cena*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2009.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska Ribeiro. *Os doze trabalhos de Hércules - do oral para o escrito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; OLIVEIRA, Tatiana. Corrigir ou não variantes não padrão na fala do aluno? In.: BORTONI-RICARDO, S. M.; MACHADO, V. R.. *Os doze trabalhos de Hércules - do oral para o escrito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério do Planejamento, orçamento e gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. *Censo Demográfico 2010*. Educação e deslocamento. Resultados de amostra. Censo demográfico, Rio de Janeiro, p. 1-205, 2010. Disponível em http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/545/cd_2010_educacao_e_deslocamento.pdf. Acesso em 22.Janeiro.2014.

BRIGHT, William. *Sociolinguistics: Proceedings of the UCLA sociolinguistics conference 1964*: William Bright (ed.) Janua Linguarum, Series Maior 20. Mouton & Co., The Hague, Paris, 1966. 324 pp.

BROWN, Penélope. & LEVINSON, Stephen C. *Politeness: some universal in language usage*. Cambridge: Cambridge University, 1987.

BUENO, Silveira. *Gramática normativa da língua portuguesa – Curso superior*. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 1968

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2007.

CARNEIRO, Maria José. Ruralidade: novas identidades em construção. *Anais... XXXV Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia e Economia Rural*, Natal, agosto, 1997.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. v. 1.

CHAMBERS, J.K. *Sociolinguistic Theory*. 3. ed. Oxford: Blackwell, 2009.

CUNHA, Celso. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CAMACHO, Roberto Gomes. A variação linguística. In: SÃO PAULO. Secretaria de Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. *Subsídios à Proposta Curricular de Língua Portuguesa para os 1º e 2º graus*: coletânea de textos, São Paulo: SE/CENP, v. 1, 53-9, p.29-41, 1988.

_____. Uma reflexão crítica sobre a teoria sociolinguística. *DELTA*, São Paulo, v. 26, n.1, p. 141-163, 2010

_____. Norma culta e variedades linguísticas. In: *UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA*. Prograd. Caderno de formação: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011, p. 34-49, v. 11. Disponível em: <www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40354/1/01d17t03.pdf>. Acesso em: 15. out. 2013.

_____. *Da Linguística formal à Linguística social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*: referente à língua portuguesa. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010. (1954) Disponível em:

http://www.geografia.fflch.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Valeria/flg0563/1s2015/ANTONIO_CANDIDO---OS_PARCEIROS_DO_RIO_BONITO.pdf

CARAVEDO, Rocio. Principios del cambio lingüístico: una contribución sincrónica a la lingüística histórica. *RFE*, LXXXIII, 1.º-2., págs. 39-62, 2003.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Dialetoлогия: trilhas seguidas, caminhos a perseguir. *DELTA*: Especial, v. 17, p. 25-44, 2001.

CARVALHO, Maria Avelina de. *Práticas de letramento em um grupo social urbano de cultura oral*: uma abordagem etnográfica. 2011. Tese – Universidade de Brasília, Brasília.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2010.

COMITÊ – Comitê sobre a adolescência do grupo para o adiantamento da psiquiatria dos Estados Unidos da América. *Dinâmica da adolescência*: aspectos biológicos, culturais e psicológicos. 3. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1976. (MCMLXXVI).

COSERIU, Eugênio. *O homem e sua linguagem*. Coleção Linguagem. Rio de Janeiro: Presença, 1982.

CUNHA, Celso. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ECKERT, Penelope. *Linguistic Variation as social practice*. Oxford: Blackwell, 2000.

ERICKSON, Frederik. Transformation and school success: the politics and culture of educational achievement. *Anthropology & Education Quarterly*, v. 18 (4), 1987, pp. 335-56

FERRARI, Lilian Vieira. *Variação linguística e redes sociais no Morro dos Caboclos*. 1994. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana. *A Dialektologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, Yoshya Nakagawara. O papel dos distritos na estruturação da fronteira e o seu significado urbano. *Geografia* (Londrina) UEL, v. 6, p. 55-66, 1990.

GAGNÉ, Gilles. A norma e o ensino da língua materna. In.: BAGNO, M.; GAGNÉ, G.; STUBBS, M. *Língua materna: letramento, variação e ensino*. São Paulo: Párrabola Editorial, 2002.

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

GOFFMAN, Erving Footing. In: RIBEIRO, B.T; GARCEZ, P. (Orgs.). *Sociolinguística Interacional: antropologia, linguística e sociologia em análise do discurso*. Porto Alegre: Ed. AGE, 1998.

GOODENOUGH, Ward Hunt. Cultural anthropology and linguistics. In: Garvin, Paul L. (Hg.): *Report of the Seventh Annual Round table Meeting on Linguistics and Language Study*. Washington, D.C.: Georgetown University, Monograph Series on Language and Linguistics, n. 9, pp. 167–173, 1957.

GUMPERZ, J. The speech community. In: GIGLIOLI, P. (Org.). *Language and social context*. Londres: Penguin Books, 1972.

HANNEMAN, Robert; RIDLE, Mark. *Introduction to social network methods*. 2005. Disponível em: <<http://revista-redes.rediris.es/webredes/>>. Acesso em: 18 fev. 2014

HESPANHOL, Rosangela Ap. de Medeiros. Campo e cidade, rural e urbano no Brasil contemporâneo. *Mercator*, Fortaleza, v. 12, número especial (2)., p. 103-112, set. 2013. Disponível em <http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewFile/1177/499>. Acesso em 01.Abr.2014.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*, 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, [1936]1995

HYMES, Dell. On communicative competence. In.: PRIDE, J.; HOLMES, J. (orgs.). *Language in language use*. London: Hainemman, 1972 pp. 89-104.

ILARI, Rodolfo ; BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006.

ISQUERDO, Aparecida Negri. Vocabulário regional na Amazônia Acreana. *ALFA*, São Paulo, 42 (nº esp.), p. 93-107, 1988.

JOTA, Zélio dos Santos. *Dicionário de Lingüística*. Rio de Janeiro: Presença, 1981.

KATO, Mary. *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.

KLEIMAN, Angela. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: _____. (Org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.

_____. Ação e mudança na sala de aula: uma nova pesquisa sobre letramento e interação. In: ROJO, Roxane. (Org.). *Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas*. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

LABOV, William. Estágios na aquisição do inglês standard. In: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. (Org.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro, Eldorado, 1974. p. 49-85.

_____. *Princípios del cambio lingüístico: Volumen 2: factores sociales*. Madrid, Editorial Gredos, 2006.

_____. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 (1972).

LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1988.

LE PAGE, Robert. Projection, focusing and diffusion. *York Papers in Linguistics*, University of York, v. 9, 1980.

LOCATEL, Celso Donizete. Da dicotomia rural-urbano à urbanização do território no Brasil. *Mercator*, Fortaleza, v. 12, número especial (2)., p. 85-102, set. 2013. Disponível em <http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewFile/1177/499>. Acesso em 01.Abr.2014.

LÓPEZ-MONNÉ, Rafael. Patrimonio rural, turismo y senderos. In: *Actas del X Coloquio de Geografía Rural de España*. Los Espacios Rurales en el Cambio de Siglo: Incertidumbres ante los procesos de globalización y desarrollo. Lleida, Universitat de Lleida, 2000.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas*. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 (2004).

MILROY, Lesley. *Language and social networks*. 2 ed. Oxford: Blackweel, 1987 (1980).

MILROY, Lesley; MILROY, James. Linguistic change, social network and speaker innovation. *Journal of Linguistics*, Cambridge, Cambridge University Press, v. 21, p.339-384, 1985.

- MOTHES, Lígia; ROSA, Nara Beatriz Kreling da. Um olhar sobre a linguagem de adolescentes de classe socioeconômica privilegiada. *Cadernos de Aplicação*, Porto Alegre, v. 22, n.1, p.93-111, jan./jun.2009. Disponível em: <www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25485/000747921.pdf?sequence=1>. Acesso em: 19 nov. 2010.
- NARO, Anthony J.; SCHERRE, Maria Marta Pereira. As origens do português brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- NETTO, Samuel Pfromm. *A psicologia da adolescência*. São Paulo: Ed. Livraria Pioneira, 1968.
- OLIVEIRA, Eliane Vitorino de Moura; ALMEIDA-BARONAS, Joyce Elaine de. A identidade adolescente e a variação linguística. *Revista Polifonia*, Cuiabá, MT, v. 18, n.23, p. 193-208, jan./jun. 2011.
- OLIVEIRA, Eliane Vitorino de Moura. *Eu sou porque nós é ou eu sou porque nós somos? A variação da concordância adolescente*. Nova Edições Acadêmicas, 2014.
- OUTEIRAL, José. *Estudos revisados sobre adolescência*. 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.
- PAGOTTO, Emilio Gozze. *Variação e () identidade*. Maceió: EDUFAL, 2004
- PANKE, Noemia Hepp. *O papel da rede de comunicação na manutenção do bilingüismo português-alemão em Dez de Maio – Toledo – Paraná*. 1993. 210f. Dissertação – Universidade Federal do Paraná, Curitiba-Pr.
- PERINI, Mário A. *A gramática descritiva do português*. São Paulo: Ática, 1995.
- REIS, Douglas Sathler dos. O rural e urbano no Brasil. *Anais... XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP*, setembro de 2006. Disponível em http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_777.pdf. Acesso em 09.Abril.2014.
- ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001[1956].
- SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- SEVERO, Cristine Gorski. A questão da identidade e o lócus da variação/mudança em diferentes abordagens Sociolinguística. *Revista Letra Magna*. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura, n. 7, 2º semestre 2007. Disponível em: <www.letramagna.com/variacaomudan%E7asocio.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2011.

SILVA, Danubia Aline. *As cláusulas adverbiais e as redes sociais em Mariana-MG: um estudo a partir de uma abordagem funcionalista*. Dissertação. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. 2009.

SILVA, Thais Cristóforo. *Dicionário de fonética e fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. *Sociolingüística: teoría y análisis*. Madri, Editora Alhambra, 1989.

SILVA NETO, Serafim da. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 3 ed. Rio de Janeiro: Presença, 1976 (1950)

SOARES, Magda. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. 17 ed. São Paulo: Ática, 2002 (1986)

_____. *Letramento um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004 (1998)

STREET, Brian V. *Literacy in theory and practice*. New York: Cambridge University Press, 1984.

_____. *What's "new" in New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice*. *Current Issues in Comparative Education*, Londres, 5 (2): Maio, 2003. Disponível em http://people.ufpr.br/~clarissa/pdfs/NewInLiteracy_Street.pdf . Acesso em 28.Abr.2015.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa Sociolinguística*. São Paulo: Ática, 1982.

TARALLO, Fernando.; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. *Processos de mudança linguística em progresso: a saliência vs. não saliência de variantes*. *Ilha do Desterro*, vol. 20, 44-58, 1988.

TERRA, Ernani. *Linguagem, língua e fala*. São Paulo: Scipione, 1997a.

_____. *Minigramática*. São Paulo, Scipione, 1997b.

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

Disponível em

http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/158086/mod_resource/content/1/TEYSSIER_%20HistoriaDaLinguaPortuguesa.pdf. Acesso em 25.Abr.2015.

TFOUNI, Leda V. *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*. Campinas: Pontes, 1988.

WADDEL, Margot. *Compreendendo seu filho de 12-14 anos: a adolescência*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1995.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

WELLMAN, Barry. *The Network Community*. *Networks in The Global Village*, Sociology Department, University of Toronto, Canada, 1999. <http://social.cs.uiuc.edu/> Acesso em 05.Nov.2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A

Questionário 1

QUESTIONÁRIO 1 – CEP Colégio Estadual de Paiquerê

Nome: _____

Idade: _____ Sexo: () Masc () Fem

Série: () 8º EF () 9º EF () 1º EM, () 2º EM () 3º EM

Período de estudos: () Matutino () Noturno

Mora em: () Paiquerê Zona Urbana () Paiquerê Zona Rural [() Sítio () Fazenda
() Assentamento () Vila Rural Outros _____

Tem irmãos? () Sim () Não Quantos? _____

Com quem mora? () Pais () Pais e irmãos () Mãe () Só mãe e irmãos () Pai

() Só pai e irmãos. Outros: _____

Trabalha? () Sim () Não Onde: _____

Faz ou já fez algum curso? () Sim () Não Qual: _____

Você tem celular? () Sim () Não

Tem computadores há na sua casa? () Sim () Não

Costuma usar o computador com frequência? () Sim () Não

Para quê usa o computador? () Trabalhos da escola () Pesquisa () Acessar as redes
sociais () Outros _____Quais as redes sociais das quais participa? () Orkut () Facebook () Twitter Outros:

Nas férias, costuma viajar? () Sim () Não

Para onde costuma ir? () Praia () Casa de familiares () Sítios próximos
() Cidades próximas

Costuma ir à igreja? () Sim () Não () Sim, sempre.

Qual sua religião? _____

O que faz nos finais de semana? () Fico em casa () Só vou à igreja () Vou a Londrina em
festas, bares, etc. () Vou a festas, bares em Paiquerê mesmo () Vou a festas, bares próximo
de onde moro

Costuma ler? () Sim () Não

O que lê? () Jornais () Revistas () Livros () Bíblia () Gibis () Internet

Costuma ir ao teatro? () Sim () Não Ao cinema? () Sim () Não

Com que frequência assiste à televisão? () Todos os dias, mais uma 3 horas () Todos os dias, menos de três horas () De vez em quando () Não assisto à televisão () Não viveria sem televisão.

Você tem canais pagos (net, Sky, etc.)? () Sim () Não

Marque os programas a que costuma assistir na relação seguinte:

() filmes () novelas () esportivos () entrevistas () programas de humor () documentários () programas de auditório () desenhos () noticiários

Você tem bastantes amigos? () Sim () Não

Qual o tipo de música de que você gosta?

() Sertaneja () Rock nacional () Rock Internacional () Pop Nacional () Pop Internacional () Pagode () Funk () Rap () Samba Outros: _____

Tem namorada/o? () Sim () Não Já teve? () Sim () Não

Pretende cursar uma faculdade: () Sim () Não

Cursos em que área: () Humanas () Exatas () Biológicas

Você acredita que tem sotaque? () Sim () Não

Há alguma forma de falar que acredita ser a mais bonita? () Sim () Não

*Esse questionário é para minha tese de doutorado. Você em muito está me ajudando!!!
Obrigada, de coração!*

Em outra etapa, aceitaria participar de meu trabalho, ou seja, permitiria a gravação de conversas suas, em diversos momentos de sua interação em grupo, para serem usadas (sem citar nomes, locais, datas, etc.) em minha pesquisa de doutorado?

() Sim () Não Assinatura _____

MUITÍSSIMO OBRIGADA. Prof. Lia

APÊNDICE B

Questionário 2

Questionário sociolinguístico para análise de redes

Diga-me seu nome completo, sua idade, em que ano está.

- 1) Onde nasceu? (Por que veio para cá?)
- 2) Você trabalha?
- 3) Sua família toda mora aqui? No sítio ou na cidade?
- 4) Em que ocasião você costuma ir para Londrina?
- 5) O que você mais gosta de fazer?
- 6) Sempre estudou nesse colégio? (Por que veio para esse colégio?)
- 7) O que você sabe sobre a história de onde mora?
- 8) Você gosta da festa do Milho? Trabalha nela, já trabalhou? Já veio em alguma? Fale um pouco sobre a festa.
- 9) Você já esteve em alguma situação na qual correu perigo de vida?
- 10) Qual a importância da igreja em sua vida. Você mudou ou mudaria algo na sua maneira de ser por causa da igreja? Já deixou de fazer algo por causa da igreja? Mudou sua forma de falar por causa da igreja?
- 11) Qual a importância da escola em sua vida. Você mudou ou mudaria algo na sua maneira de ser por causa da escola? Já deixou de fazer algo por causa da escola? Mudou sua forma de falar por causa da escola?
- 12) Qual a importância do trabalho em sua vida. Você mudou ou mudaria algo na sua maneira de ser por causa do trabalho? Já deixou de fazer algo por causa do trabalho? Mudou sua forma de falar por causa do trabalho?
- 13) Qual a importância da família em sua vida. Você mudou ou mudaria algo na sua maneira de ser por causa da igreja? Já deixou de fazer algo por causa da igreja? Mudou sua forma de falar por causa da igreja?
- 14) Qual a importância da televisão em sua vida. Você mudou ou mudaria algo na sua maneira de ser por causa da televisão? Já deixou de fazer algo por causa da televisão? Mudou sua forma de falar por causa da televisão?
- 15) Quando pequeno, seus pais, ou cuidadores, liam ou contavam histórias para você dormir? Quem? Com que frequência?
- 16) Com quem você mais conversa?
- 17) Se você for contar um segredo hoje, contaria para quem? Mãe, irmã, irmão, amiga, chefe, professor, pai, tia, tio, primo, prima.
- 18) Há alguém em quem se espelhe, ou que queira ser igual? Quem? Por quê?
- 19) Diga o nome de 5 pessoas com as quais você dividiria um prêmio que ganhou. O que elas são de você?
- 20) Qual o nome da pessoa, de sua relação, que você considera mais inteligente?
- 21) Quem é a pessoa mais importante para você, num sentido geral?
- 22) Quem é a pessoa mais importante para seu desenvolvimento pessoal, profissional?
- 23) De sábado, até hoje, quais foram as pessoas com quem mais conversou? Diga o nome e o grau de relação (parente, amigo, patrão, pastor, etc)
- 24) Classifique o grau de relevância, importante, muito importante e não importante, em sua vida as seguintes instituições: família, igreja, trabalho, escola, amigos, televisão, leitura.
- 25) Você lê? O que lê? O que mais gosta de ler?
- 26) Se você viajasse hoje, para onde iria? Com quem? Por que escolheu essas pessoas?

- 27) Você pretende fazer faculdade? Qual curso? Por quê?
- 28) Qual a profissão ou trabalho de seus pais?
- 29) Seus pais têm estudo? Eles leem ou liam para você quando você era criança?
- 30) Você sabe a formação escolar de seu pai? Como é sua relação com ele?
- 31) Como você se relaciona com seus professores? Conversa com eles fora da sala de aula?
- 32) Você acha que alguém te influencia de alguma maneira? Quem? No que? (exemplo: por causa dela você se veste dessa ou de outra maneira, por causa dela você corta assim o cabelo, por causa dela você gosta dessa ou daquela música, por causa dela você fala gírias ou não, etc.)
- 33) Há algum momento em que você se preocupa em falar caprichadamente? Por quê?
- 34) Com que pessoa você se preocupa em falar mais caprichadamente?
- 35) Você sabe falar Português? Por quê?
- 36) Você acha que a língua que você fala é diferente da língua que aprende na escola?
- 37) O que é falar certo para você?
- 38) Qual a expressão é mais bonita: Nós trabalhamos hoje com bolsões de couro ou Nós trabaia hoje com borsão de coro? Por quê?
- 39) O que você pensa sobre pessoas que falam como na primeira expressão? Por quê?
- 40) O que você pensa sobre pessoas que falam como na segunda expressão? Por quê?
- 41) Você acha que fala gíria? Em que ocasiões você procura não usar gíria?
- 42) Leia esse pequeno trecho:
Tenho, pois, aqui a história de duas mulheres amigas e unidas como carne e unha. Razões de simpatia e de convivência longa trouxeram esta amizade, que fazia a felicidade das famílias e a admiração de toda a gente. Uma chamava-se Júlia e a outra Teresa. Esta tinha cabelos louros e era clara; aquela tinha-os castanhos e era morena.
- 43) Você pode me resumir o que leu?
- 44) Leia este outro trecho:
***O policial do 190 atendeu o telefone e foi anotando o pedido de socorro:
 - Por favor, SOCORRO! Mandem alguém urgente! Entrou um bicho terrível aqui e casa!
 O policial estranha o pedido e pergunta:
 - Bicho perigoso? Um animal selvagem? Um cão pitbull?
 - Não! Um gato!
 - Mas como assim um gato em casa?
 - Um gato! PÔ!
 Ele invadiu minha casa e está caminhando em minha direção!!!...
 SOCOOOOOOOOOOOORRO!
 - Mas isso é ridículo! Passando trote pra Polícia? Identifique-se já! Quem está falando aí?
 - É o papagaio, imbecil!***
- 45) Por favor, reconte com suas palavras.
- 46) Por favor, me diga o que vê nessas imagens?
- 47) Elas te remetem a algo?
- 48) Qual foi o dia mais feliz de sua vida? Por quê? Conte como foi.
- 49) Qual foi o dia mais triste de sua vida? Por quê? Conte como foi.
- 50) Se você pudesse dizer algo a todos os jovens de hoje, o que diria?

APÊNDICE C

Transcrição das entrevistas

1. INF1 – 18, primeiro ano - Onde você nasceu? – Londrina – E por que você veio pra cá? – Ah, pro
2. Paiquerê? Ah, porque Paiquerê é mais perto né, morava no Irerê, pra mim istudá é mais perto di
3. casa - Sempre morou aqui na região? – Sempre, primeiro em Irerê, é qui aqui num tem hospital, num
4. tem nada – E sua família, mora toda no Paiquerê? – Ah, é bem misturado, bem dividido - E você
5. mora no distrito ou no sítio? – Não, não, moro no Paiquerê mesmo - No centro do Paiquerê? – Não,
6. na avenida - E você vai pra Londrina de vez em quando? – Todo dia, eu trabalho lá. - Você trabalha
7. onde? - Eu trabalho di diarista, cada dia eu vô num lugar, mais eu vô todos os dias - De segunda a
8. sexta você tem seus dias ocupados. É trabalhoso, né? – É, é cansativo. - E o que você mais gosta de
9. fazer? – Hum, ai eu gosto di assisti tevê bastanti, ficá sem fazê nada lá i gosto di saí tamém, i pra
10. barzinho e tomá cerveja, essas coisa. - Você é casada? - Só. – Tem filhos? - Não - E você estudou
11. algum período em Londrina? - Eu istudei a oitava série, metadi dela, no Cafezal, aí depois, a
12. primera vez qui eu fiz o primeiro ano, eu fiz no IEEL, só, daí depois eu fiquei acho qui uns dois anos
13. sem istudá – E você está retornando agora? – Daí entrei, voltei aqui. - E você sabe alguma coisa
14. sobre a história do seu patrimônio? – Não, nenhuma coisa, assim, ah, qué qué dizê, sei qui minha vó
15. fala, né, qui mora lá sempre, qui começô com uma fazendinha, tipo abrindo, qui foi crescono, o povo
16. foi fazeno as casinha, aí depois di muito tempo qui foi asfaltano, até hoje num terminô, né - Acho
17. que asfalto há nas ruas principais, né? – Só, só, nas principais, na qui eu moro mesmo é avenida,
18. mais num tem, só tem a metadi, daí a outra metadi já num veio mais - Aqui tinha festa do milho,
19. chegou a vir? - Eu vinha sempre, todo ano - E você gostava? - Bastanti - O que tinha de atrativo pra
20. você? – Ah, eu gostava di comê, di, da música, festa né, festa é festa! – Tem alguma situação em que
21. já correu risco de vida? - Já - Você pode me contar o que aconteceu? - Quando eu ingravidei, né, eu
22. ingravidei, daí meu bebê morreu no parto e eu também quasi, tive qui fazê uma cesária, qui eli
23. morreu dentro da barriga, muito rápido, aí, num foi fácil, ele morreu (inaudível), foi a única coisa
24. assim qui aconteceu um dia di muito sério – Faz tempo? – Faz dois anos - Há algum momento em
25. que você se preocupa em falar mais caprichadamente? - Tem - Em que momento? – Ah, quando eu
26. estou im algum lugar, assim, mais importanti i com minha patroa, qui ela fica pegano no meu pé, o
27. trabalho dela, ela era professora lá, era professora da UEL, ela fica sempre mi corrigindo ‘fala
28. direito, fala direito’, aí, pra mim não ficá sendo chamada a atenção, daí eu fico meio qui medino –
29. Qual a importância da igreja na sua vida? – Ah, eu num sei, eu num vô na igreja. Eu acredito qui
30. existi um Deus, mais eu num tenho uma religião, eu num vô na igreja assim, já fui, né, minha mãe é
31. evangélica, minha família toda, da parti do meu marido é católico, mais eu mesma num vô im
32. nenhuma - E qual a importância da escola? - Pra mim, pra mim mudá, né, di profissão, pra tê algum
33. serviço melhor uma coisa qui eu num canse tanto, é por isso qui eu voltei a istudá – É desgastante
34. mesmo né? - Ganha assim até melhor qui im vista dos otros impregos, né, mais eu sei qui num vô
35. aguentá muito tempo – Você falou que gosta de televisão. Qual a importância dela em sua vida? –
36. Intão, o qui eu assisto mais é os canais pagos, né, eu gosto do History, eu gosto do di filmes, todos
37. os canal di filmi, qui é o qui eu mais assisto agora, o canal normal eu num... gosto da novela da
38. Globo, mais num dá pra mim assisti, vô pra iscolascola – Qual a importância do trabalho na sua
39. vida? – Ah, é pra mim isso é im primeiro lugar, qui eu quero um monti di coisas né, tô tentando fazê
40. minha vida, assim, igual a minha casa tava reformano, agora comprando carro, intão pra mim, por
41. isso qui eu tenho qui mantê né, eu num posso saí, intão, o imprego é muito importanti - Qual a
42. pessoa com a qual você mais conversa? – Hum, no total i tudo assim Ah, meu marido - E se você
43. fosse contar um segredo hoje, pra quem contaria? – Vixi! Eu acho qui pra minha vó só, mais
44. dependendo do qui fossi, também num teria coragi di contá - Há alguma pessoa de sua relação na
45. qual você se espelhe? – Minha patroa - Se você ganhasse um prêmio hoje, com quem dividiria? - Ah,
46. co meu marido, minha vó, a Carol, minha amiga né, i minha cachorra - Há alguma pessoa de sua
47. relação que você acha a mais inteligente? - Mais inteligenti... ah, tem os meus cunhados, os dois são
48. muito, totalmenti diferenti do meu marido, di todo mundo, ah, um, ele é gerenti di banco, o otro, ele
49. vendi, trabalha numa multinacional, vendi remédio di câncer, essas coisa, aí intão todos têm
50. faculdadi tudo. – E você tem contato com eles diário assim? - Não, mais a genti se vê mais em festa,
51. aniversário - Qual é a pessoa mais importante na sua vida hoje? – Ah, eu acho qui é minha vó - Você
52. tem pai? - Tenho a minha mãe, é como si a minha vó fossi a minha mãe, ela pra mim, a genti é mais
53. ligado qui a minha mãe mesmo, eu e minha mãe num dá muito não, nós num tem tanta ligação assim
54. – De sábado até hoje, quais as pessoas com as quais você mais conversou? – Ah, acho qui a Carol
55. né, qui istuda comigo, i o meu marido só - Eu vou falar algumas entidades e você vai me dizer se são
56. muito importantes, só importantes ou não são importantes. Família? – Importanti – Igreja? – Hum,

57. *ah – Trabalho? - Muito importanti – Escola? - Muito importanti também. – Amigos? – Importanti –*
 58. *A televisão? - Mais ou menos – Leitura? - Ah eu gosto di lê - O que você costuma ler? - Ah eu leio di*
 59. *tudo um pouco, mais eu gosto mais di livros meio qui di suspensi, essas coisa assim – Se você viajasse*
 60. *hoje, pra onde iria e quem levaria? – Ai, eu quiria i pruma praia, sei lá, algum lugar assim bem, ah*
 61. *eu acho qui num levaria ninguém, minha cachorra só, ficaria lá - Você pensa em fazer alguma*
 62. *faculdade? – Penso, mais num pensei no que, ainda não, assim, mesmo num tenho, até o terceiro,*
 63. *terminá o terceiro ano eu me decido, mais é o qui eu quero - O seu marido faz o quê? – Ele é*
 64. *instalador di alarmi – E ele estudou até que ano? - Ele fez dois anos di faculdadi, daí depois ele*
 65. *trancô, ele começô a fazê adiministração, aí num tinha nada a vê co qui ele sabi, ele gosta di instalá*
 66. *câmera, essas coisa, ele ganha quase, né, ele ganha bem também, intão num compensô mesmo - E os*
 67. *seus pais, têm estudo? – Não, a minha mãe acho qui tem até a sexta série i o meu pai acho qui num*
 68. *tinha assim nenhum - E a sua Avó? – Minha vó também não - Ela sabe ler e escrever? – Sabi meio,*
 69. *mais ou menos, assim, acho qui foi a primera série só mesmo, não é analfabeta – Então, quando*
 70. *você era pequena, ninguém lia pra você? – Não - E contavam historinhas assim orais? – Ah, o meu vô*
 71. *sempre contava, assim, e a minha vó tamém, só qui a minha mãe não, minha mãe nunca incentivô di*
 72. *istudá nada, minha mãe tinha negócio assim, qui filho di pobre num faz faculdadi, qui num*
 73. *adiantava, qui era bobice a genti, i si você fossi lê, fazê alguma coisa, ela falava qui tava perdendo*
 74. *tempo, tava i toa lá, i até hoje ela é assim. I eu fui criada assim, mais é qui eu gostava né, quando*
 75. *eu era piquena, di istudá, di tudo, aí depois qui eu comecei, na oitava série ela já me mandô*
 76. *trabalhá, aí tinha qui trabalhá na roça o dia intero e à noite ia pra escola, daí foi ondi eu parei, eu*
 77. *num aguntei - Como é o seu relacionamento com os professores? – Olha, nunca tive problema cum*
 78. *nenhum - Tem algum que você conversa fora da sala de aula? - Ah, o único qui eu conversava assim*
 79. *era o Rubão mesmo, mais aí... - Você acha que alguém te influencia de alguma maneira? - Acho qui*
 80. *não – Você sabe falar português? – Ai, é assim, si fossi pra mim tentá, mi esforçá, eu acho qui eu*
 81. *conseguiria, porque acho qui iscrevê eu iscrevo bem, mais é uma coisa, assim, qui você não, isso eu*
 82. *mesmo num vô ficá falando toda hora corretamenti, tudo certinho, bunitinho, mais acho qui fossi pra*
 83. *mim tentá, acho qui conseguiria, não assim exatamenti, mais acho qui mais ou menos, né - E você*
 84. *acha que o português que falamos é diferente da disciplina Língua portuguesa? – É diferenti – Você*
 85. *consegue estabelecer a diferença? - Porque é assim, si for pra genti fazê tudo certinho, igual a genti*
 86. *istuda lá, pra conjugá o verbo e não sei u quê, não sei u quê, aquela monti di coisa lá, nossa, você*
 87. *vai tê qui ficá pensando toda hora pra você falá porque a genti já cresci falando assim di qualque*
 88. *jeito né, você num cresce assim ‘Ah, porque essi vem primero qui essi, essi é assim i essi é assado’*
 89. *você fala assim normalmenti, cê fala sem pensá né, i si fô pra falá tudo daqueli jeito lá, você tem qui*
 90. *pensá bem, sempre pensando antis di falá – E o que é falar certo pra você? - Certo, eu acho assim,*
 91. *mais correto assim possível, igual a genti istuda, igual a genti iscreve, isso pra mim seria falá*
 92. *corretamenti – Falarei duas expressões e você me diz qual acha mais bonita. ‘Nós trabalhamos hoje*
 93. *com bolsões de couro’ ou ‘Nóis trabaia hoje com borsão de couro’? - A primera é mais bonita né – E*
 94. *o que você pensa de pessoas que falam como a segunda expressão? – Ah, eu num sei dizê não - Nas*
 95. *suas relações, as pessoas falam mais parecidas com a primeira ou com a segunda expressão? - Com a*
 96. *segunda - Você tem idéia por quê? - Eu acho qui é assim, na minha família mesmo todo mundo sem*
 97. *instrução nenhuma né, tudo ali do sítio, todo mundo fala assim - É feio ou bonito? - Nem feio nem*
 98. *bonito, é o jeito deles lá, di quem num, nem istudô - E as pessoas que falam como na primeira, o que*
 99. *você pensa? – Num sei assim, talvez tenham istudado mais - Você fala gíria? – Sim, mais bem pouco –*
 100. *Você pode falar o que vê nessa figura? - Nesse um dia feliz – Por que você acha que é feliz? – Pela*
 101. *ixpressão ó, as pessoas jogando futebol, andando na praia, brincando – Você pode ler em voz alta*
 102. *esse pequeno trecho? - Tenho, pois, aqui a história di duas mulheres amigas e unidas como carne i*
 103. *unha. Razões de simpatia i di convivência longa trouxeram esta amizadi, qui fazia a felicidade das*
 104. *famílias e a admiração de toda a genti. Uma chamava-se Júlia e a outra Teresa. Esta tinha cabelos*
 105. *louros e era clara, aquela tinha-os castanhos e era morena. – Você pode agora resumir? - Ele tá*
 106. *discrevendo duas amigas né, físicamenti, ele tá falando qui elas, pela convivência, ficaram amigas,*
 107. *daí, depois ele descreve qui uma era loira a otra era morena - E agora você, por favor, descreve o*
 108. *que tá acontecendo aqui? - Um aluno tá participando da aula, né, di uma atividadí – Lê mais esse,*
 109. *por favor? - O policial do um nove zero atendeu o telefone e foi anotando o pedido de socorro, por*
 110. *favor, socorro! Mandem alguém urgenti! entrou um bicho terrível aqui em casa! O policial estranha*
 111. *o pedido e pergunta, bicho perigoso Um animal selvagem Um cão pitibu Não! Um gato! Mais como*
 112. *assim um gato em casa Um gato!pô! Ele invadiu minha casa e está caminhando em minha direção!*
 113. *Socooooooooorro! Mais isso é ridículo! Passando troti pra polícia Identifiquei-se já! Quem está falando*
 114. *aí Aqui é o papagaio, imbecil! - Vixi – Pode resumir o que você leu? - Intão ele, ele ligô né e tava*
 115. *passando um troti pra polícia – Há um dia que foi o dia mais feliz na sua vida? – Mais feliz... aí, pra*
 116. *mim acho que foi o dia qui eu comprei o meu carro, né - Você pode contar um pouquinho como foi?*

117.- *Intão, na vida intera andei di ô nibus, ia no mercado pegava, pegava, aí eu comprei o carro, co*
 118.*meu dinheiro pra mim, minha mãe emprestô um pouco pra mim i pagando, só qui daí eu num tinha*
 119.*cartera, aí eu peguei e falei 'não', daí meu marido qui ficava co carro pra qui, si vinha multa ficava*
 120.*ruim, porque eu não podia dirigi né, ai a minha mãe pegô e falô assim, 'intão eu vô ti ajudá pagá né,*
 121.*pra você podê andá, si não, qui qui adianta tê o carro e não tê cartera', aí peguei fui, e daí fui dá*
 122.*entrada, daí todo mundo falava, 'ai mais pra que cê dá entrada di moto né, cê nem sabi dirigi, você*
 123.*vai dirigi bosta nenhuma, como você vai', aí eu peguei e dei entrada nas duas e fui fazê as aula tudo*
 124.*e eu não sabia nada, nada, nada, aí o dia, assim, qui fiquei muito, muito feliz foi qui eu passei na*
 125.*primera im tudo, passei im tudo no Detran, foi, primero eu fiz a da moto e passei na primera, eu*
 126.*mesmo num acreditava qui eu ia consegui no primero, ah eu chorei, gritei, fiquei, porque pra mim*
 127.*num era só a cartera, era, era minha independência di tudo né, i no carro foi a mesma coisa, eu*
 128.*consegui tudo na primera, aí, nem meu marido num acreditava qui eu ia consegui, ninguém, todo*
 129.*mundo zuava, falava 'ah o motorista da auto-iscola, num sei o que, num sei que', pra mim foi muito*
 130.*assim, fiquei muito realizada com isso – E tem um dia que você considera como o dia mais triste? –*
 131.*Foi o dia em qui eu tive qui interrâ meu filho - Você pode falar sobre isso? – Ah, eu até falo assim*
 132.*mais, pra mim foi, é qui ele morreu no parto, daí a genti teve qui interrâ né, ia tê qui tê velório tudo*
 133.*né, aí eu não quis velório, não quis levá no cemitério, eu criei uma coisa assim qui eu num quiria qui*
 134.*ninguém visse, era como si a dor fossi só minha, qui ninguém mais si importasse só eu, aí levô no*
 135.*cemitério, feiz ali um oraçõ lá, daí foi interrado, mais eu fiquei mais di ano assim pra mi*
 136.*recuperá daquilo né, até hoji eu não tivi coragi di ingravidá di novo, eu tenho medo - Ficou bem*
 137.*marcante...? – Ficou, e eu já tinha tudo né, tinha arrumadinho o quarto montado, tudo, tudo - Que*
 138.*triste! Você me permite que eu use as suas informações na minha tese de doutorado? – Pode fazê,*
 139.*sim!*

140.*INF2 - tenho quinze anos, tô no primero ano - E você nasceu onde? – Londrina – E você sempre*
 141.*morou em Paiquerê? – Sim - Você trabalha Aline? – Eu vou começá a trabalhá o mês qui vem, tô na*
 142.*Epesmel agora, daí eu vou começá – Em que empresa você vai? – Na C&A – Sua família toda mora*
 143.*em Paiquerê? – Meus pais e meus irmão - E seus avós? – É, eu só tenho um vô, da parti da minha*
 144.*mãe só - Você costuma ir a Londrina? – Aham - E em que ocasião você vai? – Ah, pra tudo, fazê*
 145.*compra, passeá, tudo - Então você vai passear lá em Londrina? - Aham - Os seus passeios são mais*
 146.*lá do que aqui? – É, fico mais lá por causo qui minhas amiga é mais di lá mesmo - O que você mais*
 147.*gosta de fazer? – Ah, ficá na interneti, iscutá música, isso só e ficá com as menina - E você sempre*
 148.*estudou aqui? – Mais no Irerê, esse é o primero ano aqui - E como foi essa mudança de escola? – É*
 149.*por que lá tem até a oitava série né, oitavo ano lá, daí tevi qui passa ou pra Londrina o pra cá, essi*
 150.*ano né daí eu vim pra cá - Mais foi difícil pra você mudar de escola assim? – Não - Adaptou-se bem*
 151.*– Aham - E você sabe alguma coisa sobre a história do distrito? – Não – E quando tinha festa do*
 152.*milho aqui, você costumava vir? – Aham – Por que você gostava de vir? – Ué, qui eu gostava di vim*
 153.*na festa assim – Você já correu risco de vida? – Não, não - Qual é a importância da igreja na sua*
 154.*vida? - Ah, ultimamenti eu num tô ino muito não, ah, mais eu acho importanti tem qui i, é bom i na*
 155.*igreja né, tá mais, tá cum Deus, conversá cum Deus - E qual a importância da escola? – Ah acho qui*
 156.*a iscola é bom pra tudo né, assim, pra aprendê mais, fazê conta, tê um trabalho bom - E qual a*
 157.*importância do trabalho? – Ah, pra você conseguí experiênciã, tê seu próprio dinheiro, depois cê*
 158.*consegui passá pra otras coisas coa sua experiênciã né, cum trabalho melhor - E a importância da*
 159.*família? – Ah, é bom tê a convivência por perto, ah, porque a família é tudo né, assim tipo si cê*
 160.*precisa di alguma coisa é bom você tê alguém pa ti apoiá. Eu amo muito eles - Você costuma assistir*
 161.*à televisão? – Aham – E o que você costuma assistir? – Mais novela mesmo, à noiti assim – E a*
 162.*televisão tem alguma importância na sua vida? – Não, só assisto mesmo porque daí num tem nada*
 163.*pra fazê, mais nada qui eu precise assisti assim - Qual é a pessoa com a qual você mais conversa? –*
 164.*Ah, co a minha, acho qui é co a minha mãe ou cas minhas amiga - Mais com a sua mãe ou com suas*
 165.*amigas? – Ah, minhas amigas mesmo, por causo qui com ela eu falo di coisa nossa, assim, di nós,*
 166.*di... sabi, i co a minha mãe também falo, mais tem umas coisa qui não - Se você fosse contar um*
 167.*segredo, pra quem contaria? – Pra minha amiga Thalita, qui é quem eu mais converso assim sobre*
 168.*mais coisas assim - E se você ganhasse um prêmio, com quem você dividiria? – Sei lá, acho qui*
 169.*meus pais, minha família assim, cum eles - Tem alguma pessoa na qual você se espelhe? - Acho qui*
 170.*não, acho qui minha mãe, acho – Por quê? – Ah, porque ela é trabalhadeira, gosta di cuidá di mim, é*
 171.*boa - Tem alguma pessoa das quais você se relaciona que você considera mais inteligenti? – Minha*
 172.*mãe, por causo qui ela sabi fazê conta assim di cabeça, rápido assim - Qual é a pessoa mais*
 173.*importante pra você? – Ah meus, minha mãe, meu pai - Em que sentido? – Ah eles mi ajuda, mi*
 174.*apoia, sabi as coisa certa qui eu tenho qui fazê - Eu vou falar entidades e você fala o grau de*
 175.*importância, importante, muito importante ou sem importância. Família? - Muito importanti –*

176. Igreja? - *Muito importanti* – Trabalho? – *Importanti* – Escola? - *Muito importanti* – Amigos? –
 177. *Importanti* – Televisão? - *Menos importanti* – Leitura? - *Importanti* - E você tem hábito de ler? – *Ah,*
 178. *antis eu sempre lia livro antis di durmi, mais agora, ultimamenti, num tô tendo muito tempo, daí nem*
 179. *tô leno muito mais, só quando qui precisa aqui na iscola mesmo* - Qual foi o ultimo livro que você
 180. leu? – *Ah acho qui “Um Amor para Recordar”*- Se você viajasse hoje, iria pra onde? – *Ah, eu Rio di*
 181. *Janero* – E com quem? – *Ah, quíria i cum todo mundo qui eu gosto, ah, coa minhas amiga, minha*
 182. *família tamém* - E por que escolheu o Rio de Janeiro? – *Ué, por causo qui eu acho bem bunito*
 183. *aquelas praia, eu sempre tive vontadi di conhecê-las* – Você pretende fazer faculdade? – *Aham* –
 184. Qual curso, já escolheu? – *É, é eu tô pensano* - Mas tem inclinação pra algum? – *Ah, mais acho qui*
 185. *administração, essas partis assim* – O que seus pais fazem? – *Nóis tem uma mercearia lá ondi qui eu*
 186. *moro mesmo, aí fica os dois lá, meu pai também puxa alunos da iscola.* - E seus pais, então, têm
 187. estudo? – *Acho qui meu pai istudô até a oitava ou quarta série, acho qui minha mãe até a quarta* –
 188. Quando você era pequena, você se lembra se eles liam para você? – *Lia, meus pais lia, ahã* - E qual é
 189. a sua expectativa em começar a trabalhar na C&A? – *Ter, tê experiência né, conhecê mais da área*
 190. *di, pra trabalhá, pra mim consegui depois um imprego melhor* - Você acha que alguém te influencia
 191. de alguma maneira? – *Ué, não, sei não, minha mãe sempre fala as coisa pra mim ah, num saí co*
 192. *essa ropa ou cuidado cum essas menina, num sei, será qui é assim* – E há alguém em quem você se
 193. espelhe? - *Ah, acho qui a professora di Arti. Ela e assim bem alegre, extrovertida* – Extrovertida? - *É,*
 194. *sim, acho qui ela.* Tem algum um momento em que você se preocupa em falar mais
 195. caprichadamente? – *Sei lá, na hora qui fui vê o negócio do serviço e fui fazê a intrevista i tudo, daí*
 196. *eu quis caprichá mais, falá mais certo* - Você fala gíria? – *Um pouco, dependi do momento* – E em
 197. que momento você procura não falar gíria? - *Ah, no momento de uma vaga mesmo, no trabalho*
 198. *mesmo.* – Você sabe falar português? – *Mais ou menos* – Por quê? – *Ah, tem umas coisa qui eu num*
 199. *sei muito bem, assim é, como dizê, né* - Você acha, então, que a língua que fala é diferente daquela
 200. que aprende na escola? - *É cum a qui a genti aprende né, tentano né, fazê do mesmo jeito, mais*
 201. *ainda algumas coisa ainda num faiz, não é igual, essas qui não, qui resolve né, tipo regra* - O que é
 202. falar certo pra você? – *Ah sabê si comunicá bem, sabê o jeito di conversá, di usá as palavra certa e*
 203. *as coisa da gramática* - Eu vou ler duas frases e você me fala qual e acha mais bonita. ‘Nós
 204. trabalhamos hoje com bolsões de couro’ ou ‘nóis trabaia hoje com borsão de couro’? – *A primera* –
 205. Por quê? – *Porque a segunda é vista de um jeitu mais tipo com gíria assim* – E as pessoas com as
 206. quais você convive falam mais como a primeira forma ou como a segunda? – *Como a primera* - E o
 207. que você pensa de pessoas que falam como a primeira expressão? – *Ai qui elas sabi se comunicá né,*
 208. *sabi lê certo* - E quem fala como na segunda expressão? – *Qui tem alguma dificultadi, assim, di*
 209. *conversa, usa mais como gírias né* – Quando perguntei se você falava gírias, era nesse tipo de fala
 210. em que pensava? - *Uhum* - Lê e depois me resume esse trecho, por favor? – *Uhum. Tenho, pois, aqui*
 211. *a história de duas mulheres amigas e unidas como carne e unha razões de simpatia e de convivência*
 212. *longa trouxeram essa amizade e fazia a felicidade da famílias e a admiração de toda genti uma*
 213. *chamava-se Julia e a outra Tereza esta tinha cabelos louros e era crara aquela tinha os castanhos e*
 214. *era morena* - Você pode me contar o que leu? – *Ah, duas mulheres, qui elas eram amigas né, como*
 215. *unha, como carne i unha, eram bem juntas e pela simpatia delas, conformi elas foram si*
 216. *relacionano, foram si transformano numa amizadei né, i todo mundo eram admirados da amizadei*
 217. *delas e daí uma chamava Tereza e a outra Julia, daí uma tinha o cabelo louro e era crara e a outra*
 218. *era castanhos e era morena.* - Agora vou pedir pra você ler e resumir esse? - *O policial do cento e*
 219. *noventa atendeu o telefone e foi anotando o pedido de socorro. Por favor, socorro, mande alguém*
 220. *urgenti, entrou um bicho terrível aqui em casa! O policial estranha o pedido e pergunta: bicho*
 221. *perigoso, um animal selvagem, um cão pitbull Não, um gato! Mais como assim, um gato em casa*
 222. *Um gato pô, ele invadiu minha casa e está caminhando em minha direção. Socorro!!! Mais isso é*
 223. *ridículo, passando trote pra polícia, identifiquei-se já! Quem qui tá falando aí Aqui é o papagaio.*
 224. *imbecil!* – Agora pode dar uma resumida? – *Ai, ué, qui o telefoni tocô, tavam ligando pra pulícia né,*
 225. *falando qui tinha invadido a casa dele, qui tinha um animal, daí a polícia ficô querendo sabê o qui*
 226. *qui era, pensando qui era algo assim grandí tudo e era só um, era só um papagaio, tipo ligando e*
 227. *falando qui era um gato assim* - Tem algum dia que considere o dia mais feliz da tua vida? – *Ah,*
 228. *quando qui eu tô com as pessoas qui eu gosto* – Por quê? – *Ué, porque eu tô me divertino, tô sorrino*
 229. *assim, fazeno as coisa qui eu gosto com eles* - E teve um dia triste? – *Não* – Descreva essas figuras?
 230. – *Ah, essa é algo relacionado à igreja né Eu achu bonitu assim né essas coisa assim* - E esse aqui? –
 231. *Um aluno copiano nu quadro, todos os alunos assistino né, e eu acho legal o aluno né seno,*
 232. *escreveno no quadro, todo mundo prestano atenção* - E essa daqui? - *Ah os menino jogano bola na*
 233. *praia, ah eu acho legal, bem bunito, assim, na praia* – Se você pudesse hoje falar alguma coisa pra
 234. todos os jovens do mundo, o que falaria? - *Ah, ué, pra istudá bastanti, istudá até quando pudesse,*
 235. *nunca pará di istudá e procurá mais essas coisa di, pensá mais no seu futuro, pensá nessas coisa di*

236. *istudá, trabalhá, essas coisa qui vale a pena, num ficá só pensano em saí essas coisa, acho qui é isso*
 237.- Obrigada.

238. INF3 – *tercero ano e minha idade, tenho dezoito anos* - Onde você nasceu? – *Nasci im Londrina*
 239. *mesmo* - E mora onde? – *Moro aqui, aqui no Distrito, no Paiquerê* - Na região central? – *É, central* –
 240. E toda a sua família mora por aqui? – *Alguns* - Seus pais? – *Mora comigo* - Você tem irmãos? –
 241. *Tenho três, mais é tudo casado, só eu só* – E você costuma ir pra Londrina? – *Sim, direto* - Em que
 242. ocasião? – *Pagá conta, médico, essas coisa* - E o que você mais gosta de fazer? – *Eu gosto di curtir a*
 243. *família* - E você sempre estudou aqui? – *Sim, desdi, completamenti, desdi quando eu mi conheço por*
 244. *genti, vamos dizer né* - Você sabe alguma coisa sobre a história aqui do Distrito? – *Mais ou menos* –
 245. Tem alguma coisa que poderia contar? – *Ah, daqui, mais ou menos, aqui se, é... mó dizer... tem muita*
 246. *coisa pra falá daqui não, ah, aqui é um lugar bom pra morá, as pessoa num recrama, ah, às vezes*
 247. *recrama do lugar ou às vezes não, mais eu indico pra quem quisé vim morá prá cá, aqui dá tudo*
 248. *certo* - Aqui tinha a festa do milho né? – *Sim* - E você costumava participar? – *Sim* - E você gostava?
 249. – *É, bom, foi bom* - e você sabe porque acabou? – *Não* - Já teve alguma situação em que correu risco
 250. de vida? – *Não* – Já ficou doente? – *Hum, às vezes fico, mais ou menos* - Já foi pro hospital? – *Não* –
 251. Tem algum momento em que você se preocupa em falar mais caprichadamente? – *As vezes* –
 252. Quando? – *Modo dizer, quando você vai conversá com uma pessoa, você tem qui conversá*
 253. *adequadamenti* - Então tem pessoas que fazem com que você se preocupe mais com isso? – *Não* –
 254. Assim, não tem ninguém hoje do seu convívio que você vai falar ai eu vou...? – *Não* - Pode me
 255. explicar melhor isso Você disse que havia pessoas...? - *Ah, mó dizê, às veiz anssim, alguém diferente,*
 256. *mais importanti* – Ah, sim, entendi. Obrigada por explicar. Qual a importância da igreja na sua vida?
 257. – *A importância da igreja na minha vida O dia qui eu precisá, vô tê, precisá da, da religião, vai tá*
 258. *sempre algo qui eu vou podê agradecê tudo o qui eu tenho na minha vida, qui eu posso dedicá mais*
 259. *né* - De que religião você é? – *Eu sô católica* - Você costuma ir à igreja? – *As vezes* - Não é
 260. frequente? – *Não* - E qual a importância da escola na sua vida? – *Pra mim tudo, porque foi, pra mim*
 261. *precisá dum serviço ou algum curso, eu, tem qui tê sempre o istudo né* – E a família? - *Ah, é tudo* –
 262. Você trabalha? – *Di veiz im quando só* - E qual é a importância do trabalho na sua vida? – *Ah, pra*
 263. *mim tê minhas coisa i podê fazê uma faculdadi i qui eu tô querendo fazê faculdadi* - E a televisão,
 264. você acha que é importante na sua vida? – *Hum, as notícia né* - Elas são importantes – *São* – Por
 265. quê? – *Elas mó dizer, porque elas qui faiz você vivê mais e conhecê ah, é, várias pessoa diferente,*
 266. *como qui é, o qui podi, o qui devi fazê ou qui não devi* – As notícias ou a televisão? – *As notícia* –
 267. Sim. Qual é a pessoa com a qual você mais conversa? – *Mãe* - Sua mãe? – *Uhum* - Se você fosse
 268. contar um segredo hoje, pra quem você contaria? – *Minha mãe* - Qualquer um? – *Minha mãe é tudo*
 269. *pra mim, nossa! meu pai num é tanto assim porque é, porque ele trabaia, né, aí quem convivi mais*
 270. *ali, tá ali do meu lado é minha mãe, meus irmão é casado né, tem* - Tem uma pessoa da sua relação
 271. que você considera muito inteligente? – *Minha irmã. É, agora ela é, tem com, paga faculdadi, ela*
 272. *assim, se você pergunta arguma coisa pra ela, ela fala, sabi, tem na ponta da língua assim as*
 273. *pergunta, ela mi ajuda bastanti* - E ela é bem mais velha que você? – *Ela é, tem vinti i cinco anos* –
 274. Qual é a pessoa mais importante na sua vida hoje? – *A pessoa Ah meus amigo, minha mãe, só* – Você
 275. acha que sua mãe é importante pro seu desenvolvimento profissional também? – *Ah, um pouco, é,*
 276. *também ela mi ajuda muito, ela fala pa mim o qui devi fazê, é, na manera dí gastá, o qui cê devi*
 277. *fazê, o qui você num devi* - De sábado até hoje, quais foram as pessoas com as quais você mais
 278. conversou? – *Minha mãe i meu pai* – Agora eu vou falar algumas entidades eu vou pedir para você
 279. classificar em importante, muito importante ou sem importância. Família? - *Importanti* – Igreja? –
 280. *Importanti* – Trabalho? - *Importanti* – Escola? - *Muito importanti* – Amigos? - *Importanti* –
 281. Televisão? - *Muito importanti* – Leitura? - *Importanti também* - Você costuma ler? – *Sim* - E o que
 282. você lê? – *Romance, ah esquici agora... hum* - Revistas – *Literatura, essas coisa. Leio só literatura i*
 283. *romance, mais gosto mais di romance, essas coisa* – E qual foi o livro de que mais gostou? - *Mó*
 284. *dize, anssim...* – Algum romance especial, que tenha marcado sua vida? – *Assim... intão, eu não li*
 285. *ainda, num acabei um di romance qui tô leno* – Ah, está lendo agora. E qual é o nome? – *Isquici.* –
 286. Dom Casmurro? – *É, acho. A professora pediu* - Bom, se você viajasse hoje, pra onde iria e quem
 287. você levaria com você? – *Si eu isse viajá, levava minha mãe né* - E aonde iria? – *Minas Gerais* – Por
 288. que você escolheu Minas Gerais? – *Quiria conhecê, no, mó dize, né, conhecê o lugar, e também é um*
 289. *motivo qui minha irmã imeu cunhado mora pra lá* - Você pretende fazer faculdade? – *Aham* - Já
 290. escolheu o curso? – *Ainda não* - Não tem a mínima idéia? – *Não, por inquanto ainda não* - Qual é a
 291. profissão dos seus pais? – *Pais...* - O que sua mãe faz? – *Minha mãe Não, minha mãe trabaia im*
 292. *casa só* - E seu pai? – *Ele é const... é constrói né, casa, é construtor* - Eles têm estudo? – *Meu pai*
 293. *tem até a quarta série, minha mãe tem até o segundo, eu acho* - Então eles sabem ler e escrever? –
 294. *Só o pai, a mãe não, ela tá, tá aprendeno, mó dizê o oto* – Ah, ela tá? – *Tá, eu insino né, insino* –

295. Isso é legal! Então, quando você era pequena alguém lia historinhas pra você? – *Não* - Não contavam
 296. histórias? – *Ah, contá história Não* - Você falou que trabalha de vez em quando, não tem um
 297. trabalho fixo? – *Não, fixo não* - Já trabalhou? – *Não também* - Como você se relaciona com seus
 298. professores? – *Ah, bem* - Você acha que alguma pessoa te influencia de alguma maneira? – *Ah, às*
 299. *vezes* - Em que sentido? – *Ah, hum, a fazê alguma coisa errada, por exemplo* - Existe uma pessoa na
 300. qual você queira se espelhar? - *Minha mãe, a mãe é, mó dizê, tudo* - Se você ganhasse um prêmio
 301. hoje, com quem dividiria? – *Ca minha família, mãe, pai, meus irmão.* - Você acha que sabe falar
 302. português? – *Mais ou menos* - Por quê? – *Às vezes falo muito verbo, sô meia gaga, vai falá as*
 303. *palavras, cê erra, troca as letra* - Como assim, troca as letras? – *Ah, não falo lugar, falo lugal, essas*
 304. *coisa* - Você acha que a Língua que você fala normalmente é diferente do que aprende na escola? –
 305. *É* - Por quê? – *Ah, às veis cê vai falá alguma coisa qui você aprendi ali no colégio ali, si você fô*
 306. *falá pra pessoa, cê num vai sabê falá* - E o que é falar certo pra você? – *Fala corretamenti* - Em que
 307. sentido que é o correto? – *Cê vai falá, por exemplo, você, você vai daí é como, mó dizê, se vai falá*
 308. *você, você fala certo, aí, a hora si iscrevê você, aí cê iscreve errado, na minha opinião né* - Eu vou
 309. ler duas expressões você vai me escolher qual a mais bonita tá ‘Nós trabalhamos hoje com bolsões
 310. de couro’ ou ‘nóis trabaia hoje com borsão de couro’? – *Ah, a primera qui você falô* - Por quê? - *Isto*
 311. *tá falando corretamenti* - O que você acha de pessoas que falam como na segunda expressão? –
 312. *Errado* - E nas suas relações, há mais pessoas que falam como na primeira ou na segunda forma? –
 313. *Na segunda forma* - Por que acha que eles falam assim? – *Eles fala, eles troca palavra. Na minha*
 314. *opinião, acho qui eles não aprendeu falá corretamenti* - Em alguma ocasião você se preocupa com
 315. sua forma de falar? – *Às vezes, sim* - Em que ocasião? – *Numa intrevista, agora mesmo, tô, nossa tô*
 316. *tremendo!* - Você fala gíria? – *Nossa, um pouco* - E tem algum momento em que você se preocupa em
 317. não falar? – *Perto di pessoa qui não conheço, mais ou menos* - Vamos supor que esteja num
 318. seminário da escola. Como você age quando está apresentando um seminário? – *Nervosa* - Daí você
 319. tenta falar... - *Fazê uma coisa bem feita* - Você me descreve o que está vendo nessas fotos aqui? – *A*
 320. *professora pediu, acho, pro aluno fazê uma conta pra ela, eu acho* - E nesta? – *Uns santos, dentro*
 321. *da igreja* - E o que vê aqui? – *Ah, praia, diversão, os amigos alegres* - Agora você vai ler esse
 322. trechinho em voz alta pra mim, por favor? – *Ave Maria! Pera aí, dexa eu coisá aqui primero* (lendo
 323. silenciosamente durante quase dois minutos) - Você pode ler agora? – *Calma aí* - Você pode ler só
 324. até o primeiro ponto final, ok? – *Sim, Pois aqui história de uma mulher amiga e unidas como carne e*
 325. *unha* (leitura precária) - Você pode resumir o que leu? – *Qué dizê qui elas são amiga, como carni i*
 326. *unha Será qui é pra contá uma história mais ou menos como ela é, se dá com as amiga dela?* - Pode
 327. ser. Agora você vai ler esse daí pra mim, pelo menos duas linhas em voz alta? - *A polícia do cento e*
 328. *noventa atendeu o telefone e foi a toda ao pedido de socorro por favor socorro mantém alguém*
 329. *mantém alguém urgenti entrou um bicho (o qui qui é)-* Terrível - *terrível aqui em casa, a princi*
 330. *etano e pediu e pergunto ah... é pediu a pergunta, acho qui é* - Estranha o pedido e pergunta - *o*
 331. *bicho perigoso, um animal selvagem, um cão não entendi essa palavra* - pitbull - *pitbull Não um*
 332. *gato, mais como assim um gato em casa um gato pô, ele vade invadiu minha casa estava*
 333. *caminhando em minha direção, socorro, socorro, mais mais isso é redículo, passando trote para a*
 334. *polícia identifiquei-se já quem está falando aí é o papagaio* - Você pode repetir o que leu, com suas
 335. palavras? – *Qué dizê, assim, qui ele quiria passá um troti, era isso, pa vê si eles caía, pra ir lá pa vê*
 336. *a ocorrência né, aí, na minha opinião, ah eu acho assim qui ele quiria sê uma pessoa pa no... uma*
 337. *pessoa pa, pa sê acudida* - Tem um dia que você considera o dia mais feliz da sua vida? – *Quando*
 338. *tava reunido minha família* - Pode me contar um pouquinho mais? – *Ah quando a família reunida*
 339. *ah, é alegria, um num tem disaforo cum ninguém, ninguém pisa im você, você tá coa sua família,*
 340. *traiz felicidadadi* - E tem um dia que você considera como o dia mais triste da sua vida até agora? –
 341. *Tem* - Você pode me falar um pouquinho? – *Quando está longe da minha mãe* - Qual sentimento
 342. isso te traz? – *Ah, a distância né, num tá ao lado dela e não podê ajudá ela* - Você mora num
 343. distrito, num patrimônio, você tem vontade de mudar pra cidade? – *Tenho* - Por quê? – *Ah, na minha*
 344. *opinião, vai sê mais bom pra mim, vai tê mais recurso.* E se tivesse que falar algo aos jovens, o que
 345. diria? – *Qui lesse, aprendesse. Qui eles, mó dizê, cuidasse dos pai e fossi feliz, assim na minha*
 346. *opinião* - Então era isso – *Desculpa no negócio qui eu ingasguei foi na palavra* - Você permite que
 347. eu use essas gravações no meu doutorado? - *Você qui sabi. Permito, ué, mais na leitura num ficô*
 348. *muito bom não* - Obrigada.
349. INF4 - *Quinze, tô no primero* - Você nasceu onde? – *Eu nasci im Londrina* - E você mora no
 350. Paiquerê? – *É* - Você sempre morou por ali? – *Sempre* - E você trabalha? – *Eu trabalho no mercado*
 351. *do meu pai, ajudano ele* - E você sai daqui e já fica lá? – *É, eu saio, daí tem o horário di almoço, qui*
 352. *é até uma e meia, daí eu começo a trabalhá* - E todo dia? – *Todo dia* - Então é uma rotina? – *É* isso,
 353. *é todo dia, aí eles me dão uma folga na semana* - A sua família toda mora no Paiquerê? – *A maioria,*

354. *sim, i tem uma tia qui mora no sítio* – E você costuma ir pra Londrina? – *Ahã, faço curso, faço aula*
355. *de música, é órgão conhece Teclado* – E o que você mais gosta de fazer? – *Ai, eu gosto di saí,*
356. *passaé, i no shopping* - Você costuma ir bastante ao shopping – *Sempre, costume i uma vez por mês,*
357. *duas vezes* - Vai com as amigas? – *Não, eu vô co meu namorado* – E você sempre estudou aqui? –
358. *Não, eu istudei até a oitava série no Irerê e agora eu vim pra cá essi ano* - E como foi essa mudança
359. *de escola?* – *Ah, foi difícil né, porque eu fiquei cum bastanti vergonha, eu vim pra cá, eu num*
360. *conhecia quasi ninguém na sala i depois lá po meio do ano eu comecei a fazê amizadi* - E agora? –
361. *Agora tá melhor, só no começo tinha umas meninas assim que num gostava da genti, quíria batê na*
362. *genti, mais aí isso si resolveu depois* – E você sabe alguma coisa da história de onde você mora? –
363. *Não* – Aqui tinha uma festa do milho aqui né? – *Tinha* - Você costumava ir? – *Eu ia com meus pais*–
364. *E você gostava, por quê?* – *Ah, a genti, era legal né, tinha coisa diferente pra comê, brinquedo, eu*
365. *gostava di vir* - E você já esteve numa situação em que correu risco de vida? – *Não* – Qual a
366. *importância da igreja na sua vida?* – *Ai, bom né, porque né, a genti aprendi muita coisa boa né,*
367. *acompanha sua família, todo mundo da minha casa vai, só meu irmão qui não, é bem legal* - E por
368. *que o seu irmão não vai?* – *Ele num vai im igreja nenhuma, ele gosta mais di saí, bagunçá, essas*
369. *coisa assim, festá, daí ele num vai* – Você tem quantos irmãos? – *Tenho um irmão de seis e um de*
370. *vinti dois, vai fazê vinti dois domingo, sô a do meio* - E qual é a importância da escola na sua vida? –
371. *Ah, é tudo, porque eu quero fazê meu curso e precisa da iscola* - E do trabalho? – *Ah também é*
372. *bastanti, porque é dali qui sai o sustento, o qui cê vai comê, i qui cê vai vesti* - E da família? – *É tudo.*
373. *Minha família mi ajuda bastanti quando eu priciso, minha mãe, meu pai* - E como é sua relação com
374. *seu irmão mais velho?* – *Ah, é boa, a genti conversa bastanti* - E você assiste à televisão? – *Assisto* –
375. *E o que você costuma assistir?* – *Só novela, só, qui eu vejo* – E a televisão teria alguma importância
376. *na sua vida?* – *Não, quando dá eu assisto, quando não dá, normal* - Sua religião não limita o acesso
377. *à televisão?* – *Não, porque tem umas qui não, num deixa, né, qui assista* – Sim. E qual é a pessoa
378. *com a qual você mais conversa?* – *Meu pai* - E se você fosse contar um segredo hoje, pra quem você
379. *contaria?* – *Dependi o segredo, contaria acho qui pra minha mãe* - Tem uma pessoa em quem você
380. *se espelhe?* – *Com meu meu pai* – Por quê? – *Porque ele começô a istudá depois qui tava casado né,*
381. *daí tinha qui i pra faculdadi, dexá meu irmão i minha mãe im casa i agora ele si formô tudo, é*
382. *diretor lá na iscola do Irerê. Intão ele foi bem istudioso, foi bem difícil, minha mãe ajudô ele, eu*
383. *quíria tê a garra qui ele teve né, tê deixado meu irmão piqueno em casa* – Se você ganhasse um
384. *prêmio hoje, com quem você dividiria?* – *Co meu pai, ca minha mãe* – Tem alguma pessoa da sua
385. *relação que é a mais inteligenti?* – *Ah, num sei, meu pai, ele é bem inteligenti* – Qual é a pessoa, ou as
386. *pessoas, mais importantes para você hoje?* – *Ah, minha mãe, meu pai e meus irmão* – De sábado até
387. *hoje, quais foram as pessoas com as quais você mais conversou?* – *Com o meu pai i o meu namorado*
388. – Eu vou falar alguns nomes aí você me fala se são muito importantes, importantes ou não tem
389. *importância tá A família?* – *É muito importanti* – Igreja? – *Tamém* – Trabalho? – *Tamém* – Escola?
390. – *Tamém* – Amigos? – *É importanti tamém* – Televisão? – *Não* – Leitura? – *Aí não posso opiná,*
391. *mais é bom* – Então você não tem o hábito de ler? – *Não, li um já, piqueno, mais já* – Se você fosse
392. *viajar hoje, pra onde você iria?* – *Pra casa dos meus familiares, lá im Santa Catarina* – E quem você
393. *levaria com você?* – *Meu namorado* – Por que você iria pra lá e com ele? – *Por que ele nunca foi na*
394. *praia e daí eu quíria levá ele* – Qual praia que eles moram? – *Eles moram próximo da praia Barra*
395. *do Sul* – Você pretende fazer faculdade? – *Ah, mais ou menos, eu quíria fazê curso di,*
396. *profissionalizanti di custura e abri uma loja i vendê só ropa feminina* – Não sei se você sabe, mais a
397. *Epesmel oferece o curso de...* – *Lá tem curso di costura?* – Tem, sim – *É qui eu num vi, num sabia,*
398. *num sabia ondi tem* – Bom, então teu pai tem um mercado e ainda trabalha na escola? - *É* - Ele se
399. *formou em quê* – *Si formô im Pedagogia, gestão, essas coisa assim, fez mais curso di gestão* – E sua
400. *mãe?* – *Minha mãe ela não istudô, qui ela morava no sítio, daí ela tinha qui ajudá o pai dela, ela fez*
401. *até a quarta série, daí ela casô co meu pai i o meu pai ajudô ela abri um, aí num sei falá, pra ela*
402. *vendê ropa, agora ela é sacolera, eu acho* – E ela sabe ler? – *Sabi, sabi lê, sabi iscrevê, só qui ela*
403. *tem só até a quarta série só* – E como você se relaciona com seus professores? – *Ah, bem, nunca*
404. *briguei cum nenhum deles* – Quando você era menor, seu pai e sua mãe liam pra você? – *Lia, meu*
405. *pai lia* - Você acha que alguém te influencia de alguma maneira? – *Ah, minha mãe, qui eu vejo ela*
406. *vendo as ropa dela, eu acho legal, daí por isso qui eu quíria fazê o curso tamém* – Tem algum
407. *momento em que você se preocupa em falar de forma mais caprichada?* – *Ah, acho qui não, não* –
408. *Você acha que sabe falar português?* – *Não, eu acho qui só um básico, mais ou menos, mais*
409. *português mesmo, não* – Por que? – *Ai, sei lá, pelo qui a professora di Português fala, eu falo di*
410. *uma forma errada* - Você acha que a língua que você fala é diferente daquela da escola? – *Ah, é qui*
411. *a genti fala meio, mais gíria, algumas palavra errada, o português mesmo, certo, é pouco qui a*
412. *genti fala, acho* – E o que é falar certo pra você? – *Ai, num sei* – Eu vou ler duas expressões e queria
413. *que você me falasse qual você acha mais bonita, tá?* – *Tá* – Nós trabalhamos hoje com bolsões de

414. couro ou nós trabaia hoje com borsão de couro? – *Primera é mais bonita* – Por quê? – *Ah, mais*
 415. *certinha* – E as pessoas com as quais você convive falam mais como na primeira ou segunda
 416. expressão? – *Ah, na primera* – E o que você pensa de pessoas que falam como na segunda? – *Ai, qui,*
 417. *sei lá, talvez num teve istudo ou é o, a cidadi ondi eles moram costuma falá assim, provavelmenti* –
 418. Você costuma falar gíria? – *Ah não aquelas, algumas coisinha* – Por favor, leia em voz alta este
 419. trecho e resume depois, por favor? – *Tenho, pois, aqui a história de duas mulheres amigas e unidas*
 420. *como carne e unha, razões de simpatia e de convivência longa trouxeram essa amizade qui fazia a*
 421. *felicidade das famílias e admiração de toda genti. Uma chamava-se Júlia e a outra Tereza. Essa*
 422. *tinha cabelo louros e claro, aquela tinha os castanho, tinha-os castanhos e era morena* – O que você
 423. leu? – *Ai, qui as mulheres qui eram muito amiga, tinha amizadi i qui fazia a felicidadadi da família* –
 424. Agora vou pedir para você ler esse aqui também? – *O policial do cento e noven.. do um nove zero,*
 425. *cento e noventa, não sei, atendeu o telefone e foi anotando o pedido de socorro, por favor socorro*
 426. *mande alguém urgenti, entrou um bicho terrível aqui em casa, o policial estranha o pedido e*
 427. *pergunta: Bicho perigoso, um animal selvagem, um cão Pitbull Não um gato. Mais como assim um*
 428. *gato em casa Um gato pô, ele invadiu a minha casa e está caminhando em minha direção, socorro.*
 429. *Mais isso é ridículo, passando trote para a polícia, identifiquei-se já, quem está falando aí Aqui é o*
 430. *papagaio, imbecil!* – O que você leu? – *Qui um papagaio ligô pro policial pedindo pa vir ajudá ele,*
 431. *qui um gato quiria pegá ele* – Me diga o que vê neste figura? – *Ai, criança bem feliz estudano, é*
 432. *difícil vê crianças istudano, prestano atenção, hoji im dia ninguém qué sabê di istudá* – E essa? –
 433. *Essa aí tamém pareci uma família feliz na praia* – E essa, por último? – *Lembra di Deus né* – Tem
 434. um dia qui você considera que foi o dia mais feliz da sua vida? – *Dexo vê si eu lembro... ah, foi*
 435. *quando a minha irmãzinha nasceu* – Você pode me contar um pouquinho como foi? – *Qui no*
 436. *começo eu num quiria, qui eu tinha ciúme dela né, quando eu vi ela tão bunitinha, piquinininha, daí*
 437. *eu gostei dela, daí eu fui lá vê no hospital, levamos flor pra ela, daí tem uma irmãzinha pra alegrá a*
 438. *casa* – E um dia triste? – *Ah foi quando meu tio, meu primo morreu* – Você pode falar como foi? – *É*
 439. *qui eles têm um tumor na cabeça, a família dele tem, a maioria tem, daí ele ficô internado um*
 440. *tempão, ele voltô pa casa, ele não quiria fazê a cirurgia, ele fez daí ele num aguentô i morreu* – Se
 441. você pudesse dizer alguma coisa para todos os jovens, o que diria? – *Pa istudá bastanti, pra tê um*
 442. *futuro melhor e i na igreja porque sem Deus ninguém é nada* – Terminamos aqui.

443. INF5 – *eu tenho dessezeis, tô no segundo* - Onde você nasceu? – *Nasci em Londrina* - E você sempre
 444. morou aqui em Paiquerê? – *Não, eu moro perto do Serrinha, no sítio, toda vida morei* - E você
 445. trabalha? – *Não* - Toda sua família mora lá no sítio? – *Mora* - E você costuma ir pra Londrina? –
 446. *Uhum* - Em que ocasiões? – *Ai, precisano comprá alguma coisa, vai nessa, assim, precisano di*
 447. *alguma coisa, sempre vô* - E o qui você mais gosta de fazer? – *Mais gosto di fazê, hum deixa... ah, eu*
 448. *gosto di ouvi música* – De que tipo de música você gosta? – *Sertanejo, as música romântica assim eu*
 449. *gosto* – E você sempre estudou nesse colégio? – *Uhum* - Sabe alguma coisa sobre a história de
 450. Paiquerê? – *Não* – Aqui tinha a festa do milho né? – *Uhum* - Você já veio? – *Não, não* - Nunca teve
 451. curiosidade? – *Ah, já tive vontadi, mais o dia qui era pra mim vim, num deu pra mim vim* - Você já
 452. esteve em alguma situação em que correu perigo de vida? – *Não* - Ficou doente? – *Doenti assim, só*
 453. *quando era piquena* - Qual foi o dia mais feliz da sua vida? – *Vixi, o dia mais feliz Acho qui ainda*
 454. *num tive, não* – E um dia muito triste? – *Um dia muito triste. Quando minha vô morreu, eu gostava*
 455. *muito dela, a genti conversava bastanti, eu pentiava os cabelo dela e ela dormia, era tão gostoso* –
 456. Qual a pessoa com quem você mais conversa? – *Quem mais eu converso Além da minha mãe assim,*
 457. *tem a minha irmã e os amigos todos, mais converso assim* - E se fosse contar um segredo, pra quem
 458. contaria? – *Pra minha amiga, a Grabrielle, é, aí depois ela vai vim aqui* - Não pra sua mãe, nem pra
 459. sua irmã, primeiro pra ela? – *É, dependi, do segredo né sempre conta pra amiga primero* - Tem
 460. alguma pessoa na qual você se espelhe? – *Mi ispelhar é ser igual Não, assim, no lado bom?* – Sim,
 461. de seguir os passos de alguma forma. - *Acho qui não, num sei...* - E se você ganhasse um prêmio
 462. hoje, com quem o dividiria? – *Dexo vê, co a minha mãe, ca minha irmã, cas minhas amiga, co meu*
 463. *vô, ca minha vô, acho qui só* - Desculpe-me a intromissão, você convive com seu pai? – *Não, eu num*
 464. *moro com meu pai, mais eu tenho, só não tenho muito convívio não* - Tem algum momento em que
 465. você se preocupa em falar mais caprichadamente? – *Mais caprichadamenti Quando a genti*
 466. *conversa, dependi da pessoa assim tem qui conversá mais certo* – E há alguma pessoa com a qual
 467. você se preocupa em falar assim? – *Ah, qui, mais com a mãe da genti mesmo tem qui conversá mais*
 468. *certo* - Você acha que alguém te influencia de alguma maneira? – *Não mi influencia, não, muitou*
 469. *difícil, num vô muito pelos otro* - Você sabe falar português? – *Acho qui sim* - Por quê? – *Num sei,*
 470. *tipo assim, portuguêsis qui a genti, assim, aprendi na iscola quando a genti fala normal Ah, eu acho*
 471. *qui eu sei sim, mais ou menos, alguma coisa erra ali, mais acho qui eu sei, sim* - Você acha que a
 472. língua que você fala é diferente da língua que você aprende na escola? – *Algumas, sim, dependi, qui*

473. *a genti fala é differenti qui a genti vê na iscola, são portuguêsis mais corretamenti, ai fica differenti* –
 474. O que seria falar corretamente pra você? – *Ah, num errá no qui fala, ah sei lá* - Qual expressão você
 475. acha mais bonita: Nós trabalhamos hoje com bolsões de couro ou Nós trabaia hoje com borsão de
 476. couro? - *A primera* – Por quê? – *Qui tá mais certa, a otra “nóis trabaia” alguma coisa assim, meio*
 477. *caipira* - O que você pensa das pessoas que falam como na primeira expressão? – *Hum, bunito, fala*
 478. *muito certinho* - E na segunda? – *Hum, errado né, sei lá, tem pessoa qui aprendi assim né, fala do*
 479. *jeito qui aprendi, i im casa, a genti fala di qualqué jeito, já na iscola não, eles fala mais*
 480. *corretamenti* – Então, a primeira seria uma fala da escola e, a segunda, a fala da casa de algumas
 481. pessoas? - *Isso* - Você fala gíria – *Muito poco, num gosto muito* - Qual é a importância da igreja na
 482. sua vida? – *Ah, eu gosto di i pra igreja, eu amo* – Qual sua religião? – *Evangélica* - Vai sempre à
 483. igreja? - *Di veiz im quando, porque a igreja é longi i nóis num, a genti num tem carro* - Você já
 484. mudou alguma coisa na sua vida por causa da igreja? – *Não, dependeno do qui fô, acho qui mudaria*
 485. *sim* - E a forma de falar, você mudaria por causa da igreja? – *Modo di falá Acho qui si falá um monti*
 486. *di palavrão o um monti di gíria, acho qui sim* - Qual é a importância da escola na sua vida? – *Ah, a*
 487. *importância qui pa tê um futuro né, si a genti num istudá, acho qui é muito importanti* - E qual a
 488. importância da televisão na sua vida? – *Oia, importanti ela num é, mais sempre assisto teve, é di*
 489. *distração, num tem nada pra fazê, eu gosto di assisti teve* - Você deixou ou deixaria de fazer alguma
 490. coisa por causa de um programa de teve? – *Se eu já dexei Ah, pára um pouco o serviço di limpá a*
 491. *casa pra assisti alguma coisa* - Vamos supor que você tem qui ir numa festa e é o ultimo capítulo da
 492. novela, o que você faz? – *Nossa dependi, aí dependi, se eu gostá muito da novela, eu posso deixá di i*
 493. *na festa, mais dependi, tem hora qui nem tanto pa novela* - Qual é pessoa, das suas relações, que
 494. você acha mais inteligente? – *Intelligenti, ai meu Deus do céu, intelligenti, tipo assim mais intelligenti,*
 495. *sabê as coisa ou dá conselho pa genti, como assim* - Qualquer um? – *Ah, eu gosto muito da amiga*
 496. *Ellen, quando ela vai falá assim, ela fala bem né* – Qual é a pessoa mais importante na sua vida? –
 497. *Ah é mais di um, a minha mãe, meu vô i minha vó* - De sábado até hoje, quais foram as pessoas com
 498. as quais você mais conversou? – *Minha mãe, dexo vê, a minha amiga Gabrielle, o meu amigo João*
 499. *Paulo, o Nicollas, também meu amigo qui eu mais conversei assim, i eu acho qui a i a esposa do*
 500. *meu tio qui eu conversei bastanti i acho qui só, nem lembro mais* – Eu vou falar algumas entidades e
 501. você fala se são muito importantes, importantes ou não importantes na sua vida. Família? – *Muito*
 502. *importanti* – Igreja? – *Muito importanti* – Trabalho? – *Importanti* – A escola? – *Muito importanti* –
 503. Amigos? – *Muito importanti* – Televisão? – *Não, não é importanti* – Leitura? – *Importanti* – Você
 504. lê? – *Revista, assim, só a Capricho qui eu assino, sabi* - Se fosse viajar hoje, pra onde você iria e
 505. quem levaria com você? – *Pra ondi dexo eu vê... ai sei lá, acho qui po Nordeste, qui eu já vi tem*
 506. *lugares lá bem bonito assim com uns rio bem, eu ia pra lá pra um lugar de lá. Vixi, levaria tanta*
 507. *genti, ah, levaria acho meus amigos, minha mãe, acho qui só. Eu gosto muito deles* – Você pretende
 508. fazer faculdade? – *Pretendo, ah eu tenho dúvida ainda num sei si eu faço medicina, si eu faço*
 509. *ingenharia civil, ainda num sei, tô pensano* - Qual a profissão ou trabalho da sua mãe? – *Minha mãe*
 510. *é empregada doméstica* – No sítio? – *Não, ela vai pra Londrina, ela trabalha im Londrina* – As
 511. pessoas para as quais ela trabalha, você sabe o qui elas são, o qui eles fazem? – *São médicos, eu acho*
 512. *qui eles são ecologistas* – Então todos os dias ela vai pra Londrina e volta ali pro Serrinha? – *Todo*
 513. *dia, isso di segunda a sexta* – A sua mãe tem estudado? – *A minha mãe tem, ela terminô tudo, feiz até o*
 514. *tercero* – E ela costuma ler? – *Lê muito a Bíblia, lê dimais, ela lê bastanti* – E você lembra de
 515. quando você era pequena se ela lia ou contava historinha? – *Ah, minha mãe lia algumas coisa, mais*
 516. *não toda a noiti assim, a genti pedia assim ela* (inaudível) - Qual o seu relacionamento com os
 517. professores? – *Acho qui bom, sei lá, alguns a genti tem mais intimidadi, outros menos, Altair, gosto*
 518. *muito do Altair* – E você faz algum curso fora? – *Não* – Leia esse trecho em voz alta? – *Tenho pois*
 519. *aqui a história de duas mulheres amigas e unidas como carne e unha razões de simpatia e de*
 520. *convivência longa trouxeram essa amizade qui fazia a felicidade das famílias e a admiração de toda*
 521. *a genti uma chamava-se Júlia e a outra Teresa esta tinha cabelos loiros e era clara aquela tinha os*
 522. *castanhos e era morena eram essas as diferenças no mais igualmente belas e igualmente vestidas* –
 523. Obrigada, pode resumir? – *Misericórdia! Nem lembro mais, ah tinha duas amiga qui era carne i*
 524. *unha, uma era loira, a outra tinha os cabelos castanhos, ah, nem lembro mais* – O que você vê nessa
 525. figura? – *Um menino escreveno no quadro alguma coisa, fazeno alguma atividadadi qui a professora*
 526. *mandô, escreveno* – E essa aqui? – *Hum, num sei si é anjo, ah, são vários anjos, num dá para*
 527. *diferenciá muito, acho qui essi aqui daqui a pouco devi se algum apóstolo, sei lá, essi tem no céu,*
 528. *não sei* – E agora sobre essa daqui? – *Ah, na praia, os amigos se divertino, jogano bola* – Leia mais
 529. esse trecho? – *Até ondi* – Tudo – *Tudo. O policial do cento e noventa atendeu o telefone e foi*
 530. *anotando o pedido de socorro por favor socorro mande alguém urgenti entrou um bicho terrível*
 531. *aqui em casa o policial estranha o pedido e pergunta Bicho perigoso, um animal selvagem, um cão*
 532. *Pitbull Não um gato, mais como assim um gato em casa, um gato pô ele invadiu a minha casa e está*

533. *encaminhado encaminhando caminhando em minha direção socorro mais isso e ridículo passando*
 534. *trote pra polícia identifiquei-se já quem está falando aí É o papagaio, imbecil!* – Ai, meu Deus do
 535. *céu!* - Você é capaz de recontar essa piada pra mim agora? – *Qui tinha um ho..., um policial né,*
 536. *atendeu o telefonema e tinha uma pessoa falano, pedino socorro, aí ele perguntô o qui qui*
 537. *acontecia, aí ele, assim, qui tinha um gato na casa dele, mais ele falou ‘ué, mais um gato’ tipo fossi*
 538. *assim um pitbull, o um outro tipo di bicho né, aí pediu socorro aí, vixi, Jesusis, aí o policial falô*
 539. *assim ‘mais um gato não é perigoso né’ aí ele falou assim ‘ele tá vino na minha direção qui num sei*
 540. *o quê’ aí ele falou assim ‘mais passano troti aí, quem tá falano, se identifiquei’ né aí o homi, homi*
 541. *fala ‘é um papagaio’ ah, sei lá, difícil di contá* – Se você tivesse que falar alguma coisa pros jovens,
 542. *o que diria?* - *Vixi, o qui eu dizia pros jovem Hum, o qui eu... qui eles leia Istudi mais, ah, sei lá.* –
 543. Obrigada.

544. INF6 - *eu tenho dezoito anos i eu tô no terceiro ano do ensino médio* – Onde você nasceu? –
 545. *Londrina* – Você mora aqui no Paiquerê? – *Aham* – Sempre morou aqui? – *Não, eu morei im*
 546. *Londrina um tempo, aí depois eu morei no Irerê, depois eu voltei pra Londrina e daí eu casei e vim*
 547. *pra cá* – E em Londrina você morava onde? – *Eu morava no São Lourenço, co meu pai* – E você
 548. *estudou lá?* – *Eu istudava no Sesi, eu era bolsista* – Faz tempo que você se casou? – *Faz três ou*
 549. *quatro anos, eu não mi recordo* – Casou nova, então? – *É, acho qui já tinha 15, é, é, intão já, faz*
 550. *três anos* – E a sua família mora aqui? – *A minha mãe mora no Irerê e meu pai continua im*
 551. *Londrina* – Você tem filhos? – *Tenho, tem nossa minina di dois anos i meio* – E você costuma ir para
 552. *Londrina?* – *Todo dia, eu trabalho* – Você trabalha em qual empresa? – *Agora eu tô trabalhano na*
 553. *Contax, empresas di callcenter, eu sou representanti di atendimentos* – E o que você mais gosta de
 554. *fazer?* – *Dormi, Ah porq... não, dormi é o qui eu ando precisando fazê, mais o qui eu gosto di fazê,*
 555. *eu gosto de i na igreja, gosto di brincá coa minha filha, gosto di passeá, mais dormi é qui eu ando*
 556. *mais fazeno qui eu ano bastanti cansada* – Por que você anda cansada? – *Ah, porque qui eu tô*
 557. *acordano muito cedo pra trabalhá e chego muito tardi, qui eu venho pra iscola, aí eu só tenho o*
 558. *final di semana* – E sua filha fica com quem? – *Ela fica na escolinha cedo e com meu esposo à noiti*
 559. – E você sabe alguma coisa da história aqui de Paiquerê? – *Num faço a mínima idéia* – Você
 560. *costumava participar na festa do milho?* – *Todas* – E por que você vinha na festa? – *Ah, porque era*
 561. *gostoso, a genti si reunia, bastanti amigos, era aondí a genti vinha qui vinha bastanti, qui, assim,*
 562. *muita genti não conhece Paiquerê, aí cê fala ‘ah era lá ondi tinha a festa do milho’, aí você já ‘ah*
 563. *agora eu sei’, ah sei lá, aí a genti via bastanti genti diferenti, ai enchia bastanti, daí eu gostava, era*
 564. *gostoso, se divertia* – Sabe por que acabou a festa? – *Acho qui porque u prefeito cortô o, a, verba po*
 565. *negócio da cultura, daí num tevi mais porque daí num tinha caixa pa fazê a festa, é mais provável*
 566. *qui seja isso* – Você já esteve numa situação em que correu risco de vida? – *Ah, quando eu fui ganhá*
 567. *minha filha, quando eu tava grávida dela* – Teve complicações – *Porque eu tenho traumotespenia*
 568. *hereditário tipo (inaudível) aí eu não tenho a coagulação do sangue, aí eu tive bastanti começo di*
 569. *aborto, aí foi bastanti difícil segurá até o final, foi bem complicado* – Algum momento na sua
 570. *vivência você se preocupa em falar assim mais caprichadamente?* – *No trabalho, porque eu trabalho*
 571. *bastanti na voz né, aí às vezes tem mais cuidado co vocabulário, é sei lá, a genti procura, sabi,*
 572. *dentro do ônibus acho qui ninguém tem obrigação de ficá escutano a conversa da genti, assim, não*
 573. *a conversa, escutá todo mundo escuta, mais palavriado, falá, tá falando certo, lugar público* – E
 574. *alguma pessoa com a qual você se preocupa mais em falar caprichadamente assim?* – *Coa minha*
 575. *filha, pra ela aprendê a falá certo* – Você vai à igreja? – *Eu vô* – Qual é a importância da igreja na
 576. *sua vida?* – *Ah, é tudo né, lei espiritual, tudo, a genti, i a hora qui a genti busca esforço, busca força*
 577. *pra genti aguentá o baqui do dia a dia* – E você tá levando a sua filha? – *Eu levo* – e o seu marido
 578. *também vai?* – *Não, ele vai na igreja católica* – Então vocês se dividiram? – *É, sempre foi, desdo*
 579. *começo, não, mais quando eu posso eu visito a igreja dele também, porque eu acho qui Cristo não si*
 580. *dividi no meio, Cristo é um só i ele tá nos dois lugar, não importa o lugar intão* – E qual a
 581. *importância da escola na sua vida?* – *Ah, num tem nem palavras né, qui através dela qui a genti tá*
 582. *busceno, tá escreveno nosso capítulo daqui pra frenti, nossa história, sem ela, adiciona o fracasso lá*
 583. *na frenti qui não tem nem tamanho!* – E você assiste à televisão? – *Assisto novela, filme, desenho*
 584. *dimais qui já tá, ondi você vai, pareci qui tá escutano o desenho lá do fundo do ouvido (risos)* – E
 585. *qual é a importância da televisão no seu dia a dia?* – *Nenhuma, o qui, naquilo lá tanto faz tanto feiz,*
 586. *si ela tivê lá ou não, minha vida segue pa frenti, nem si é boa si ruim, acho qui é mais importanti*
 587. *assisti jornal qui daí a genti vê bastanti informação* – Você tem um sotaque um pouco diferente, as
 588. *pessoas com as quais você convive são mineiros, nordestinos?* – *E por causa do serviço, porque eu*
 589. *só atendo é Minas Gerais, Bahia, aí é meio espontâneo, pareci qui num sei, peguei* – E qual é a
 590. *importância do trabalho na sua vida?* – *É necessidadi* – Então, você trabalha por necessidade,
 591. *digamos assim, não é uma opção?* – *É uma opção tamém, mais eu tenho qui crescê*

592. *profissionalmenti, mais é muito chato, mais si eu pudesse mi dedicá mais o meu tempo pra mim*
593. *cuidá da minha filha, eu dedicava, mais por enquanto num dá* – Com quem você mais conversa? –
594. *Ca minha vizinha, ah acho qui é porque com ela qui eu consigo me abri mais, fazê mais, acho qui eu*
595. *tenho mais confiança, qui a minha mãe não tem tanto assim não, com meu esposo tamém não, intão*
596. *assim* – Se você fosse contar um segredo hoje, para quem você contaria? – *Pra ela* – Tem alguma
597. *peessoa entre as que você se relaciona, que você acha mais inteligente?* – *Hum, qui eu me relaciono* –
598. *É, do seu convívio* – *Todo dia Eu acho qui minha, minha supervisora, porque ela é muito, nossa ela*
599. *é gênio dimais, ela é tipo, minha orientadora sabi, si tem algum problema no meu atendimento, daí*
600. *ela vai pergunta ‘cê tá bem, o qui qui tá aconteceno, cê qué desabafa’, aí ela, ela fala si a genti tem*
601. *dúvida, assim, di alguma palavra qui a genti num sabi, qui qui é dalguma coisa, a genti pergunta*
602. *pra ela, já tem na pon’da língua* – Você sabe a formação dela? – *Ela é secretária executiva, tem a*
603. *formação di secretária executiva, mais ela é supervisora di atendimento* – Qual é a pessoa mais
604. *importante hoje na sua vida?* – *Minha filha* – E para o seu desenvolvimento como pessoa? – *As*
605. *professora, ai, menina minha mãe tamem faz tudo pra mim, meu pai, os professores assim qui mais*
606. *acho qui ti apoiam a genti bastanti a segui em frenti* – De sábado até hoje, qual foi a pessoa com a
607. *qual você mais conversou?* – *Ai, acho qui foi ca minha cabeça mesmo* (risos), *mais qui eu mais*
608. *conversei assim foi meu isposo, todo dia, onti feriado, final di semana* – O que ele faz? – *Ele é*
609. *gerenti di compras, na seguradora* – Trabalha em Londrina também? – *Aham* – E qual é a formação
610. *dele?* – *Ele tá fazeno o quarto ano, útimo, esse ano ele termina Admistração na Unopar, ele faiz a*
611. *distância, toda a quarta-fera* – Vou falar algumas entidades e eu quero qui você fale se é importante,
612. *muito importante ou não tem importância, tudo bem?* – *Família?* – *Muito importanti* – *Igreja?* –
613. *Muito importanti* – *Trabalho?* – *Necessidadi* – *Escola?* – *Importanti* – *Amigos?* – *import...* razoável,
614. *dimais podi, podi dá problema* – *Televisão?* – *Nenhuma, dependi pra que qui ela é utilizada né, se fô*
615. *pra assisti um jornal, é bem importanti, agora si fô pra ficá assistino televisão desengual quem tem*
616. *costumi, não tem importância nenhuma* – E a *Leitura?* – *Ai, é bom, mais eu morro di priguiça* –
617. *Você não tem costume, então, de ler?* – *Não, nenhuma, num tenho mesmo, odeio lê, num gosto, é*
618. *chato e só servi pa dá sono* – Se você viajasse hoje, para onde você iria? – *Ai, eu ia sumi, num sei ia*
619. *quere i pum lugar bem longi, eu quiria pa Fortaleza, lá pa Porto di Galinhas ondi tudo funciona*
620. *mais divagar* – E levaria quem? – *Levaria minha filha, minha vizinha, a minha mãe, meu marido, a*
621. *minha tia Maria e minha tia Ana* – Essa sua vizinha, quantos anos tem? – *Ela tem trinta e treis* – O
622. *que ela faz?* – *Ela é dona di casa* – Você sabe se ela estudou? – *Não, ela num tem formação, ela tem,*
623. *acho qui ela parô na quinta série, ela sabi iscrevê o básico, lê acho qui ela sabi meio, meio pur cima*
624. – E você pretende fazer uma faculdade? – *Preteno, Gestão de recursos humanos* – A distância
625. *também?* – *É mais provável* – Por que você escolheu esse curso? – *Ai, é porque eu faço um curso*
626. *profissionalizanti, gestão empresarial, dividido im quatro módulos, o marketing, impreendedorismo,*
627. *recursos humanos e finanças, i o recursos humanos foi o qui eu mi identifiquei bastanti, qui eu fiz,*
628. *por que eu não suporto sangui, num gosto di mexê cos oto, intão lá eu vô tá quétinha cos meus*
629. *papel, ca minhas conta* – O que seus pais fazem? – *O meu pai ele é mestre di obra e a minha mãe é*
630. *diarista* – E eles têm estudo? – *A minha mãe tem o segundo grau completo e meu pai tem curso*
631. *técnico. A minha mãe, ela, acho qui ela tem, num sei do que, mexi c’assistência social, ela trabalhô*
632. *um tempo pra prefeitura, negócio di assistência social, aí deu um rolo lá, ela saiu, ‘meteu no pau’ e*
633. *agora ela tá di diarista* – E você lembra se a sua mãe lia para você quando era pequena? – *Lia* – E
634. *contava também?* – *Ela contava, se abusá, ela compra livro até hoje pra mim, mais fica lá juntano*
635. *poera, porque eu num leio. Ela tentô* – Você se relaciona bem com essa sua supervisora, com os seus
636. *superiores?* – *Uhum, escuto assim, si eu tô bem, eles pergunta ‘hoje cê tá alegre dimais’, daí, se eu*
637. *tô passando bem, se eu não tô passando bem, ela ela já chama no canto, ‘o que qui aconteceu, qué*
638. *conta pra mim’, aí já, aí ela já faiz umas brincadera, já dá um ‘up’, aí já trabalho bem o dia intero* –
639. *E como é seu relacionamento com os seus professores?* – *Hum, dependi com quais, têm uns qui a*
640. *genti si dá melhor e os outros a genti, o santo não bati, daí não forçá, procuro num forçá muito a*
641. *barra, si não dá briga* – Você acha que alguém te influência de alguma maneira? – *Ai, meu marido,*
642. *ele pega bastanti nu meu pé, ‘vamo istudá’, qui acho si não fossi por causo dele tamém eu já tinha*
643. *parado di istudá, ele fala ‘aí vamo pra iscola, vamo pra iscola. Vai querê vai querê limpá patenti’ aí*
644. *eu falo ‘não!’* – Você fala giria? – *Eu falo um pouco* – Você sabe falar português? – *Hum, mais ou*
645. *menos, o básico* – Por quê? – *Ah, porque eu sô péssima im português di todas as maneiras, tanto na*
646. *gramática, tanto na interpretação di texto, im tudo, eu acho qui eu num sei falá, eu acho qui a genti*
647. *tem muito, como posso dizê, vício de linguagem, a genti só sabi falá dessi jeito, pronto cabô* – Você
648. *acha isso mesmo, que não é possível “aprender” a usar a língua de outra forma?* – *Acho. A genti*
649. *istuda, istuda, istuda e continua sempre igual, sempre...* – Você acha que a língua que você fala é
650. *diferente da que você aprende na escola?* – *É, porque a língua qui a genti aprendi na iscola é coisa*
651. *pra loco, Deus mi livre!* – Então, você não seria capaz, não alcançaria essa língua? – *Ah, não, ia*

652. *demorá bem heim, só cumas lavagi cerebral!* – Você não lê?. A leitura é uma forma de conseguir
 653. isso. – *Afe, intão morri dessi jeito, sem falá certo nunca.* – E o que é falar certo para você? – *Falá*
 654. *corretamenti, dentro dessa língua da iscola, num falá palavrão, num falá gíria, ah, é bem isso* – Eu
 655. vou ler duas frases e você me diz qual é mais bonita. “Nós trabalhamos hoje com bolsões de couro
 656. ou nós trabaia hoje com borsão de couro?” – *Nós trabalhamos hoje com bolsões de couro* – Por quê?
 657. – *Ah, nós trabaia é muito feio porque é o jeito caipirão* – O que você pensa de pessoas que falam
 658. caipira? – *Ah, eu acho qui por falta di oportunitadi di aprendê, num teve oportunitadi, não julgo*
 659. *muito não, porque eu também num falo perfeito* – E o que você pensa de pessoas que falam como na
 660. primeira fala? – *Ah, eu adimiro, eu dô nota deiz, porque eu num consigo* – Você fala bem – *Todo dia*
 661. *eu trabalho ca voz intão já tô até...* – Eu vou pedir pra você ler isso aqui e me contar o que você leu,
 662. tudo bem? – *Ai, lê!... Lê eu leio bem, mais eu sô péssima nessi negócio di intendê i interpretá* – É só
 663. você me contar mesmo, resumir, certo? – *Tenho pois aqui a história de duas mulheres amigas e*
 664. *unidas como carne e unha, razões de simpatia e de convivência longa trouxeram esta amizade, qui*
 665. *fazia as felicidade das famílias e admiração de toda genti, uma chamava-se Júlia e a outra Tereza*
 666. *esta tinha cabelos louros e era clara, aquela tinha-os castanhos e era morena* – O que você leu? –
 667. *Ah, elas era, duas amigas qui era carne i unha, uma era morena a outra era loira e a felicidade*
 668. *delas, ai...* – Está ótimo! E o que você está vendo aqui? – *Amigos jogano bola na praia, um dia di sol*
 669. *lindo maravilhoso, qui eu quiria tá lá!* – Isso te traz que tipo de sentimento? – *Di alegria, um di*
 670. *euforia, di ansiedade, vontadi tá lá!* – E aqui, o que você vê? – *Monti de aluno istudano* – E que tipo
 671. de sentimento te passa? – *Ai, di tristeza, di brigação* – você tá no terceiro ano? – *aham, vontadi di*
 672. *sumi logo da iscola, num vai* – E aqui? – *Num gosto, ah, pra, dependendo da religião num é, num*
 673. *gosto di santo, num gosto di imagem, não gosto di idolatria* – E que tipo de sentimento isso aqui te
 674. traz? – *Disprezo* – Vou pedir para você ler mais uma vez tudo bem? – *Uhum* – mesmo esquema você
 675. lê e me conta o que você leu? – *O policial do um nove zero atendeu o telefone e foi anotando o*
 676. *pedido de socorro, por favor socorro mandem alguém urgenti, entrou um bicho terrível aqui em*
 677. *casa, o policial estranha o pedido e pergunta, um bicho perigoso, um animal selvagem, um cão*
 678. *pitbull Não um gato! Mais como assim um gato em casa Um gato pô, invadiu minha casa e está*
 679. *caminhando em minha direção socorrro, mais isso é ridículo passando trote pra polícia,*
 680. *identifiquei-se já quem está falando aí Aqui é o papagaio imbecil!* – O que você leu aqui? – *Ah, qui*
 681. *alguém tava passando troti na polícia, só qui eu não entendi essi ‘identifiquei-se já quem está falando*
 682. *aí é o papagaio imbecil’, entendi, era o papagaio qui tava ligano lá, porque o gato ia quiria pegá*
 683. *o papagaio, entendi!* – É isso mesmo, tem algum dia que você considera que foi o dia mais feliz da
 684. sua vida? – *O dia qui a minha filha nasceu* – Você pode me contar um pouquinho desse dia? – *Um*
 685. *dia qui tinha tudo pa dá errado, mais deu tudo certo* – Por causa daquelas coisas qui você já me
 686. falou né? – *Aham, aí foi perfeito, deu tudo certinho, tudo encaixou certinho e ela nasceu no H.U.* – E
 687. tem um dia triste? – *Até agora, dum tempo pra cá, o sentimento qui mais doeu foi a morti do*
 688. *professor, nossa mais dói ainda bastanti, num sei por que, acho qui é porque eu ainda num perdi*
 689. *nunca ninguém muito próximo da minha família sabi, nunca perdi vô, vô assim qui eu mi lembri,*
 690. *quando eu era piquena, mais já passou essi sentimento, mais igual mãe e pai sabi, i ele era uma*
 691. *pessoa qui tava muito próximo da genti, qui tinha ali, aquele, tudo mundo, qui era tudo pra genti*
 692. *sabi, faiz parti di qualquer um da iscola, aí, quando ele faleceu doeu dimais , nossa eu fiquei i*
 693. *monti di tempo sem conseguí dormí, tive qui i na igreja pedí oração porque tava ‘foda’* – Eu senti
 694. também – *Intão, eu tava, eu tava teno aula cum ele deisde qui ano... desdo do pri... do finalzinho do*
 695. *primero ano até hoje, faz quatro anos, qui eu repeti o tercero, qui tava junto cum ele, direto, direto*
 696. *ele brincava, ele chamava, ele chamava minha filha de norinha, falava qui minha filha, qui o filho*
 697. *dele ia passá o rodo na minha filha, daí sabi, foi muito ‘foda’* – É! E se você fosse falar alguma
 698. coisa para todos os jovens, o que diria? – *Qui corresseem atrás dos seus sonho, sempre.* Ok
699. INF7 - *tem qui sê completo?* – Não – *minha idade é dizoito e eu tô no primero ano* – Onde você
 700. nasceu? – *Ortiguera* – E por que você veio pra cá? – *Causo dos meus pai né, veio mudano como a*
 701. *genti era do sítio né, aí meu pai vivia mudano di sítio im sítio, fazenda im fazenda até hoje, até*
 702. *aposentá né aí, aí eu também casei e vim pra cá né* – Você ficou um tempo sem estudar, não é? –
 703. *Isso resolvi, depois di um tempo, daí deu uma chance eu voltei né, qui eu parei pra trabalhá né, aí*
 704. *hoje eu preciso do istudo pra trabalhá di novo né, intão, senão não tinha parado, mais aí resolvi*
 705. *voltá, deu certo di voltá né* – Você mora aqui no Paiquerê? – *Moro aqui no Paiquerê* – E sua família
 706. mora toda por aqui? – *Mora toda por aqui, assim meu pai, minha mãe mora em Guaravera e alguns*
 707. *irmão também mora em Guaravera, aí eu moro aqui, meu marido né qui é daqui, i tem minha irmã*
 708. *também qui mora aqui* – E você tem filhos? – *Tenho. Tem uma menina* – Você costuma ir para
 709. Londrina? – *Costumo* – Em que ocasiões? – *Tô, ah, na maioria das vezes quando sai o meu*
 710. *pagamento né, qui eu trabalho, aí eu vou pagá as conta, compra alguma coisa, na maioria das vezes*

711. *nas minhas folga* – E pra diversão? – *Ah, é raro heim, di vez im quando, assim, qui daí às vez*
712. *sobra um dinheiro aí eu levo a minha filha no cinema, no shopping, daí né* – Mas não é costume? –
713. *Não, vô mais pra casa dos meus pais, final di semana* – O que você mais gosta de fazer? – *No meu*
714. *dia a dia Ah eu gosto, quando eu tô em casa, eu gosto di fazê bolo, pudim, essas coisa é qui eu gosto*
715. *di fazê, mais final di semana, assim eu gosto di i pra casa di meus pais* – Você sempre estudou aqui
716. *nesse colégio?* – *Não, não já istudei em otros colégio, aqui mesmo eu só tô istudano quando eu*
717. *voltei a istudá né, aí mais eu já istudava im outros, já istudei im Londrina, istudei im Guaravera*
718. *também e otros lugares também daí deis di quando começô né* – Você sabe alguma coisa da história
719. *daqui do distrito?* – *Do distrito Ai não muito, poquinho coisa* – Aqui tinha uma festa do milho né? –
720. *Tinha, num vai tê mais* – E você chegou a participar? – *Já* – O que você achava? – *Ah, achava*
721. *gostoso, assim é um, como é qui fala, uma, uma festa qui, porque num tem, num aconteci nada aqui*
722. *assim di, pra si diverti né, aí uma festa assim é bom né pra genti í ca família, cos, ca minha fia de*
723. *vez im quando, mais agora num tem mais aí* – Você já passou por uma situação que você correu
724. *risco de vida?* – *Ai, eu acho qui sim, sim* – Você já ficou doente de ficar em hospital? – *Não, mais já*
725. *fiquei internada de um dia pro outro* – O que aconteceu? – *Quando uma, uma vez uma cobra mi*
726. *picô, aí eu achava qui era muito venenosa né, mais graças a Deus num era, daí deu aquele susto né*
727. *‘ah vô morrê’, porque, né, cobra né, aí o médico, daí o médico falô ‘não, seu exame não deu nada’*
728. *intão num era venenosa mais ou menos, intão eu acho qui é um risco né* – Ah com certeza, tem
729. *algum momento em que você se preocupa em falar mais caprichadamente?* – *Tem, momentos quando*
730. *eu tô com otras pessoas, um nível superior né, pessoas mais como patrões né, pessoas mais*
731. *istudada, e antes eu num falava muito bem certo não, mais, depois qui eu fui trabalhá im Londrina*
732. *eu aprendi muita coisa, aprendi a falá as coisas correta* – Você acha que o trabalho te ajudou? –
733. *Ajudô, falá um pouco melhor, melhor isso ajudou. Quando eu tive minha filha também, porque falava*
734. *errado, eu percebi qui ela tava começano a falá errado, eu falei ‘num podi’ começá a falá certo, eu*
735. *falava umas palavra tudo cortada né, daí ela começô a falá igualzinho, aí eu falei ‘não’, começá a*
736. *falá certo pra ela aprendê a não falá errado né, isso tamém, i no trabalho tamem aprendi muinta*
737. *coisa* – Você tem religião? – *Tem* – De qual religião você é? – *Católica* – E qual a importância da
738. *igreja na sua vida?* – *A fé, eu acho qui si a genti tem fé, a genti chega, chega em qualquer lugar qui a*
739. *genti quera, e eu acho qui toda a vez qui precisei, a fé qui me ajudô, intão assim fé, mais Deus né* –
740. *Você já mudou alguma coisa na sua vida por causa da religião?* – *Não, não* – Nem a maneira de
741. *falar?* – *Ah não, acho qui não, num falo palavrão, nunca gostei, até intão, como assim deis da minha*
742. *adolescência, assim, pa mim num falá palavrão falava ‘cacilda’, falava ‘coitada das pessoa qui*
743. *chama cacilda né’, nunca gostei, é tem hora qui a genti né dá um, mais não, assim, aqueles palavrão*
744. *feio, xingamento, é não, já nem porque isso acho qui atrai né as coisa pra genti ruim* – Qual a
745. *importância da escola na sua vida?* – *Ah a importância é assim, di eu terminá, vê si eu consigo*
746. *terminá pra mim depois tá fazendo um curso, alguma coisa qui eu mi identifico né, intão é muito*
747. *importanti também por causa da minha fia né, eu tenho qui dá o exemplo, né, num quero qui ela*
748. *fique atrasada igual eu tô, perdi dois ano, intão sempre eu falo pra ela ‘eu to ino na iscola, você*
749. *também tem que í ou você vai’* – E qual a importância do trabalho? – *O trabalho, a iscola... você fala*
750. *no trabalho?* – *Não, não o seu trabalho como funcionária?* – *Ah, tem uma importância porque mi*
751. *ajuda, mi ajuda né, uma renda qui eu tenho, uma renda qui ajuda meu marido, meu marido mi*
752. *ajuda, intão eu acho qui a genti precisa trabaia né, é sê independenti né, intão* – Qual é a pessoa
753. *com a qual você mais conversa?* – *Qui eu mais converso Eu acho qui meu marido, cum ele* – E para
754. *quem você contaria seus segredos?* – *Ah, pra minha amiga* – Como que é nome da sua amiga? – *é*
755. *Cris* – Ela mora perto? – *Não, ela mora im Londrina* – Então você tem contato frequente com
756. *pessoas da cidade?* – *Tenho, todas, assim, vez quando eu recebo né, pra falá qui eu tenho qui í pra*
757. *Londrina, já ligo pra ela ‘vamo almoçá’, ‘ah, vamo’ na hora, vamo da um rolé* – O que ela faz? –
758. *Ela trabaia, trabaia no hospital tamém, ela é assim como qui eu, falo faxinera assim, essas coisa, eu*
759. *também trabaia lá, intão ficamo bem amiga* – Tem alguma pessoa da sua relação que você
760. *considera que é mais inteligente?* – *Ai, eu acho a professora Giseli, nossa ela abri a cabeça, ela abri*
761. *assim a cabeça, nossa como qui cabi tudo aquilo dentro daquela cabeça Qui a minha cabeça não é*
762. *igual a dela (risos)* – E qual é a pessoa mais importante na sua vida? – *A minha fia* – De sábado até
763. *hoje, quais foram as pessoas com as quais você mais conversou?* – *Meu marido, minha irmã, minha*
764. *fia, no serviço, coas minhas colega* – Você faz o quê? – *Eu trabaio no mercado* – Aqui – *Isso, aqui*
765. *mesmo* – Então tem mais colegas que trabalham juntos? – *Isso, juntas* – E você tem um patrão Você
766. *sabe a se ele tem estudo, faculdade?* – *Ah eu acho qui sim né, os filho dele tudo istuda no Maxi, bom*
767. *né, ele i minha patroa né, qui são os dono, vai, acho, creio qui eles tenha né* – Se você ganhasse um
768. *prêmio hoje, com quem dividiria?* – *Ai, qui maravilha qui fossi! Co meu marido, minha fia, a mãe e o*
769. *pai i i ah coa Cris, claro!* – Eu vou falar algumas entidades aí você me diz se são muito importantes,
770. *só importantes ou não têm importância, tá?* – *Aham* – Família? – *Muito importanti* – Igreja? – *Muito*

771. *importanti* – Trabalho? – *Importanti* – Escola? – *Importanti*, muito *importanti* – Amigos? –
772. *Importanti* – A televisão? – Ai, a televisão *ah importanti por causo dos jornais só, eu nu tenho*
773. *muito tempo di ficá assistino não, intão* – Leitura, qual é a sua relação com a leitura? – *Poca heim, é*
774. *muito poca, quiria tê mais tempo, mais o tempo num, num ajuda* – Quando lê, lê o quê? – *Eu gosto di*
775. *lê, ai história di romance, i história assim, tipo autoajuda, qui conta uma históra assim, qui nem qui*
776. *eu li um livro, Quem comeu meu queijo, li também um qui eu ganhei, Memórias di um burro, ganhei*
777. *um livro aí depois a partir dessi livro qui eu ganhei, isso lá im Londrina, aí eu passei a gostá mais di*
778. *lê, ai, mais a genti ainda lê pouco né?* – Sim. Se você viajasse hoje, pra onde iria e quem você
779. *levaria?* – *Aí eu acho qui eu iria pra uma praia, levaria meu marido, minha fia só* – Você pretende
780. *fazer faculdade?* – *Ah, sinceramenti, não, mais eu incentivo muito minha fia a querê fazê, eu falo pra*
781. *ela ‘você vai fazê’ qui ela, piquinininha já fala qui qué sê veterinária ‘você vai fazê, qui eu vou ti*
782. *ajudá lá com seus bichinho.’ Ai eu faço curso ai, mais pretendê eu num pretendo não, pelo menos*
783. *terminá o tercero e fazê um curso* – O seu marido faz o que? – *Ele é agricultor, mexe cum, cum roça*
784. *aí co vô dele, intão eles trabaia junto* – E seus pais? – *Meus pais, agora eles tão aposentado, o meu*
785. *pai tá aposentado, mais ele, tipo assim, ele era lavrador né, na cartera tá lavrador, mais ele ainda*
786. *faiz uns bico né, é aposentado mais não, ele mesmo não para* – O seu marido, qual é a formação
787. *escolar dele?* – *Até o primero, eu já falei pra ele voltá, ai ela fala qui não* – E seus pais, têm estudo?
788. – *Meu pai não, meu pai iscreve um poquinho, mais é raro quem intendi, eu intendo né, quando eu*
789. *fazia lista, ia pegá a lista dele di compra n, é ele fazia, daí né eu ia passá a limpo né, daí eu ‘qui qui*
790. *é isso pai’, aí ‘é tal coisa’, mais ele sabi, ele fala qui só entrô na iscola pra si iscondê di chuva e*
791. *assiná boletim, mais sabi um pouco, agora, minha mãe não, minha mãe num sabe* – Então, na infância
792. *ninguém lia ou contava histórias pra você?* – *Não, não, nunca. Eles sempre trabaio muito, né, e num*
793. *lê* – Como é seu relacionamento com os professores? – *Ah é assim, eu converso, falo oi, oi, tchau, na*
794. *na sala também o relacionamento é muito bom porque, tipo eu sê casada, intão num tem qui eu ficá*
795. *fazendo bagunça igual os otro, aquele conversero, igual os otro adolescenti tem né, intão eu só mais*
796. *reservada* – Você acha que alguém te influência de alguma maneira? – *Ah não, acho qui não* – Você
797. *acha que você sabe falar português?* – *Eu acho qui não* – Por quê? – *Porque eu falo a maioria das*
798. *palavras erradas, né, tudo pela metade, a não ser quando eu tô perto di alguém assim qui tem, aí eu*
799. *tento falá mais certo, mai memo assim* – Como assim, fala pela metade, você pode me dar um
800. *exemplo?* – *Eu posso (risos), é igual pensá né, você fala ‘ah eu pensei’ eu falava muito ‘eu pensi’,*
801. *comia palavra né, eu pensi, aí até qui minha fia começô a falá errado daí eu falei’ tenho qui começá*
802. *a falá certo’, liquidificador eu encurtava, falava licador, intão é bem errado né, daí depois eu*
803. *comecei a falá certo, ai a genti começô a tê mais contato com mais pessoas, porque eu vivi a minha*
804. *vida intera no sítio intão, depois eu fui me, pera aí, fui vendo qui, falá mais correto né* – Você acha
805. *que a língua que você fala é diferente daquela que é ensinada na escola?* – *É, é sim* – Por quê? –
806. *Porque ah eu, aí num sei dizê mais, eu não sei dizê porque, é assim, acho qui a professora, ela*
807. *insina correto né, o qui qui a genti tem qui falá i se a genti qué aprendê, a genti aprendi, mais tem*
808. *palavra qui a genti deixa pulá né, aí eu me interessei mais pra lê mesmo, lê daí insina a genti*
809. *também falá correto né, conforme você vai leno, cê vai guardando as palavra, cê vai sabeno o*
810. *significado de algumas palavra, porque tem palavras qui a professora fala, agora sim, antis eu*
811. *ouvía e nem sabia o significado daquilo, ficava boiano né, agora não, agora tipo assim, já pega na*
812. *leitura, a genti já sabi, tá leno aquele livro, tem umas palavras qui não é, cê já sabi o qui qui*
813. *significa as palavra intão é por isso qui acho* – O que seria o falar certo para você? – *Ai, eu acho*
814. *falá correto, assim as palavra, num comê palavra, igual eu falei aquela hora né, falá bonito* – Eu
815. *vou ler duas expressões e você me fala qual você acha mais bonita?* – *tá* – Nós trabalhamos hoje com
816. *bolsões de couro ou nós trabaia hoje com borsão de couro?* – *A primera é mais bonita* – Nas suas
817. *relações, as pessoas que estão perto de você falam mais como a primeira ou a segunda forma?* – *Ai,*
818. *eu acho como a segunda* – O que você pensa das pessoas que falam como a segunda forma? – *Ai, eu*
819. *acho qui é as pessoas mais assim qui deixaram di istudá, qui num tão istudano, qui num teve o*
820. *privilégio di istuda também, num teve tempo né e alguns falam porque qué mesmo, qui sabi, alguns*
821. *sabi qui tá errado, mais continua falano errado né, ou as vez por vergonha di di querêr falá o certo*
822. *aí fala errado ‘eu não vou falá certo qui alguém vai tirá sarro de mim’* – Você fala gíria? – *Ah às*
823. *vezes, às vezes, mais é alguma coisinha ou otra, mais eu acho qui não* – Eu vou pedir para você ler
824. *para mim em voz alta esse pequeno trecho aqui, por favor?* – *Hum, vai travá tudo... Tenho pois aqui*
825. *a história de duas mulheres amigas e unidas como carne e unha, razões de simpatia e de*
826. *convivência longo trouxeram essa amizade, qui fazia a felicidade das famílias e a admiração de toda*
827. *a genti, uma chamava-se Júlia e outra Teresa esta tinha cabelos louros e era clara, aquela tinha-os*
828. *castanhos e era morena, eram estas as diferenças no mais igualmenti belas e igualmenti vestidas* –
829. *Você pode agora contar para mim o que você leu?* – *Ai, acho qui tá contano a história de mulheres*
830. *qui eram admiradas e bonitas* – Agora vou pedir para você ler esse aqui, mesmo procedimento, ok?

831.– *O policial do cento e noventa atendeu o telefone e foi anotando o pedido de socorro, por favor*
 832. *socorro mandem alguém urgente entrou um bicho terrível aqui em casa, o policial estranha o pedido*
 833. *e pergunta, bicho perigoso, um animal selvagem, um cão pitbull Não um gato, mais como assim um*
 834. *gato em casa Um gato pô, ele invadiu minha casa e está caminhando em minha direção,*
 835. *socooooooooorro, mais isso é ridículo passando troti pra polícia, identifique-se já, quem está falando*
 836. *ai E o papagaio imbecil!* – Você pode agora recontar o que você leu? – *Ah, ai, ai, alguém ligano po*
 837. *policial lá po cento e noventa pedindu socorro né, mais no fim era o papagaio passando troti* – Você
 838. *pode falar o que você vê aqui nessa imagem?* – *Ah tô veno três pessoa, três homem brincano di bola*
 839. *na praia* – *E aqui?* – *As criança em sala di aula* - *E o que você vê aqui?* – *Ah, religião, religião*
 840. *acho qui é, lembra santo* – *Houve um dia que foi o mais feliz da sua vida?* – *Ah o dia qui eu fui mãe*
 841. – *Você pode me contar como foi?* – *Ah foi, foi ah inesquecível né, intão pra qui, acho quem é mãe*
 842. *né, você lá ganhano o seu fio, na hora do parto eu ainda avisei meu marido pra ele assisti o parto*
 843. *tamém, foi maravilhoso, eu falei pra ele assim ‘oh a hora qui entrá na sala di parto o nenê saí, você*
 844. *vai atrás, dexa eu lá, nem qui eu tivé morreno, dexa eu lá e vai atrás e fica com ele.’ E o medo di*
 845. *alguém pega né Aí saiu, foi pra lá na hora lá qui, a hora qui eu saí da sala, já tava todo tomadinho*
 846. *banho, ela já tava toda tomada banho co macacãozinho qui eu tinha levado, no colo dele, ai a*
 847. *enfermera só pegô do colo dele pra pô em cima di mim intão* – *Você fez parto normal?* – *Normal, aí*
 848. *depois, dá o mamá também é uma coisa bem mágico é eu acho qui isso* - *E tem um dia que você*
 849. *considere mais triste?* – *Ah ainda não, assim a genti teve né, dias a genti tem né, mais um qui doa*
 850. *muito assim acho qui não, qui nem essas, faz umas duas semana qui a genti perdeu um professor*
 851. *muito quirido, doeu pra caramba porque a genti gostava dele pra caramba, mais eu acho qui um*
 852. *bem sofrido acho qui ainda há di tê com certeza, vai tê um dia né* – *Se você tivesse que falar alguma*
 853. *coisa pros jovens todos, o que falaria?* - *Oia, pras menina que cuidi pra não engravidá cedo, né É*
 854. *mágico como qui qui eu falei já, mais as coisa se descontrola um pouco né, intão, pra si cuidá*
 855. *mesmo.*

856. *INF8 - dezesseis anos, tô no segundo* – *Onde você nasceu?* – *Nasci im Londrina* – *Você mora em*
 857. *Paiquerê?* - *Moro no sítio, no Guairacá* – *E você sempre morou por ali?* – *É, sempre por aqui* – *E*
 858. *você trabalha?* – *Não* – *Sua família toda mora lá?* – *Não todo mundo, não né, daí os otros moram im*
 859. *Londrina, tios, avós* – *Você mora com seus pais?* – *Moro co meu padrasto, cá minha mãe co meu*
 860. *irmão* – *Você só tem um irmão?* – *A otra, tem mais uma uma irmã qui é casada* – *E você tem*
 861. *sobrinhos?* – *Não, ainda não* – *E em que ocasião você costuma ir para Londrina?* – *Ai, eu num vô*
 862. *muito não, não vô cum frequência não, eu vô, mais quando precisa comprá alguma coisa, mais não*
 863. *vô cum frequência não* – *O que você mais gosta de fazer?* – *Ai, eu gosto di iscutá música, ai eu gosto*
 864. *di música evangélica, gosto di pop, essas música aí* – *Você sempre estudou aqui nesse colégio?* –
 865. *Comecei istuda aqui no sexto ano* – *Antes você fazia lá?* – *Antis eu fiz im Londrina* – *Em que colégio*
 866. *você estudava?* – *Eu istudei no Albino* – *E por que você veio estudar aqui?* – *Ai, lá num tava muito*
 867. *bom assim di, di vida, meu padrasto num tava conseguindo arrumá imprego, daí ele, como ele*
 868. *conseguiu daí pra cá, daí a genti veio pra cá* – *E você estranhou muito essa mudança?* – *Se quiria*
 869. *muito* – *Se você estranhou?* – *Istranhei um poco, no começo istranhei, mais depois acostumei. Hoje*
 870. *acostumei* – *Você sabe alguma coisa sobre a história aqui de Paiquerê?* – *Aqui não* – *Aqui tinha a*
 871. *feira do milho né, você costumava vir?* – *Eu vinha* – *E o que você achava da festa?* – *Ah é bem legal*
 872. *né, tinha bastanti coisa diferente, eu gostava* – *Você alguma vez correu risco de vida?* – *Não* –
 873. *Nunca ficou doente?* – *Não* – *Qual foi o dia mais feliz da sua vida até hoje?* – *Nossa o dia mais feliz*
 874. *da minha vida Ah, eu acho qui eu num tive ainda* – *E um dia muito triste?* – *Um dia muito tristi... ai*
 875. *foi quando a minha vó faleceu* – *Você pode me falar um pouco a respeito?* – *Não* – *Com que pessoa*
 876. *você mais conversa?* – *Ai, converso coa Elen* – *E da sua família?* – *Converso mais ca minha mãe,*
 877. *mais a Elen eu conto mais as coisa assim* – *Então, se você fosse contar um segredo hoje, pra quem*
 878. *contaria?* – *Eu contaria pra Elen* – *Há alguma pessoa em que você se espelhe?* – *Num tenho* – *Se*
 879. *você ganhasse um prêmio hoje, com quem dividiria?* – *Ca minha mãe* – *Tem algum momento que*
 880. *você se preocupa em falar de forma mais caprichada?* – *Tem* – *Que momentos seriam?* – *Ai, foi uma*
 881. *vez qui eu fui fazê intrevista né, aí tem qui falá mais certinho né, mais formal, aí a genti tem qui si*
 882. *preocupá né, a genti não é muito acostumado, daí sei preocupa falá certo* – *E agora tá se*
 883. *preocupando com isso?* – *Um poco* – *Tem alguma pessoa quando você vai conversar você se*
 884. *preocupa em falar mais certo?* – *Não* – *Você acha que alguém te influencia de alguma maneira?* – *Mi*
 885. *influência Não, acho qui não* - *Você sabe falar português?* – *Português Eu acho qui sim* – *Por que*
 886. *você acha que sim?* – *Ai, sei lá, eu acho qui sim né* – *Você acha que a língua que você fala é*
 887. *diferente da língua que você aprende na escola?* – *É, ah a genti fala num jeito e quando tá na aula di*
 888. *português tem qui falá tudo certo né, qui a professora vai ensiná a genti a falá tudo certo, qui fica*

889. *mais bonito até né di falá eu acho qui aí é* - O que é falar certo para você? – *Falá certo ai, falá tudo*
890. *certinho, tudo é bem assim bem detalhadinho, tudo bem certinho* – Vou ler duas expressões para
891. você e você me fala qual você acha mais bonita ‘Nós trabalhamos hoje com bolsões de couro’ ou
892. ‘Nóis trabaia hoje com borsão de couro?’ – *A primera* – Por quê? – *Ai, fala mais certo né, trabaia,*
893. *nóis, ai não!* – O que você pensa de pessoas que falam como na primeira expressão? – *Nós*
894. *trabalhamos ai, é uma pessoa, fala certo né, não é aquela pessoa, ai, qui num fala muito bem, ela*
895. *fala certo, nós trabalhamos, agora nós trabaia, não, num é certo* – E quem fala ‘nóis trabaia’, o que
896. você pensa dessas pessoas? – *Ai, tem genti qui aprende já falano dessi jeito né, em alguns lugares,*
897. *mais agora as otras qui não, qui sabem falá certo i falá assim, num sei, deveria falá do jeito qui*
898. *sabi né* – Hoje as pessoas com as quais você convive falam mais como a primeira forma ou a
899. segunda forma? – *Como da primera* – Você fala gíria? – *Falo* – Há alguma ocasião em que você se
900. preocupa em não falar gíria? – *Ah, quando tá conversano, assim, com professor eu tomo meio*
901. *cuidado, assim, pa falá né* – Qual é a importância da igreja na sua vida? – *Da igreja ah é muito*
902. *importanti né, í pra igreja* – De que religião você é? – *Eu sô evangélica* – Você já deixou de fazer
903. alguma coisa por causa da igreja? – *Si eu já deixei di fazê alguma coisa Já, às vezes deixei di i numa*
904. *festa pra í pra igreja, i num mi arrependo* – E você já mudou alguma coisa na sua vida por causa da
905. igreja? – *Se eu já mudei ainda não* – A sua formação evangélica é desde criança? – *Eu era desdi*
906. *criança, aí depois é, parei di í pa igreja, agora eu voltei di novo, agora eu participo* – Qual é a
907. importância da escola na sua vida? – *Da iscola Ah, ah também é importanti* – Por quê? – *Ah vai*
908. *ajudá muito a genti no futuro né, a genti aprendi as coisas ah é muito importanti* – Você já deixou
909. de fazer alguma coisa por causa da escola? – *Já, às vezes dexei di, também de í num lugar pra num*
910. *faltá na iscola porque tinha prova ou tinha trabalho* – E qual a importância da televisão? – *Ah, não é*
911. *muito importanti não né, a genti liga a televisão quando qui a genti num tá fazeno nada, a genti tá*
912. *desocupado, a genti vai liga né, não é importanti não* – Há alguma pessoa das suas relações que
913. você considera mais inteligenti? – *Mais inteligenti, ai meu Deus mais inteligenti... acho qui num tem*
914. *não, ah, minha mãe, ah ela é muito inteligenti* – Você tem alguma relação com seu pai? – *Não* – E
915. seu padastro? – *Eu num converso cum ele muito não, mais ou menos, a genti convive e tal, normal,*
916. *oi assim, conversa di vez em quando* – Qual é a pessoa mais importante para você hoje? – *Mais*
917. *importanti hoje A minha mãe, cum certeza* – Ela é sua base? – *Pelo caráter, é uma base, assim, pelo*
918. *caráter* – De sábado até hoje, quais as pessoas com quem você mais conversou? – *Mais conversei Ai,*
919. *eu conversei vamo vê... cá Helen, co João Paulo, co Nicolas e coa minha mãe também eu converso*
920. *todo dia, eu i ela é como fossi amiga assim* – Eu vou falar algumas entidades que quero que você fale
921. se é importante, muito importante ou não tem importância tá? – tá – Família? – *Muito importanti* –
922. Igreja? – *Muito importanti* – Trabalho? – *Importanti* – Escola? – *Importanti também* – Amigos? –
923. *importanti* – Televisão? – *Não, não é importanti não* – Leitura? – *Leitura A leitura é importanti* –
924. Você costuma ler? – *Di vez im quando eu leio, bom, agora eu tô leno Dom Casmurro* – E se você
925. fosse viajar hoje, para onde você iria e quem levaria? – *Pra ondi eu iria Ah, eu acho qui iria pros*
926. *Estados Unidos, vamo vê quem qui eu levaria... levaria minha mãe, levaria a Helen também, i i, ah,*
927. *só, só elas* – Você pretende fazer faculdade? – *Sim* – Qual curso? – *Já pensei im Direito, já pensei im*
928. *ser professora também, mais ainda não mi decidi* – Qual é a profissão da sua mãe? – *Da minha mãe*
929. *Não, ela num trabalha... ela é, bom, ela mexe com comércio também né intão, ah é como si fosse*
930. *uma lanchoneti no distrito* - E você costuma trabalhar com ela? – *Não, eu tenho vergonha di atendê*
931. *as pessoa* – Qual é a sua vergonha? – *Ai, eu tenho vergonha di uma pessoa chegá, perguntá pra*
932. *mim, eu também nem sei também o preço das coisa né, daí eu vô ficá “ah, qui preço qui é”, intão, si*
933. *eu num sei, nem vô* – Como é o seu relacionamento com os professores? – *Cos professores Ah eu*
934. *acho qui é bom* – E você conversa com algum professor fora da sala de aula? – *Ah, eu gosto di*
935. *conversá cum Altair* – Até que ano sua mãe estudou? – *Minha mãe Estudô até a quarta série* – Ela
936. gosta de ler? – *Ah, ela é bem inteligenti por tê parado até a quarta, ela é bem inteligenti, tem coisa*
937. *qui eu num sei qui ela sabi, parece qui antigamenti o ensino era melhor, eles sabi mais, muito mais*
938. *coisa qui a genti* – Quando você era pequena, ela lia ou contava história para você? – *Eu lembro, lia,*
939. *lia* – Você lê em voz alta esse trecho aqui, por favor? – *Tenho, pois aqui a história de duas mulheres*
940. *amigas e unidas como carne e unha, razões de simpatia e de convivência longa trouxeram esta*
941. *amizade, qui fazia a felicidade das famílias e admiração de toda genti, uma chamava-se Júlia e a*
942. *outra Tereza esta tinha cabelos louros e era clara, aquela tinha-os castanhos e era morena, eram*
943. *essas as diferenças, no mais igualmente belas e igualmente vestidas* – Pode fazer um resumo? – *Eu li*
944. *o textinho di duas amigas qui era como carne i unha, uma era loira e clara a outra era morena, é* –
945. Eu quero que você me diga o que vem a sua cabeça quando vê essa imagem? – *Ah, eu vejo um aluno*
946. *como si ele tivesse é... dano uma aula, como si ele tivesse dano aula, explicano alguma coisa qui ele*
947. *feiz i a professora pediu para ele í lá na frenti né fazê o qui ele tinha feito no caderno* – E essa aqui?
948. – *Essa Ai essa mi lembra, vamo vê, pessoas se divertindo na praia, jogando bola* – E agora essa

949. aqui? – Igreja, aí, vejo imagi, santos eu acho né – Você pode ler mais este texto para mim? – Em voz
 950. alta tamém? – também, por favor – O policial do um nove zero atendeu o telefone e foi anotando o
 951. pedido de socorro, por favor socorro mandem alguém urgenti entrou um bicho terrível aqui em
 952. casa, o policial estranha o pedido e pergunta bicho perigoso, um animal selvagem, um cão pitbull –
 953. não um gato, mais como assim um gato em casa – um gato pô, ele invadiu minha casa e está
 954. caminhando em minha direção socorrooooo, mais isso é ridículo, passando trote pra polícia,
 955. identifiquei-se já quem está falando aí – é o papagaio imbecil! – Você pode recontar ela pra mim? –
 956. é, ligaro né pu um zero nove da policia e falô qui tinha, qui é um bicho pirigoso dentro da casa qui
 957. ia pegá ele i daí a polícia pergunta qui bicho perigoso qui é, daí ele fala qui é um gato, daí o
 958. policial fala qui você tá passando troti né i pra si identificá, dai aí fala qui é um papagaio – Se você
 959. pudesse dar um recado para todos os jovens hoje, o que diria? – O qui eu diria Recado Hum, num
 960. sei... – Muito obrigada.

961. INF9 – é como é qui é idadi Idadi dezoito anos e curso segundo ano – Onde você nasceu? – Eu nasci
 962. em Manoel Ribas – E por que você veio para cá? – Intão, é qui daí meu pai achô uma condição
 963. melhor di trabalho, daí a genti veio pra cá – E você mora no distrito? – Eu moro no sítio – E a sua
 964. família mora toda por ali? – Não, eu tenho aqui minha vô e um tio meu qui mora aqui, i daí os otros
 965. também mora im Pitanga, Manoel Ribas, todos meus tios, é separado – E você trabalha? – Não, eu
 966. saí do meu emprego agora, e tô vendo uma intrevista agora qui eu fiz e tô isperando o resultado – E
 967. você trabalhava em quê? – Eu trabalhava numa loja de ropa, confecção, assim, eu trabalhava lá,
 968. aqui, aqui mesmo, é uma lojinha piquena, só qui trabalhei ali um bom tempo, uns quatro meses lá
 969. sabe, daí, tipo, eu saí por que ela colocô uma irmã dela e daí, tipo, né, a irmã dela precisava
 970. trabalhá aí eu peguei aí eu saí – E você fez essa entrevista por conta própria ou você fez curso na
 971. Epesmel? – Não, eu fiz por conta própria, eu tenho otros cursos tipo di informática i secretariado,
 972. daí eu daí eu, tipo, eu sube i fui - Você costuma ir para Londrina? – Muito poco, eu mesmo num
 973. gosto muito, eu sou mais assim di ficá isolada assim eu num gosto muito sabi, eu vô quando tem
 974. necessidade ou pra trabalhá – O que você mais gosta de fazer? – Sai cum os amigos assim, passeá,
 975. assim, no fim di semana, daí semana é só semana assim, coisa qui só pra istudá mesmo – Você veio
 976. para cá com que idade? – Não, eu vim aqui eu tava no primero ano, agora já faz dois anos qui eu tô
 977. morando aqui, eu morava em Grandes Rios antes di morá aqui, intão eu fiz mais lá, eu fiquei oito
 978. anos morando lá, aqui faz dois anos – E como foi essa mudança para você? – Pra mim foi bom sabi,
 979. eu lá tenho vários amigos e tudo assim, mais pra mim foi bom, conheci pessoas novas, otros lugares
 980. assim diferenti, é, a genti fica meio balançado né, porque lá a genti tem uma rotina i tudo, mais pra
 981. mim num assim, di afetá mal, não - E não ficou triste? – É, a genti fica tristi pelos amigos, mais é... é
 982. normal a hora qui a genti tem qui segui a vida também qui é essa né, mais a amizadi continua –
 983. Você sabe alguma coisa da história aqui do distrito, ou da região? – Não, é sinceramenti não, tipo
 984. cheguei agora intão tipo eu num sei assim, sei o qui mi contam assim por cima sabi, mais eu
 985. sinceramenti eu num sei di muita coisa – Você sabe que tinha uma festa do milho aqui? – Sei –
 986. chegou a participar? – Eu cheguei, eu vinha di lá, eu participei várias festa aqui, porque eu tinha
 987. parenti aqui intão eu sempri pegava e vinha, daí aqui morando aqui eu vim numa festa, daí como
 988. essi ano num tevi, intão – E você sabe por que não tem mais a festa? – Eu num sei, eles falaro qui
 989. dero um probreminha na organização aí eles num fizeram, mais aí tipo a genti num sabe né – Que
 990. pena né? – É... é a coisa da história é qui acabô né – Você já teve em uma situação que correu
 991. perigo de vida? – Internada fica, mais não di corrê risco di vida, assim, nunca passei por cirurgia
 992. assim, não, já fiquei internada, assim, por doenças, assim, bobinhas, assim, gripe, alguma coisa
 993. assim, não di corrê risco, graças a Deus, não – Qual é a importância da igreja na sua vida? – Tudo –
 994. Você pode me falar um pouquinho? – Deisdi piquena, assim, meus pais mi levava, a família do meu
 995. pai também é assim, da minha mãe também era assim, intão, desdi piquena di colo ainda sempre ia,
 996. e agora tipo assim tem dia qui eu não posso í mais eu todo domingo qui posso eu vô, i é uma coisa
 997. qui eu passaria pos meus filhos tamém, entendeu i é uma coisa qui eu aprendi desdi criança, desdi
 998. berço, a minha mãe falano, a minha mãe era professora di catequista, intão tipo minha mãe sempre
 999. tevi involvimento cum isso intão é eu sempre tive envolvida com isso, sempre aprendi qui Deus era
 1000. tudo, intão pra mim é desdi di piquena, num tem como – E qual é a importância da escola
 1001. É, pra mim assim otra coisa qui tamém desdi criança meus pais sempre me obrigaram, meu
 1002. pai, começa por obrigação, depois como a genti vai crescendo, a genti vai entendendo,
 1003. quando a genti vai pegá um serviço, agora mesmo qui eu fui, já era necessário eu tê o
 1004. segundo grau completo, intão tipo o serviço, meu pai mesmo tava falando, o serviço qui ele
 1005. qui num tem istudo ganha um salário, o salário do meu pai e da minha mãe juntano vai dá o
 1006. meu, qui eu tenho um pouco mais di istudo do qui ele, intão, tipo assim, você vê qui qui você

1007. *vai precisá daquilo. Eu nem terminei o, como diz o outro, eu num sei di nada ainda, mais eu*
 1008. *já vejo como é importanti no imprego, eu agora qui eu tô entrando assim no mercado di*
 1009. *trabalho eu vejo como é importanti, como o istudo faz differenti, eu quero cursá faculdadi*
 1010. *tudo, intão né aquilo qui a genti olha lá na frenti acha muito longi mais é, tem coisa qui é*
 1011. *muito né você sabi – E qual é a importância da família para sua vida? – Pra mim minha*
 1012. *família é tudo, sempri qui, qui eu tô longe dum deles eu fico meia assim, meu pai i minha*
 1013. *mãe mesmo, aconteceu qualquer coisa cum eles qui eu quiria qui acontecesse comigo e ca*
 1014. *minha mãe e meu pai (inaudível) minha irmã, meu irmão, i tem meus amigos qui considero*
 1015. *como parti di minha família assim, é ota coisa qui é tudo pra mim tamém eu acho qui si*
 1016. *acontecesse ,assim, qualquer coisa eu ia sofrê – E qual é a importância do trabalho na sua*
 1017. *vida? – O trabalho Também eu acho qui é uma coisa pra você dá um passo na sua vida, é*
 1018. *um passo di liberdadi, si você também precisa daquilo ali pra você crescê, pra você mostrá*
 1019. *pra sociedade qui você é alguém – Você assiste à televisão? – Assisto – O que você costuma*
 1020. *assistir? – Eu gosto mais di novela i daí di jornal assim, dependi o jornal também, qui nem*
 1021. *tem um jornal qui eu não, qui eu num gosto, não aquele jornal qui é muito pesado assim,*
 1022. *muito puxado assim di coisa qui eu vejo qui é muita tragédia dimais, dimais, daí eu num*
 1023. *gosto, gosto daquelas qui dá a notícia mais assim dá, sabi, eu num gosto assim, eu sei qui*
 1024. *isso aconteci, mais tipo assim eu prefiro evitá, é tipo o jornal qui esforça muito sabi, qui*
 1025. *mostra muito assim eu num... – Como você classificaria a importância da televisão na sua*
 1026. *vida? – Eu acho importanti pra você vê o qui tá acontecendo no mundo, di uma forma geral*
 1027. *assim, i também o jeito di si, você si distraí um pouco, porque também você vivê naquela*
 1028. *pressão di todo o dia, você num consegui – Qual é a pessoa com a qual mais conversa? –*
 1029. *Conversa do jeito assim – De tudo, sobre tudo? – Acho qui é minha mãe, minha vó eu acho*
 1030. *qui é as pessoas qui mais converso assim, meu pai fica meio assim porque, por eu sê*
 1031. *mulher, converso mais ca minha mãe assim as coisa, cas amigas assim meio por cima, mais*
 1032. *ca minha mãe e minha vó, assim, peço conselho, assim, essas coisa – Se você fosse contar*
 1033. *um segredo hoje, para quem contaria? – Pra minha mãe – Tem alguma pessoa que seja um*
 1034. *modelo para você? - Minha mãe, minha mãe eu acho qui é uma mulher i tanto, admiro*
 1035. *muito, é ela já passô por muita coisa, muita coisa ruim e conseguiu saí bem – Se ganhasse*
 1036. *um prêmio, com quem dividiria? – Co a minha família, meu pai e minha mãe – Você tem*
 1037. *irmã né? – Sim – Mais nova ou mais velha? – Mais nova, tem doze anos – E vocês se*
 1038. *relacionam bem? – Sim, é, tem um, sempre tem ermão assim, aquelas coisinhas, mais é tipo*
 1039. *é, amo ela, tem disputa pelo pai e a mãe sabi – Há alguma pessoa com a qual você se*
 1040. *relaciona que julga muito inteligente? – Qui eu considero mais inteligenti di colegas ou de*
 1041. *genti Uma pessoa Assim, todo mundo assim tem um ponto di inteligência qui é mais forti, é,*
 1042. *sempre tem uma pessoa qui di um lado ela, ela si sai melhor, assim di uma pessoa*
 1043. *inteligenti em tudo, aí ficou difícil porque têm pessoas qui você olha assim, tem uma coisa*
 1044. *qui a pessoa faiz bem, a otra já faz otra coisa qui a outra pessoa num faiz, intão fica meio*
 1045. *difícil assim, mais eu vô colocá uma professora qui eu admiro, a Solange é uma professora*
 1046. *qui eu admiro é, intão, é uma professora qui eu assim diria qui eu acho ela muito inteligenti*
 1047. *assim, por, é uma coisa assim qui ela, qui ela faiz, já demonstrô pra mim qui ela sabi fazê*
 1048. *as coisas assim inteligenti intão é a professora Solange qui eu digo – Qual é a pessoa mais*
 1049. *importante na sua vida? – Ai eu diria duas, meu pai e minha mãe, são tipo pra mim as*
 1050. *pessoas mais importantis da minha vida, porque assim, meu pai mesmo, o dia qui eu fui vê o*
 1051. *serviço meu pai, ele sempre foi assim muito é, cum medo di mi acontecê qualqué coisa,*
 1052. *assim im geral sabi, pai super protetor, nesse serviço ele mi levô, ele foi comigo, assim tudo*
 1053. *o qui eu vô fazê ele tá comigo, minha mãe também, intão acho qui eles são as pessoas*
 1054. *assim, porque tudo qui eu quero fazê, faculdadi mesmo, ele falô assim qui eu não vô*
 1055. *trabalhá todo o tempo, ele vai pagá, ele qué ajudá, intão eu acho qui é essas coisa – De*
 1056. *sábado até hoje, quais foram as pessoas com as quais você mais conversou? – Eu converso*
 1057. *com bastanti genti, minha sala intera, minha sala intera somo todos amigos, intão é, você*
 1058. *conversa cum todos, professores, é diretores também, conversei com a Selma, conversei ca,*
 1059. *professor Guilherme, conversei com a professora Elaine, intão conversei cum monte de*
 1060. *genti assim, bem co meu pai, ca minha mãe, ca minha irmã, minha vó, co meu tio, cum todo*
 1061. *mundo, daí sábado mesmo eu saí, conversei co meus amigo, a genti foi assistí jogo qui tinha*
 1062. *ali intão a genti conversô com bastanti pessoa assim, intão tipo têm pessoas qui você nem*
 1063. *conhece, você passa fala bom dia né, intão fica meio difícil você citá nomes porque são*
 1064. *bastantis pessoas – Eu vou falar alguns nomes e você vai me falar se são muito importantes,*
 1065. *importantes ou se não tem importância nenhuma tá? – Família? – Muito importanti – Igreja?*
 1066. *– Muito importanti também – Trabalho? – Importanti – Escola? – Super importanti –*

1067. Amigos? – *Muito importanti* – Televisão? – *Importanti* – A Leitura? – *É importanti, mais eu*
1068. *assim tipo, leio o básico assim quando preciso, não tenho o hábito de lê um livro por*
1069. *semana como muitas pessoas assim, eu leio, mais não tanto, o mais recente o Dom*
1070. *Casmurro qui uma professora passou e a genti leu, mais é assim tipo eu num tenho assim*
1071. *tanto hábito, eu acho qui tenho qui melhorá isso assim eu num tenho tanto o hábito mais eu,*
1072. *eu leio assim quando eu me interesso por um livro eu leio – Se você fosse viajar hoje para*
1073. *onde você iria? – Pra casa dos meus avós, im Manoel Ribas – Quem você levaria com*
1074. *você? – Minha prima – O que fariam? – Ah sairíamos qui a genti tem amigos lá, a genti ia*
1075. *saí lá por perto também iríamos intão eu acho – Você diz que pretende fazer uma faculdade*
1076. *né Já escolheu o curso? – Sim, Biologia, sempre gostei desdi piquena intão é uma área qui*
1077. *eu admiro i gostaria di fazê – Você tem vontade de dar aula? – Não, eu quiria praticá, eu*
1078. *quiria i vê porque minha, eu gostaria di mexê cum bicho assim, seria a área qui eu mais*
1079. *gostaria di fazê, só qui eu quiria fazê Biologia pa fica completo, sabi – Se for para trabalhar*
1080. *como bióloga, você teria que sair do Paraná, teria coragem? – Sim, é uma coisa qui tipo pelo*
1081. *sonho né, é intão eu iria assim o meu pai minha mãe sempri deram força assim meu pai falô*
1082. *assim ‘o futuro é seu num é nosso, a genti tem qui ti motivá’ i, é o meu sonho intão tipo, num*
1083. *adianta eu i fazê uma faculdadi si eu num vô, num vô fazê, num vô gostá di fazê, por tudo*
1084. *aquilo qui você faiz qui você não tem amor por aquilo você num faiz bem feito, intão*
1085. *gostaria di fazê isso – Muito bom, o que seus pais fazem? – Meus pais faiz serviços gerais,*
1086. *eles mexi cum gado assim, cum coisa assim di terra também – Os dois trabalham no sítio? –*
1087. *É, os dois trabalham no sítio qui a genti mora i intão tipo, ah, eles sempre trabalharam*
1088. *nisso, minha mãe já trabalhô cum serviços gerais em iscola, mais é, agora ela tá*
1089. *trabalhando co meu pai, ajudando o meu pai eles trabalham nisso – O sítio é de vocês? –*
1090. *Não, são funcionário – E seus pais têm estudo? – Meu pai tem a quarta série i minha mãe*
1091. *tem até a oitava – Os dois sabem ler e escrever? – Sim – E, quando você era pequena, eles*
1092. *liam para você historinhas? – Sim, minha mãe, minha mãe lia, tipo assim, minha mãe é mais*
1093. *assim sabi, di lê assim essas coisa, assim, meu pai quando é necessário também assim – E*
1094. *os dois leem com frequência? – Sim, sim, os dois qui como meu pai, meu pai já fez vários*
1095. *cursos assim pra essi meio assim sabi intão tem qui tê a leitura porque tem uns livros qui*
1096. *ele precisa di lê assim – Ah, sim, ele se especializou no manejo? – É, sim – Então o sítio*
1097. *tem um dono. Você tem contato com ele? – Sim, ele mesmo ele almoça im casa, almoça i*
1098. *janta em casa, intão tem aquele convívio sabi porque daí ele vem, ele mora im Londrina né,*
1099. *ele vem i passa um bom tempo ali, ele é ingenero só qui daí ele passa mais tempo ali, intão*
1100. *tem qui tê essi convívio sabi – Seu relacionamento com professores pelo jeito é bom? –*
1101. *É, eu não tenho nenhum tipo assim atrito cum eles nenhum, assim sempre tem alguma*
1102. *coisinha qui fala assim, mais é não di si ofendê – Tem alguém ou alguma pessoa que te*
1103. *influência de alguma forma? – Assim, tem muitos atos assim qui a genti vê qui a genti quiria*
1104. *assim levá pra vida da genti assim, ah, eu vejo a vida dos meus avós, dos meus pais assim,*
1105. *eu acho qui tipo, eles por serem, tê mais idadi, eles sabem mais da vida, intão são coisas*
1106. *qui eles me falam qui com certeza eu vô leva pra minha vida intera e vô passando assim*
1107. *intão eu acho qui isso a minha família intera im geral assim e qui tem mais idadi do qui eu,*
1108. *eu acho qui tudo qui eles mi mostra, mi fala, coisas qui acontecero cum eles, eu levo*
1109. *pra minha vida, acho qui têm coisas qui eu num faria, têm coisas qui eu faria, intão eu acho*
1110. *qui isso qui influencia, acho qui a família toda é convivência da genti com quantas pessoas,*
1111. *acho qui é assim – Tem algum momento que você se preocupa em falar mais*
1112. *caprichadamente? – Eu sô muito faladera intão, sempre eu converso assim como tô*
1113. *conversando (incompreensível), é tem horas qui a genti meio, como diz o otro, desce do*
1114. *salto, daí a genti já fala mais assim, mais tem horas qui a genti vê qui tem qui tê um ponto,*
1115. *intão eu acho qui tem hora qui você tem qui... – Que hora seria essa? – É uma intrevista di*
1116. *emprego mesmo, você tem qui vê o qui você vai falá, qui ali eles querem uma pessoa ali qui*
1117. *eles olham qui são, qui é perfeito, intão você tem qui vê qui os otros candidatos também vão*
1118. *tentá isso, intão você tem qui mostrá qui você tem capacidade i você, eu acho qui nas*
1119. *palavras você mostra isso – E você sabe falar português? – Mais ou menos assim – Por quê?*
1120. *– Porque, como diz o otro, eu sô meio caipira assim sabe, intão, tipo, tem hora qui a genti*
1121. *fala palavras erradas assim, i só qui a genti vai procurando melhorá sabi, intão tem*
1122. *palavras qui a genti não vai sabê quando colocá, quando usá, intão tipo eu, i tudo qui a*
1123. *genti aprende nunca é cem por cento, a genti sempre sabi, mais sabi pela metadi, a genti*
1124. *nunca vai sabe tudo intão eu, eu falo português, mais não o português corretamenti assim*
1125. *– E o que seria falar correto para você? – Falá correto Ai, assim tipo têm pessoas qui fala*
1126. *certinho assim você vê, professor di português, como diz o otro, e tem pessoa qui já puxa*

1127. *mais assim, qui fala as palavras assim erradas, qui colocam as palavras erradas assim,*
 1128. *intão não é, tipo falá certo não é falá certo assim no estrito assim, mais falá certo, colocá*
 1129. *as palavras certas no lugar, tem pessoa qui fala a palavra qui tipo não era adequada pra*
 1130. *aquele momento intão – E você acha que a língua que você fala é diferente da língua que*
 1131. *aprende na escola? – Não, não tipo é eu acho qui não, eu acho – Eu vou ler duas frases,*
 1132. *você me diz qual é a mais bonita? – Tá – Nós trabalhamos hoje com bolsões de couro ou*
 1133. *nóis trabaia hoje com borsão de couro? – A primera – Por quê? – Não sei, soa mais normal*
 1134. *– As pessoas com as quais você convive falam mais como a primeira ou como a segunda*
 1135. *forma? – Na segunda forma – Por que você acha que elas falam dessa forma? – Ai, agora*
 1136. *num sei explicá assim, porque tipo é mais fácil falá errado, tipo você olha ali parece qui é*
 1137. *mais fácil – Você diz que é caipira né Você acha qui teria uma relação entre essa forma de*
 1138. *falar com essa origem caipira? – Sim, porque tipo assim a genti é, como é é porta, portão*
 1139. *(ênfatizando o erre retroflexo) né tudo assim, intão tipo pra mim eu já ouvi muito disso,*
 1140. *assim é origem simples fala assim sabi, intão, tipo minha vó fala assim bem puxado, intão*
 1141. *tipo já seria deu falá também e eu aprendi a falá assim porque eu sempre escutei, intão, do*
 1142. *jeito qui a genti escuta, a genti vai falá, intão tipo muitas coisas eu falo assim sabi, e daí a*
 1143. *minha professora mesma fala ‘assim tá errado’ ‘é assim’, intão você vai aprendendo qui*
 1144. *não falo desse jeito, mais só qui você aprendeu desdi criança a falá daquele jeito, intão fica*
 1145. *meio assim, intão tem muitas horas qui a genti pega e fala, escrevi assim, eu muito, assim*
 1146. *trabalhos meus assim vem com muito erro di português porque tipo, eu iscrevo do jeito qui*
 1147. *eu aprendi a falá, intão tipo a genti fica assim – Você fala gíria? – Um pouco, assim cos*
 1148. *colegas assim, com professores, intrevistas di imprego não, mais a genti tem vez qui sem*
 1149. *querê a genti fala, a genti fala e também é mais fácil fala assim sabi – Ler e resumir? –*
 1150. *Tenho pois aqui a história de duas mulheres amigas e unidas como carne e unha, razões de*
 1151. *simpatia e de convivência longa trouxeram essa amizade qui fazia a felicidade das famílias*
 1152. *e admiração de todos de toda a genti, uma chamava-se Júlia e a outra Tereza essa tinha*
 1153. *cabelos louros e era clara aquela tinha-os castanhos e era morena - duas amigas i*
 1154. *caracterizando as duas – Ler e resumir? – O policial do cento e noventa atendeu o telefone*
 1155. *e foi anotado o pedido de socorro, por favor socorro mande alguém urgenti entrou um*
 1156. *bicho terrível aqui em casa a polícia estranha o pedido e pergunta bicho perigoso, um*
 1157. *animal selvagem, um cão pitbull Não um gato! Mas como assim um gato em casa Um gato*
 1158. *pô, ele invadiu minha casa e está caminhando em minha direção socorro, mais isso é*
 1159. *ridículo passando troti pra polícia, identifiquei-se já, quem está falando aí Aqui é o papagaio*
 1160. *imbecil! Um troti prum policial, um troti bem ridículo – Agora vou pedir para você observar*
 1161. *e descrever algumas figuras. Essa aqui? – Os amigos em uma praia jogando futebol, é acho*
 1162. *qui é di felicidade porque os amigos no fim di tardi se divertino – E essa aqui? – É uma sala*
 1163. *di aula com jovens alunos, acho qui di obrigação, uma coisa necessária – E essa daqui? – É*
 1164. *uma imagem di santos, é uma paiz, uma paiz – Qual foi o dia mais feliz da sua vida? – Um*
 1165. *dia, tipo data Acho qui meu aniversário do ano retrasado qui tipo passô meu aniversário*
 1166. *cum toda família, tudo junto, qui meu aniversário é dia vintiseis di dezembro, intão tipo é*
 1167. *sempri depois do Natal, intão tipo nós ficamo desdi o dia vintiquatro até dia vintiseti junto*
 1168. *intão tipo ficô, eu fui pra casa dos meus avós daí veio tudo a família i si reuniro tudo junto*
 1169. *acho qui foi essi mais assim especial assim – E um dia triste? – O dia qui meu tio morreu di*
 1170. *acidenti – Como foi? – Sim, é eles tava voltando do serviço é na verdadi eli num ia*
 1171. *trabaiá assim no sítio assim, eles plantam e eles tavam indo plantá, só qui daí eles foram*
 1172. *di carro porque as máquina já tava lá e daí pra í lá tipo tem a entrada i di asfalto e daí o*
 1173. *meu tio falô assim ‘não, eu vô’ i daí, meu tio Abel, e daí essi otro meu tio falô ‘não, hoji eu*
 1174. *vô, podi dexa qui eu vô hoje i você fica em casa ajudano o pai’, qui é meu avô e daí eles*
 1175. *foro e daí quando eles tava voltando eles tinha qui passá do otro lado do asfalto pra í pra*
 1176. *casa e daí na hora qui eles passaro veio um carro, eles já tava pra fora do asfalto, só qui*
 1177. *daí o carro veio saindo porque achou qui eles não ia conseguí e daí pegô no meio do carro*
 1178. *do lado qui meu tio tava e daí tipo acabô co carro i daí o meu tio qui tava dirigindo, tinha*
 1179. *dois tio meu, só o qui tava no carona morreu na hora, quebrô o pescoço, daí o otro quebrô*
 1180. *costela, perdeu um rim, tipo fico traumatizado tamém, daí tipo ainda o otro rapaiz qui tava*
 1181. *no carro tava embriagado, tava co a mãe dele i daí tipo até hoje tá processando o meu avô*
 1182. *porque disse qui a mãe dele tá traumatizada, ela quebrô um dedo e daí tipo o meu tio ainda*
 1183. *foi, ficô dentro do carro tudo amassado porque não conseguio tirá ele ali intão tipo foi*
 1184. *meio tipo meio tristi assim intão acho qui seria isso – E se você pudesse falar alguma coisa*
 1185. *para todos os jovens do mundo, o que diria? – Nossa, tem tanta coisa pra puxá a oreia*
 1186. *dessi povo! Eu acho qui falaria ‘hoje é festa, amanhã quem sabi’ Porque tipo tem muita*

1187. *genti aí na droga a genti vê, parece qui virô normal, é normal você vê um monti di*
 1188. *molecada aí, criança, intão aqui mesmo eu já vi criança assim qui mal sabe andá cum litro*
 1189. *di vodica dibaxo do braço, intão tipo eles acha qui a vida vai sê toda aquela festa, até o*
 1190. *último dia da vida deles é festa, intão tipo só qui eles vê qui aconteci coisas tristi cum*
 1191. *amigos deles é já aconteceu vários acidentis por causa di pessoas alcoolizadas aí, só qui*
 1192. *eles não ligam, eles acha aquilo bunito aquilo, qui eles acha qui morreu por que tinha qui*
 1193. *morre, falam assim 'ah, é normal', só qui eles num acha qui si eles num tivesse feito aquilo*
 1194. *não iria acontecer e pra eles parece qui eles nem senti, parece qui pra eles ali aconteceu*
 1195. *aconteceu, acabô – Se você me permitir usar no meu doutorado? – Podi usá, sim. Acho até*
 1196. *bunito assim e, tipo, um dia póde sê eu! - Com certeza! Muito obrigada!*
1197. INF10 - *tenho dezesseis anos, tô no segundo ano – E você mora onde? – Ah perto do*
 1198. *Paiquerê mesmo - Você nasceu onde? – Em Assaí – E por que você veio para cá? – Ah,*
 1199. *porque minha mãe, nós, meu pa, meu padrasto acharo serviço pra cá melhor i veio – Você*
 1200. *trabalha? – Não, num trabalho não – Sua família toda mora por aqui? – Não, tem parenti*
 1201. *aqui, tem Londrina, tem Assaí, parenti da minha mãe, mãe da minha mãe mora lá, mãe do*
 1202. *meu pai tamém mora lá – E você costuma visitar essas pessoas? – Costumo, eu fui sábado i*
 1203. *voltei segunda da casa da minha vô – E para Londrina, em que ocasiões você costuma ir? –*
 1204. *Ai, tem vez qui eu vô só cá minha mãe pra comprá algo pro meus irmão, mais é difícil eu í*
 1205. *– Quando você sai para passear, você sai por aqui? – É, aham – Você sempre estudou aqui*
 1206. *nesse colégio? – Não, em Assaí, aí depois eu vim pra cá – Com quantos anos? – Ah, num*
 1207. *tem bastanti tempo qui eu vim pra cá, foi uns oito meses atrais – E como foi essa mudança?*
 1208. *– Ah, eu achei ruim, porque, por causo da iscola né, os conteúdo di lá num eram o mesmo*
 1209. *daqui né, era mais, aí fico difícil um pouco assim, mais controlei – E o seu namorado é*
 1210. *daqui? – É daqui – Então é um namoro recente? – É, tem treis meis – Então você não sabe*
 1211. *nada da história daqui do Paiquerê? – Não, num sei – Chegou a participar na festa do*
 1212. *milho? – Não, nunca participei daquela festa – Ouvi falar? – Já, já ouvi falá, disse qui é*
 1213. *muito boa – Você já teve em uma situação na qual correu perigo de vida? – Acho qui não –*
 1214. *Já ficou doente seriamente? – Não, nunca graças a Deus – Qual a importância da igreja na*
 1215. *sua vida? – Ah eu acho qui sempre, di vez im quando tem qui i um poquinho né, mais acho*
 1216. *qui não infuência tanto assim não, vai da pessoa – Qual a importância da escola? – Eu acho*
 1217. *qui é bem importanti porque ela qui, como posso dizê, ela qui ajuda a genti pra depois di*
 1218. *pegá um serviço melhor né, fazê uma facudadi, intão acho qui a iscola é importanti sim – E*
 1219. *o trabalho? – Eu acho qui é bem importanti tamém, porque daí assim eu acho qui você*
 1220. *trabalhano dá pro cê comprá suas coisa, ajudá seus pais né e guardano dinheiro pra fazê*
 1221. *uma facudadi – E qual é a importância da família? – Bem importanti porque sem a família*
 1222. *eu não sô nada – E a televisão? – Ah, bem importanti porque ela tem, mostra informação, o*
 1223. *qui tá aconteceno no mundo né, dia a dia o jornal passa bastanti mancheti, tudo qui tá*
 1224. *aconteceno, bem importanti – Qual a pessoa com a qual você mais conversa? – Minha mãe*
 1225. *– Se você fosse contar um segredo hoje, contaria para quem? – Pra quem qui eu contaria Ah*
 1226. *pra minha mãe, talvez, dependi do segredo né – Tem alguma pessoa em que você se*
 1227. *espelha? – Meu pai é uma pessoa bem alegri i pensa positivo, tudo qui ele qué fazê ele tenta*
 1228. *pelo menos ele sim – Se você ganhasse um prêmio hoje, com quem dividiria? – Ca minha*
 1229. *mãe – E qual a pessoa mais importante na sua vida? – Minha mãe, minha vô, a minha*
 1230. *madrinha – As mulheres são bem marcantes na sua vida? – É, bem marcanti, meu pai... é eu*
 1231. *nem gosto di comentá muito sobri ele né mais, agora qui ele tá seno importanti assim,*
 1232. *porque antis, quando eu nasci, mi abandonô eu i minha mãe, intão eu não acho qui ele*
 1233. *merece todo o amor do mundo, quem merece é minha mãe, ele só um poquinho – Incomoda*
 1234. *essa situação de seus pais assim separados? – Ah incomoda muito, eu choro bastanti, té hoje*
 1235. *– E você acha que quando se casar você vai procurar manter o seu casamento? – Ah sei lá,*
 1236. *acho qui vai sê diferenti, eu vô tentá fazê diferenti né – Tem alguma pessoa, do seu*
 1237. *convívio, que você acha muito inteligente? – Não, acho... não – De sábado até agora, qual*
 1238. *foi a pessoa com a qual mais conversou? – Coa minha vô – Eu vou falar algumas entidades*
 1239. *e você me fala se são importantes, muito importantes ou sem importância. A família? –*
 1240. *Muito importanti – Igreja? – Importanti – Trabalho? – Muito importanti – Escola? – Muito*
 1241. *importanti – Amigos? – Importanti – Televisão? – É importanti tamém – E a leitura? –*
 1242. *Muito importanti – Você costuma ler? – Adoro – Se você fosse viajar hoje para onde você*
 1243. *iria e quem levaria com você? – Eu sempre tive vontadi di i, ah hoji, assim, pra Curitiba di*
 1244. *novo i quem qui eu levaria? Acho qui meu namorado – Você pretende fazer faculdade de*
 1245. *Direito né? – É – por que você escolheu direito? – Ah, porque eu sempre gostei assim di*

1246. *atendê as pessoa, tamém é uma coisa qui eu sempre quis sabê, intão acho qui eu quero fazê*
 1247. *Direito – Qual é a profissão da sua mãe e do seu padrasto? – Intão, eles trabalha, ele é como*
 1248. *posso dizê, é, ele trabalha numa fazenda sabi, ele cuida da fazenda – E sua mãe? – Minha*
 1249. *mãe é dona di casa — E eles têm estudo? – A minha mãe tem até a quarta série e ele acho*
 1250. *qui estudô até a primera série, mais ele só sabe iscrevê o nome dele – Ah então a leitura*
 1251. *dele é pouca? – É poca, ele nem sabe lê, só sabi iscreve o nome, agora minha mãe sabe lê e*
 1252. *sabi iscreve certinho – E seu pai? – Meu pai, ele terminô tudo – qual é a profissão do seu*
 1253. *pai? – Intão, como qui é a profissão dele assim eu num sei o nome, eu só sei qui ele trabalha*
 1254. *com carro, montano carro, essas coisa assim – Quando você era pequena, você lembra se*
 1255. *sua mãe lia historinhas para você? – Não lia não – Como você se relaciona com seus*
 1256. *professores? – Ah normal assim, pergunto o qui tem di perguntá, o qui num entendi, só,*
 1257. *mais não fico muito conversano não – Tem alguém que te influência de alguma maneira? –*
 1258. *A minha mãe sempre fala pra mim, conversa comigo – E tem algum momento em que você*
 1259. *se preocupa em falar caprichadamente? – Acho qui não – Você sabe falar portugues? – Bem*
 1260. *falado, não, mais sei, ah a iscola, a professora tamém ti dá umas fonti – Você acha que o*
 1261. *português que você fala é diferente do português que aprende na escola? – Ai, eu acho qui*
 1262. *sim porque a genti fala às vezes qui, meio errado e não é aquilo qui a genti tem qui falá no*
 1263. *meio, a genti tem qui falá certo mais tem genti qui num liga com isso não – E em que*
 1264. *momento a pessoa deve falar um português correto? – Quando vai fazê uma dissertação, um*
 1265. *texto, um poema, iscrevê uma frase, tem qui sabê como qui iscreve, o ponto ondi qui fica, as*
 1266. *coisa tudo isso aí – E na fala? – É, tem, num ligo muito não qui essas coisa di falá assim*
 1267. *não, mais é pra quando é texto, presto mais atenção, mais na escrita – O que é falar certo*
 1268. *para você? – Ah, tudo certinho, é falá a palavra correta – Vou ler duas expressões aí você*
 1269. *me fala qual é mais bonita e qual é a mais feia. – Tá – A primeira é “Nós trabalhamos hoje*
 1270. *com bolsões de couro” e a segunda é “nóis trabaia hoje com borsão de couro”. Qual a mais*
 1271. *bonita? – Acho qui a segunda – E por que você acha mais bonita a segunda? – Ah, eu num*
 1272. *sei, eu gostei mais da segunda – O que você pensa de pessoas que falam tudo corretamente?*
 1273. *– Ah, é uma coisa boa porque é um jeito certo, um tom qui as pessoa tá certa – E de pessoas*
 1274. *que falam ‘nóis trabaia’, ‘nóis vai’ o que pensa? – Fala no mesmo sentido, só qui a palavra*
 1275. *tá errada né – E as pessoas com as quais convive falam mais como na primeira ou mais*
 1276. *como na segunda expressão? – Mais como a segunda – Por que você acha que eles falam*
 1277. *assim? – Ah é costume né, costume – Você fala gíria? – Não, não fico falando muito não,*
 1278. *procuro não falá – Eu vou pedir para você ler um texto em voz alta e resumir no fim, pode*
 1279. *ser? – Tenho pois aqui, a história de duas mulheres amigas e unidas como carne e unha,*
 1280. *razões de simpatia e de convivência longa trouxeram esta amizade que faziam as*
 1281. *felicidades das famílias e admiração de toda a genti, uma chamava-se Júlia e a outra*
 1282. *Teresa tinha cabelos louros e era clara, aquela tinha os olhos tinha-os castanhos e era*
 1283. *morena – O que você leu aí? – Duas amigas qui conviviam juntas, uma di pele clara a outra*
 1284. *di pele escura, olhos castanhos, eu acho – Vou mostrar algumas imagens e você vai me*
 1285. *falar o que você tá vendo tá? – Tá – Primeiro essa? – Pra falá o qui qui eu tô vendo? – É*
 1286. *descrever de alguma forma – Esse aqui é o Dia do Juízo Final eu acho, esse aqui é um, devi*
 1287. *sê alguma coisa a vê cum Deus sim – Agora essa daqui? – Essa aqui é treis criança jogano*
 1288. *bola na praia, mais tamém não passa sentimento não - E por último, essa daqui? – Ah essa*
 1289. *aí é diferenti, dentro da sala di aula né, o pessoal ali o aluno escreveno a professora acho*
 1290. *qui aquela de rosa ali, isso é importanti – Tem um dia que foi o dia mais feliz da sua vida?*
 1291. *– Acho qui foi o dia qui eu nasci, porque minha mãe ficô muito feliz – E um dia triste já*
 1292. *teve? – Ai, o dia qui meu vô morreu – Você pode me falar um pouquinho? – Intão, acho qui*
 1293. *foi, foi dia vinte e dois não, dia nove di setembro do ano passado, ele morreu, morreu di*
 1294. *câncer minha vó nunca falô pra genti, comentô assim sabi, mais é isso, morreu di câncer aí*
 1295. *foi muito ruim nossa, muito difícil – Se pudesse falar alguma coisa para todos os jovens do*
 1296. *mundo, o que falaria? – Nunca desistí do sonho dele, por mais qui tudo aconteça – Muito,*
 1297. *obrigada!*
1298. *INF11 – tô no primero ano do ensino médio, tenho 15 anos – Onde você nasceu? – Nasci*
 1299. *aqui em Londrina – E você sempre morou por aqui? – Eu não, eu fui uma vez só pra São*
 1300. *Paulo, mais morei poco tempo lá – E você mora na Vila Rural né? – Isso – A vila rural é*
 1301. *sitio? – É em chácaras – Você trabalha? – Eu trabalhei uma vez numa lojinha i agora eu*
 1302. *passei agora trabalhá PB Lopes é de Scania – Você vai pela Epesmel? – Isso, é agora tô*
 1303. *fazeno vinti dia di curso lá na Epesmel, aí depois eu começo a trabalhá – Lá em Londrina?*
 1304. *– É, tô fazeno lá – A sua família mora toda aqui? – Não só eu tô ali, por parti do meu pai*

1305. *mora eu i mais os tios e por parti da minha mãe mais ninguém, mora longi i o resto dos*
 1306. *familiares do meu pai mora im Tamarana – O que você mais gosta de fazer? – Ah é fica im*
 1307. *casa, assisti televisão, ficá no computador – Você tem computador em casa? – Tenho – E*
 1308. *você gosta de facebook? – É mais facebook mesmo – Você chegou a estudar em São Paulo?*
 1309. *– Não, eu tinha três aninho – Você sabe alguma coisa sobre a história daqui? – Não –*
 1310. *Quando tinha a festa do milho, participava? – Vinha, eu sempre eu vim – E o que achava da*
 1311. *festa? – Ah, era festa boa né, é mais agora qui acabô senti falta né quando chega perto – E*
 1312. *você já esteve em uma situação em que correu risco de vida? – Não - Nunca ficou doente? –*
 1313. *Quando eu era criança, eu tinha anemia aí eu fui tratada, mais nunca fiquei a bera da morti*
 1314. *memo não, porque tinha tratamento tudo mais, só isso só – Qual a importância da igreja na*
 1315. *sua vida? – Ah é tudo pra mim, aham costume i todos os sábado, todos domingo, encontro*
 1316. *eu vô, os encontro qui tem eu assisto – E você participa de grupos de jovens? – Não porque*
 1317. *aqui num tem, num tem – E qual a importância da escola? – Ah, é importanti pra mim*
 1318. *porque através dela eu sei qui meu futuro vai sê bom – E do trabalho agora, qual é a sua*
 1319. *perspectiva agora? – Ah é bom heim, a genti tá mais responsável e num precisa ficá*
 1320. *dependendo dos pais né, porque a genti num fica dependenti, isso é bom – E qual é a*
 1321. *importância da família na sua vida? – Vixi, é muito importanti também heim, nossa, sem eles*
 1322. *eu não sô nada – Você tem irmãos? – Tenho dois, uma tem cinco e a ota tem três – E qual a*
 1323. *importância da televisão na sua vida? – Ah mais passatempo mesmo é, pra mim não faiz*
 1324. *muita falta não – E o que você costuma assistir? – Novela mais, novela, programas às vez*
 1325. *só né – Qual é a pessoa com a qual você mais conversa? – Vixi, ai é difícil hein, não, ah, eu*
 1326. *converso mais aqui na iscola, porque eu istudo cedo e di tardi faço curso, i tem a minha*
 1327. *prima i a Aline da minha sala é elas qui eu fico o dia inteiro i é elas qui eu converso – Se*
 1328. *você fosse contar um segredo, contaria para quem? – Ah uma amiga minha di Londrina a*
 1329. *Nathaly, ela desdi do pré ela estudô cumigo aí essi ano qui ela foi embora, ela é a melhor*
 1330. *pra mim – E tem uma pessoa modelo para você? – Não – Se você ganhasse um prêmio hoje,*
 1331. *com quem dividiria? – Co a minha família – E tem uma pessoa com a qual você se relaciona*
 1332. *que você acha ela muito inteligente? – Ah tem menino da minha sala qui é, são bem*
 1333. *intelligenti – Quem é a pessoa mais importante na sua vida? – Meus pais, meus irmãos e as*
 1334. *amiga – De sábado até hoje, quais foram as pessoas com quem você mais conversou? – Foi*
 1335. *meus pais mesmo e as meninas im casa – Vou falar algumas entidades e você me diz se são*
 1336. *muito importantes, importantes ou sem importância. A família? – Muito importanti – Igreja?*
 1337. *– Também – Trabalho? – Tamém – Escola? – Tamém – Amigos? – Muito – Televisão? –*
 1338. *Não – Leitura? – É importante, mais eu não costume fazê muita não – Você não tem muito*
 1339. *o hábito de ler? – Não – Você já leu um livro completo – Antis, eu tenho a bíblia dos*
 1340. *anjinho, eu lia todo dia, todo dia antis di dormi eu lia, agora qui eu fiquei mais um pouco*
 1341. *mais sonera, é muita coisa pra fazê, aí deixei di lado, li uns dois, três livros qui eu num*
 1342. *lembro, mais são pocos e quando eu era criança eu lia mais (ininteligível) essas coisas*
 1343. *agora já deixei mais di lado – Quando você era pequena, os seus pais liam para você? – Ai*
 1344. *num lembro – E você lembra se eles contavam histórias? – Acho qui minha mãe, acho*
 1345. *qui contava história mais contos assim histórias sem lê, mais era di vez im quando só*
 1346. *– Contava da cabeça? – É, tão bom – Se você fosse viajar hoje, para onde iria? – Iria pra*
 1347. *Pernambuco conheço o resto da minha família qui tá lá – E quem levaria? – Meu pai,*
 1348. *porque os parenti dele (inaudível) tão lá – Você pretende fazer faculdade? – Num pretendo*
 1349. *não, acho qui num vai sê uma, sei lá, eu num tenho vontade, eu tenho vontade de cursá pra*
 1350. *modelo, só qui minha mãe num apoia muito, mais faculdadi em nunca pensei em fazê não –*
 1351. *Qual é a profissão dos seus pais? – Meu pai é operário di operador di empilhadeira na*
 1352. *fábrica di salgado e minha mãe é doméstica – Ela trabalha fora? – Não, é di trabalhá im*
 1353. *casa di família, fora im Londrina – Todos os dias? – Não, quatro dia da semana só – E até*
 1354. *que ano eles estudaram? – Minha mãe acho qui terminô, meu pai acho qui não terminô, meu*
 1355. *pai acho qui parô na quarta série, ainda mais qui ele fez bastanti curso, agora ele tá mais*
 1356. *prendado, é lá, é verdadi, lá ele fez já bastanti curso pra isso, é di bombero ele fez é, esse*
 1357. *dia ele fez di brigada sabi, fez porque lá precisa né ele tem já bastanti curso – Quer dizer,*
 1358. *de alguma forma ele estudou? – É, ele cresceu, qui ele estudô mais – E mesmo vendo isso,*
 1359. *você não quer fazer faculdade? – É, né - Como é seu relacionamento com os professores? –*
 1360. *Me dô bem, nunca fui di brigá, di batê boca – Você conversa com algum professor fora da*
 1361. *sala? – Ai, nunca fui assim di tê muita amizade porque todos mora longi daqui, mais ondi*
 1362. *vejo eu vô cumprimentá, só só normal mesmo (inaudível) – É você acha que alguém te*
 1363. *influencia de alguma maneira? – Ah minha mãe mi influencia bastanti a estudá, trabalhá, pa*
 1364. *tê um futuro bom isso, nas coisas boa, na ruim acho qui não – Você não parece ter amigos*

1365. de má postura? – *Ah, qui eu saiba não né, tem amigas qui são mais atiradinha assim, mais*
 1366. *elas, elas seguem a vidas delas e eu a minha, num sô di í na onda di ninguém não* – Tem
 1367. algum momento em que você se preocupa em falar mais caprichadamente? – *Como assim,*
 1368. *falá mais certo fora da... Ah não pra mim não, do jeito qui eu sô num mudo por nada assim*
 1369. – Quando você foi falar para obter o trabalho? – *Não, lá eu tive qui melhorá bastanti né, eu*
 1370. *istudei pra i, mais eu falei di mim, di mim di verdadi, eu num menti, num aumentei nada pra*
 1371. *mim, foi eu mesma* – Você acha que você sabe falar português? – *Ah eu acho qui*
 1372. *perfeitamenti não é, ninguém perfeitamenti, mais eu acho qui eu num sô di errá muito não* –
 1373. Você acha que o português que fala é diferente do que aprende na escola? – *Não, eu*
 1374. *acredito qui na iscola qui se aprendê mais falá né* – O que é falar certo para você? – *Falá*
 1375. *certo uai, acho qui sem gíria, falá claramenti as coisa sem ficá cum gíria, acho qui é isso*
 1376. *mesmo* – Eu vou falar duas expressões e você me diz qual você acha mais bonita. ‘Nós
1377. *trabalhamos hoje com bolsões de couro*’ e a segunda é ‘Nóis trabaia hoje com borsão de
1378. *coro*’? – *A primera* – Por quê? – *Porque tem qui usá o plural aí qui não usô na segunda í ta*
 1379. *né só na leitura da pra vê qui segunda, a primera é melhor* – As pessoas com as pessoas
 1380. você convive falam como na primeira ou como na segunda forma? – *Ah, hoje em dia tá mais*
 1381. *claro o portugueis né, falam melhor, tem gírias sempre tem né, a genti usa, a genti erra,*
 1382. *mais acho qui usá, a genti hoji im dia falá mais me..., fala melhor, aprendi mais né, acho*
 1383. *qui é a primera* – E o que você acha das pessoas que falam como na primeira forma? – *São*
 1384. *peessoas inteligenti i qui aprendero i tá usando o qui aprendeu* – E quem fala como a
 1385. segunda forma? – *Ah, é são pessoas acho qui num tevi muito iestudo também, qui não*
 1386. *aprendeu, pessoa mais malandra qui tem muita gíria né isso* – Você fala gíria? – *Ai, pocas*
 1387. *vezes, não costumo usá muito não* – Você pode ler esse texto em voz alta e no final resumir?
 1388. – *Tenho, pois aqui a história de duas mulheres amigas e unidas como carne e unha, razões*
 1389. *de simpátia e de convivência longa trouxeram esta amizade, qui fazia a felicidade das*
 1390. *famílias e a admiração de toda a genti, uma chamava-se Júlia e a outra Teresa esta tinha os*
 1391. *cabelos loiros e era clara, aquela tinha-os castanho e era morena* – Resumo? – *Tinha duas*
 1392. *amigas a Júlia e a otra* – *Teresa* – *Teresa uma era loira e a outra morena i qui tinha uma*
 1393. *grandi amizadi* – Vou lhe mostrar três imagens e você vai me descrever o que está vendo? –
 1394. *Uma praia com amigos* – Esse aqui? – *Iscola di aula, sala di aula, hã amigos tamém i*
 1395. *aprendizagi* – E aqui? – *São santo né, importantis, nossa!* – Leitura e resumo? – *O policial*
 1396. *do cento e noventa atendeu o telefone e foi anotando o pedido de socorro, por favor socorro*
 1397. *mandem alguém urgenti, entrou um bicho terrível aqui em casa, o policial estranha o*
 1398. *pedido e pergunta, bicho perigoso, um animal selvagem, um cão pitibu Não, um gato mais*
 1399. *como assim um gato em casa Um gato pô! Ele invadiu minha casa e está caminhando em*
 1400. *minha direção, socooooooooo, mais isso é ridículo passando trote pra polícia, identifiqui-*
 1401. *se já, quem está falando aí Aqui é o papagaio imbecil!* – O que você leu? – *Qui era um*
 1402. *papagaio tinha ligado pra polícia, qui tinha entrado um gato na casa dele i a polícia*
 1403. *achando qui era um troti né, mais na verdadi é qui papagaio tem medo di gato* – Tem um
 1404. dia que considere o dia mais triste da sua vida? – *Dia tristi, ai eu costumo vê por todos os*
 1405. *meus dias, dias felizes sabi mais, dia tristi aí, o qui me dexa muito, muito tristi mesmo é*
 1406. *doença sabi, mais a minha família nunca tevi doenças graves assim, eu acho qui uma, pra*
 1407. *mim era quasi segunda mãe, quando morreu foi tristi pra mim, era minha vizinha desdi*
 1408. *quando eu mudei ali na vila quando ela morreu foi difícil pra mim, pra mim ela era muito*
 1409. *próxima di mim, acho qui esse dia foi o dia qui eu mais baquiei mesmo* – E um dia muito
 1410. feliz? – *Ah o dia feliz pra mim também todo dia pra mim é felicidadadi mais ah acho qui cá*
 1411. *minha família sempre fica muito feliz assim* – Se pudesse falar alguma coisa para todos os
 1412. jovens, o que falaria? – *Estudi pra tê um futuro bom e acima di tudo agarre a Deus pois*
 1413. *com ele vai consegui tudo* – Muito obrigada!
1414. INF12 - *tenho quinze anos, tô no primero ano do ensino médio* – Você trabalha? – *Não* –
 1415. Onde você nasceu? – *Nasci em ...* – Em qual cidade? – *Londrina* – Você sempre morou
 1416. aqui? – *Sempre, não eu sempre morei pra cá, eu moro no Posto Serrinha, eu moro no sítio e*
 1417. *já vai fazê, bom, desdi quando eu nasci, mais meu pai i minha mãe já mora antis* – A sua
 1418. criação então é no sítio? – *Isso* – A sua família mora toda por ali? – *A minha vó paterna e*
 1419. *meu vô paterno mora em Guaraci, perto di Maringá, agora o restanti é tudo im Londrina*
 1420. *mesmo* – E você costuma ir para Londrina? – *Ah, direto, onti memo eu fui, eu vô sempre* – O
 1421. que vai fazer lá? – *Ah, vô fazê curso, vô no centro fazê as compra, essas coisa* – O Serrinha
 1422. fica relativamente entre Londrina e o Paiquerê, por que você resolveu estudar aqui e não em
 1423. Londrina? – *Aqui é mais perto, eu pego, vai em casa uma van, chega no Irere eu troco, pego*

1424. *o ônibus e venho pra cá, i a van pega na porta di casa, isso di pé* – O que você mais gosta
 1425. de fazer? – *Ah conversá cos amigo, essas coisa* – E você sempre estudou aqui? – *Não eu já,*
 1426. *eu fiz o ensino fundamental no Irerê agora eu vim pra cá, esse é o primero ano meu aqui* –
 1427. E como foi essa mudança? – *Ah, no começo foi meio differenti, você não, até conhecê as*
 1428. *pessoas, ah num sabia como lidá assim co as coisa* – Você sabe alguma coisa da história
 1429. aqui da região? – *Não* – Antes tinha Festa do milho né? – *Isso* – Você costumava vir? – *Ah,*
 1430. *eu vim algumas vezes só, não muito* – E o que achou? – *Ah bom, um pouco di bagunça, mais*
 1431. *bom* – E você sabe porque ela não acontece mais? – *Não* – Você já correu risco de vida? –
 1432. *Não* – Já ficou internada? – *Não, só tenho bronquiti mesmo* – E usa alguma medicação,
 1433. bombinhas? – *Não, bombinha, igual a minha prima, a maioria das minhas prima tamém usa*
 1434. *essas bombinha, agora eu não* – Qual é a importância da igreja na sua vida? – *Vô, vô, eu*
 1435. *participo di um terço di setenta e dois peregrino dia di quarta, i como hoje é quarta eu vô*
 1436. *tamém, i vô na sexta e no primero domingo eu tamém vô* – Então a igreja é bem importante
 1437. na sua vida? – *Isso, os pai carrega pra lá i pra cá né, esses, oh domingo passado memo em*
 1438. *fui num retiro, já fui em dois retiro essi ano* – E onde foi esse retiro? – *Lá, fui um im*
 1439. *Londrina pra baixo do xópin catuaí* – No Emahus? – *Isso, ele memo, i, o, essi di domingo*
 1440. *passado foi no Guairacá, mais foi só no domingo no Guairacá* – Qual é a importância da
 1441. escola na sua vida? – *Aprendizagi* – Você acha que a escola já fez você mudar alguma coisa
 1442. na sua vida? – *Já, muitas, educação principalmenti, sê mais educada* – E a maneira de falar?
 1443. – *Muito tamém, antis falava tudo errado, ainda tenho essas coisa um pouco mais, ninguém*
 1444. *vai mudá di uma hora pra ota né, dessi jeito* – Qual a importância da família na sua vida? –
 1445. *Tudo, tudo, tudo* – Você tem irmãos? – *Tenho, treis irmão, dois homem e uma mulher, mais*
 1446. *velhos, dois casado e uma soltera, é um mora perto di São Luiz i um mora im Londrina i a*
 1447. *minha irmã mora cá minha tia* – Lá na sua casa está só você? – *Só eu, mais vêm, fica mais*
 1448. *em casa do qui na casa im Londrina i fica pagano aluguel ainda* – E qual a importância do
 1449. trabalho? – *Importância do trabalho, ah pra você aprendê, si informá mais, num ficá só*
 1450. *naquela rotina di istudá, istudá, istudá, apesar qui trabalhá i estudá tamém é muito corrido*
 1451. *né?* – Não é fácil. Você costuma assistir à televisão? – *Sempri, novela, alguns programas di*
 1452. *moda, eu quero podê um dia fazê moda, um pouco di jornal tamém* – E ela é importante? –
 1453. *Quasi nada, pra mim televisão num tem muita importância não, isso só pra quando não tem*
 1454. *nada mesmo pra fazê* – Qual é a pessoa com a qual você mais conversa? – *A pessoa qui eu*
 1455. *mais converso co a minha cunhada* – E se você fosse contar um segredo, contaria pra ela? –
 1456. *Pra, com ela* – Por que pra ela? – *Ah porque eu já, sempri peguei confiança cum ela né,*
 1457. *apesar da minha mãe, mais eu num tenho muito papo co a minha mãe não* – Há alguém
 1458. assim na sua vida em que você se espelhe? – *Não, não, im coisa nova, novidadi assim tudo é*
 1459. *bom pra mim* – Se ganhasse um prêmio hoje, com quem dividiria? – *Ah meu pai e minha*
 1460. *mãe* – Tem uma pessoa com a qual convive que você acha a mais inteligente? – *Meu pai* –
 1461. Por quê? – *Ah, porque ele, porque além dele sabê tudo certinho, ele, como qui eu posso*
 1462. *explicá, ele tamém já tem uns ano di vida mais pra frenti qui eu né, bem mais aprendido*
 1463. *qui eu só* – Quem é mais importante hoje na sua vida? – *Pai, mãe, irmão e irmã* – De sábado
 1464. até hoje, com quem você mais conversou? – *Sim, ca minha cunhada i a minha vizinha qui*
 1465. *ela é pedagoga, ela mi entendi di veiz em quando, eu vô lá pra conversá cum ela tamém* – O
 1466. que sua cunhada faz? – *Nada, fica im casa. Acho qui ela fez até a sexta acho* – Vou falar
 1467. algumas entidades e você me diz se são importantes, muito importantes ou sem importância.
 1468. Família? – *Muito importanti* – Igreja? – *Importanti* – Trabalho? – *Importanti* – Escola? –
 1469. *Importanti* – Amigos? – *Mais ou menos, nem sempre são amigos di verdadi né, sempre tem*
 1470. *um qui passa a rastera na genti* – Televisão? – *Não é importanti* – Leitura? – *É importanti* –
 1471. Você costuma ler? – *Di veiz im quando, bem difícil* – E o que você já leu? – *Ah, um romanci*
 1472. *essas coisa, umas poesia, comédia e um di ação* – Se você fosse viajar hoje, para onde iria?
 1473. – *Pra capital da moda, Londres* – Quem levaria com você? – *A minha irmã* – O que fariam
 1474. lá? – *Ah, num sei o qui vai sê di mim não, mais sei qui nós ia olhá tudo, olhá aquelas*
 1475. *coisas, compará, olha os famosos, não os famosos, a bolsa dos famosos, muito legal* – Você
 1476. pretende fazer faculdade de – *Moda?* – E por que você escolheu moda? – *Ah, porque eu*
 1477. *amo dimais, dimais, dimais, num tem uma coisa qui passa na televisão qui eu num perco, si*
 1478. *eu perdê vô na interneti e já procuro* – E você lê coisas sobre moda? – *Todo dia, todo dia.*
 1479. *Vô na interneti pra vê e pra lê.* – Qual a profissão dos seus pais? – *Meu pai, ele é agricultor*
 1480. *e minha mãe fica im casa mesmo* – E eles têm estudo? – *Até a quarta série, i são mais*
 1481. *intelligenti qui eu qui tô no primero ano* – Cada pessoa tem a sua inteligência né? – *É bem*
 1482. *diferenti, qui nem minha mãe fala, você nasceu onti i qué sabê mais qui eu* – Quando você
 1483. era pequena, eles liam ou contavam alguma história para você? – *Não* – O seu pai é o dono

1484. das terras ou trabalha para alguém? – *Trabalha pra alguém, ele é o, ele é como fala* – O
1485. administrador? – *Não, ele é impregado, mais eles se dá bem, nossa dimais, é, o patrão é*
1486. *padrinho do meu irmão, eu já chamo o patrão di tio, dessi jeito* – Você sabe o que ele faz? –
1487. *Ele é aposentado, eu num sei se ele é aposentado mais ele, ele vive lá no sítio mesmo* –
1488. *Mora por lá? – Aham, não ele mora im Londrina* – Mas sempre está lá? – *Sempre todo, todo*
1489. *dia seis e meia, a hora qui tô saíno pra vim pra iscola, não, não seis i meia, a hora qui eu tô*
1490. *si arrumano ainda ele já tá ligano ‘como tá o sítio, hoje vai fazê isso, isso, isso’ co meu pai*
1491. – Como você se relaciona com os professores? – *Converso cá professora di portugueses qui*
1492. *eu precisei* – Elaine ou a Geovana? – *A Elaine, é daí converso um pouco, aquele um qui entrô*
1493. *aqui eu já briguei cum ele, isso por causo da matéria di inglês, teve qui vim minha mãe*
1494. *aqui, eu tentei uma discussão ali mais passô, depois ainda passei ainda o bloco* - Por qual
1495. motivo? – *É, ele fala, uma hora ele falava uma coisa, otra hora ele falava ota* – Você acha
1496. que alguma pessoa te influência de alguma maneira? – *Uma coisa boa?* – *É – Sim, meus*
1497. *amigo, meus professor, eu tenho uns amigos tamém qui são, mi levam pra muita coisa boa i*
1498. *eu nem mi tocava* – Tem algum momento em sua vida que você se preocupa em falar mais
1499. caprichadamente? – *Ah, não* – Você sabe falar portugueses? – *Não, muito pouco* – Por quê? – *A*
1500. *matéria mais ruim minha é portuguêsis* - Por quê? – *ah porque di ano em ano, num sei si*
1501. *meses i meses cada vai mudano as palavras né, os símbolo, essas coisa* – Então você acha
1502. que a língua que você fala é diferente do português que você aprende na escola? – *Isso* – Por
1503. quê? – *Ah porque ela vai se renovano né, i nem sempre você consegue acompanhá ela tudo*
1504. *certinho, intão num consegue falá certinho tamém* – O que é falar certo para você? – *Fala*
1505. *certo Não diria tudo certo, mais um bom, boa parti, dizê certo seria o qui você aprendeu na*
1506. *iscola, a sua própria língua, aprendê a falá portuguêsis é você aprendê a sua própria língua*
1507. *certo* – Eu vou ler duas expressões e você me diz qual é a mais bonita. ‘Nós trabalhamos
1508. hoje com bolsões de couro’ ou ‘Nóis trabaia hoje com borsão de coro’? – *A primera* – Por
1509. quê? – *Porque ela é bem mai detalhada, bem mais falada, certa né* – As pessoas que
1510. convivem com você falam mais como a primeira ou como a segunda forma? – *A segunda* –
1511. Por que elas falam assim? – *Ah porque já começa falano errado desdi o começo, aí vai se*
1512. *acostumano, vai falano errado, vai falano errado, agora quando você já começa falano*
1513. *certo, já vai acostumano, falano certo né* – E o que você pensa das pessoas que falam como
1514. na primeira forma de falar? – *Muito inteligenti, dimais* – E os que falam como na segunda?
1515. – *Ah num tevi muito istudo* – Você fala gíria? – *Poco, bem pouco* – Você pode ler esse texto
1516. em voz alta e depois resumir? – *Tá pode sê, tenho pois aqui a história de duas mulheres*
1517. *amigas unidas como carne e unha, razões de simpatia e de convivência longa trouxeram*
1518. *esta amizade qui fazia a felicidade das famílias e a admiração di toda a genti, uma*
1519. *chamava-se Júlia e a ota Teresa essa tinha cabelos loiros e era clara, aquela tinha-os*
1520. *castanhos e era morena* – Você me conta o que leu? – *Qui, dexa eu só vê o nome, qui a*
1521. *Júlia, ela era clara dos olhos verdi, e a Teresa era mais morena dos olhos* (Ininteligível), *aí*
1522. *tá pareceno mais parti do racismo, um branco e outro moreno, qui hoje isso é uma coisa*
1523. *qui a maioria dos moreno, os branco julga muito os moreno, apesar qui eu tenho vários*
1524. *amigos mais moreno i eles num liga não, eles zoa comigo tamém i é assim, uma amizadi*
1525. *bem forti* – Eu vou mostrar algumas figuras e você me diz o que você vê. O que vê aqui? –
1526. *Uma boa imagem di um cara muito bom qui fez tamém, i da igreja* – E aqui? – *O colégio,*
1527. *sem dúvida, os aluno aprendeno* – E essa daqui? – *Diversão, pura diversão com os subrinho*
1528. *i os amigo na praia* – Agora eu vou pedir para você ler também esse texto e depois resumir?
1529. – *o policial do um nove zero atendeu o telefone e foi anotano o pedido de socorro, por favor,*
1530. *socorro mandem alguém urgenti entrou um bicho terrível aqui em casa, o policial estranha*
1531. *o pedido e pergunta, bicho perigoso, um animal selvagem, um cão pitibuu Não um gato!*
1532. *Mais como assim um gato em casa Um gato pô! Ele invadiu minha casa e está caminhando*
1533. *em minha direção, socorrirrrroo! Mais isso é ridículo, passano troti pra polícia, identifiqi-*
1534. *se, quem está falano aí Aqui é o papagaio imbecíl!* – O que você entedeu? – *Qui era um*
1535. *papagaio qui tava passano um troti pra polícia, brincano com a cara da polícia e*
1536. *ultimamenti tá teno muita essas coisas, tão fazeno propaganda qui os policiais pedino pra*
1537. *não passa troti, o telefone público memo im distrito essas coisa acontece muito disso,*
1538. *especialmenti entre os adolescentis qui não têm nada o qui fazê* – Já teve um dia que foi
1539. mais triste da sua vida? – *Sim* – Você pode falar um pouquinho desse dia? – *Não* – E um dia
1540. feliz? – *Sim, o dia em qui, dexo vê, o dia qui meu subrinho nasceu tamém, porque eu tenho*
1541. *seis sobrinho, são cinco, é quatro homens e uma menininha, i o otro mais novo qui eu, qui é*
1542. *um homi, teve um, tá lá im casa uma hora dessa* – E você como você se relaciona com essas
1543. crianças? – *Dimais, criança não porque tem um qui é dizenove, tem um qui é da minha*

1544. *idadi, tem um di treze, um di seti, i a menininha di quatro e esse um novinho di um aninho –*
 1545. *E e se você pudesse falar alguma coisa para os jovens, o que falaria? – Ser mais educados,*
 1546. *pensá um poco mais nas coisa qui estão fazeno, não í muito pelas cabeças dos oto, influ,*
 1547. *influ - Não se influenciar? – É, porque muitos vão pela cabeça dos otos, num si drogá qui é*
 1548. *essa coisa tá aconteceno cada dia tá piorano que bagunça é assim, i só, tê mais respeito di*
 1549. *si próprio – Muito obrigada.*
1550. INF13 - *dezessete anos e tô no primero ano, né - Onde você nasceu? – Eu Nasci im*
 1551. *Londrina - E você mora no Distrito mesmo? - Moro exatamenti - E você sempre morou por*
 1552. *ali? – Sim, eu já mudei, é único lugar mais longi foi no Posto Serrinha qui mudei duas vezes*
 1553. *sabe, ida e volta na fazenda la qui eu morava - Então você morou no sítio já? – Sim morei*
 1554. *no sítio já - Hoje você mora no centro do distrito? – É, no, ali mesmo - Você trabalha? – Ah,*
 1555. *óia às vezes co meu tio, mais não fixo, sabi é, ah ajudo meu tio, ele é, ele mexi cum gesso,*
 1556. *gessero, eu só ajudo mesmo não passo a hora intera - Então você nunca trabalhou de forma*
 1557. *fixa? – Não, não - E sua família toda mora ali? – É algumas mora aqui, tem, tem família*
 1558. *vive im São Paulo também, é na verdadi, eu tenho duas família né, eu sou adotado, aí a*
 1559. *minha família agora qui eu vivo mora no Paiquerê, nas proximidadis Irerê, posto serrinha,*
 1560. *São Paulo – E sua família de origem, mora por aqui também? – Mora alguns, sim - E vocês*
 1561. *têm contato? – Sim, só cum minha mãe não – Sabe como aconteceu? – Não, só sei qui eu fui*
 1562. *adotado comum só - Sua família te contou? - Contô desdi piqueno eles já me contaro - E*
 1563. *você tem contato com as duas? – Sim. Agora tá complicado, porque eis tá brigando. Mais*
 1564. *num quero morá cum eles não. Você costuma ir pra Londrina? – Sim - Em que ocasião? –*
 1565. *Óia, tem veiz qui vô pa pagá umas conta, comprá rémedio, essas coisa - E o que você mais*
 1566. *gosta de fazer? – Eu gosto di jogá bola - Mas você joga em time ou você só por...? – Não,*
 1567. *eu jogo campeonato na quadra assim, no campo eu num sô muito, é na quadra - E você*
 1568. *veio pra esse colégio esse ano? - Essi ano - E como foi essa mudança? – Óia, pra mim no*
 1569. *começo num gostei muito não, falá bem a verdade, num gostei, mais depois fui fazê*
 1570. *amizadis né, intão gostá dos professores - É a mudança é difícil né? – É difícil - Você já*
 1571. *teve em situação em que correu risco de vida? – Risco di vida Não, acho qui não - Já ficou*
 1572. *doente? - Intão, mais quando era bebê, fiquei vinti i quatro dias internado, pineumonia sabi,*
 1573. *essas coisa, eu tinha muita bronquiti, curô agora, uma dessas, uns tempo pra cá, essi ano,*
 1574. *ixi, é um, cansa, cê num podi fazê nada assim fica cansado é muito ruim - E você sabe*
 1575. *alguma coisa da história do Distrito? – História Eu sei qui me pai conta pra mim qui é,*
 1576. *muitas, muitas pessoa já moraram ali, pessoas tipo pessoas famosas sabi, Camargo memo*
 1577. *ali sei si já morou por aqui tamem, como formação eu ouvi dizê qui ali ah, nas proximidadí,*
 1578. *o Irerê foi o primero lugar qui teve teatro, teve cinema quér dizê, primero lugar até antis*
 1579. *qui Londrina, teve delegacia também, antigamenti - Quando tinha festa do milho, você*
 1580. *costumava frequentar? – Nunca vim na vida, tinha vontadi sim, mais meus pais é muito*
 1581. *rígidos, eles num deixava, como saia muitas brigas, não, é briga direto - Você frequenta a*
 1582. *igreja? – Frequento, fui batizado esses dia, domingo agora fiz a primera comunhão, óia, eu*
 1583. *gosto muito di igreja, todo domingo e quarta fera eu vô – Por que você se batizou só agora?*
 1584. *– Porque eu num fui batizado quando eu era bebê daí, daí já não ia, não, não tinha riligião,*
 1585. *era pagão - E você optou por ser católico? – Tem, é, foi té bom batizá agora qui daí eu*
 1586. *gosto, tô tocano na igreja também, vô começá tocá violão, cantá, tô tô gostano mesmo di*
 1587. *segui essi caminho, a maioria dos jovem di hoje em dia num tá querendo segui essi caminho*
 1588. *di igreja, prefere i pra otros canto, essas coisa - E qual a importância da escola pra você? –*
 1589. *Ué a iscola é muito importanti por causo qui aprendizagi né, é qui nem professor, tem muita*
 1590. *genti qui fala qui num gosta dos professores i tal, só qui o qui seria di nós sem os*
 1591. *professores né, pra, senão a genti num seria nada - Qual a importância do trabalho? – Óia,*
 1592. *eu tô querendo muito trabalhá, eu já era pra mim tá trabalhano já fixo já, mais eu num*
 1593. *tenho documento, ai né, por causa dessa minha identidadi di duas família lá sabi, quiria*
 1594. *ajudá meu pais tamém, todo mundo passa necessidadi né, ai poder ajudá-los só - E a*
 1595. *importância da família? – Óia, família, família tem qui tá sempre unido, pra lutá sempre*
 1596. *junto, agora a minha assim, já num tá tão assim mais, ai é, mai eu amo todo mundo, família*
 1597. *é primero lugar - E você assiste à televisão? – Assisto sim – E qual a importância da*
 1598. *televisão na sua vida? – Óia, acho qui importância num tem muita importância não, acho*
 1599. *qui é mais um lazer né, quando a genti num tem pa fazê sabi, vai lá e assêste tevezinha com*
 1600. *a veinha, i peguei mania di assisti novela com minha mãe, intão, aí sim – Qual é a pessoa*
 1601. *com a qual você mais conversa? – É, pode sê da família, amigo - Em geral? - Mais converso*
 1602. *Ah, acho qui é ca minha mãe - Se fosse contar um segredo, pra quem contaria? - Pro meu*

1603. *amigo, melhor amigo, ele é daqui da, o Bruno, do nono ano* - Tem uma pessoa em quem
 1604. você se espelhe? – *Tem. Meu pai, o cara é genial, apesar dele não tê estudo, ele trabalha*
 1605. *como pedreiro, mais eu quero sê como ele, a pessoa sabi, o caráter, quero sê como ele* - E
 1606. qual a pessoa mais importante na sua vida? – *Óia, as pessoa mais importanti na minha vida,*
 1607. *meu pai, minha mãe, minha famia, pra mim meus amigos* - Se ganhasse um prêmio hoje,
 1608. com quem dividiria? – *Meu pai, minha mãe, di certeza* - E tem alguma pessoa que você
 1609. considere inteligente? – *Mais inteligenti mesmo, acho qui a minha madrinha, ela é muito*
 1610. *inteligenti* – Por quê? - *Ah acho qui ela leva uma vida sabi sem, sem muito essas coisas do*
 1611. *mundo sabi, ela é sossegada, é muito genti boa, não costuma falá essas palavrão assim, i é*
 1612. *muito isperta tamem, trabaia na, im impresa, essas coisa sabi, muito inteligenti* - De sábado
 1613. até hoje, com quem você mais conversou? - *Di sábado até hoje é, foi ca minha mãe e meu*
 1614. *pai qui eu comunico bem* - Se viajasse hoje, quem levaria e pra onde iria? - *Até quantas*
 1615. *pessoas pode levá* – Quantas você quisser? – *Nossa, eu levava minha famia intera, meus*
 1616. *amigos* - E pra onde você iria? – *Gostaria muito de conheçê a praia, praia pra mim é um*
 1617. *sonho qui eu quero realizá tão cedo* - Vou falar algumas entidades e você me diz se são
 1618. importantes, muito importantes ou não têm importância Família? - *Muito importanti* –
 1619. Igreja? - *Muito importanti* – Trabalho? - *Muito importanti tamem* – Escola? - *Muito*
 1620. *importanti* – Amigos? - *Muito importanti quando eles é verdadeiro* – Televisão? - *Não tem*
 1621. *importância* – Leitura? - *Importanti* - Você costuma ler? – *Hum, leio bastanti gibis* – Ah, é,
 1622. você lê gibi? – *Gosto, gosto muito, Turma da Mônica gosto muito* - Você pretende fazer
 1623. faculdade? - *Pretendo, pretendo sim* – E já pensou num curso? – *Oia, eu quiria fazê*
 1624. *adiministração, trabalhá im impresa assim qui eu vejo qui o pessoal se dá muito bem*
 1625. *quando a pessoa vai firme memo no trabalho, vai muito bem e eu quero pode ganhá um*
 1626. *dinhero digno assim sabe, ajudá minha família senão, meu pai coitado ele, eu vejo o*
 1627. *sofrimento dele, trabaia como pedreiro i ai, ganha muito poco, é difícil* - E você pretende
 1628. criar a sua própria família? – *Com certeza, meu maior sonho é tê meu filho, dois no máximo,*
 1629. *porque hoji im dia si a genti tivê muito fio é pirigoso você num guentá sustentá* – O que sua
 1630. mãe faz? - *Minha mãe ela é dona di casa, tá sempre presentí* - E o seu pai trabalha por aqui?
 1631. – *Oia, ele ultimamenti tá trabaindo im Londrina na impresa* - Ele não é autônomo? – *Não,*
 1632. *mais ele trabaia aos sábados i domingos tamem, qui daí eu dô uma força pra ele, qui é*
 1633. *fazeno uns bico né, é aqui no Paiquerê mesmo, é tem qui fazê né, pá ganhá umas economias*
 1634. - Seus pais têm estudo? - *O meu pai, como eu falei pru ce qui ele não foi na iscola né, ele*
 1635. *até não sabi lê direito, mai conta sabi fazê mió qui eu, agora minha mãe ela estudô até a*
 1636. *quinta série só* – Quando você era pequeno, alguém lia historinhas pra você? – *Óia, qui eu*
 1637. *lembre acho qui minha antiga professora di literatura, era o único, minha família acho qui*
 1638. *nunca leu assim pra mim não* - Só na escola que você teve esse contato com leitura? – *É,*
 1639. *cum certeza, a não ser quando era piqueno qui ai num lembro, é, mais até qui lembro não* –
 1640. Como você se relaciona com seus professores? – *Óia, falá bem a verdadi, eu sô muito*
 1641. *brincalhão assim, tem vez qui eu passo do limití, qui meu professor João Eduardo, ai*
 1642. *mesmo qui a genti fica trocano as famosas tiradas né, intão, é sô mais, tô, tô bem, tirei*
 1643. *nenhuma vermeia nas matéria deis, tô bem, vô passa di ano, si Deus quisé* - Você acha que
 1644. alguém te influencia de alguma maneira? - *A sê quem eu sou É eu tento mi ispelhá muito no*
 1645. *meu pai, como eu já le disse, i no meu tio tamém* - Seu tio faz o que? - *É gessero, lá qui eu*
 1646. *trabaiei* - Ele tem um gesso conta própria? – *Tem, ele tem uma impresa, ele abriu a impresa*
 1647. *agora, é aqui no Irerê, im Londrina, eu, qué dizê, começô agora* - Tem algum momento que
 1648. você se preocupa em falar mais caprichadamente? – *Sim* – Quando? – *Qui nem agora* –
 1649. Você está se preocupando mais agora Por quê? – *Ah, porque sim, porque não né, falá*
 1650. *qualqué coisa qui nem numa intrevista di um imprego, si você fô falá qualqué coisa lá di*
 1651. *palavras diferentis o cara já num, num aceita né, tem qui começá lidá cum isso deisdi agora*
 1652. - Você sabe falar português? – *Acho qui sim* - Por quê? – *Porqui é nossa linguagi di origi* –
 1653. Você acha que a língua que você fala é diferente da que você aprende na aula de português?
 1654. – *Acho qui sim* - Em que sentido? – *Não, não em sintido muito assim sabi essi sintido, como*
 1655. *eu posso dizê, sei lá, sintido diferentí pra pra mim sabi, mai num é tipo errado, o jeito*
 1656. *errado sabi qui nem, os oto fala qui nem ‘os oto’, ‘os oto’ num existi não né essa palavra*
 1657. *mais* – E o que é falar certo pra você? – *Falá certo, ué falá certo é, é falá sobri coisa séria*
 1658. *sabi, sem brincaderas, falá sério mesmo* – Eu lerei duas expressões e você me fala qual é a
 1659. mais bonita, pode ser - *Sim* - A primeira é ‘nós trabalhamos hoje com bolsões de couro’ e a
 1660. segunda é ‘nóis trabaia hoje com borsão de couro’? - *A primeira né* – Por quê? – *Porque é a,*
 1661. *é a linguagi formal da cidadi né, porque se fô falá dessi jeito aí o pessoal vai dá dá muita*
 1662. *risada, qui é o jeito caipira di si falá qui eles fala né* – O que você pensa sobre pessoas que

1663. falam como na primeira forma? - *Óia, é que têm istudo, inteligentis né, qui deve tê dinheiro* –
 1664. E a segunda? - *Segunda é genti di pobre, trabaia na roça, qui num tevi istudo* - As pessoas
 1665. com que você vive falam de qual maneira? - *É da segunda, é eu acho qui a maioria dos, as*
 1666. *criança hoji im dia não, qui as crianças estão tendo muito istudo, acho qui antigamenti eles*
 1667. *não tinha essa, essa assistência qui eles têm hoji aqui pra istudá sabi, prá aprendê, e o*
 1668. *acesso é mais fácil, é eles aprendi, lá no passado, por isso qui eles até paro di istudá,*
 1669. *porque tinha qui ajudá a família, sei lá, era muito sofrido né, talvez hoji im dia tem muito*
 1670. *istudo qui a genti acaba isqueceno dos qui ficô pra trais né, ai escondi, acho qui influencia*
 1671. *um pouco* - Você fala gíria? – *Falava, até esses tempo atrás, eu falava i parei, é eu parei né*
 1672. *di falá isso ai porque, lindo do jeito qui é isso, andava até os treze ano, ixi maria, eu quiria*
 1673. *andá, mi ispelhá nesses cantores aí qui tá aparecendo né, di fanqui tal, bonezinho*
 1674. *abarrento tudo, agora, parei cum isso* - E você acha que a igreja fez você mudar? - *Com*
 1675. *certeza, parei cum tudo* – Você pode ler em voz alta esse pequeno trecho e depois resumir?–
 1676. *Podi começá Tenho pois aqui a história de duas mulheres amigas e unidas como carne e*
 1677. *unha, razões de simpatia e di convivência longa trouxeram esta amizadi, qui fazia a*
 1678. *felicidadi das famílias i a admirração de toda a genti, uma chamava-se Júlia e a outra*
 1679. *Teresa, estas tinha cabelos louros e era clara, aquela tinha-os castanhos e era morena.*
 1680. – Pode me resumir o que você leu? – *Ah duas amigas né, qui aparências diferenti né, qui,*
 1681. *acho cor di pele diferenti tamém né, acho qui na época passada tinha esse preconceito né,*
 1682. *entre as duas raças, é isso, amizadi, juntas, unidas* - Agora esse? - *Tá, o policial do cento e*
 1683. *noventa atendeu o telefone e foi anotando o pedido de socorro por favor socorro mande*
 1684. *alguém urgenti entrou um bicho terrível aqui em casa o policial estranha o pedido e*
 1685. *pergunta, Bicho perigoso, um animal selvagem um cão pitibuu Não um gato, mais como*
 1686. *assim um gato em casa Um gato pô, ele invadiu minha casa e está caminhando em minha*
 1687. *direção, socorrro mais isso é ridículo passando troti pra polícia identifiquei-se já quem*
 1688. *está falando por aí, aqui é o papagaio imbecil!* – O que você leu? – *Ah isso aqui é qui nem*
 1689. *a história do gibi né, o gibi assim si pareci muito porque o papagaio também disse qui, fala*
 1690. *bastanti, acho qui achou qui seria uma, uma verídica né, ou seja, alguma qui é, qui toca*
 1691. *muito lá o telefone deis lá, cum pedido di socorro, mais muita genti passa troti assim*
 1692. *mesmo, acha qui isso aqui é uma realidadi* – Por favor, você pode descrever o que vê? –
 1693. *Podi falá já É, é santos isso aí. Intão eu acredito muito né, sou, creio bastanti im santos,*
 1694. *nos discipulos, o sentimento di amor, sentimento di amor, fé* - Agora esse aqui? –
 1695. *Felicidadi, os treis molequis são muito felizes na praia jogano futebol* - E aqui? - *É*
 1696. *aprendizagi, um aluno colaborano com a, com a com a aula né, escrevendo no quadro,*
 1697. *mais cadê a professora Ah, a professora devi tá falano pra ele fazê lá contas né é isso ai* –
 1698. Tem um dia que você considera o dia mais triste da sua vida? – *O dia mais tristi da minha*
 1699. *vida É teve um o dia agora qui o pai do meu padrinho morreu, eu chorei, é difícil, é difícil*
 1700. *né, convivia muito assim né, eu cheguei a chorá mesmo, i ó qui sô forti nisso, eu num choro*
 1701. *não muito fácil assim não* - E do que ele morreu? – *A doença mais feia qui tem, câncer* - E
 1702. *teve o dia mais feliz?* – *Foi, foi o dia qui eu passei lá no, da oitava série, passei pra cá né, o*
 1703. *dia qui eu passei, aí nós ganhô um passeio lá po Odiparqui, nossa, mai foi muito bom,*
 1704. *nunca tinha ido, é, é pra mim era, é primera i última vez, eu acho, qui é muito caro as*
 1705. *coisa, nós, nós tevi qui juntá um dinheiro, alugá ônibus, alugá quiosque, levá comida, é*
 1706. *difícil mais* - Ai vocês passaram o dia? – *O dia intero, deis das deiz da manhã até as seis,*
 1707. *mai me diverti muito, foi a turma toda da sala, mai a nossa aula num tinha muito aluno, no*
 1708. *máximo era onzi, onzi aluno, mais juntô é duas oitava, ai juntô as duas, uma di onzi otra di*
 1709. *dizesseis, dizesseis aluno, foi muito bom* - Se você pudesse falar alguma coisa para todos os
 1710. *jovens, o que falaria?* – *Óia, é tem muita, muito jovem si ispeiando, i a maioria qui eu vejo,*
 1711. *eu só vejo im Londrina jovens dessi tipo aí, si ispeiando im roqueros, fanqueros, é muito*
 1712. *raro vê argum jovem sertanejo por ai né, qui gosta di música sertaneja, aquelas música di*
 1713. *raiz, intão pra num, num si espelhá nessas música, aquela música só fala o qui di*
 1714. *bandidagi, di assassinato, pedofolia essas coisa, essas coisa nojenta e daí acho acho qui*
 1715. *isso aí, inspirá essas jovens, essas crianças di arguma forma, porque eu acho qui inspira*
 1716. *sim essas música, é, esse traficanti sabi, eu acho qui é isso* - Agradeço muito.
1717. INF14 – *Estou no primero ano do ensino médio e tenho quatorze anos* - Onde você nasceu?
 1718. – *Ah em Londrina mesmo* - Você sempre morou por aqui? – *Sim* - Você mora no Distrito
 1719. *né?* – *Isso* - Você trabalha? – *Não* - E já trabalhou? – *Não* - Sua família toda mora por aqui?
 1720. – *Sim* - Você costuma ir pra Londrina? – *Às vezes, ah mais di, im fim di semana pra passeá*
 1721. *geralmente, co a família* - O que você mais gosta de fazer? – *Jogá bola* - E você joga assim

1722. oficialmente ou só com os amigos? – *Não, só jogo com a molecadinha mesmo* - Você
 1723. sempre estudou aqui? – *Sim* - Você sabe alguma coisa da história aqui do Patrimônio? – *Não*
 1724. - Quando tinha a festa do milho aqui, você costumava participar? – *Sim* - E o que achava da
 1725. festa? – *Ah eu achava muito interessante né* - Você sabe porque ela acabou? – *Intão, dizem*
 1726. *qui por causa di recurso, dizem qui foi por causo qui não liberaram a verba pra festa,*
 1727. *parece qui não requeriram, na verdadi, num teve uma comissão organizadora direito, qui*
 1728. *organizasse, i o prefeito liberasse, intão não há verba, num fizeram projeto* - Você já correu
 1729. risco de vida? – *Não* - Você já ficou doente? – *Já, ah na verdadi, eu já corri risco di vida*
 1730. *sim, assim, o ano passado eu mi intoquisiquei cum veneno, eu tava caminhando i o homem*
 1731. *tava passano veneno na propriedadi agrícola aí veio co vento, aí mi intoquisiquei, fiquei*
 1732. *internado, um monti di tratamento tive qui fazê, i im dois mil e nove também peguei suspeita*
 1733. *di gripe A, fiquei dizesseis dias im casa gritano* - Qual a importância da igreja na sua vida?
 1734. – *Ah, mais na fé né, mais na parti di fé mesmo, cum Deus* - Qual é a importância do trabalho
 1735. na sua vida? – *Bom, acho qui o trabalho podi vir mais é, como posso falá, vários benefícios*
 1736. *pra você né, um salário, cê também vai convivê com outras pessoa, você vai fazê o qui você*
 1737. *gosta no trabalho assim, intão é isso, intendeu, o qui você gosta no lugar* – E qual a
 1738. importância da família? – *Ah família é tudo né, família é tudo* - Você tem irmãos? – *Tenho,*
 1739. *dois, uma menina e um molequi, os dois é mais velho* - Tem algum casado? – *Meu irmão* –
 1740. Você assiste à televisão? – *Sim, novela i jornal* - E qual seria a importância da televisão na
 1741. sua vida? – *Ah, no entretenimento, né* - Qual é a pessoa com a qual você mais conversa? –
 1742. *Qui eu mais converso em casa* – Geral? – *No geral, meus amigos i minha família* - Se você
 1743. fosse contar um segredo, pra quem contaria? – *Minha mãe* - E tem alguma pessoa que você
 1744. tenha como modelo de vida? – *Tem meu tio i minha tia* – Por quê? – *Ah, por causo qui eles*
 1745. *trabalham do jeito mais, em várias, na vida deles foi conquistando muitas coisas sabi,*
 1746. *muitas coisa boa, comprô carro, conseguiu comprá a casa, já tá no nome deles, tudo*
 1747. *certinho, carro né, casa, tudo no nome, não tivero qui ficá pagano aluguel né* - E se você
 1748. ganhasse um prêmio hoje, com quem você dividiria? – *Minha mãe* - Tem alguma pessoa
 1749. com a qual você se relaciona que considera muito inteligente? – *Minha vó* – Por quê? – *Ah*
 1750. *ela é muito, sabi, ela sabi muito, sabi, ela tem uma i xperiência di vida muito boa, pur isso* –
 1751. Quem é a pessoa mais importante na sua vida? – *Meu vô, minha vó, minha mãe, meu pai,*
 1752. *minha irmã e meu irmão* – De sábado até hoje, quais foram as pessoas com as quais você
 1753. mais conversou? – *Meu primo, minha prima, a minha família intera por causo qui teve um*
 1754. *aniversário da minha vó, aí deu uma festa, intão conversô cum todo mundo, foi muito boa a*
 1755. *festa né, qui ela tava muito feliz, cheio di bejinho, brigadero pra ela, i cheio di presentí i ela*
 1756. *adora, ah, tava boa a festa* - Eu vou falar algumas entidades e você me fala se são
 1757. importantes, muito importantes ou não tem importância tá. Família? - *Importanti, muito*
 1758. *importanti* – Igreja? – *Importanti* – Trabalho? - *Importanti* – Escola? - *Importanti* –
 1759. Amigos? - *Importanti* – Televisão? - *Mais ou menos* – Leitura? - *Importanti* - Você costuma
 1760. ler? – *Às vezes eu leio um livro, agora eu ganhei uma inciclopédia do Decamerão, agora eu*
 1761. *vô lê por causo qui principalmenti cai im vestibular* - Se você fosse viajar hoje, pra onde
 1762. você iria? – *Pra praia* - Quem levaria com você? – *Meu pai e minha mãe* - E o que você
 1763. acha que iriam fazer? – *Ah andá bastanti lá no mar* – Você quer fazer faculdade? – *Uhum* –
 1764. Qual curso? – *Já, eu vô fazê, não primero eu tô pensando em trabalhá cum tecnologia, mais*
 1765. *eu vô fazê mesmo jornalismo* - O que seus pais fazem? – *Minha mãe trabalha di faxinera e*
 1766. *meu pai ele é conferenti, ele confere Natura* - E eles têm estudo? – *Meu pai tava estudando*
 1767. *até poco tempo, mais ai ele desistiu por caso qui muito cansaço, dava muito, já minha mãe*
 1768. *não, ela tem só o ensino fundamental completo* - Então os dois sabem ler e escrever? – *Sabi,*
 1769. *lê i iscrevi* - Quando você era pequeno, alguém lia pra você? – *Não, num lia não* - Como é
 1770. seu relacionamento com os professores? – *Bom, sim di boa* - Você acha que alguma pessoa
 1771. te influencia de alguma maneira? – *Não, ah, pas coisas boas sim, minha mãe, minha vó*
 1772. *principalmenti* - Tem algum momento em que você se preocupa em falar mais caprichado?
 1773. – *Tem* – Quando? – *Ah quando eu estou perto com pessoas da cidadi principalmenti, aí*
 1774. *parece qui capricho mais né* - Tem uma pessoa que faz com que você se preocupe mais com
 1775. essa fala quando você conversa com ela? – *Ah minha mãe* - Você sabe falar português? –
 1776. *Sim* - Por quê? – *Bom, primero qui a genti istuda sempre, tá no dia a dia da genti, i ota qui*
 1777. *a genti convive com isso né, tem qui conversá cum otras pessoas intão* - Você acha que a
 1778. língua que você fala é diferente da língua que aprende na escola? – *Não* – O que é falar
 1779. certo pra você? – *Ah não errá muito né nas palavras* - Eu vou ler duas expressões e você me
 1780. fala qual a mais bonita. A primeira é ‘nós trabalhamos hoje com bolsões de couro’ e a
 1781. segunda ‘é nós trabaia hoje com borsão de couro’? - *A primera* – Por quê? – *Porque tá mais*

1782. *correta né* - As pessoas com quem você convive falam mais como na primeira ou da
1783. segunda forma? – *Da primera* – O que você pensa das pessoas que falam como a primeira
1784. expressão? – *Bom, cê pensá melhor sobre elas, mais qui eu, penso qui, como elas falam,*
1785. *igual a segunda cê vai intende: ou num teve istudo ou num teve a oportunidadadi* – Você fala
1786. gíria? – *Não. Muito raro* - Você lê esse pequeno trecho e no final pode resumir pra mim? –
1787. *Tenho pois aqui a história de duas mulheres amigas e unidas como carne e unha razões de*
1788. *simpatia e de convivência longa trouxeram qui essa amizade qui fazia a felicidade das*
1789. *famílias e a diversão de toda genti uma chamava-se Júlia e a outra Tereza esta tinha*
1790. *cabelos louros e era claro aquela tinha castanhos e era moreno.* - O que você leu? – *Bom*
1791. *eu li sobre duas amigas, uma era loira a otra era morena, qui elas eram muito amigas qui*
1792. *elas viviam como carne i unha* - Agora vou te mostrar algumas imagens e você me fala o
1793. que está vendo? – *Bem, religiosadadi, os desenho né, bonito dimais né muito bonito* - E essa
1794. aqui? – *Alunos estudando, bom também, também gostei bastanti* - E essa? – *Futebol na*
1795. *praia, ah, é muito bom* - Agora você lê de novo esse trecho? - *O policial do cento e noventa*
1796. *atendeu o telefone e foi anotando o pedido de socorro por favor socorro mandem alguém*
1797. *urgenti entrou um bicho terrível aqui em casa o policial respondeu o pedido e pergunta*
1798. *bicho perigoso, um animal selvagem um cão pitbull Não um gato mais como assim um gato*
1799. *em casa, um gato pô invadiu a minha casa e está caminhando em minha direção socorro,*
1800. *mais isso é ridículo passando trote para a polícia pra polícia, identifiquei-se já quem está*
1801. *falando aí Aqui é o papagaio imbecil! Bom, aqui mostra qui é um troti, aí o policial primero*
1802. *ele num sabia qui era troti, ele procurô sabê direito sobre a situação pra ele mandá a*
1803. *viatura né como sempre, todo o policial faiz isso, mais a verdadi era um papagaio qui tava*
1804. *passando um troti* - Agora queria que você me falasse um dia que foi muito feliz na sua
1805. vida? – *Quando eu nasci* – E um dia muito triste? – *Ah quando eu fiquei doenti a última*
1806. *vez, nossa foi muito ruim* - Você pode falar um pouquinho sobre isso? – *Nossa fui, im uma*
1807. *semana fui oito vezes no pronto socorro, fui várias vezes no pronto socorro do Evangélico,*
1808. *até aí, cada dia era uma coisa, um dia era vômito i diarreia, oto dia era muita dor di*
1809. *cabeça, pressão começô a subi, aí até qui eu tinha marca..., a minha mãe tinha marcado*
1810. *uma neuro, aí eu fui, aí ela pegô e feiz o eletro na minha cabeça nada, ela disse qui poderia*
1811. *ser intoquisicação, aí ele foi pesquisá direto e viu, analisou melhor e era, aí os, inclusive os*
1812. *espasmos qui eu tive, era muito igual, aí ela pegô, procurô sabê direito e me internô direto*
1813. *eu fui saí onze, oito hora di casa qui tive qui fazê exame di sangue, aí saí em jejum intão aí*
1814. *fiquei até onze hora lá aí depois até duas e meia, isperando pa se internado, aí depois fiz*
1815. *tomografia, num deu nad, fiz eletro certinho até no cardiologista eu fui, tava tendo visão*
1816. *dupla, foi foi feio. Foi uma correria é* - Se você tivesse como falar alguma coisa para todos
1817. os jovens hoje, o que você falaria? – *Não usem drogas, isso só istraga a vida* - Muito
1818. obrigada.
1819. INF15 – *Tô no segundo ano e tenho dezesseis ano* – Onde você nasceu? – *Londrina* – E
1820. você sempre morou aqui no Paiquerê? – *No sítio, Guairacá eu moro* – Você sempre morou
1821. lá? – *Uhum* – Você trabalha? – *Ah, ajudo meu tio, meu pai, ah é serviço, no sítio* – Mas é
1822. uma coisa diária? – *Quasi, quasi diária* - A sua família toda mora sítio? – *Não tem, tem*
1823. *genti im Londrina, tio, prima* – Você mora com seus pais? – *Aham* – Você tem irmãos? –
1824. *Tenho* – Quantos? – *Uma irmã e um irmão, um da mema idade minha, vai vim aí* – São
1825. gêmeos? – *Aham, i uma irmã mais velha, vinti i quatro anos, casada* – Você costuma ir para
1826. Londrina? – *Ah, vez im quando, ah, pa comprá umas ropa, fazê é compras im mercado daí*
1827. *eu vô co pai, passia* – O que você mais gosta de fazer? – *Mais gosto di fazê... Gosto bastanti*
1828. *di andá di moto* – Mas você não tem habilitação? – *Não, tem moto mais habilitação não, só*
1829. *no sítio lá* – Você tem a sua moto? – *Tem co meu irmão, metadi cada um* – Você sempre
1830. estudou aqui nesse colégio? – *Não, lá no sítio tamém istudei di primera a quarta, da quinta*
1831. *até o tercero aqui* – Você sabe alguma coisa da história de Paiquerê? – *Eu não* – Aqui tinha
1832. a festa do milho né? – *Uhum* - Você veio em alguma? – *Não, sempre vinha, era todos os*
1833. *ano* – Vinha com quem? – *Co meu pai, minha mãe, algum tio as vez vinha também* – Você
1834. já correu perigo de vida? – *Risco di vida, acho qui não* – Já ficou doente no hospital? – *Não,*
1835. *no hospital não* – Qual foi o dia mais feliz da sua vida até hoje? – *Mais feliz Ah gostei*
1836. *bastanti quando eu fui pra praia* – Alguns dias? – *Ahã, foi dozi dias* – Por quê? – *Ah nunca*
1837. *tinha ido, primera vez i era a vontadi né di um dia dá certo né* – E já teve um dia triste? –
1838. *Quando meu vô morreu, primero qui morreu foi um dia meio tristi* – Qual é a pessoa com a
1839. qual você mais conversa? – *Co meu irmão qui mais converso, tá sempre por perto* – E se
1840. fosse contar um segredo, contaria para quem? – *Prele né* – Pro seu pai e sua mãe não? –

1841. *Não, o dependi o qui houve num tem nenhuma importância di falá não, eu conversaria sim*
 1842. *– Tem alguma pessoa em que você se espelhe? – Ah acho qui meu pai na responsabilidadi*
 1843. *né qui ele tem, i ele é uma pessoa qui, pá... isquici a palavra agora, é... si inspirá – Se*
 1844. *ganhasse um prêmio hoje, com quem dividiria? – Coa minha irmã, ela tá fazeno a casa dela*
 1845. *ai tá precisano di dinheiro, ajudaria ela – Há algum momento em que você se preocupa em*
 1846. *falar mais caprichadamente? – Ah quando tá na iscola fazeno seminário ai tem qui tentá*
 1847. *falá mais certo – Agora você tá preocupado com isso? – Ah, não, tô di boa – Alguém te*
 1848. *influência de alguma maneira? – Mi influencia Qui eu ouço um pouco a minha irmã, aham,*
 1849. *qué o melhor pra minha vida, ela sempre fala – Você sabe falar português? – Ah acho qui*
 1850. *sei um pouco né – Por que só um pouco? – Porque é muito, muitas palavra, né é, não é todas*
 1851. *qui você fala certo, num tenho muita, muito conhecimento – Você acha que a língua que*
 1852. *você fala é diferente daquela que você estuda na aula de português? – Não é, mais ou meno,*
 1853. *dependi a a palavra mais sem, é bem bem igual, parecido assim – Vou ler duas expressões e*
 1854. *você me diz qual é mais bonita, certo ‘Nós trabalhamos hoje com bolsões de couro’ ou*
 1855. *‘Nóis trabaia hoje com borsão de couro’? – A primera – Por quê? – Ah ela do jeito qui tá*
 1856. *escrita certo, acho qui ela é mais bonita – Você convive com pessoas que falam como a*
 1857. *primeira ou segunda forma? – A primera, eita, o meu vô num tem tanto istudo mais, ele teve*
 1858. *um pouco, mais num fala dessi jeito não – O que você pensa de pessoas que falam como a*
 1859. *primeira expressão? – Da primera, ah é o modo certo di falá i é o jeito qui ela aprendeu,*
 1860. *talvez – E de pessoas que falam da segunda forma? – Ah alguém qui tem talvez um sotaque*
 1861. *dessi jeito daí ele num po..., num tem como mudá ou talvez alguma pessoa qui não tevi*
 1862. *istudo ai talvez fala dessi jeito – Você fala gíria? – Hum, talvez algumas palavra da tipo*
 1863. *brincado daí fala, eu falo alguma vez, brincano – Em que ocasiões você se preocupa em*
 1864. *não falar gíria? – Ah quando tá perto da família né intera reunida, ai é meio difícil né ficá*
 1865. *disso né, falá palavrão essas coisa, a gíria nem tanto porque talvez sai uma brincadera lá,*
 1866. *ai falo - Qual é a importância da igreja na sua vida? – Ah bastanti – De que religião qui você*
 1867. *é? – Católica – E qual a importância da escola na sua vida? – Ótima, boa – Qual a*
 1868. *importância da televisão na sua vida? – Bom – Você assiste bastante? – Assisto sempre –*
 1869. *Você já deixou de fazer alguma coisa por causa da televisão ou deixa? – Não nunca dexei,*
 1870. *mais só qui sempre dexo po, pra depois qui cabá um filme talvez daí eu qui não tenho tanta*
 1871. *pressa pa fazê, mais se fô alguma coisa urgenti, dai eu paro a televisão e vô fazê – Tem*
 1872. *uma pessoa do seu convívio que você considera muito inteligente? – Muito inteligenti, hum,*
 1873. *podí sê professora – Qualquer pessoa do seu convívio? – a Giselle, professora di História,*
 1874. *ela é inteligenti – Qual é a pessoa mais importante na sua vida hoje? – Ah meu pai e minha*
 1875. *mãe – De sábado até hoje, quais as pessoas com quem você mais conversou? – Di sábado*
 1876. *ah meu irmão mais conversei – Vou falar o nome de algumas entidades e você me diz se são*
 1877. *importantes, muito importantes ou sem importância tá? – Família? – Muito importanti –*
 1878. *Igreja? – Importanti – Trabalho? – Importanti – Escola? – Importanti – Amigos? – É*
 1879. *importanti também – Televisão? – Mais ou menos – Leitura? – É importanti – Você lê*
 1880. *Bruno? – Oi – Você costuma ler? – Ah, di vez im quando, hum, leio livro quando é pra fazê*
 1881. *trabalho – Quando a escola pede? – Aham – Mas você gosta de ler? – Não – Se você*
 1882. *viajasse hoje, pra onde você iria e quem você levaria com você? – Se eu viajasse hoji Acho*
 1883. *qui iria pra São Paulo (ininteligível) eu iria coa minha família, meu irmão, minha mãe,*
 1884. *minha irmã – Por que você escolheu essas pessoas? – São importanti né, passá o dia, passá*
 1885. *essa, essa viagi cum eles – Você pretende fazer faculdade? – Por enquanto eu num penso,*
 1886. *mais é muito bom - O seu pai trabalha no sítio? – Ah ele, ele trabalha como é, puxa aluno da*
 1887. *iscola i trabalha di pedrero também – Então ele não faz trabalho lá no sítio? – Não, no sítio*
 1888. *não – Mas você faz? – Uhum, meu tio, ele cuida di tudo lá, é sítio, o sítio é do meu vô –*
 1889. *Esse seu tio estudou? – Ele é técnico di agricultor, agropecuário - E a sua mãe faz o que? –*
 1890. *Ela cuida di casa, ajuda só nas casa, ajuda minha vó ela já tá meio di idadi, as duas vó a*
 1891. *mãe dela e a ota tamém – Seus pais têm estudo? – O meu pai fez o o, meu pai terminô até o*
 1892. *tercero mais ele fez o, o, esquici a palavra... – Supletivo, Cebeja? – É, minha mãe tem até a*
 1893. *sétima série eu acho, ela num terminô – Os dois sabem ler e escrever? – Sabi – Eles*
 1894. *costumam ler? – Meu pai às vez, mai num lê muito não – Quando você era pequeno, sua*
 1895. *mãe lia alguma coisa pra você ou contava historinhas? – Não fazia isso não – O seu avô é*
 1896. *analfabeto? – Não, ele sabi, sabi sim iscrevê, sabi lê, dum lado do paterno ele sabe mais,*
 1897. *daí a do materno, meu vô já morreu i minha vó já é meia analfabeta – Como você se*
 1898. *relaciona com os seus professores? – Ah mais ou menos, porque vergonha um pouco di falá*
 1899. *errado, mais tudo di uma forma boa – Você pode ler em voz alta esse pequeno trecho aqui?*
 1900. *– Tenho pois aqui a história de duas mulheres amigas e unidas como carne e unha razões de*

1901. simpátia e convivência longa trouxeram essas amizade qui fazia a felicidade das famílias e
 1902. admiração de toda a genti uma chamava-se Júlia e a ota Tereza essa esta tinha cabelos
 1903. loiros e era clara tinha aquela tinha-os castanhos tinha os castanhos e era morena eram
 1904. essas as diferenças no mais igualmente belas e igualmente vestidas. As duas era melhores
 1905. amigas e tinha aparência tipo igual, andavam igual, é é uma si ispelhava na otra - Você
 1906. pode me falar alguma coisa sobre essa figura? – Alegria, alegria a praia, divertino, lembra
 1907. família – E essa? – Sala, os aluno respondê talvez um, uma coisa no quadro e eles tão
 1908. prestano atenção, tentano aprendê né – E aqui? – Dois Deus, eu acho, círculos, estrela,
 1909. como são importanti – Agora leia esse aqui em voz alta, por favor? – o policial de cento e
 1910. noventa do cento e noventa atendeu o telefone e foi anotando o pedido de socorro por favor
 1911. socorro mandem alguém urgenti entrou um bicho terrível aqui em casa o policial estranha
 1912. o pedido de o pedido e pergunta Bicho perigoso, um animal selvagem, um cão Pitbull Não
 1913. um gato, mais como assim um gato em casa Um gato pô ele invadiu minha casa e está
 1914. caminhando em minha direção socoooooro! Mais isso é ridículo passando trote para pra
 1915. polícia identifiquei-se já quem está falando aí É o papagaio umbecil! – Pode me falar o que
 1916. youê leu aí? – O policial né tava, tava lá di boa pa atendê o telefonema, aí chegô essi
 1917. telefonema tipo uma pessoa fazeno uma gracinha daí daí ele foi perguntano, tentando
 1918. descubri o cara já foi falá, aí ele pensou já qui era um troti, acho qui isso – Se pudesse, o
 1919. que youê falaria para todos os jovens? – Ah, pá fica di boa só - Muito obrigada.
1920. INF16 - Quinze ano, tô no primero né - Onde youê nasceu? – Londrina - E youê sempre
 1921. morou por aqui? – Sim, eu moro ali atrás do campo - Toda sua família mora por aqui? –
 1922. Sim - Você trabalha? – Não - Costuma ir pra Londrina? – Sim - Em que ocasião youê vai pra
 1923. lá? – Ah no caso qui eu faço curso da guarda mirim, di segunda, terça e quinta eu vô - O
 1924. que youê mais gosta de fazer? – Sei lá, o que toda genti faiz, assistí tevê, mexê na interneti,
 1925. essas coisa - Você tem computador em casa? – Não - Onde youê costuma mexer na
 1926. internet? – Pego o celular, ou quando eu vô na casa di algum amigo qui tem computador ai
 1927. eu mexo - Você sempre estudou aqui? – Não, esse é meu primero ano aqui, istudava lá no
 1928. Irerê – E como foi essa mudança pra cá? – Ah, no começo foi ruim, mais agora já mi
 1929. acostumei já, foi normal, foi bem - Você chegou a vir na festa do milho? – Não, nunca vim –
 1930. Já correu risco de vida? – Não - Já ficou doente? – Já, mais nada tão grave assim - Chegou
 1931. a ficar no hospital? – Internado não, só ia lá tomava alguma coisa e vinha embora - Aqui
 1932. tem um hospital? – Tem - Qual a importância da igreja na sua vida? – Ah, sô batizado, sô
 1933. tudo, mais na igreja eu num vô não - E importância do trabalho? – Ah é bom né, tê seu
 1934. próprio dinheiro essas coisa, adquire experiência – E a escola? – Iscola é praticamentei tudo
 1935. né, qui, é, sem istudo cê né nada - E a família? – Hum, é o principal, é o tudo né, pessoas
 1936. que cuidam di você e ti cuida deisde criança - Você tem irmãos? – Tenho uma irmã, mais
 1937. velha, é oito anos mais velha qui eu, casada – Você assiste à televisão? – Sim, direto - Que
 1938. a importância youê daria para a televisão? – Ah você fica informado das coisas qui tá
 1939. acontecendo no mundo, no Brasil - Qual é a pessoa com a qual youê mais conversa? – Vixi,
 1940. cos meus amigos - Se você fosse contar conta um segredo, pra quem contaria? – Hum,
 1941. minha mãe, meu pai i alguns amigos - Há alguma pessoa que youê considera como um
 1942. modelo? – Não - Se você ganhasse um prêmio hoje, com quem dividiria? – Com meus pais -
 1943. Há uma pessoa com as quais youê convive que considera muito inteligente? – Tem, ah meus
 1944. amigos di classe mesmo Aline, Isabela, Thalita a Cintia são pessoas inteligentis - Qual é a
 1945. pessoa mais importante pra você? – Ah, minha mãe - De sábado até hoje, quais são as
 1946. pessoas com quem mais conversou? – Meu pai, minha mãe, minha irmã, meu cunhado, o
 1947. Isaac, o Uelito, a Aline, Renan, a Isabela, a mãe da Isabela, o pai da Isabela essas pessoas
 1948. – Por que você conversou com o pai da Isabela e a mãe da Isabela? – É porque eu direto eu
 1949. vô lá no mercado, onde eles trabalham, daí eu converso com eles - Vou falar algumas
 1950. entidades e você me fala se são importantes, muito importantes ou não têm importância tá.
 1951. Família? - Muito importanti – Igreja? - Importanti – Trabalho? - Importanti – Escola? –
 1952. Importanti – Amigos? - Importanti – Televisão? - Mais ou meno – Leitura? - Importanti –
 1953. Youê costuma ler? – Não, mais lê é bom né, mais eu não leio não - Nem na internet assim?
 1954. – Bem difícil - Se você fosse viajar hoje pra onde iria, quem levaria e por quê? – Aqui no
 1955. Brasil mesmo ou pra fora Estados Unidos, ah acho qui minha família e meus amigos né,
 1956. são as pessoas qui istudam comigo, pessoas qui levaria - Qual é a profissão dos seus pais? –
 1957. Minha mãe é diarista e meu pai é pedreiro - A sua mãe trabalha aqui ou em Londrina? – Lá
 1958. em Londrina - Seus pais sabem ler? – Sabi, os dois - Até que ano eles estudaram? – Acho
 1959. qui foi até a oitava - Os seus pais leem? – Minha mãe gosta – E quando você era pequeno,

1960. ela lia histórias para você? – *Lia, bastanti. Até hoji às veiz ela qué lê* - O seu pai é
1961. autônomo? – *É por conta própria* - Como você se relaciona com seus professores? - *Bem* –
1962. Você acha que alguma pessoa te influencia de alguma maneira? – *Meus pais* – Você
1963. pretende fazer faculdade Qual curso? – *Engenharia* - Tem algum momento que você se
1964. preocupa em falar mais corretamente? – *Ah, muitos, tipo uma intrevista di trabalho ué,*
1965. *agora, falando com amigo é normal* - E tem alguma pessoa que te faz se preocupar mais
1966. com a fala? – *Não* - Você sabe falar português? – *Sei* – Por quê? – *Ah, é a língua di, do*
1967. *Brasil né* - Muito bem. Você acha que a língua que você fala é diferente da língua que
1968. aprende na escola? – *Não* - O que é falar certo pra você? – *Não sei* - Eu vou falar duas
1969. frases e você fala qual você acha mais bonita, tá ‘Nós trabalhamos hoje com bolsões de
1970. couro’ ‘Nóis trabaia hoje com borsão de couro’. Qual é mais bonita? – *A primera* - Por quê?
1971. – *Ah porque tá do jeito certo né, o jeito di falá comum* - As pessoas do seu convívio falam
1972. mais como a primeira ou como a segunda forma? – *Na segunda* - O que você pensa das
1973. pessoas que falam como na primeira forma? – *Ah uma pessoa inteligenti, que gosta di falá*
1974. *certo* - E na segunda? – *Ah uma pessoa normal, é divertida, baguncera fala errado só por*
1975. *falá mesmo* – E quem fala da segunda forma por que não aprendeu, não teve escola? – *Ah,*
1976. *daí já não podi julgá né, é si a pessoa num aprendeu, tem genti qui demora mais pra*
1977. *aprendê, num sei* – Você fala gíria? – *Muito* - Tem algum momento qui você se preocupa
1978. em não falar? – *Não* – Por favor, leia em voz alta esse pequeno trecho aqui depois no final
1979. você me conta o que você leu. pode ser? – *Aham. Tenho pois aqui a história de duas*
1980. *mulheres amigas e unidas como carne e unha razões de simpatia e de convivência longa*
1981. *trouxeram essa amizade qui fazia a felicidade das famílias a admiração de toda a genti uma*
1982. *chamava-se Júlia e a outra Tereza esta tinha cabelos louros era clara aquela tinha tinha-as*
1983. *castanhos era morena. Ah, sobre duas amigas qui traziam felicidadi as famílias, qui eram*
1984. *bem admiradas, qui eram bastanti amigas* – Agora, você lê esse e depois você me conta o
1985. que você leu? – *O policial do um nove zero atendeu o telefone foi anotando o pedido de*
1986. *socorro por favor socorro mande alguém urgenti entrou um bicho terrível aqui em casa o*
1987. *policial estranha o pedido e pergunta: bicho perigoso, um animal selgavem, um cão pitbull*
1988. *não um gato! mais como assim um gato em casa, um gato pô ele invadiu minha casa e está*
1989. *caminhando em minha direção socorro, mais isso é ridículo passando trote pra polícia*
1990. *identifiquei-se já quem está falando aí Aqui é o papagaio, imbecil!* - *Sobre um papagaio ligô*
1991. *pra polícia falando sobre o gato qui o gato na verdadi tenta comê o papagaio né, aí ele liga*
1992. *pra polícia pedindo socorro só qui é uma coisa bem idiota qui fala né* – Eu vou mostrar três
1993. imagens e vou pedir para você descrevê-las. Essa? – *Ah pessoas istudando, ah felicidadi né*
1994. *vendo o povo querendo aprendê i tudo* - Agora é essa aqui? – *Sobre religião, igreja, é bom* –
1995. E, por fim essa daqui? – *Estão na praia, bom tirando um lazer si divertindo é bom ter* - Tem
1996. algum dia que foi o dia mais feliz da sua vida? – *Vixi, eu acho qui não* - Um dia muito
1997. triste? – *ah, o dia qui meu pai foi internado, ele tava jogano bola daí o cara bateu a falta,*
1998. *ele defendeu, a bola espirrô, ele foi pegá a bola, o cara deu uma joelhada na cabeça dele,*
1999. *ai ele perdeu a memória por três dias, ele num sabia quem era, ondi ele tava, quem qui era*
2000. *a família dele, num sabia nada é isso, ele jogava, agora ele parô* - Por causa disso? – *É* - Se
2001. você pudesse falar alguma coisa para todos os jovens, o que falaria? – *Dedicá nos istudos*
2002. *né, todo mundo amá os pais, as família, isso* – Muito obrigada.
2003. INF17 – *Eu tenho quinze anos, estou no primero ano* – E onde você nasceu? – *Nasci im*
2004. *Londrina mesmo* – E você sempre morou por aqui? – *Sempre* – E você mora aqui mesmo no
2005. *Paiquerê?* – *Aham, morei aqui e no Japão, fiquei uma veiz di treis anos e a otra eu fiquei*
2006. *dois ano* – Com quantos anos você foi? – *Fui cum treis e voltei cum seis, depois eu fui cum*
2007. *nove e voltei cum onze* – Você trabalha? – *Não* – E sua família toda mora por aqui? – *Uhum*
2008. – E você costuma ir para Londrina? – *Ah, às vezes quando eu vô dá uma passiada, as veiz*
2009. *quando precisa í mesmo* – E o que você mais gosta de fazer? – *Ah, conversá bastanti e saí*
2010. *com os amigo* – Você sai bastante? – *Saio* – Você tem namorada? – *No momento não* - Você
2011. fala japonês? – *Ah, bem pouco, pouco mesmo porque lá eu istudei im iscola brasileira* – Você
2012. sabe alguma coisa sobre a história do Paiquerê? – *Não* – Quando tinha festa do milho, você
2013. costumava vir? – *Aham* – O que achava da festa? – *Ah festa muito boa assim né, vinha*
2014. *bastanti pessoas legal* – Você sabe por que parou de ter? – *Não, eu sei um pouco assim por*
2015. *base* – Você já correu perigo de vida? – *Hum, não, acho qui não* – Já ficou doente? – *Ai, eu*
2016. *já uma veiz (inaudível), eu peguei gripi suína, aí eu tive qui ficá uns dia im obiservação* –
2017. Qual a importância da igreja na sua vida? – *Ah, bem importanti né, a genti fica assim diante*
2018. *di Deus né, im primero lugar* – E você costuma frequentar? – *Ah, não vô dizê qui vô toda*

2019. *semana, mais eu costume í, sim* – Qual é a importância da escola na sua vida? – *A escola é*
 2020. *essencial também né, qui hoje em dia próprio colégio tem qui, tem qui tê um colégio assim,*
 2021. *pra sê alguém na vida, arrumá um bom emprego* – Você já reprovou algum ano? – *Ah, eu*
 2022. *reprovei a sexta* – O fato de ter ido para o Japão atrapalhou o seu estudo? – *Atrapalhou*
 2023. *muito, porque quando eu cheguei lá eu tive qui fazê um negócio lá ei eu parei di estudá aí*
 2024. *eu aí depois voltei e foi difícil di acompanhá* – Qual é a importância do trabalho na sua
 2025. *vida?* – *Ah trabalhá, ah, é bom né porque aí você passa a dependê di você mesmo, tê seus*
 2026. *próprios dinheiro, não dependi nada dos seus pais, podi comprá alguma coisa, num precisa*
 2027. *pedi pra eles, podi ajudá o pai e a mãe também se quizé, ah, é bom* – E qual a importância da
 2028. *família?* – *Ah a família é bem importanti pa, bem, ah muito importanti por, chega umas*
 2029. *hora difícil assim tá cum a família é muito bom* – Você assiste à televisão? – *Uhum* – O que
 2030. *costuma assistir?* – *Ah eu assisto jornal é, é negócio di esporti, música essas coisa di jovem*
 2031. *– E qual a importância da televisão na sua vida?* – *Ai, é bom também porque passa bastanti*
 2032. *notícias assim aí a pessoa assisti, fica bem informado* – Qual é a pessoa com a qual você
 2033. *mais conversa sempre?* – *Quem eu sempre converso Co meu pai* – Se fosse contar um
 2034. *segredo hoje, para quem contaria?* – *Meu pai* – Tem alguma pessoa em quem você se
 2035. *espelhe?* – *Ah, eu num, num, acho qui meu pai* – E se você ganhasse um prêmio hoje com
 2036. *quem dividira?* – *Ca família* – Você tem irmãos? – *Não, só eu* – Essa família seria pai e
 2037. *mãe, então?* – *Ah mãe o vô e a vô* – Tem alguma pessoa com a qual você se relaciona que
 2038. *você acha muito inteligenti?* – *Tem, tem uma amiga minha na sala di aula, ah ela, vixi, ela é*
 2039. *uma pessoa muito, muito legal assim, ela sabi, ela intendi o assunto, o qui você fala i meu*
 2040. *pai também é* – Quais são as pessoas mais importantes para você hoje? – *Ah família*
 2041. *(inaudível)* – De sábado até hoje, quais foram as pessoas com quem você mais conversou? –
 2042. *Ah, tem bastanti heim, ah pessoas aqui da sala mesmo, os amigo, pai e mãe, amigo, vizinho*
 2043. *– Eu vou falar algumas entidades e quero que você fale se são importantes, muito*
 2044. *importantes ou sem importância. Família?* – *Muito importanti* – Igreja? – *Importanti* –
 2045. *Trabalho?* – *Importanti* – Escola? – *Importanti* – Amigos? – *Importanti* – Televisão? – *Ah,*
 2046. *importanti* – Leitura? – *Muito importanti* – E você costuma ler? – *Ah, num sô muito*
 2047. *chegado a lê livro não, mais eu leio, tipo notícia assim poco assim di, na interneti, às veiz*
 2048. *tem uma notícia, um vídeo assim também eu vejo* – Você pensou já em fazer uma faculdade?
 2049. *– Já* – E qual curso? – *Engenheiro Mecânico* – Por quê? – *Meu pai ele é, meu pai e meu vô*
 2050. *eles são mecânicos também* – E sua mãe, o que ela faz? – *Acho qui ela é auxiliar di limpeza*
 2051. *– E ela trabalha em Londrina ou aqui?* – *Trabalha im Londrina* – Seus pais têm estudo? –
 2052. *Minha mãe tem o ensino médio completo e meu pai acho eu nem sei* – Seu pai sabe ler? – *Ah*
 2053. *sabi, sabi lê* – E quando você era pequeno, liam historinhas para você? – *A minha mãe,*
 2054. *minha vô também lia pra mim* – O seu pai tem uma oficina ou é funcionário? – *Não, ele tem*
 2055. *oficina* – Aqui no Paiquerê? – *É, agora ele mudô pra cá* – Como você se relaciona com seus
 2056. *professores?* – *Ah, bom cum esses professores aqui desses blocos qui tem aí nós fomos bem,*
 2057. *agora alguns dos blocos passados, num fui muito bem, não* – Você é muito bagunceiro? –
 2058. *Tipo, ah eu não só aquele aluno ruim, péssimo, assim muito baguncero, mais eu converso*
 2059. *um poco assim i qui chega atrapalhá um poco a aula* – E mesmo tendo conciência disso,
 2060. *você faz?* – *Não, chega um ponto qui não né, num dá mais* – E qual a matéria que você tem
 2061. *a nota mais alta?* – *Eu acho qui educação física* – Você acha que alguém te influência de
 2062. *alguma maneira?* – *Aham, bastanti* – Quem? – *Ah, os amigos mais próximos e primo meu*
 2063. *qui eu tenho aqui também qui são* – Em que sentido seria essa influência? – *Ah, não é aquela*
 2064. *influência má assim qui, qui é muito ruim assim, mais as veiz fazeno umas coisas qui não é*
 2065. *certa, aí as veiz vai pela cabeça né* – Tem algum momento em que você costuma falar
 2066. *caprichadamente?* – *Tem, sim, mais ou menos tipo agora, nesse momento, numa intrevista* –
 2067. *E tem uma pessoa que, quando está perto, você se preocupa em falar caprichadamente?* –
 2068. *Não* – Você sabe falar português? – *Sei* – Por quê? – *Ah, porque eu nasci num país, Brasil*
 2069. *né, qui fala português* – Você acha que a língua que você fala é diferente da língua que
 2070. *aprende na escola?* – *É bem diferenti* – Por quê? – *É porque na rua as pessoas mais*
 2071. *chegadas, entre amigos assim, num fala certo, fala mais na gíria né qui fala* – E o que seria
 2072. *falar certo para você?* – *Ah, (inaudível) falá a palavra certo né* – Eu vou ler duas expressões
 2073. *e você me diz qual é mais bonita e qual é mais feia tá?* – *Tá* – A primeira é ‘nós trabalhamos
 2074. *hoje com bolsões de couro’ e a segunda é ‘nós trabaia hoje com borsão de coro’?* – *A*
 2075. *primera é melhor né* – Por quê? – *Ah, porque a primera o jeito qui a pessoa fala mais certo,*
 2076. *a ota não* – E o que você pensa de pessoas que falam como a segunda forma? – *Ah, nada*
 2077. *contra, mais deveria falar mais correto né* – As pessoas com as quais você se relaciona
 2078. *falam mais como a primeira ou como a segunda forma?* – *Tipo num chega a falá igual a*

2079. *segunda né, mais fala errado, num fala qui nem a primera tamém não – Você fala gíria? –*
 2080. *Eu falo – E tem algum momento em que você se preocupa em não falar? – Ah, mais com a*
 2081. *família porque num dá, só cus amigos qui intendi assim tamém – Você pode ler isso pra*
 2082. *mim e depois dar uma resumida? – Tenho, pois aqui a história de duas mulheres amigas e*
 2083. *unidas como carne e unha, razões de simpatia e de convivência logo trouxeram essa*
 2084. *amizade, e fazia a felicidade das famílias e a admiração de toda a genti, uma chama-se*
 2085. *Júlia e a outra Teresa esta tinha cabelos louros e era clara, aquela tinha olhos castanhos e*
 2086. *era morena – O que você leu aqui? – Ah, qui tinha duas amigas qui eram bem próximas e*
 2087. *uma era morena e a otra era loira – Vou te mostrar algumas imagens e você vai me dizer o*
 2088. *qui você está vendo. Essa? – Vejo, ah num sei explicá, o qui é na missa – E aqui, o que você*
 2089. *vê? – Ah vejo alunos aprendeno na iscola – E, por fim, essa? – Ah, uns amigos jogando,*
 2090. *brincando na praia - Agora eu vou pedir para você ler aqui para mim e também resumir no*
 2091. *final? – o policial do um nove zero atendeu o telefone e foi anotando o pedido de socorro,*
 2092. *por favor socorro mande alguém urgenti entrou um bicho terrível aqui em casa, o policial*
 2093. *estranha o pedido e pergunta, bicho perigoso, animal selvagem, um cão pitbull Não um*
 2094. *gato! Mais como assim um gato em casa Um gato pô! Ele invadiu minha casa em está*
 2095. *caminhando em minha direção, socorrro! Mais isso é ridículo passando trote pra polícia,*
 2096. *identifiquei-se já, quem está falando aí Aqui é o papagaio imbecil! – O que leu? – Ah qui ah*
 2097. *uma pessoa estava passando um troti e falô qui era um papagaio, eu acho. Uma, ah, tipo,*
 2098. *piada Uma, eu não sei dizê, mais acho qui não, é uma piada – Tem um dia que foi o mais*
 2099. *triste em sua vida? – Já – Você pode me contar? – Foi ah, eu num sei o dia específico, há*
 2100. *bastanti tempo mais, foi quando meu vô sofreu um acidente, aí ele quebrô as duas perna i a*
 2101. *bacia e num podia andá, ah mais ele já si recuperô já do acidente, agora ele tá andando –*
 2102. *Houve sequelas? – Teve sequela, ele anda mancano, incha a perna e dói bastanti – E um*
 2103. *dia muito feliz, você já teve? – Foi final de semana agora – Por quê? – Ah, tevi uma festa,*
 2104. *foi aniversário di uma amiga nossa qui teve aqui da sala, i foi muito legal – Se você*
 2105. *pudesse falar algo para todos os jovens, o que falaria? – Ah, qui a cada pessoa seja você*
 2106. *mesmo, não í pela cabeça dos otros porque hoje em dia o mundo tá muito mau, muito ruim*
 2107. *e as pessoas tê um pouco mais di humildadi – Obrigada*
2108. INF18 – *Tenho dezesseis anos, tô no segundo – E onde você nasceu? – Londrina, aqui*
 2109. *memo – E você sempre morou aqui no Paiquerê? – Não, morei lá no Guairacá sempre lá, é*
 2110. *lá perto do Tibagi – Você trabalha? – Ah só im casa, por inquanto – E você mora no sítio? –*
 2111. *No sítio – Então você faz serviço do sítio? – É, co meu pai lá – E sua família mora toda no*
 2112. *Guairacá? – Ah tá, tá meio espaiado lá tipo assim, a minha mãe tem nove irmão daí tem um*
 2113. *pra São Paulo, um pra... tá espaiado, mai a maioria tá por aqui memo – E seus avós Você*
 2114. *tem ainda seus avós? – Tem só o só, num tenho vô, qui é por parti de pai, daí tenho vó por*
 2115. *parti di pai i o oto tem tamém – E eles moram tudo por aqui? – Mora aqui memo – Você*
 2116. *costuma ir para Londrina? – Di vez im quando – Em que ocasiões? – Dependi, si fô pa pegá*
 2117. *alguma, andá dei vez im quando co pai ou pegá algum documento assim, mai é raro – O*
 2118. *que você mais gosta de fazer? – Jogá vídio gueime – Competindo com outras pessoas? –*
 2119. *Sozinho mesmo - Você sempre estudou aqui? – Até a quarta série foi no Guairacá, daí da*
 2120. *quinta até agora foi aqui – Lá tem ensino de primeira a quarta? – tem, agora tem di primera*
 2121. *a quinta, fizeram o ano passado, mai o resto tem qui sê aqui – Você sabe alguma história aqui*
 2122. *da região? – Ah tem aquelas qui o vô conta pa nós, di assombração, só tem aquela lá né –*
 2123. *E na festa do milho, já foi e gostava? – Já, ah eu, eu gostava, só qui agora eis tiraro – Você*
 2124. *já esteve em alguma situação em que correu perigo de vida? – Não – Já ficou doente? –*
 2125. *Doenti memo assim doenti di ficá no hospital bastanti tempo não – Há um dia que pode*
 2126. *considerar o mais feliz da sua vida? – Não – E um dia muito triste? – Tristi até agora qui eu*
 2127. *lembro foi o quando o molequi qui morreu, o Renan bateu di moto, esse dia foi bem tristi –*
 2128. *E faz muito tempo? – Faiz, não faiz tempo, morreu o mês passado, é ele bateu numa vaca lá*
 2129. *e morreu di moto – Que triste. Você foi ao enterro? – Não, fui só na no Guairacá qui tevi o*
 2130. *velório i na missa di sétimo dia, mai no interro memo lá num fui – Triste Com qual pessoa*
 2131. *você mais conversa? – Cos amigos da iscola aqui memo – Com seu pai e sua mãe, costuma*
 2132. *conversar? – Ah, di vez im quando converso – Se fosse contar um segredo hoje, para quem*
 2133. *contaria? – Dependi o segredo, mai, ah pus amigo né, sempre o pai é o último a sabê – Há*
 2134. *uma pessoa em que você se espelhe? – Tem uns qui fala ‘ah num quero sê tal daquele jeito’,*
 2135. *ah i num tem uma pessoa qui assim qui cê fala ‘aquele lá quero sê igual aquele’, num tem –*
 2136. *Como é sua relação com seu pai? – Ah, ele é, tipo assim, ele é bem, ele era bem brabo né,*
 2137. *mai agora ele tá mais calmo, ele assim, pa pai memo assim, ele é legal até, só qui tipo*

2138. *assim, pra saí ele é um pai bem o seguinti, num qué nem sabê* – Se você ganhasse um prêmio hoje, com quais pessoas dividiria? – *Os familiares* – Há algum momento que você procura em falar mais caprichadamente? – *Tem* – Qual seria? – *Ah quando fala cum alguém importanti aqui na iscola memo, assim evita falá né, mais fácil* – Você acha que alguém te influencia de alguma maneira? – *Não* – Você sabe falar português? – *Ah a genti fala né, num sabe si fala certinho* – Por quê? – *Ah, a genti fala as palavra português né, algumas certo, mais num fala o português bem certinho* – O português que você fala é diferente daquele que aprende na escola? – *Ah é* – Por quê? – *Ah porque a genti, tipo assim cos colega tem uma maneira di falá diferenti né di qui na iscola, já eles já ensina a forma certa e já costuma fala di otro jeito* – O que é falar certo para você? – *Ah fala bem calmo, usá as palavra certa, bem assim na norma culta qui é certo* – Eu vou ler duas expressões e quero que e me diga qual é mais bonita. “Nós trabalhamos hoje com bolsões de couro” ou “Nóis trabaia hoje com borsão de coró”? – *A primera forma é mais bonita* – O que você pensa de pessoas que falam como da primeira forma? – *Ah, num penso nada, é o jeito deles falá, custume, custume* – E quem fala como na segunda forma? – *Ah mesmo é o jeito deles fala, nasceu daquele jeito, fala daquele jeito* – Hoje, na sua convivência, as pessoas falam mais como a primeira ou como a segunda forma? – *Da primera* – Você fala gíria? – *Falo* – Tem algum momento em que você se preocupa em não falar gíria? – *Tem, quando tá tipo num, co vô memo assim, eu tento falá certo porque ele é meio... falá bem certo, i ele é senhor, essas coisa assim* – Qual a importância da igreja na sua vida? – *Ah igreja é pra mim, é tudo* – Qual sua religião? – *Católica* – E qual a importância da escola? – *Do aprendizado* – E você já mudou de alguma maneira por causa da escola? – *Já, ah di Im casa memo, precisa fazê alguma coisa assim, talvez cê usa mais matemática, cê precisa aprendê alguma coisa ou podi insina o pai, qui o pai num foi qui nem nós* – E qual a sua relação com a televisão? – *Diária* – E você deixa de fazer alguma coisa por causa da televisão? – *Ah ah, di vez im quando, dexo sim* – Tem alguma pessoa que você acha a mais inteligenti? – *Não, tudo igual, às vez, meu pai memo é mais inteligenti, i experiência di vida tudo, sabê fala as coisa né* – Qual é a pessoa mais importante na sua vida hoje? – *Pai e a mãe* – Você tem irmãos? – *Tenho um irmão mais novo, ah briga bastanti, ah genti briga* – De sábado até hoje, quais as pessoas com as quais você mais conversou? – *Ah aqui na iscola memo cus colega i cu pai* – Vou falar algumas entidades e você me diz se são importantes, muito importantes ou não tem importância nenhuma. Família? – *Muito importanti* – Igreja? – *Muito importanti* – Trabalho? – *Muito importanti tamém* – Escola? – *Muito importanti* – Os amigos? – *Importanti* – Televisão? – *Ah é pouco importanti* – Leitura? – *Ah, importanti, mai num gosto di lê não* – Então você não gosta de ler? – *Ah eu num gosto* – Se fosse viajar hoje, para onde você iria e quem levaria? – *Ah, eu viajei pra uma praia assim i levava os amigos pra se diverti* – E por que não seus pais? – *Ah, pai só ia ficá lá, divertino uma... mai divertino memo é com os amigo né, ia zuá, aí talvez o oto ano se vai lá pra praia* – Você pretende fazer faculdade? – *Ah, não tenho a idéia meio di certa ainda não* – Está pensando ainda? – *Aham* – O seu pai trabalha no sítio? – *É isso memo* – E a sua mãe? – *É dona di casa* – Mas ela ajuda também lá no sítio? – *Ajuda* – Qual a escolaridade dos seus pais? – *Acho que foi até a quarta* – E os dois sabem ler? – *Sabi, só a bíblia o único livro qui eles lê* – Quando você era criança, eles liam historinhas para você? – *Di vez im quando contava história, mai num lia muito não, era tipo todo sábado qui a genti reunia a família assim a meia noite aí eles começa a contá* – Como o seu relacionamento com os professores? – *Ah, zuo bastanti cum eles, brinco bastanti, com alguns né, tem alguns qui já é mais, mais quietos* – Leia e resuma? – *Tenho, pois aqui a história de duas mulheres amigas e únicas como carne e unha, razões de simpatia e de convivência longa trouxeram esta amizade qui fazia a felicidade das famílias e administração de toda a genti uma chamava-se Júlia e a outra Teresa esta tinha cabelos loiros e era clara, aquela tinha-os castanhos e era morena eram essas as diferenças, no mais igualmente belas e igualmente vestidas* – Resuma? – *Di duas mulheres qui era bem amiga i uma era ela era bem diferenti da otra* – O que vê nessa figura? – *Ah, uma praia tinha os amigo jogano bola, jogano vôlei pelo jeito na praia, no Rio di Janero* – Sobre essa daqui? – *Uns aluno, o colega deles tava passano exercícos no quadro, eles tava prestano atenção* – Agora essas duas daqui? – *Ah, u santo i devi tá na procissão e essa mercadoria aí não sei (inaudível), a segunda eu num sei bem o qui qui é, mai devi sê tipo um ajudanti tamém, as pessoa im volta do cara no centro* – Ler e resumir? – *O policial do cento e noventa atendeu o telefone e foi anotado o pedido de socorro, por favor socorro, mande alguém urgenti entrou um bicho terrível aqui em casa, o policial estranha o pediu e pergunta bicho perigoso, um animal selvagem, um cão pitbull Não um*

2198. *gato! Mais como assim um gato em casa Um gato pô! Ele invadiu minha casa e está*
 2199. *caminhando em minha direção, socooooorrrro, mais isso é ridículo passando trote pra*
 2200. *polícia, identifiquei-se já quem está falando aí ahahah É o papagaio imbecil!* – Pode
 2201. recontar? – *Posso, o policial atendeu o telefone daí o cara tava pedindo socorro, daí o*
 2202. *policial achô istranho porque era um gato né, o cara cum medo dum gato daí ele achô qui*
 2203. *era o papagaio qui tava falano* – E se pudesse falar alguma coisa pros jovens, o que diria? –
 2204. *Ah, sei lá, qui aproveitassi a vida, num sei, não, professora.*
2205. INF19 – *Tenho dezesseis anos, tô no segundo* – Você mora em Paiquerê ou no sítio? – *No*
 2206. *Sítio, Guairacá* - Onde você nasceu? – *Tamarana* – E por que você veio para cá? – *Ah num*
 2207. *sei, porque meu pai quiz* – Você mora com seu pai e sua mãe? – *I minha vó* – Tem irmãos?
 2208. – *não* – Você trabalha? – *trabalho im lavora, é junto co meu pai* – Onde moram as pessoas
 2209. da sua família? – *Ah, tem um poco aqui i lá né, mais a metadi mora lá, a maioria mora lá* –
 2210. Perto de vocês? – *sim, mora lá também minha vó i a ota mora no sítio lá* – Você costuma ir
 2211. para Londrina? – *di vez im quando, máximo uma vez por mês, aí quando eu vô no dentista*
 2212. *e tem vez qui eu vô dá uma passuada* – O que você mais gosta de fazer? – *Jogá bola* – E
 2213. você joga em um time? – *Não, nói joga, tem um timinho lá qui eu jogo direto* – Você
 2214. sempre estudou nesse colégio? – *Sempre, da quinta série adianti, primera a quarta foi lá* –
 2215. Lá tem né escola? – *lá tem* – Chegou a vir na Festa do Milho? – *Faiz muito tempo, ah eu*
 2216. *gostava, ah, faiz muito tempo já qui eu vim* – Já esteve em uma situação em que correu risco
 2217. de vida? – *Não* – Já ficou doente de ficar internado no hospital? – *Não* – Tem um dia qui
 2218. você considera o dia mais feliz da sua vida? – *Ah, ainda num chegô* – E um dia triste? –
 2219. *Quando meu vô morreu* – por quê? – *Ah porque eu convivia muito com ele, gostava muito*
 2220. *dele sabi* – Qual é a pessoa com a qual você mais conversa? – *Ca minha mãe* – Se fosse
 2221. contar um segredo, contaria para quem? – *Pra minha mãe* – Tem alguma pessoa que você
 2222. tem como modelo de vida? – *Ah, tem meu tem, meu pai* – Por quê? – *Ah, porque sim, ele é*
 2223. *muito bom sabi, bom mesmo* – Se você ganhasse um prêmio, com quem dividiria? – *Co meu*
 2224. *pai* – Tem algum momento em que você procura falar mais caprichado? – *Tem* – Quando? –
 2225. *ah quando tem bastanti genti, certo números de pessoas* – E tem uma pessoa em especial? –
 2226. *Tem, minha namorada. É, quando tô cum ela eu cuido mais do jeito di falá, é isso, cuido*
 2227. *mais* – Você acha que alguém te influencia de alguma maneira? – *Não* – Você pode falar um
 2228. pouquinho da sua namorada? – *Tipo o que, assim?* – Como ela é, como, onde vocês se
 2229. conheceram... – *Ah, a genti se conheceu lá na vila né, no Guairacá lá, i ela é legal né* – Ela
 2230. estuda aqui? – *Não* – Faz tempo? – *Um meis, tamo no começo, si conhecendo. Ela é bem*
 2231. *legal, bem bonita* – Você sabe falar português? – *Mais ou menos* – Por quê? – *Ah, porque*
 2232. *falo meio, meio é errado* – Você acha que a língua que você fala é diferente da língua que
 2233. aprende na escola? – *A do qui eu falo?* – *É, você fala português e a disciplina?* – *Ah, eu acho*
 2234. *um poco, ah porque acho qui português certo é muito difícil di falá, as professora tem qui*
 2235. *insiná* – Eu vou ler duas expressões e você fala qual você acha mais bonita “Nós
 2236. trabalhamos hoje com bolsões de couro” ou “Nóis trabaia hoje com borsão de coró”? – *A*
 2237. *primera* – Por quê? – *Ah parece ser a mais correta* – O que você pensa de pessoas que
 2238. falam como na primeira forma? – *Com mais, aprendeu mais assim mais* (inaudível) – E
 2239. quem fala como na segunda forma? – *Ah, um poco mais menos istudado assim* – E nas suas
 2240. relações, as pessoas falam mais como na primeira ou como na segunda expressão? – *Como*
 2241. *na segunda* – Por quê? – *É, eu acho qui é por causa di sê im sítio* – Você fala gíria? – *Falo*
 2242. *bastanti* – E há algum momento em que você procura em não falar? – *Quando tô namorano*
 2243. – Você tem religião? – *Ah, é cristã* – Qual é a importância da igreja na sua vida? – *Ah, pra*
 2244. *aprendê mais as coisa di Deus assim, fala mais di Deus* - Qual a importância da escola na
 2245. sua vida? – *Ah, eu acho qui pra aprendê mais, pra arrumá imprego tem qui istuda né* – Qual
 2246. a importância da televisão na sua vida? – *Ah, a televisão, eu assisto mais é filme assim mais*
 2247. *num...* – Tem alguém do seu convívio que você considera a mais inteligente? – *Acho qui*
 2248. *minha prima* – Vocês conversam bastante? – *Conversamo* – Quem é a pessoa mais
 2249. importante para você hoje? – *Hoje minha, minha mãe* – Por quê? – *Ah, porque ela mi ajuda*
 2250. *ela sempre tá do meu lado né* – De sábado até hoje, quais foram as pessoas com quem você
 2251. mais conversou? – *Sábado, cum meus amigos, meu primo, co rapaz qui eu trabalho, e cum*
 2252. *meus pais, ah converso bastanti cum eles tamém* – Vou falar algumas entidades e você me
 2253. diz se são muito importantes, importantes ou não têm importância. Família? – *Importanti* –
 2254. Igreja? – *Importanti tamém* – Trabalho? – *Importanti* – Escola? – *Importanti* – Amigos? –
 2255. *Importanti* – Televisão? – *Mais ou meno* – Leitura? – *Importanti* – Você lê? – *Não, eu leio*
 2256. *bem poco* – O que você já leu ou o que você costuma ler? – *Ah, agora eu tô lendo o livro do*

2257. *Dom Casmurro porque foi pedido pela iscola – Todo mundo está lendo né? – É, ah meio*
 2258. *difícil di intendê aquele livro, num tô conseguino intendê muito não, é difícil, a professora*
 2259. *num explico direito acho – Se fosse viajar hoje, para onde iria e quem levaria com você? –*
 2260. *Ondi eu iria Ai tipo pra Paris, ah levaria minha namorada – E o que vocês fariam lá? – Ah*
 2261. *visitaria um monti di lugar né, essas coisa – Você pretende fazer faculdade? – Ah, eu penso*
 2262. *– E já tem um curso em mente? – Ainda não – Seus pais têm estudo? – É, têm, tirô só di*
 2263. *primera a quarta – Eles sabem ler e escrever? – Sabi – Quando você era pequeno, eles liam*
 2264. *para você ou contavam historinhas? – Não – Você tem patrão no sítio? – Não, o sítio é do*
 2265. *meu pai – Como você se relaciona com os professores? – Ah, eu acho qui é bom, bem –*
 2266. *Conversa com algum fora da sala? – Ah, converso mais com o professor Altair e o Vanderlei*
 2267. *– Leia e resuma? – Podi começá Tenho pois aqui a história de duas mulheres amigas e*
 2268. *unidas como carne e unha, razões de simpatia e de convivência longa trouxeram esta*
 2269. *amizade qui fazia a felicidade das famílias e a admiração de toda a genti, uma chamava-se*
 2270. *Júlia e outra Tereza esta tinha cabelos loiros e era crara, aquela tinha-os castanhos e era*
 2271. *morena, eram estas as diferenças no mais igualmente belas e igualmente vestidas – Poderia*
 2272. *resumir o que acabou de ler? – Duas mulheres qui eram muito amigas (inaudível), uma loira*
 2273. *e a otra era cabelo castanho e qui as família gostava muito da amizadi delas – O que vê*
 2274. *nessa figura? – o qui eu vejo, pessoas, homens di santo pareci – Nessa aqui? – Pessoas na*
 2275. *praia jogando futebol – E essa aqui? – Na iscola, o aluno tá resolveno um pobrema, um*
 2276. *pobrema no quadro – Leia esse texto em voz alta, por favor? – O policial do um nove zero*
 2277. *atendeu o telefone e foi anotando o pedido de socorro, por favor socorro, mande alguém*
 2278. *urgenti entro um bicho terrível aqui em casa, o policial estranha o pedido e pergunta, bicho*
 2279. *perigoso, um animal selvagem, um cão pitbull Não um gato! Mais como assim um gato em*
 2280. *casa Um gato pô! Ele invadiu minha casa e esta caminhando em minha direção, socorro!*
 2281. *Mais isso é ridículo passando trote pra polícia, identifiquei-se já, quem está falando aí O*
 2282. *papagaio! – O que você leu? – O policial pensô qui era uma pessoa qui tava dano troti no*
 2283. *telefone dele, pedino socorro e no fim era o papagaio pedino socorro – Se fosse falar algo*
 2284. *para todos os jovens, o que falaria? – Num sei... pra vivê bem. - Obrigada!*
2285. *INF20 – Tenho dezesseis anos, tô no primero grau – Onde você nasceu? – Faxinal – E por*
 2286. *que veio para cá? – Ah meu pai é, tava precisano di serviço daí acho aqui acabo mudano*
 2287. *pra cá, uns treis anos já – Você mora no distrito ou no sítio? – Moro no sítio próximo ao*
 2288. *Irerê, é indo pa Londrina próximo ao Irerê – Toda a sua família mora por aqui? – Não, tem*
 2289. *só uma tia, duas tia e uma prima – E você mora com seus pais? – Moro co meu pai – Tem*
 2290. *irmãos? – Não, sô filho único – E você vai para Londrina de vez em quando? – Vô, vô cá*
 2291. *minha mãe – E em que ocasiões? – Ah mais quando eu preciso fazê alguma coisa lá,*
 2292. *comprá alguma coisa pra mim vô junto cum ela, tipo assim, num curto muito Londrina,*
 2293. *mais uma vez por meis só, mais im casa, na casa dele – Você trabalha? – Ah, no momento tô*
 2294. *ajudano meu pai, ajudo ele no sítio lá, ajudo no negócio di prantação, mais trabaio fixo eu*
 2295. *num tenho – Mas você tem rotina diária de trabalho? – É, às veiz trabaio num lugar, às veiz*
 2296. *no otro, mais é no sítio, prantação, leite lá – Ah tem vaca também? – É, onde nós mora,*
 2297. *mai tem otra fazenda qui eu tenho qui ajudá ele di vez im quando prantano. É e tem qui*
 2298. *sabê tudo di entregá leiti, isso eu num faço, é meu pai né, eu num quero isso não – O que*
 2299. *você mais gosta de fazer? – Qui eu mais gosto di fazê, ah, é jogá bola final di semana, entre*
 2300. *nóis memo, nói, os amigo, sábado e domingo, nói tem campo, tem no serrinha, perto do*
 2301. *irerê, ali perto da Cocamar, nói joga ali – Você sempre estudou aqui? – Não, aqui é*
 2302. *primero ano meu – Onde você estudava? – Lá no Irerê (inaudível) ali estudei a sexta, um*
 2303. *poco da sexta, sétima, oitava i agora vim pra cá – E você sabe alguma coisa sobre a história*
 2304. *do distrito? – Num sei não – Chegou a ir na Festa do Milho? – Vim o ano retrasado – O que*
 2305. *você achou? – Ah boa, primera vez qui eu vim i peguei, achei bom – Não tem mais? – Não,*
 2306. *o ano passado, esse ano num teve, acho qui ano passado teve, qué dizê – Já correu risco de*
 2307. *vida? – Num sei – Já ficou doente? – Ah, já machuquei um pé uma vez ajudano meu pai, fui,*
 2308. *ingessei a perna mais não foi tão grave não, ah fiquei seti dias sem í pra iscola, uma*
 2309. *semana – Há algum momento em que você fala mais caprichadamente? – Ah vezes eu penso*
 2310. *im falá heim, porque eu falo muito rápido as veiz ninguém intendi mais – Quando? –*
 2311. *Quando tô num lugar com pessoas i dá, tipo assim, mais do qui eu, pessoas adultas, pessoas*
 2312. *bem di vida né, mais entre os amigos assim tá normal – Você tem religião? – É católica –*
 2313. *Você vai sempre à igreja? – Ah, num vô heim, num frequento, mais pretendo frequentá mais*
 2314. *pra frenti – Qual a importância da igreja em sua vida? – Ah, a importância qui eu daria é pa*
 2315. *rezá co a minha família né, rezá por mim uma rotina teria qui tê (inaudível) – E a escola,*

2316. qual a importância? – *Ah, é o futuro né, Ah educação um pouco também, é importante porque*
 2317. *na dá o qui deve fazê i o qui num deve, aprendi isso* – E qual é a importância do trabalho
 2318. para você? – *Ah importância do trabalho pra mim é qui no final do mês eu sei qui eu tenho*
 2319. *uma coisa pa recebê, pa comprá uma coisa pra mim é... prifiro tipo trabaia do que ficá im*
 2320. *casa do qui é uma coisa pra mim fazê, agora ainda mais trabaio ajuda os pais* – Qual é a
 2321. pessoa com a qual você mais conversa? – *Ah, da minha família ou...?* – Geral – Qui eu mais
 2322. converso .. *É meu pai e minha mãe i di amigo eu tenho vários também, ondê eu moro aqui*
 2323. *todo dia eu tô cum eles né, seja cedo ou di noiti, sempre eles tá perto di mim* – Se fosse
 2324. contar um segredo, pra quem contaria? – *Pra quem eu contaria Pra minha mãe* – Tem
 2325. alguma pessoa da sua relação que você considera bastante inteligente? – *Ah, como cê fala,*
 2326. *assim, genti da família ou...?* – Geral – *qui considero inteligente ... ah, considero colega*
 2327. *meu qui istuda comigo, qui ele vai atrais memo, traiz coisa, considero ele e uma amiga*
 2328. *também, os dois* – Qual é a pessoa mais importante na sua vida? – *Pessoa mais importante na*
 2329. *minha vida Ah, é minha família né, meu pai, minha mãe, meus avô. É, o resto, meus amigo*
 2330. *mesmo, todo mundo é importante né* – E para seu desenvolvimento profissional, que pessoa
 2331. seria? – *Importante Ah, meu pai qui é mais pa isso assim* – Eu vou dizer algumas entidades e
 2332. você me diz se são muito importantes, importantes ou sem importância. Família? – *Muito*
 2333. *importante* – Igreja? – *Muito importante também* – Trabalho? – *Importante* – Escola? – *Muito*
 2334. *importante* – Amigos? – *Muito importante também* – Televisão? – *Ah num faz, é muito*
 2335. *importante, ah, importante né* – Leitura? – *Muito importante* – Você tem o hábito de ler? –
 2336. *Não tem, num gosto e também sô meio tímido pa lê também, iscola assim sô tímido* – Se você
 2337. fosse viajar hoje, iria para onde e quem levaria com você? – *Onde eu iria Ah eu, fossi viajá,*
 2338. *o lugar por aqui memo, ah eu quiria í pa Minas Gerais, vê minha família qui ta lá, eu ia*
 2339. *levá (inaudível) e minha mãe* – Então você tem família em Minas Gerais? – *É, tem, não é*
 2340. *muita família não, meus primo e uma tia minha i já morei lá (inaudível) também era piqueno*
 2341. *ainda* – Eu adoro Minas Gerais tem muito rio, muita cachoeira? – *É, tem bastanti, morro né,*
 2342. *tem bastanti* – Você pretende fazer faculdade? – *Ah, eu quero bastanti, eu pretendo, quero*
 2343. *sê agrônomo, engenheiro agrônomo, mexê com ou veterinária* – Alguma coisa relacionada? –
 2344. *É a roça, mai eu quiria mai agrônomo, veterinária é dimais* – Você gosta mais do trabalho
 2345. com a terra? – *É, qui veterinária às vezes não salva o animal, aconteci alguma coisa, a*
 2346. *genti qui é o culpado* – O teu pai trabalha na roça né? – *É* – E a sua mãe? – *Minha mãe*
 2347. *também trabaia lá na fazenda, só qui ela trabaia di, é doméstica, faxinera, é na sede lá* – Os
 2348. seus pais têm estudo? – *Meu pai parô na quinta, minha mãe parô na segunda* – E eles
 2349. sabem ler? – *Minha mãe não sabi, não. Meu pai sabe (ininteligível)* – Quando você era
 2350. criança, alguém contava historinhas para você? – *Não. Lembro qui mi ajudava né, fazê*
 2351. *tarefa, quando pricisava, tipo terceira série, aí meu pai ajudava eu, é meu pai, porque minha*
 2352. *mãe num sabe iscrevê, mai não sabe lê, qui é é... teve pobrema e não istudô* – Você mora
 2353. numa fazenda e tem algum contato com os donos dela? – *Sô afilhado deles* – E ele mora lá?
 2354. – *Mora im Londrina – Nós costuma i lá visitá ele i a mulher dele* – Qual é a profissão dele?
 2355. – *Não, a profissão dele é dono, só olhá as fazenda, a firma dele né i só* – E você conversa
 2356. com ele? – *Converso, converso cum ele, ca mulher dele* – Como é o seu relacionamento
 2357. com os professores? – Bem – Tem algum que você fala fora da sala de aula? – *Sala de aula*
 2358. *não tem, conheci eles agora, esses tempo né* – Há alguém em quem se espelhe? – *Meu pai,*
 2359. *ah eu mi vejo nele né, é trabaiaidô, hum, mi ispelho nele, só qui eu quiria tipo ota coisa na*
 2360. *minha vida né, i trabaia, mais im oto setor, ajudá ele né* – Você sabe falar português? – *Ah*
 2361. *um pouco eu sei, um pouco eu não sei, im palavras mesmo tipo é português e a genti num*
 2362. *sabe falá mais...* – Você acha que a língua que você fala é diferente da língua que ensina-se
 2363. na escola? – *É* – Por quê? – *Ah, na iscola a genti respeita né, sabe o qui fala, quando tá cos*
 2364. *amigo fala muita coisa qui vem pela cabeça* – Então existe uma forma que fala na escola e
 2365. uma...? – *É, uma qui fala fora da iscola* – O que é falar certo para você? – *Falá certo Ah*
 2366. *falá certo é sabê o qui fala né, é chegá pra uma pessoa qualque coisa, às vezes a pessoa*
 2367. *podí ficá meio assim costringida com qui cê fala, cê acha qui é falá certo* – Eu vou ler duas
 2368. expressões e você me fala qual você acha mais bonita? – *Aham* – ‘Nós trabalhamos hoje
 2369. com bolsões de couro’ ou ‘nóis trabaia hoje com borsão de coro’? – *A primera* – Por quê? –
 2370. *Ah, porque a segunda é meio, as pessoa da roça qui fala né, pessoas antiga, a primera acho*
 2371. *é mais sofisticada pra falá né, fala mais certo* – As pessoas do seu convívio falam mais
 2372. como a primeira ou mais como a segunda expressão? – *Ah tem uns, tem parenti meu qui fala*
 2373. *como a segunda* – E seus pais? – *Meus pais falam como a primera, falam certo, mais tem*
 2374. *parenti meu qui fala como a segunda, mais simpres, qui nem meus avós, ah meus avós é do*
 2375. *antigo, eu num, como fala assim, num tô cum eles* – Não tem muito convívio? – *Não, vejo*

2376. *eles as vez por dois em dois mês eu vejo eles porque eles não moram perto di casa – Você*
 2377. *se preocupa com a sua forma de falar? – Si preocupo quando tô perto di alguém qui fala*
 2378. *certinho, é não fala besteira, não fala nada, daí eu si preocupo im falá né – Por quê? – Ah*
 2379. *porque, qui nem eu falei a ota resposta, ali, tem genti qui, tem coisa qui a genti fala qui a*
 2380. *pessoa num gosta né, num fala pa genti mais pensa na cabeça, a genti deve imaginá isso aí*
 2381. *– Você fala gíria? – Não, ah quando tô com meus colega alguma coisa eu falo né, mais não*
 2382. *so di fala gíria não – Você pode ler esse pequeno trecho em voz alta, por favor? – Tenho*
 2383. *pois aqui a história de duas mulheres amigas e unidas como carne e unha razões de*
 2384. *simpatia e convivência longa trouxeram esta amizade qui fazia a felicidade das famílias e*
 2385. *admiração de toda a genti, uma chamava-se Júlia e a outra chamava-se Teresa esta tinha*
 2386. *cabelos louros e a outra era clara, aquela tinha-os castanhos e era morena, eram essas as*
 2387. *diferenças no mais igualmente belas e igualmente vestidas – Você pode me contar o que*
 2388. *leu? – Ah é, duas amigas e qui a história, podi sê na vida real tamém qui elas convivia*
 2389. *muito uma cá ota uma na casa da ota tranquila, só, a família di cada uma gostava da*
 2390. *amizadi da ota é isso aí só - Como você descreveria isso? – É um, como é qui fala isso, já é*
 2391. *uma brincadera, amigo entre amizadi, amizadi no Rio di Janero tamém cidadi pra viajá – E*
 2392. *aqui? – A igreja né – Você pode descrever um pouco o que vê? – Ah, vejo cinco seis pessoas*
 2393. *im fila, e na ota imagi vejo um, como fala, um bando di pessoas tudo junto e o oto eu não*
 2394. *sei discrevê muito isso aí – E aqui? – Aí seria qui a professora pediu pro aluno fazê um*
 2395. *exercício e acho qui di matemática, os oto prestano atenção – Agora vou pedir para você ler*
 2396. *este texto aqui pra mim e resumir também tá? – O policial do cento e noventa atendeu o*
 2397. *telefone e foi anotando o pedido de socorro, por favor socorro mande alguém urgente,*
 2398. *entrou um bicho terrível aqui em casa o policial estranha o pedido e pergunta, bicho*
 2399. *perigoso, um animal selvagem, um cão pitbull Não um gato! Mais como assim um gato em*
 2400. *casa Um gato pô! Ele invadiu minha casa e está caminhando em minha direção, socorro,*
 2401. *mais isso é ridículo passando trote pra polícia Identifiquei-se já, quem está falando É um*
 2402. *papagaio imbecil! – Pode resumir? – Ah entendi qui o papagaio viu o dono dele ligano pa*
 2403. *polícia, como pedindo socorro com o cachorro i o bicho i o gato um rato, igual um*
 2404. *passarinho, o gato entrô lá, ele ligô pa polícia pa ajudá ele – Tem um dia que você*
 2405. *considera o dia mais feliz da sua vida? – Dia doze, do doze, do doze. Ah, fui num parqui di*
 2406. *diversões, no Ody Park di Maringá, meus amigos da iscola, um dia qui si diverti bastanti,*
 2407. *ah era nosso último ano na ota iscola, daí nói juntô um dinheiro, foi tudo nós num ônibus,*
 2408. *arrecadamo o dinheiro, si divertimo lá junto – Foi boa a ida? – No ônibus é conversa vai lá*
 2409. *nem vê chegá né, rapidinho – E um dia triste? – Ah uma notícia qui eu recebi – Você pode*
 2410. *falar sobre o assunto? – Hum um professor aqui da iscola, professor Rubens morreu e foi*
 2411. *um dia tristi heim, logo na véspera du meu aniversário recebi a notícia – Você tem vontade*
 2412. *de morar em Londrina? – Não, eu não gosto di cidadi baruieira, carro, essas coisa,*
 2413. *perigoso tamém né, prefiro mais o sítio, mais sussegado – E se fosse falar algo pros jovens,*
 2414. *todos os jovens, o que falaria? – Ah, pra eles Assim, como, num sei agora – Obrigada!*
2415. *INF21 – Dezeseti ano, i terceiro ano – Você nasceu onde? – Eu nasci im Londrina mesmo –*
 2416. *Faz tempo que você mora aqui? – Faiz deisdi quando eu nasci – Você mora no sítio? –*
 2417. *Moro num sítio mais no caminho di Irerê – Sua família mora toda por aqui? – Mora, i mora*
 2418. *no Irerê – Você vai para Londrina de vez em quando? – Vô – Quando você vai? – Ah,*
 2419. *sempre eu vô, sempre quando tem alguma coisa lá, qui eu trabaiava lá, eu sempre ia – E*
 2420. *para sair, se divertir você costuma ir a Londrina? – Sim, tem vez sim, tem vez qui eu vô sim*
 2421. *– O que você mais gosta de fazer? – Ah, eu gosto muito é, diverti, tipo assim, adrenalina,*
 2422. *gosto muito di moto, carro, gosto bastanti, adrenalina – Então você tem uma moto? – Não,*
 2423. *não eu tenho meu irmão tem uma moto eu sempre eu uso a dele meu pai tem um carro eu*
 2424. *sempre uso o carro dele – Você já sabe dirigir? – Sei pilotá e dirigí, sei, mais eu num*
 2425. *arrisco tipo indo pra Londrina, essas coisa não. É, Eu sô di menor – Você sempre estudou*
 2426. *aqui? – Não, istudei no Irerê tamém até a oitava série, aí pra cá eu fiz o primero, segundo e*
 2427. *tercero – E foi ruim essa mudança? – Ah, pa mim num foi muito ruim não porque são duas,*
 2428. *duas, é ligado, tipo assim, Irerê e Paiquerê quasi dois, duas coisa igual, é meu tipo*
 2429. *Paiquerê i Irerê pra mim é normal, antis Paiquerê era pior só qui agora melhorô muito –*
 2430. *Era pior em que sentido? – Ah sentido qui era muita briga muitos (ininteligível) tipo vinha*
 2431. *cara di fora, vinha genti di fora, genti di Guaravera, Irerê sempre arrumava briga por cá,*
 2432. *mai agora tá di boa – Aqui tinha aquela festa do milho né, você costuma vir? – Não, era,*
 2433. *bem, sempre eu quiria vim, mais sempre num dava certo, nunca cheguei vim nem uma*
 2434. *dessas festa – Você sabe alguma coisa sobre a história do distrito? – Não, isso aí num sei,*

2435. *sei qui era bem povoado lá porque sempre falaram qui tinha shopping essas coisa, meu pai*
 2436. *fala sempre qui tinha esses negócio, tipo assim, qui saiu di Londrina ou saiu do Irerê e*
 2437. *foram pa Londrina muita genti – Você já esteve em situação de risco de vida? – Ah, um*
 2438. *acidenti só – Você pode falar um pouquinho desse acidente? – Não, accidenti eu tava indo eu*
 2439. *mais um amigo, acho qui fui buscá manga, mais eu era piqueno, aí eu fui, eu tava... i*
 2440. *normal, aí eu num vi qui tava vindo uma moto atrás i eu cruzei na frenti da moto, me pegô*
 2441. *assim lateralmenti – E chegou ir para o hospital? – Cheguei, mais só isso só, nada di grave*
 2442. *– Tem um momento que você procura falar mais caprichado? – Ah, momento, tipo uma*
 2443. *intrevista né, di imprego, mais é tipo assim numa intrevista di imprego pra mim mesmo,*
 2444. *porque não custumo falá tipo assim toda as palavra correta - Tem uma pessoa que você,*
 2445. *quando conversa, procura falar melhor? – Ah, mais é por tipo assim por meninas né, mais*
 2446. *atração né, assim você procura dá uma, uma melhorada – Qual a importância da igreja na*
 2447. *sua vida? – Não, ah, pra mim a igreja, eu não costume í muito né, mais minha família*
 2448. *sempre vai – E você acha que mudaria alguma coisa na sua vida ir mais à igreja? – Ah eu*
 2449. *mudaria só se fô pra seguí a igreja memo, firme intendeu, qui minha mãe é evangélica – E a*
 2450. *escola, qual é a importância dela na sua vida? – Ah importância pra mim é o aprendizado*
 2451. *né, pra mim conseguí um imprego melhor, uma forma melhor di vida – A televisão é*
 2452. *importante pra você? – Ah, às vezes eu assisto sim, mas o menos, mais a televisão não... –*
 2453. *Você assisti a que tipo de programas? – Assisto muito é Pânico, desenhos tamém, dezesseti*
 2454. *anos, mais mentalidadadi di criança ainda – Você trabalha numa fãbrica de lonas né? – Isso,*
 2455. *eu trabalhava, fui mandado embora, agora eu tô desempregado i daí ajudo meu vô no sítio*
 2456. *um pouco – E qual é a importância do trabalho na sua vida? – Ah a importância pra mim é*
 2457. *tipo dinheiro né, procurá, tipo assim, uma coisa melhor pra mim, tipo investi meu dinheiro*
 2458. *na alguma coisa, alguma casa, algum território – Essa fãbrica de lonas é aqui? – Era lá im*
 2459. *Londrina – E faz tempo que parou de trabalhar? – Faiz tempinho já, faiz uns, ah faiz um*
 2460. *ano, mais eu tavo trabalhano im otras coisa só qui num, só trabaiano um poquinho e já*
 2461. *parei, mais nessa aí foi firme – Qual é a pessoa com a qual mais conversa? – Ah mais é co*
 2462. *meu irmão, ca minha mãe – E se fosse contar um segredo, para quem contaria? – Pra minha*
 2463. *mãe – Tem uma pessoa das quais você se relaciona que você acha bem inteligente? – Ah,*
 2464. *considero muito é meu irmão – Por quê? – Ah, tipo do jeito dele né, considero ele pa*
 2465. *caramba – Qual é a pessoa mais importante na sua vida hoje? – Meu irmão, minha mãe e*
 2466. *meu pai, ah,mas muito é minha mãe né, sempre ela fala as coisa tipo, qué vê eu uma pessoa*
 2467. *bem, tipo assim bem istudada, sempre procurano imprego melhor assim – De sábado até*
 2468. *hoje, quais foram as pessoas que você mais conversou? – Conversei muito co meus colega*
 2469. *aqui da iscola – Eu vou falar algumas entidades e você me diz se são muito importantes,*
 2470. *importantes ou sem importância, tudo bem. Família? – Importanti – Igreja? – Importanti*
 2471. *tamém – Trabalho? – Muito importanti – Escola? – Muito importanti tamém – Amigos? –*
 2472. *Importanti – Televisão? – Não – Leitura? – Leitura eu acho importanti – Por quê? – Porque*
 2473. *é uma forma di cê si interagi mais intendeu, cê leno ali si, tipo assim um livro, um livro cê*
 2474. *leno você si interagi nele – Você gosta de ler, então? – Não, na verdade não - Se você fosse*
 2475. *viajar hoje, para onde iria? – Ah eu iria em alguma praia com minha família – Seu pai, sua*
 2476. *mãe e seu irmão, você tem um irmão só? – Tenho treis, dois irmão e uma irmã – Você*
 2477. *pretende fazer faculdade? – Não, não pretendo não – Por quê? – Acho qui as condições né,*
 2478. *ah chega a pensá eu cheguei né mais, vai de dinheiro né – Qual é a profissão dos seus pais?*
 2479. *– Serviços gerais – Os dois, é, trabalha im Londrina, tipo assim, minha mãe trabalha pa*
 2480. *coisa qui faiz limpeza, tipo assim, im iscola os negócio, meu pai, assim, pa uma firma di*
 2481. *tinta – E você sabe até quando os dois estudaram? – Acho qui meu pai até o terceiro e minha*
 2482. *mãe até a quarta – Os dois sabem ler e escrever? – Meu pai i minha mãe sabi iscrevê i lê*
 2483. *tamém – E quando você era pequeno, eles contavam ou liam histórias para você? – Vixi, aí*
 2484. *eu não lembro – Quando você trabalhava nessa fãbrica, você tinha um superior? – Tinha*
 2485. *sim, tinha um, como se fala memo o cara qui checava lá, era o irmão do patrão, era o*
 2486. *gerenti, aí sempre ele checava o serviço da genti, se a genti tava fazendo da forma correta –*
 2487. *E como era seu relacionamento com ele? – Normal, conversava tudo di boa – Alguém te*
 2488. *influencia de alguma maneira? – Ah, eu acho qui não – Você fala gíria? – Ah eu acho mais*
 2489. *ou meno, tem veiz qui eu falo sim, tem veiz qui não – Tem algum momento em que se*
 2490. *procupa em não falar gíria? – Ah, tipo no momento di uma vaga di imprego né, procura fala*
 2491. *sempre correto – Você sabe falar português? – Sei, sim – Por quê? – Ah, sei por causo do*
 2492. *método deles insiná né, na iscola, eu acho método certo – Você acha que a língua que você*
 2493. *fala é diferente daquela que aprende na escola? – Eu acho qui não, tem nem uma influencia*
 2494. *– Como é seu relacionamento com os professores? – Normais – O que é falar certo para*

2495. você? – *Falá da maneira certa né, a maneira qui se aprendi na iscola* – Eu vou ler duas
 2496. expressões e você me diz qual é a mais bonita “Nós trabalhamos hoje com bolsões de couro”
 2497. ou “Nóis trabaia hoje com borsão de coro”? – *Pra mim é a primera* – Por quê? – *Pela forma,*
 2498. *é a forma mais correta, tipo sem muitas, muitos erros, forma mais correta di dizê* – As
 2499. pessoas que se relacionam com você falam mais como na primeira ou na segunda forma? –
 2500. *Mais como a segunda forma* – Por que você acha que elas falam mais assim? – *Porque elas*
 2501. *acham qui eu intendo mais certo né* – O que que você pensa das pessoas que falam como na
 2502. primeira forma? – *Ah eu penso qui são as pessoas qui sabem falá certo né* – E as outras? –
 2503. *Ah, eu acho qui é, tipo, qui num aprendeu a linguagem certa né* – Você se preocupa com a
 2504. sua forma de falar? – *Não, normalmenti não* – Ler e resumir? – *Tenho, pois aqui, a história*
 2505. *de duas mulheres amigas e unidas como carne e unha, razões de simpatia e de convivência*
 2506. *longa trouxeram essa amizade qui fazia as felicidades das famílias, e a admiração de toda a*
 2507. *genti. Uma chamava-se Júlia e a outra Teresa, esta tinha cabelos loiros e era clara, aquela*
 2508. *tinha-os castanho e era morena* – Você pode resumir? – *É uma amizade né, uma tinha a cor*
 2509. *di cabelo diferente da ota, um era claro o ota mais moreno* – Por favor, descreva essa
 2510. figura? – *Tô veno duas acho qui imagens di santos alguma coisa* – E nessa? – *Ah, forma*
 2511. *tipo sobre qui ele tá aprendeno né, tipo uma forma mais certa* – E isso traz alguma emoção?
 2512. – *Tipo, uma emoção qui ele tá tentano aprendê né, tá buscano o caminho certo* – E aqui? –
 2513. *ah eu vejo uma diversão entre os amigos né, tipo um bati bola entre amigos, tipo, um*
 2514. *sentimento di alegria né qui eles tá sentino no momento* – Ler e resumir? – *O policial do*
 2515. *cento e noventa atendeu o telefone e foi anotando o pedido de socorro, por favor, socorro*
 2516. *mantém alguém urgenti entro um bicho terrível aqui em casa, o policial estranha o pedido e*
 2517. *pergunta, um bicho perigoso, um animal selvagem, ou um cão pitbull Não um gato! Mais*
 2518. *como assim um gato em sua casa Um gato pô! Ele invadiu minha casa e ele está*
 2519. *caminhando em minha direção, socorrro. Mais isso é ridículo passano um trote para a*
 2520. *polícia, identifiquei-se já, quem está falano aí Aqui é o papagaio imbecil! Ah, eu vi isso aí*
 2521. *foi, tipo, uma sacanagi qui fizerô, acho qui um troti, porque a polícia tá ali pá fazê seu*
 2522. *serviço i genti tenta atrapalhá, sentido di gozá com a cara*
 2523. *deles né* – Qual foi o dia mais feliz de sua vida até hoje? – *Não sei* – E um dia triste? – *Um*
 2524. *dia triste foi quando meus, minha vó, meu tio, morreram né, foi pra mim um dia muito tristi*
 2525. *porque perde treis da família i um dia feliz foi um dia uma conquista qui eu fiz na minha*
 2526. *vida* – Você pode falar um pouquinho desta conquista? – *Uma conquista tipo um jogo de*
 2527. *futebol, eu não gosto muito di isporti mais sempre jogava, mais sempre achava interessanti*
 2528. *quando si ganhava alguma coisa um troféu, uma medalha* – Você realmente não quer fazer
 2529. faculdade Por quê? – *Ah eu acho por questões sociais tipo questões di dinheiro né, ah tipo,*
 2530. *sei lá não tenho muito qui expriçá* – Acho que deve tentar? – *Seria pra mim acho qui um*
 2531. *desafio né* – Obrigada!
2532. INF22 – *Tenho dezesseis ano, tô no segundo ano* – Onde você nasceu? – *No H.U* – Você
 2533. sempre morou por aqui? – *É, sempre* – Você trabalha? – *Eu trabalho mai é na roça assim,*
 2534. *ajudo na vassora* – Isso é uma coisa constante? – *Não tem, esse dias pa trai fiquei meio*
 2535. *parado, ajudei meu pai na construção, ele é pedrero, agora tô na roça na, fazendo cerca,*
 2536. *ajudano meu tio* – O que você mais gosta de fazer? – *Eu Ah, sempre costume jogá bola*
 2537. *bastanti* – E lá tem um campinho né? – *É tem no Guairacá, tem ali no pasto lá, nói joga*
 2538. *tamém* – Você sempre estudou aqui nesse colégio? – *É eu estudei até a quarta série no*
 2539. *Guairacá qui tem um coléginho lá, depois da quinta eu vim pra cá* – Você sabe alguma coisa
 2540. aqui da história do Paiquerê? – *Ah, eu sei qui essa iscola já foi pegado fogo, o qui eu sei* –
 2541. Que horror! E tinha uma festa do milho aqui né? – *Tinha* – Você chegou a vir? – *Aham, já*
 2542. *vim* – Você gostava? – *Aham, era bom* – Sabe por que esse ano acabou? – *Não* – Você já
 2543. correu risco de vida? – *Não* – Já esteve no hospital doente? – *Ah, teve um uma vez qui eu*
 2544. *ingasguei co ispinho di peixe, só qui daí passô a noiti eu não consegui dormi, daí depois no*
 2545. *oto dia cedo eu, daí meu pai levô eu lá mais já não tava mais, num tava mi incomodano, daí*
 2546. *só deu uma revisada lá não tinha mais nada* – Qual foi o dia mais feliz da sua vida? – *Mais*
 2547. *feliz, dexo vê, num lembro não* – E um dia triste? – *Vixi, meu vô morreu* – Por quê? – *Ah*
 2548. *ninguém isperava né, a minha vó ainda mai doenti do qui ele, daí ele acabô faleceno*
 2549. *primero* – Qual é a pessoa com a qual você mais conversa? – *Ah, o Bruno memo, sempre ele*
 2550. *tá do lado* – Vocês tem uma relação boa? – *Uhum* – São amigos? – *Sim* – Se você fosse
 2551. contar hoje um segredo, contaria para quem? – *Pra ele* – Tem alguma pessoa em que você
 2552. se espelhe? – *Não* – Se você ganhasse um prêmio hoje, com quem dividiria? – *Ah eu ia*
 2553. *ajudá minha irmã terminá a casa dela* – Tem algum momento em que você se preocupa em

2554. falar mais caprichado? – *Caprichado* – Falar mais, digamos, certo? – *Si tivé com alguma*
2555. *dúvida assim, um poblema* – E tem alguma pessoa que quando você conversa com ela se
2556. preocupa em falar certinho? – *Mai certinho não, sempre di boa assim* – Alguém te
2557. influência de alguma maneira? – *Minha mãe, aham, sempre fala pa trabaia assim* – Você
2558. sabe falar português? – *Acredito qui sim* – Por quê? – *Ah, às vezes sai meio enrolado, mais*
2559. *acho qui sim, sabê sim* – Você acha que o português que você fala é diferente do português
2560. que aprende na escola? – *Um pouco é* – Por quê? – *O português ele num, a língua*
2561. *portuguesa ele já ensina a falá corretamenti, você tá conversano assim, cê já fala assim*
2562. *num é di qualqué jeito* – O que é falar certo falar correto para você? – *Num gaguejá assim*
2563. *pa falá* – Eu vou ler duas expressões daí você me fale qual é a mais bonita ‘Nós trabalhamos
2564. hoje com bolsões de couro’ ou ‘nóis trabaia hoje com borsão de coró’ qual é a mais bonita?
2565. – *A primera* – Por quê? – *Tá mai corretamenti* – Hoje as pessoas que você convive falam
2566. mais como a primeira ou a segunda expressão? – *Segunda* – Por que você acha que elas
2567. falam assim? – *Ah porque já não, já, a maioria das pessoa já istudô faiz tempo i já num tem*
2568. *mais essa português avançado assim* – O que você pensa de pessoas que falam como na
2569. segunda forma? – *Ah são pessoa normal, tem nada a vê sí fala errado assim, todo mundo*
2570. *erra* – Você fala gíria? – *As veiz* – E tem alguma ocasião que você se preocupa em não falar
2571. a gíria? – *Em não fala Não* – Quando você vai apresentar um seminário, por exemplo, na
2572. sala? – *Ah dá muito nervoso assim meio tímido assim é difícil, aí, é fala certinho* – Qual é a
2573. importância da igreja na sua vida? – *É o ensino di Deus né* – Qual é a importância da escola
2574. na sua vida? – *O po imprego é melhor* – Qual é a importância da televisão na sua vida? –
2575. *Televisão mostra muita coisa di ruim tamém né, a importância bom tê, qui tá sempre atento*
2576. *aos noticiários, qui é muito importanti, di veiz umas novelinha* – Já deixou de fazer alguma
2577. coisa por causa da televisão? – *Já, me amarro na televisão, pra assisti filme, daí a mãe fala*
2578. *pra i tratá dus cachorro, ninguém vai, aí daí ela acaba ino* – Coitada! Tem uma pessoa do
2579. seu convívio que você acha inteligente? – *O meu pai* – Por quê? – *Ele é inteligenti* – Quem é
2580. a pessoa mais importante hoje na sua vida? – *Meus pais* – Por quê? – *Eu num sei explicá*
2581. *bem assim, mais sem eles vai sê difícil heim* – De sábado até hoje, quais foram as pessoas
2582. com quem você mais conversou? – *Co meus pais e minha vó, meu tio e o Bruno* – Vou falar
2583. algumas entidades e você me diz se são muito importantes, importantes ou sem importância,
2584. tá Família? – *Importanti* – Igreja? – *Importanti* – Trabalho? – *Importanti* – Escola? – *Mais*
2585. *ou meno* – Amigos? – *Mais ou meno tamém* – Televisão? – *Não* – Leitura? – *Importanti* –
2586. Você lê? – *Eu costume lê muito não* – Você está lendo Dom Casmurro também? – *Eu tô* –
2587. Está todo mundo lendo? – *Aham* – E o que está achando? – *Ah, tá legal, mais ou meno, li só*
2588. *um pedaço por inquanto, bem parado* – O que leu, está entendendo? – *Acho, creio qui sim,*
2589. *mais ou meno* – E se você viajasse hoje, para onde você iria e quem levaria com você? –
2590. *Hoje ia pa praia e levava meus pais e minha irmã, tenho muita vontade, eu já fui uma veiz*
2591. *co meu tio, muito legal* – Você pretende fazer faculdade? – *Por inquanto não, num pretendo*
2592. *não* – Por enquanto quer dizer que você pode pensar mais sobre isso? – *Posso* – Seu pai é
2593. pedreiro E sua mãe? – *Dona di casa só* – O que você pensa sobre você trabalhar? – *Ah,*
2594. *ganha um dinheirinho, muito bom, depois sai final di semana, num precisa dependê do pai,*
2595. *um dinheirinho pa podê come alguma coisa* – E você quando sai, vai aonde? – *Vô na*
2596. *lanchonete* – Lá no sítio? – *Lá* – Você vem pra cá ou não? – *Não* – E para Londrina? – *Pa*
2597. *Londrina, sim, geralmenti eu vô só co pai di carro* – Nunca foi sozinho? – *Já fui ca minha*
2598. *irmã assim di ônibus, mais sozinho eu nunca fui ainda não* – E você tem moto junto com
2599. seu irmão? – *Tenho* – E como é isso? – *Ai, tem qui dividi assim ele, vai uma veiz, eu volto* –
2600. Os seus pais estudaram, você sabe? – *Pareci qui o pai terminô, daí ele fez cartera, ele tem*
2601. *cartera di motorista, a mãe eu num sei si ela foi até o sexto ano ou sétima série* – E você vê
2602. eles lendo? – *A minha mãe lê sempre a bíblia* – Quando você era pequeno, ela contava
2603. historinhas para você? – *Não* – Como é o seu relacionamento com os professores? – *Ah*
2604. *normal é bom, não tem nenhuma é, como qui posso fala, um preconceito cum eles nada* –
2605. Ler e resumir? – *Tenho pois aqui a história de duas mulheres amigas e unidas como carne e*
2606. *unha, razões de simpatia e de convivência longa trouxeram estas amizade qui faziam as*
2607. *felicidades das famílias e a admiração de toda a genti, uma chamava-se Júlia e a ota*
2608. *Teresa esta tinha cabelos loiros e era crara, aquela tinha-os castanhos e era morena, era*
2609. *essas as diferenças no mais igualmente belas e igualmente vestidas* – Pode falar o que leu?
2610. – *Posso, as duas vesti igual, num falô Sempre, eu acho qui uma si inspira na ota, qué sê*
2611. *igual, tem inveja eu acho* – O que você vê aqui? – *Parece um mulequi inteligenti aí, um*
2612. *menino* – Por que você acha que ele é inteligente? – *Ah tá fazeno uns cálculo* – E o que você
2613. vê aqui? – *hum, qui coisa, uns home sendo... cabelo grandí, tem barba, vistido pareci* –

2614. Agora essa aqui? – *Tão se divertino na praia, jogano bola* – Agora você poderia ler esse
 2615. texto em voz alta para mim? – o policial do cento e noventa atendeu o telefone e foi
 2616. anotando o pedido de socorro, por favor socorro mantém, mandem alguém urgenti entrou
 2617. um bicho terrível aqui em casa, o policial estranha o pedido e pergunta bicho perigoso, um
 2618. animal selvagem, um cão pitbull Não um gato! Mais como assim um gato em casa Um gato
 2619. pô, ele invadiu minha casa e está caminhando em minha direção, socorrrrrrro, mais isso é
 2620. ridículo passando trote para polícia, identifiquei-se já, quem está falando aí É o papagaio
 2621. imbecil! – Você consegue contá-la para mim? – *Contá Pedino socorro é... pareci qui tirano*
 2622. *sarro du policial, deis qui ele tinha visto qui ele faiz i qui... simplesmente uma pegadinha,*
 2623. *muito mal gosto* – Se pudesse falar algo pra todos os jovens, o que falaria? – *Num sei, não* –
 2624. Obrigada!
2625. INF23 – *Tenho dezesseti anos, e to no terceiro ano do ensino médio* – Quem é essa pessoa
 2626. na sua camiseta? – *Professor Rubens* – Por que você está com ele na sua camiseta? – *É qui*
 2627. *pra genti era um professor, mais qui um professor, ele era um amigo pra genti aqui na*
 2628. *escola, a genti podia conversá cum ele, se tivesse algum problema, ele sempre deixou claro*
 2629. *'ah, tivé algum problema, mi chama, posso tá na hora da minha aula atividadei, posso tá na*
 2630. *hora do recreio, mais mi chama pra genti conversa', intão pra genti fazê essa camiseta pra*
 2631. *ele foi um modo di mostrá o carinho qui a genti tinha por ele* – Onde você nasceu? – *Eu*
 2632. *nasci aqui em Londrina mesmo* – Você mora aqui no distrito mesmo? – *No distrito* –
 2633. *Sempre morou por aqui?* – *Sempre, desdi qui eu nasci* – A sua família mora aqui? – *Intão,*
 2634. *tão é... tem bastanti lugar, tem genti qui mora nos Estados Unidos, a minha madrinha, por*
 2635. *exemplo, qui é irmã da minha mãe, mora nos Istados Unidos, tem genti qui, uma tia qui*
 2636. *mora im Curitiba, tem um tio qui mora im Santa Catarina, tem parti da família qui mora im*
 2637. *Sergipe, intão tem bastanti* – E você já visitou essas pessoas em algum desses lugares? – *Já*
 2638. *fui pra Sergipe, já fui pra Santa Catarina, fui pra Curitiba, só pros Estados Unidos que*
 2639. *ainda num fui por tê receio di avião* – E você costuma ir para Londrina? – *Muitas vezes,*
 2640. *todos os dias* – Você trabalha lá né? – *Uhum, no Shopping Catuaí, é a adiministração do*
 2641. *Shopping* – O que você faz? – *Eu sô auditor* – Trabalha com números? – *Bastanti números*
 2642. – E você conversa com as pessoas ou fica mais na sala? – *Não, eu tenho acesso e converso*
 2643. *com todos os lojistas* – E você sempre estudou aqui? – *Sempre* – O que você mais gosta de
 2644. fazer? – *Qui eu mais gosto di fazê Assisti filme i lê* – Você gosta de ler? – *Bastanti* – Que
 2645. tipo de leitura? – *Eu gosto di livro di, sobri religião bastanti, até porque eu leio a bíblia*
 2646. *todos os dias né, i gosto bastanti di livro di ficção, história di terror* – Você faz parte de
 2647. grupo de jovem na igreja? – *Intão, eu sô acólito na igreja* – A o quê? – *Acólito, eu era*
 2648. *coroinha, aí o coroinha depois di uma certa idadi ele vira acólito, é como si fossi um*
 2649. *ministro, na falta di um ministro, tem um acólito, i pela minha vó, tanto pela minha vó como*
 2650. *minha mãe, desdi piquinininho eu ia pra igreja cá minha vó, intão sempre tive essi incentivo*
 2651. *tamém da família* – Pensou em ser padre? – *hum hum (não)* – Você sabe alguma coisa da
 2652. história aqui do distrito? – *Hum hum (não)* – Você costumava a frequentar aquela festa do
 2653. milho? – *Bastanti, porque tipo, é uma tradição daqui, i bom, tamém qui eu saiba aqui é*
 2654. *agora acabô, mais ah o qui eu sabia aqui, qui era um dos mais produtores né di café, qui*
 2655. *depois da giada qui teve não lembro o ano* – Setenta e cinco – *é di setenta e cinco deu uma*
 2656. *parada, mais até hoje ainda tinha, esse, esse espaço qui você tem, esse espaço qui tem entre*
 2657. *Paiquerê e Irerê era tudo café, agora faiz um o que, faiz uns dois anos, por aí, foram*
 2658. *cortados os pés de café, pra tê plantação, pra substituição da plantação, mais meu pai ele*
 2659. *sempre coloco barraca também na festa* – Você chegou a trabalhar? – *Já* – E acabou por
 2660. falta de incentivo da prefeitura? – *Im parti devido a isso, sim, im parti im razão do pessoal*
 2661. *daqui mesmo, porque o ano passado mesmo deu algo, a festa fico com um poco de dívida,*
 2662. *porque por que os qui tavam administrando dero desviada no dinheiro* – Você já correu
 2663. risco de vida? – *Já* – Pode falar um pouquinho? – *Eu tava viajano, tava eu meu pai, meus*
 2664. *dois tios e meu primo, a genti tava indo pra Curitiba pra casa da irmã do meu pai, i tava*
 2665. *cum congestionamento, aí o meu pai olhando pelo retrovisor viu qui o caminhão e a*
 2666. *camioneta tava vindo atrás não ia consegui frea, ai meu pai, duma vez, tirô o carro, o carro*
 2667. *já tava parado, mais di uma vez, ele tirô pro acostamento, o caminhão veio i pegô treis dos*
 2668. *carros qui tava na frenti* – Tem algum momento em que você procura falar mais
 2669. caprichadamente? – *Sim* – Quando? – *No meu trabalho principalmente, porque lá a genti*
 2670. *tem comitês né, os comitês di venda, intão lá são várias as, várias filiais, porque a B.R*
 2671. *Malls ela é a segunda maior adiministradora di shopgpin da América latina né, ela, o*
 2672. *sonho dela é ser a maior do mundo i ela ta quasi lá, intão assim, são várias as filiais qui*

2673. *vêm para esses comitês de venda, intão a genti tem qui tá bem preparado pra* – E tem
2674. alguma pessoa que faz com que você fale mais caprichadamente? – *Tem, meus gerentis* –
2675. Qual é a importância da igreja na sua vida? – *A importância da igreja Bom pra mim qui sô*
2676. *católico é buscá depois da morti né, a ressurreição qui é o qui a genti acredita, intão, pra*
2677. *isso a genti tem qui segui, não segui tudo qui tá na Bíblia à risca, mais segui pelo o menos*
2678. *parti* – E qual é a importância da escola? – *A iscola tem importância tudo, porque é com, é a*
2679. *iscola qui vai, é o primero passo prum grande futuro* – E do trabalho? – *O trabalho, bom eu*
2680. *já, bom já é meu segundo trabalho né, já fui menor aprendiz i o trabalho tamém é um passo*
2681. *pra, pro futuro qui é cum ele qui a genti vai crescê profissionalmenti cum esses primeros*
2682. *trabalhos né intão* – E você foi menor aprendiz pela Epesmel? – *Pela Epesmel* – Onde
2683. trabalhou? – *Trabalhei na Leão Diesel, é a Leão Diesel é assim, eu adorei trabalhar lá, até*
2684. *eles quiriam renová meu contrato depois qui acabô, só qui acabô num dando certo porque,*
2685. *ah eu tinha qui continuá fazeno o curso, aí eles não conseguiram entrá num consenso coa*
2686. *impresa, qui a impresa num quiria qui eu fizesse o curso mais, ficasse trabalhano mais do*
2687. *qui o normal, é aí, ah, dexo vê, qui era a Alessandra, a Simone tava saino, era a*
2688. *Alessandra, daí eles num entraro num consenso e acabô num...* – Você assiste à televisão? –
2689. *Poucas vezes* – Qual a importância da televisão na sua vida? – *Um pouco pra, as poucas*
2690. *vezes qui eu assisto televisão é jornal, eu assisto pra tá sabendo di notícias di otros lugares*
2691. *tamém né* – Você faz o que aos sábados? – *Trabalho aos sábados* - Trabalha até meio-dia ou
2692. trabalha horário normal do shopping? – *Não, eu trabalho horário normal do shooping*
2693. *mesmo na adiministração é* – Qual a pessoa com a qual mais conversa? – *Minha mãe* – E se
2694. você fosse contar um segredo hoje, para quem contaria? – *Cum a minha mãe* – Tem uma
2695. pessoa com as quais você se relaciona que julgue a mais inteligente? – *Mais inteligenti entre*
2696. *todas qui eu relaciono Acho qui a minha mãe mesmo* – E quem é a pessoa mais importante
2697. para você hoje? – *É ela, a mãe, por ela eu daria a minha vida, im todos os sentidos* – De
2698. sábado até hoje, quais foram as pessoas com as quais mais conversou? – *Sábado, foi ela,*
2699. *uma amiga minha, a Michele, o meu pai e meus avós* – Vou falar algumas entidades e você
2700. vai me falar se são muito importantes, importantes ou sem importância. Família? – *Muito*
2701. *importanti* – Igreja? – *Importanti* – Trabalho? – *Importanti* – Escola? – *Muito importanti* –
2702. Amigos? – *Dependi do amigo importanti, e dependi do amigo, sem importância* –
2703. Televisão? – *Sem importância* – Leitura? – *Muito importanti* – Se fosse viajar hoje, para
2704. onde iria? – *Ó, eu vô falá o meu sonho né, pra Nova Iorqui, é qui eu coloquei num projeto*
2705. *di vida, um projeto pra minha vida, intão eu tô tentando segui esse projeto qui é mi formá*
2706. *em engenharia civil na Federal, o ano qui vem graças a Deus eu tô indo pra lá pra Curitiba*
2707. *i depois tentá uma bolsa do governo pra fazê um intercâmbio nos Istados Unidos* – Qual é a
2708. profissão dos seus pais? – *O meu pai ele é mecânico ele tem uma oficina em cima da minha*
2709. *casa e minha mãe, ela é auxiliar di serviços gerais* – Em casa de família ou empresa? –
2710. *Não, im casa di família, ela trabalha em condomínio, vamo fala qui ela é uma governanta*
2711. *dessa casa di família* – Qual é a formação dos seus pais? – *Hum, o meu pai acho qui foi até*
2712. *a quarta série, si eu não mi ingano acho qui é isso, i minha mãe terminô* – Os dois sabem
2713. ler? – *Sim* – E eles leem? – *Minha mãe lê, sim, principalmenti a Bíblia. Ela gosti di lê pra*
2714. *genti ouvi* – Quando você era pequeno, eles liam histórias para você? – *Minha mãe, sempre.*
2715. - Você tem um supervisor, um chefe direto? – *Eu tenho dois, tinha dois supervisores ,agora*
2716. *tenho só um supervisor, tem um gerenti* – Mas você se relaciona bem com eles? – *Com a*
2717. *minha supervisora não muito, mais agora com o meu gerenti sim* – Tem problema com a
2718. sua supervisora? – *É porque ela não vê o bem dos funcionários dela, ela só qué o bem dela,*
2719. *intão eu bato sempre nessa tecla, sempre discuto com ela sobre isso* – E seu relacionamento
2720. com os professores aqui? – *São ótimos, bastanti tem até uma professora qui pra mim ela é*
2721. *uma é a minha segunda mãe, qui é a professora Solange* – Você acha que alguém influencia
2722. você de alguma maneira? – *Em partis sim, im partis não, porque, assim, na minha vida*
2723. *ninguém influencia, não mexa o, é minha vida, é minha, quem tem qui cuidá dela sou eu,*
2724. *agora, tem sempre aqueles qui vêm, como qui eu posso falá... assim... di uma forma mais*
2725. *direta, tem os dedão qui vem metê o dedo na ondi não é chamado, aí pode sê qui de uma...*
2726. – E seus pais? – *Sim, mais eles sempre falam pra mim 'você vê', pra você vê pra sua vida o*
2727. *qui fô melhor pra você, isso qui eles sempre falam pra mim* – Você sabe falar português? –
2728. *Hum, intão, qui eu posso falá... acho qui, mais ou menos* - Por quê? – *É porque, na verdadi,*
2729. *o português ninguém fala ele corretamenti como devi falá né, a genti sempre mistura gírias*
2730. *no meio, a genti tá falando e mistura gírias, intão na verdadi não é o português correto* -
2731. O que é falar o correto? – *Acho qui falá o português correto é você conversar como eu*
2732. *estou conversando com você, é não colocá nem um tipo de gíria no meio e não ficá*

2733. *colocano é... como qui posso falá, é não colocá representações di otras palavras, colocá a*
 2734. *palavra certa na conversa i num ficá colocano otros, não falá otros significados, pronto – E*
 2735. *youê acha que a língua que você fala é diferente da língua que aprende na escola? – Sim,*
 2736. *porque eu acho qui ali dentro da sala di aula, principalmenti na matéria di português, ela*
 2737. *sempre puxa nossa orelha, fala alguma coisa errada, ela sempre dá um puxão di orelha,*
 2738. *mais fora, quando a genti tá si relacionando com amigos, a genti num vai falá um*
 2739. *português correto, a genti sempre vai falá uma gíria, a genti vai falá uma coisa diferente*
 2740. *intão – Há duas for... - é eu posso falá tipo dum, é, eu falo di um jeito qui eles vão intendê,*
 2741. *qui si eu falá, for falá o português correto, com aquelas palavras imensas mais qui tem um*
 2742. *significadinho bem pequinininho eles num vão intendê tamém – Eu vou ler duas expressões*
 2743. *e você me diz qual é a mais bonita “Nós trabalhamos hoje com bolsões de couro” ou “Nóis*
 2744. *trabaia hoje com borsão de coró” ? – A primeira – Por quê? – Porque ela tá num português*
 2745. *mais correto, a genti não vai chegá, tipo, a genti num chega numa impresa, numa intrevista*
 2746. *di imprego, por exemplo, como eu faço, eu sô entrevistador, eu entrevistado os auditor tamém*
 2747. *ta lá, intão eu sei, mais assim né, a genti, a pessoa num vai chegá numa sala di intrevista*
 2748. *vai fala assim ‘nóis vai, nóis fomo’ ele vai colocar um português mais correto – E o que*
 2749. *você pensa de pessoas que falam como na segunda expressão? – Eles é, tipo, a genti podi*
 2750. *falá qui pra eles falta um pouco do istudo, isso pra eles é o qui a família deles passa pra*
 2751. *eles, dentro daquele lugar qui eles vivem eles não tem uma, posso falá qui muitas dessas não*
 2752. *tivero acesso à iscola, à leitura, à escrita – E o qui você me diz de colegas aqui da escola*
 2753. *que falam assim? – Tem, aí eu acho qui existe safadeza, porque eles sabem qui isso não é*
 2754. *correto tamém né, ce vai falá ‘ah nóis vai pra algum lugar’ aí eu acho qui ele tem qui*
 2755. *imprega sim a... colocá a forma i a pessoa no lugar certo tamém ele tem qui... – Você fala*
 2756. *gíria? – Sim – Tem alguma ocasião em que procura não falar gíria? – Tem, no meu trabalho,*
 2757. *no meu trabalho eu falo menos gíria possível até porque eu tô lidando com pessoa, tem vez*
 2758. *qui eu lido com pessoa de outro país intão – Leia e resuma? – Tenho, pois aqui a história de*
 2759. *duas mulheres amigas e unidas como carne e unha, razões de simpatia e de convivência*
 2760. *longa trouxeram esta amizade qui fazia a felicidade das famílias e admiração de toda a*
 2761. *genti, uma chamava-se Júlia e a outra Tereza esta tinha cabelos louros e era clara, aquela*
 2762. *tinha-os castanhos e era morena – Bom aqui eu li qui tem duas amigas, qui uma é clara,*
 2763. *cabelo mais claro, outra é mais morena né, qui são amigas, acho qui elas, é... vamos falar,*
 2764. *qui elas eram amigas pra todas as horas – O que vê nessa figura? – O que eu vejo aí, eu*
 2765. *acho qui essa mulher, bom podi sê, são quadros católicos eu num sei, mais eu acho qui essa*
 2766. *mulher é a virgem Maria né, i esse outro acho qui também a virgem do lado i eu acho qui*
 2767. *esse outro pode ser Jesus, eu não sei – E aqui, o que você vê? – Alunos estudando, bom,*
 2768. *todos prestando atenção qui o garotinho tá escrevendo no quadro, acho qui sentimento,*
 2769. *essa imagi me traiz um sentimento qui alegria também di tá vendo todos ali concentrados*
 2770. *ali né, i isperança – E aqui? – Amigos se divertino na praia, amizadi por tá os três juntos*
 2771. *ali né, acho qui amizadi – Você pode ler e depois me contar o que leu? – O policial do cento*
 2772. *e noventa atendeu o telefone e foi anotando o pedido de socorro, por favor socorro mandem*
 2773. *alguém urgenti entrou um bicho terrível aqui em casa, o policial estranha o pedido e*
 2774. *pergunta, bicho perigoso, um animal selvagem, um cão pitbull Não um gato, mais como*
 2775. *assim um gato em casa Um gato pô! Ele invadiu minha casa e está caminhando em minha*
 2776. *direção, socorro, mais isso é ridículo passando trote pra polícia, identifiquei-se já quem*
 2777. *está falando aí Aqui é o papagaio imbecil! – O que leu? – Acho qui uma pessoa idiota qui*
 2778. *não tem o qui fazê passano um troti, uma coisa sem noção qui poderia, qui, uma coisa a*
 2779. *genti passano um troti uma coisa qui não tá acontecendo, a hora qui acontecê num vão*
 2780. *acreditá – Tem um dia na sua vida que foi o mais triste? – O dia qui a minha vó faleceu, é*
 2781. *assim, ela já tava doenti, muito doenti, ela só ela ficava im casa hospital, casa hospital,*
 2782. *casa hospital, ela tinha problema no coração é já era pra ela tê posto marcapasso, mais ela*
 2783. *num quis, ela ficô cum medo e num quis quando era mais nova, aí agora ela começô a sentí*
 2784. *né, acho qui faiz três anos qui ela faleceu i foi um dia assim, porque, bom pra mim eu tive a*
 2785. *sensação qui ela faleceu mais feliz porque ela si despediu, eu fiquei tristi porque eu num*
 2786. *consegui mi despedi dela né, era uma e meia da manhã, uma meia da manhã né, o médico*
 2787. *ligô na minha casa i quem atendeu foi a minha mãe, aí falô pra quem tivesse qui i lá ia,*
 2788. *porque ela num ia aguentá, i ela morreu logo qui eu entrei no quarto, qui meu pai já tava lá*
 2789. *no quarto, ela já tinha, ela tava morrendo né, aí ela só olhô pra mim com o cantinho do*
 2790. *olho e já – Ah, então ela te viu, não se preocupe? – É eu acho qui sim né, mais ela ainda,*
 2791. *ela deixô um pidido qui ela conversô com a minha mãe ainda antes di falecê, foi a primera*
 2792. *pessoa qui entrô no quarto foi minha mãe, aí ela dexô um pidido qui era pra cuidarmos do*

2793. *filho mais novo dela qui é o qui mora im Santa Catarina, hoje ele vive muito bem lá ele, ele*
 2794. *é casado aí como ele tem problema, o problema ele não podi tê filho, aí eles vão adotá*
 2795. *agora e ele num vai, ele vai pegá agora a criança acho qui começo do mês agora ele já*
 2796. *pega a criança –Um gesto muito bonito, e tem o dia mais feliz? – Hum hoje, dexo eu vê,*
 2797. *acho qui o dia qui eu fiquei sabeno qui eu passei na federal, meu maior sonho seno*
 2798. *realizado – Obrigada!*
2799. INF24 – *Dezesseti anos – Em que ano você está? – Tô no terceiro ano, graças a Deus né –*
 2800. *Onde você nasceu? – Eu nasci ali no Paiquerê mesmo, praticamente – Então você sempre*
 2801. *morou por aqui? – Uhum – E sempre estudou nesta escola? – Sempre – A sua família mora*
 2802. *toda por aqui? – É, toda ela os parenti mais distanti praticamente não né, mais a maioria é*
 2803. *aqui – Você tem irmãos? – Não, sô filho único – E você costuma ir para Londrina? – Aham*
 2804. *– Em que ocasiões você costuma ir? – Geralmenti pra trabalhá, fazê curso, mais essas duas*
 2805. *situações – O que você mais gosta de fazer? – Geralmenti, tocá guitarra – Você toca*
 2806. *guitarra? – Aham, eu tento né – Faz tempo que você aprendeu? – Ah, eu comecei a aprendê,*
 2807. *na verdadi eu comecei cum violão, co meu tio, cuns doze anos, só qui não levei muito a*
 2808. *sério, aí eu peguei a guitarra quando eu tinha uns quinze por aí, eu tô, tô veno si eu consigo*
 2809. *pegá alguma coisa – O que você gosta de tocar? – Geralmenti rock, tipo rock mais anos*
 2810. *oitenta, setenta – Que delícia? – Um pouco dos anos sessenta tamém, geralmenti*
 2811. *progressiva – Como assim? – Rock progressiva é tipo uma mistura di rock, jazz e música*
 2812. *clássica, tipo Kansas já ouviu falá – Kansas é o nome do grupo? – É – Você sabe alguma*
 2813. *coisa aqui do patrimônio? – Ah, eu num conheço muito bem a história daqui não – Aqui*
 2814. *havia a festa do milho né? – Aham – Você sabe por que ela parou de acontecer? – Nossa, eu*
 2815. *num faço idéia, até porque eu num participava muito – Por que não? – Ah vários motivos,*
 2816. *qui eu sô uma pessoa naturalmenti casera, não gostava muito di í, eu também, quando*
 2817. *dava, eu ia pra igreja – Você já correu risco de vida? – Corri risco di vida, ah acho qui só*
 2818. *quando eu nasci só, qui eu nasci enforcado sabe, cordão umbilical, é, mais tirano isso, num*
 2819. *tevi muita coisa não – Você já ficou no hospital? – Já – Por quê? – Foi pra fazê uma*
 2820. *cirurgia di, pra retirá as amidalas, tinha uns oito anos por aí – Há algum momento em que*
 2821. *você procura falar mais caprichadamente? – Nunca notei isso não mais, geralmenti as*
 2822. *peessoas falam assim com professores, fica uma coisa natural do ser humano ou não? –*
 2823. *Acho que sim – Eu mi preocupava mais quando eu era, quando eu era menor, quando eu*
 2824. *tava na segunda série qui eu mi preocupava em falá o português correto toda hora*
 2825. *intendeu – Qual é a importância da igreja na sua vida? – Praticamenti tudo né – Qual sua*
 2826. *religião? – Eu sô evangélico – Você costuma frequentar bastante a igreja? – Ah, todo final di*
 2827. *semana, só não vô nos otros dias também porque eu istudo – Você mudou ou mudaria*
 2828. *alguma coisa na sua vida por causa da igreja? – Intão, eu comecei a frequentá a igreja faiz*
 2829. *relativamenti poco tempo, comecei cum, acho qui é quinze anos qui eu tinha i eu era bem*
 2830. *mais tímido no dia assim intendeu – A igreja te ajudou? – Lá há interação social, antes di í*
 2831. *na igreja eu só ficava im casa – E qual é a importância da escola para você? – Escola, ah,*
 2832. *sinceramenti, a iscola perdeu certa importância pra mim há bastanti tempo, depois qui eu*
 2833. *percebi qui muito dessi conhecimento não vou utilizá cotidianamenti, intendeu, cabô ficano*
 2834. *meio monótono tê qui aprendê coisas qui eu não, qui não mi interessam, intendeu, só*
 2835. *porque vai caí no vestibular – E você pensa em fazer uma faculdade? – É, passei na*
 2836. *faculdade, na Unopar, lá vô fazê Psicologia – Bom curso. Você gosta de televisão? – Ah,*
 2837. *eu num ligo muito não, nem tenho tempo, nem muito interesse tamém – E quando assiste, o*
 2838. *que procura assistir? – Ah eu gostava di assisti o Chaves só, apesar di sê repetitivo mais é o*
 2839. *humor ingênuo, gostoso né um humor assim bom. Otros programas nem assisto muito, intão*
 2840. *num posso dá minha opinião, mais eu gostava di Todo mundo odeia o Chris, tamém Eu a*
 2841. *patroa e as crianças, só qui tudo inédito né, tem uns programas qui têm muito, é, qui são*
 2842. *pejorativos, intendeu – Qual a importância do trabalho na sua vida? – Trabalho, ah antis di*
 2843. *trabalhá eu só ficava im casa i tinha muito poca interação social tamém, verdadi, é meio*
 2844. *complicado explicá a importância das coisas intendeu – Com qual pessoa você mais*
 2845. *conversa? – Geralmenti mais coa minha mãe i coa filha do pastor – E se fosse contar um*
 2846. *segredo, para quem você contaria? – Nossa eu num faço a mínima idéia, como eu sô uma*
 2847. *pessoa meio sem noção ia contá esse segredo em alguma letra di música por aí, ia escrevê*
 2848. *uma letra só qui eu tamém ia simbolizá bastanti a letra pra ninguém descobri, ou seja,*
 2849. *ninguém iria ficá sabeno do mesmo jeito – Há alguma pessoa com a qual se relaciona que*
 2850. *você acha muito inteligente? – Inteligentí, a inteligência é bem relativa, existi o, eu andei*
 2851. *vendo qui existem vários tipos di inteligência, mais uma pessoa qui eu admiro pela*

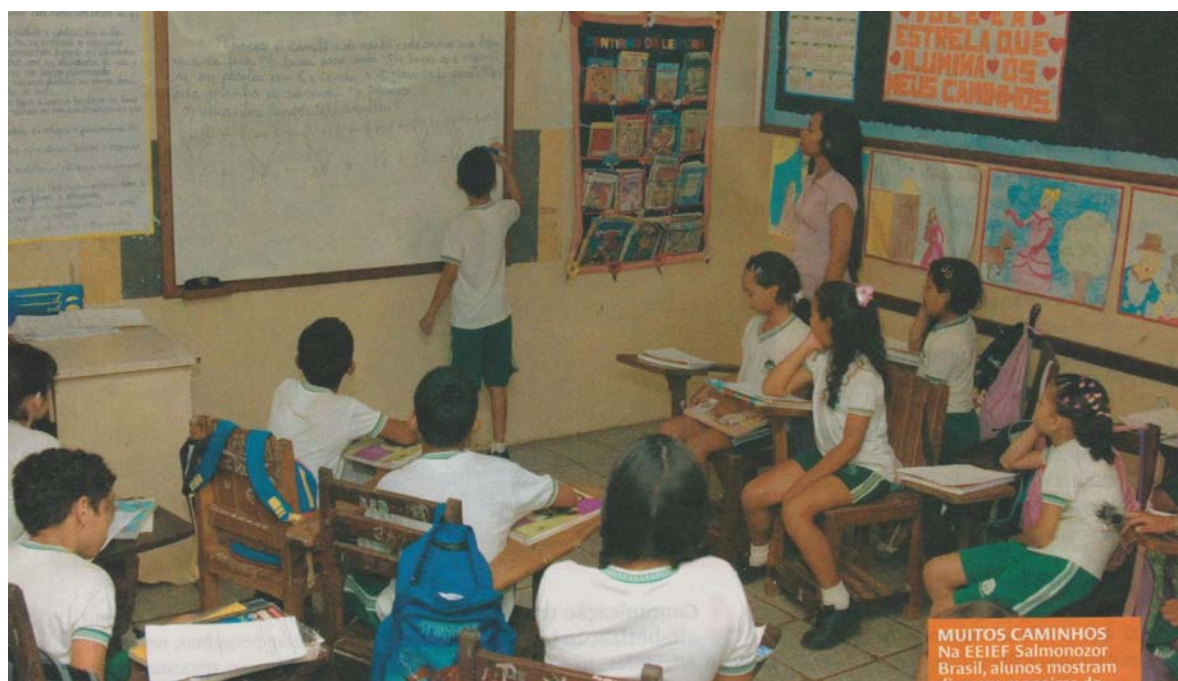
2852. *inteligência musical a qual eu convivo é o cara qui toca violão na minha igreja, por*
 2853. *exemplo, a pessoa começa a cantá, ela num precisa nem tê ouvido a música ele já consegue*
 2854. *tocá a música entendeu – Qual é a pessoa mais importante para você? – Isso complicô heim,*
 2855. *é igual eu falei antis, num, é complicado dá importância pras coisas, eu num sei não, sô*
 2856. *uma pessoa muito focada assim, intão eu não consigo enxergá muita importância nas*
 2857. *coisas, principalmenti nas pessoas qui geralmenti têm importância parecida pra mim*
 2858. *entendeu – É assim, pai, mãe, o pastor, os amigos, professores, colegas você coloca todos no*
 2859. *mesmo patamar? – É, eu sei qui não é o certo mais – Não estou te julgando, tá, só querendo*
 2860. *entender? – Aham, entendi, eu acabo fazendo isso, só qui logicamente, apesar da*
 2861. *importância ser parecida, os pais sempre vão ter uma importância maior entendeu – E para*
 2862. *o seu desenvolvimento profissional? – Nossa, no desenvolvimento profissional, tá bom,*
 2863. *como eu quero sê psicólogo ou músico, intão psicólogo eu num conheço muita genti, eu só,*
 2864. *aliás eu só conheço umas duas pessoas qui são psicólogas, mesmo assim não fazem parti da*
 2865. *interação diária assim, uma faiz tempo qui eu num vejo mais e o otro é um professor, intão*
 2866. *fica complicado, aí como músico tem um esse cara qui toca violão qui eu falei, apesar di*
 2867. *istilisticamente falano, inventano palavra agora, intão ele, o istilo dele nu bati co meu,*
 2868. *mais tipo adimiro a percepção musical dele, entendeu – De sábado até hoje, quais foram as*
 2869. *pessoas com as quais mais conversou? – As mesmas da otra resposta, filha do pastor e*
 2870. *minha mãe – Eu vou falar umas entidades e você me diz se são muito importantes,*
 2871. *importantes e sem importância. A família? – Muito importanti – Igreja? – Muito importanti*
 2872. *– Trabalho? – Important – Escola? – Ah é importanti tamém – Amigos? – Important –*
 2873. *Televisão? – Poco importanti – Leitura? – Leitura muito importanti, porque a pessoa qui lê*
 2874. *bem consegue intendê o qui ela lê, num precisa di um professor propriamenti dito a não ser*
 2875. *qui vai lidá cum alguma coisa qui precise, qui envolvi otras partes do corpo, qui aí e*
 2876. *perigoso a pessoa gerá vícios eticétara e acabá danificando o corpo dela, por causa da*
 2877. *falta di feedback qui um professor daria – E você lê? – Gosto, leio tudo, di tudo um poco.*
 2878. *Qual é a profissão dos seus pais? – Meu pai é mecânico i minha mãe é impregada doméstica*
 2879. *im Londrina – E os dois sabem ler e escrever? – Uhum – Você sabe até quando eles*
 2880. *estudaram? – Meu pai feiz supletivo e minha mãe parô na quinta série – E eles costumam*
 2881. *ler? – A minha mãe lê bastanti a bíblia e outros livros religiosos tamém, meu pai não*
 2882. *costuma lê muito não – Quando você era pequeno, eles liam ou contavam histórias para*
 2883. *você? – Lê histórias e contá era uma prática dela, sim, mais meu pai não, até porque*
 2884. *quando eu, quando eu comecei na iscola, eu mesmo lia minhas histórias – Você foi para*
 2885. *Unopar por causa da Epesmel? – Tamém – Você fez o curso na Epesmel? – Aham, eu fiz o*
 2886. *curso na Epesmel, mi incaminharam pra Unopar, eu comecei lá como menor aprendiz, mais*
 2887. *aí venceu o contrato, depois qui venceu ligaram pra mim perguntano se eu quiria trabalhá*
 2888. *na (Inaudível), intão sô efetivo agora – E como é o seu relacionamento com os professores?*
 2889. *– Fora da sala de aula num tem contato, mais eu tamém praticamenti nunca briguei cum*
 2890. *nenhum, tamém eu costume conversá cum eles sobre a matéria mais dentro da sala mesmo,*
 2891. *eu já incontrei alguns fora aí, mais falei um oi, só isso – Alguma pessoa te influencia de*
 2892. *alguma maneira? – Sem sê musicalmente, não – Você sabe falar português? – Sei – Por quê?*
 2893. *– Ah aprendi vendo meus pais e otras pessoas falarem – A língua que você fala é diferente*
 2894. *da língua que você aprende na escola? – Muito diferente, quando você aprendi a falá você*
 2895. *ouve, você aprendi pelo qui os otros falam i o qui os otros falam podi tá completamenti*
 2896. *cheio di erros, aí você aprendi a falá cum esses erros e acaba achando qui isso é certo*
 2897. *porque você não conhece a norma padrão, eu quando comecei estudá eu falava tudo errado*
 2898. *tamém – E o que fez você mudar? – Quando eu entrei na iscola aí eu tive contato coa regra*
 2899. *padrão, as professoras insinaram como é, como se devia falá, aí eu levei aquilo lá a sério,*
 2900. *comecei a falá daquele jeito – O que é falar certo para você? – Falá certo, primero é*
 2901. *conjugá certo os verbos, tem a concordância verbal lá, eu num sô o cara qui fala melhor*
 2902. *não, mais eu tenho certa noção disso – Eu vou ler duas expressões e você me fala qual acha*
 2903. *mais bonita. ‘Nós trabalhamos hoje com bolsões de couro’ ou ‘nóis trabaia hoje com borsão*
 2904. *de coro’? – A primera – Por quê? – Intão, quando você tem contato com o qui você passa a*
 2905. *considerá certo, o qui você considera errado acaba meio qui dano tiro no ouvido sabe, se*
 2906. *bem qui o qui atrapalha mesmo é uma pessoa falano errado qui você sabe qui tem a*
 2907. *capacidade di falá certo, estudô pra fala certo, por exemplo uma pessoa qui você, eu no*
 2908. *caso né, uma pessoa qui eu sei qui não estudô muito intão, eu num ligo, acho até legal falá*
 2909. *errado, mais uma pessoa qui estudô suficiementi pra falá certo... acho melhor num dá um*
 2910. *adjetivo, mais, ah falta, como é qui fala, falta certo interesse da parti dela di aprendê falá*
 2911. *correto – Você se preocupa com a sua forma de falar? – Certa forma sim né, apesar di*

2912. *parecê qui eu tô mi contradizendo, mais eu, eu mi preocupava muito mais antis, só qui aí*
 2913. *tem o problema qui eu num gosto muito da minha própria voz entendeu – Sua voz é bonita –*
 2914. *Obrigado, mais sei lá, eu num gosto muito, quando é pra sê muito, quando é pra sê mais*
 2915. *grave, fica aguda, quando é pra sê aguda, fica grave – Você fala gíria? – Di veiz im quando*
 2916. *– Há alguma ocasião em que procura não falar? – Ah uma, tipo assim, ocasião dessa – Você*
 2917. *poderia ler esse pequeno texto? – Lê em voz alta né. Vamu lá né, Tenho, pois, aqui, ah vô*
 2918. *começá di novo qui eu não respeitei a vírgula. Tenho, pois aqui, a história de... é péra aí...*
 2919. *Tenho, pois, aqui, a história di duas mulheres amigas e unidas como carne e unha, razões*
 2920. *de simpatia e di convivência longa trouxeram essa amizade qui fazia a felicidade das*
 2921. *famílias e admiração de toda a genti, uma chamava-se Júlia e outra Teresa, esta tinha*
 2922. *cabelos loiros e a outra clara e era clara, aquela tinha-os castanhos e era morena – Você*
 2923. *pode me contar que leu? – É sobre duas amigas, uma era loira muito provavelmente branca*
 2924. *e a outra era morena, morena digo pessoa qui tem o cabelo preto, i no texto aí está falando,*
 2925. *traz a morena, morena como pele, um adjetivo pra pele, ela pode sê uma mulata i pode sê*
 2926. *negra, tá implícito aí – O que você vê aqui? – Um as crianças brincano numa praia – E o*
 2927. *que você vê aqui? – Aí crianças na iscola, ah dexo eu vê, dá pra notá o desinteresse di*
 2928. *algumas, o interesse di otras i muito provavelmente alienação aí pra mim – E nessa aqui? –*
 2929. *Parece qui tão meio qui quando figuras religiosas aí porque o povo aí tá meio gordo, não*
 2930. *qui isso seja defeito, mais como nessa época aí provavelmente nessa época elas retratavam*
 2931. *as pessoas como magras, como padrões di beleza fazendo elas gordas aí pode sê um, pode*
 2932. *sê um... qual qui é a palavra pra isso mesmo... falá cum gíria mesmo, uma zueira – Você*
 2933. *pode ler mais um texto por favor? – O policial do cento e noventa atendeu o telefone e foi*
 2934. *anotando o pedido de socorro, por favor, socorro mandem alguém urgenti entrou um bicho*
 2935. *terrível aqui em casa, o policial estranha o pedido e pergunta, bicho perigoso, animal*
 2936. *selvagem, um cão pitbull Não um gato! Como assim um gato em casa Um gato pô! Ele*
 2937. *invadiu minha casa e está caminhando em minha direção, socorrooooo, isso é ridículo*
 2938. *passando troti pra polícia, identifiquei-se já quem ta falando aí Aqui é o papagaio imbecil!*
 2939. *– Você pode contar o que leu? – Intão, contando em terceira pessoa ou primera mesmo –*
 2940. *Escolha – Intão, em terceira pessoa ia ficá meio sem incentivo, hum vô tentá, num sô muito*
 2941. *engraçado não, mais vamo, tão vai em terceira pessoa mesmo, mistura terceira e a primera,*
 2942. *ocê percebeu qui enrolo um monti né... tá bom, ligaro pra polícia lá cento i noventa, aí o*
 2943. *policial pegô a caneta i o papel lá pra anotá muito provavelmente o endereço, aí acho qui a*
 2944. *pessoa começô a gritá socorro, entrô um bicho terrível aqui, socorrooooo sei lá, mais um*
 2945. *bicho terrível qui qui é um cachorro, um animal selvagem sei lá não um gato, mais um gato*
 2946. *isso é ridículo um gato É um gato, tá mais é um molequi mesmo, tá bom fala aí quem qui*
 2947. *ocê é, fica passando troti pra polícia aí é o papagaio, moço troxa, é meio estranho isso aí,*
 2948. *mais – Tem um dia que você considera o dia mais feliz da sua vida? – Nossa mais feliz,*
 2949. *considerano qui eu sô meio loco e costume vê o lado negativo das coisas, não – E um dia*
 2950. *muito triste? – Um dia muito tristi, num vô contá tudo não mais, intão foi uma vez qui uma*
 2951. *pessoa, é até porque não vô sê identificado né, tá bom... vô omiti as pessoas envolvidas*
 2952. *intão. Uma pessoa brigô comigo por causa da minha personalidade intendeu, tipo*
 2953. *personalidade tímida meio cum pouco di complexo di inferioridade sabe, complicado, aí a*
 2954. *pessoa ficô gritando lá i eu como não sô uma pessoa di explosão temperamental intendeu,*
 2955. *só di implosão, se é qui você mi entendi, i eu quando fico muito nervoso fico frustrado e nu*
 2956. *consigo fazê nada, por mais maluco qui seja eu mordo meu braço sabe, é pessoa, tipo eu*
 2957. *tava, tava lá escutando os gritos muito loucos lá, cara rebentando a garganta dele eu lá*
 2958. *mordendo o meu braço quase saindo sangue, aí o cara fala qui num tá nem aí pra minha*
 2959. *infantilidade, como si isso fossi culpa minha né, aí eu fiquei tão nervoso e mordê o braço*
 2960. *num estava adiantano mais, aí, di repenti, meus membros começaram a formigá i deu meio*
 2961. *qui paralisia parcial dos membros, num conseguia mexê as mãos, nem os pés direito,*
 2962. *inclusive eu saí di lá mancano qui, ai, ai — Isso não está te fazendo muito bem né? — Não*
 2963. *— Então vamos deixar para lá, não precisa falar mais, tá? – Tá bom – Obrigada.*

ANEXOS

ANEXO A

Figuras utilizadas para descrição na entrevista





As figuras com semblantes parecidos foram obscuradas na



...e os nus com músculos fortes chamaram a atenção